

FROM BESTSELLING AUTHOR

LILLY WHITE

A close-up, profile view of a woman wearing a white hijab. She is looking upwards and to the right with a serene expression. Her eyes are closed or looking far away, and her lips are slightly parted. The lighting is soft and even, highlighting the texture of the hijab and her skin. The background is a plain, light color.

ILLUSIONS  
OF  
EVIL





*Poison Books*

**Disponibilização: Merlin Cat**

**Tradução: Dani**

**Revisão Inicial: Rafa**

**Revisão Final: Nikkita**

**Leitura Final: Flávia**



**Data: 07/2019**

## *Aviso*

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Poison, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Poison poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Poison Books de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

## Illusions Duet

*Illusions of Evil*

*Fear the Wicked*



## *Sínope*

### **CONFESSE.**

**É o que ele me disse em seu altar, o que ele exigiu para que eu fosse pura.**

**No momento em que ele me abençoou com sua virtude, eu não era mais a mulher que eu já fui.**

**Eu era Eva.**

**Sua luz. Sua salvação. Sua ponte para o portão do céu.**

**Eu falhei com ele porque minha fé não era forte o suficiente.**

**Ele me puniu por não desistir.**

**Resistir à tentação nunca é fácil.**

**Não quando suas mãos, seus dentes, seu calor e fome eram os maiores dos meus pecados.**



### **Nota do Autor e Isenção de Responsabilidade:**

Este livro destina-se apenas a entretenimento. Este romance discute assuntos delicados. Os leitores sensíveis aos gatilhos são aconselhados a proceder com cautela.

As opiniões dadas pelos personagens deste romance não refletem as do autor. Eles são personagens fictícios com mentes próprias.

## PROLOGO

—**Apresente-se no altar, criança. Lembre-se do que eu te ensinei.**

Lágrimas escorriam dos meus olhos cerrados.

Meu pulso batia forte e rápido.

Um arrepio correu pela minha espinha, mas eu estava pronta, independentemente disso.

Ele estava pairando sobre o meu corpo, se preparando.

—*Suas necessidades são dele. Você é o presente que abrirá os portões ...*

Prendendo meu lábio inferior entre os dentes, eu deitei meu corpo.

—*Você nasceu para isso. Você é pura.*

Deitada prostrada em uma sala à luz de velas, meu peito foi pressionado no chão e meus braços estavam estendidos como se eu estivesse voando.

Uma venda cobriu meus olhos roubando minha visão. Minha testa foi empurrada dolorosamente para o chão. Ninguém pode questionar minha fé. Não Elias. Não minha família. Ninguém.

Só eu sabia que não era a pessoa que fingi ser.

Mãos grandes e quentes exploraram meus tornozelos e panturrilhas. Alcançando meus joelhos, eles puxaram a bainha do meu vestido.



Cada vez mais alto ele puxou, até que o vento gelado e o hálito morno se misturaram em minha pele.

Minha vergonha quase exposta, eu respirei fundo, meu corpo formigando pelo frio. Antecipação e medo colidiram como uma tempestade voraz e violenta dentro de mim.

Pequenas chamas iluminavam o grande espaço, grandes velas negras que de algum modo roubavam a própria luz que emitiam. O vento sussurrava através da grande sala, apesar das portas fechadas e das janelas seladas.

Uma multidão se reuniu, um mar de rostos que incluía meus pais, meu irmão e meus amigos. Eles se sentaram como testemunhas silenciosas me observando perdida no momento.

Eu deito em aceitação dos atos. Eu espalhei meu corpo em devoção.

Minha fé era a corrente que me mantinha imóvel.

Um rascunho acariciou meu traseiro, a ponta de um polegar subindo pelas bochechas. Eu tremi com o toque suave, meus dentes cerrados dolorosamente apertados, um pedaço de medo ansioso rastejando ao longo da minha espinha. Este momento livraria o pecado do meu corpo.

Sua mão iria forçá-lo à superfície, expulsá-lo da minha pele e destruí-lo com uma explosão da luz de Deus.

Os joelhos de Elijah baixaram para o chão em ambos os meus lados. Suas mãos me tocaram. Seus dedos agarraram meus quadris, levantando apenas aquela parte de mim que falava de boas garotas e beijos venenosos.

Eu me esforcei para sair da posição que tinha ficado por mais de uma hora.

Era normal não se assustar? Eu fui exposta, desamparada e sendo tocada em uma sala cheia de pessoas.

Eles podiam ver cada marca, poderia claramente testemunhar minha tentação.

Não era medo que corresse pelo meu sangue naquele momento. Era piedade, era confiança, era necessidade. Mas o *medo* estava ausente.

Que tipo de pessoa isso me fazia?

A voz de Elijah era profunda e calma - hipnótica no suave sotaque de suas palavras. Saturando o ar, vibrou contra a minha pele, lembrando um sussurro enquanto ele instruiu a aglomeração para começar a sua parte.

Palavras rolaram por seus lábios, notas suavemente zumbidas e sacudidas de seus peitos.

Eles assistiram, eles participaram, e eles ficaram atrás de nós com os olhos cegos abertos.

Abaixando seu corpo sobre o meu, os lábios de Elijah tocaram a borda do meu ouvido. Ele falou comigo sozinho, lembrou-me o que ele faria para me tornar sua.

Senti seus joelhos se moverem entre os meus, mas mantive meus dedos apontados enquanto minhas pernas se afastavam. Minha testa pressionou mais perto do chão, a dor forçando lágrimas dos meus olhos.

O desejo era meu companheiro constante, o fantasma que me arrastaria para longe dos portões da salvação.

Não havia dúvida de que eu falharia.

Eu era uma pecadora e ele era puro. Ele só não sabia ainda.

Mãos deslizaram ao longo das minhas coxas, movendo-se lentamente sobre meus quadris. Seus dedos entrelaçados com o tecido da minha calcinha, puxando lentamente, revelando-me aos seus olhos azul-prateados.

Recusei o impulso de me afastar, de me mover, de fugir.

Recusei o impulso de recuar, implorando por mais.

O que eu fiz não importou. Em poucos segundos, a escolha não era mais minha.

A luta começou devagar, ficando mais alta até que uma voz familiar se elevou acima das outras.

Houve uma luta acima de mim e eu fui puxada do chão. Meus pés mal seguraram meu peso quando a venda foi arrancada da minha cabeça.

Abrindo meus olhos, vi o rosto de meu irmão, sua boca aberta, ansiedade, raiva e medo rolando por trás de seus olhos.

O tempo se encaixou de uma só vez. Eu ouvi uma palavra que me acordou do meu estupor, uma palavra que me fez perceber o que eu tinha que fazer.

Foi a voz do meu irmão que gritou, uma voz que eu confiava acima de tudo.

Uma última palavra quebrando minha fé.

Um aviso que soou acima de tudo.

Meu irmão não estava apenas lutando, ele estava gritando para eu correr.

**SEDRA**

*Uma semana antes...*

*Agora, como a igreja se submete a Cristo, também as esposas devem se submeter aos maridos em tudo. - Efésios 5:24.*

Eu me lembro disso claramente. Foi um dia como outro qualquer, um momento de serenidade enquanto eu balançava preguiçosamente no balanço de pneu pendurado no galho de um imponente carvalho. Eu voei para frente e para trás, meu olhar no lago ao lado de nossa casa.

O sol batia aquecendo minha pele bronzeada. O reflexo do céu brilhava nas pequenas ondas quebrando. A luz solar espalhou um milhão de diamantes cintilantes para flutuar serenamente sobre a superfície, uma visão tão bela que você se sentia vivo por ter testemunhado isso.

Eu estava feliz naquele momento - dez anos e ainda acreditando na magia que vem com a infância.

Tudo terminaria naquele dia.

Quando penso de novo, vejo meus pais se aproximando de mim e meu irmão balançando ao meu lado em câmera lenta. Sorrisos adornavam seus rostos, suas mãos unidas e a longa saia creme de

minha mãe se formando ao redor de seus tornozelos enquanto andavam. A luz pegou seus rostos ao seu alcance, os brilhantes olhos azuis do meu pai brilhando com promessa.

Saltando do meu balanço, eu corri para eles quando os vi. Eles eram felizes.

Minha mãe tinha colhido flores silvestres e as colocou em seu cabelo e nos meus quando eu estava ao alcance do braço. Eles chamaram meu irmão para nos contar sobre como eles nos encontraram um novo lar - uma nova vida.

Uma vida que eu nunca quis.

As coisas seriam melhores. Nós teríamos amigos. Nós não estaríamos isolados no meio do nada na única casa que poderíamos pagar.

Meus pais não precisariam trabalhar longe de onde morávamos. Haveria outras crianças com quem viver e brincar. Eles prometeram que eu encontraria conforto - que eu estaria segura - nessa nova vida que eles organizaram.

Eu acreditei neles, acreditava que havia uma vida melhor nos aguardando ao longo de várias linhas de estado. Eu estava empolgada com um lugar mais sereno do que o paraíso que criamos na mata daquele lindo lago.

Como eu disse: lembro daquele dia. Seus detalhes permanecem congelados primorosamente em minha mente, um único momento solitário que se tornou nada mais do que uma série de fotografias na minha cabeça.

Mas não é esse dia em *particular* que dói. É a razão pela qual *me* lembro daquele dia que atormenta meu coração e agride as superfícies dos meus pensamentos.

Era o último dia que eu teria felicidade - o último dia antes de conhecer Elijah.

Onze anos se passariam para me encontrar correndo, os músculos das minhas pernas queimando enquanto meu corpo estava enrolado em um cobertor molhado de gelo. O frio no ar rasgou minhas roupas, rasgando minha pele para alcançar e envolver possessivamente meus ossos.

Ramos errantes puxaram meu cabelo, dedos finos estendendo a mão para me impedir no meu caminho. Uma tempestade rolou acima, seu trovão combinando com a batida da minha respiração difícil.

—*A floresta vai te comer viva, Sedra.*

Meu irmão havia me avisado tantas vezes quando éramos jovens. Sempre meu protetor, ele agarrou meu braço ou me jogou por cima do ombro para me arrastar de volta quando eu queria correr. Nunca me permitiram explorar além das barreiras, nunca permiti que eu encontrasse o *meu* caminho.

Tudo isso mudou quando fui desafiada a provar minha fé.

Um lobo faminto me perseguindo, o vento uivava atrás de mim. Ele carregou as palavras sussurradas do homem que eu sabia que estava vindo para mim.



Elijah tinha vinte e cinco anos quando cheguei ao complexo. Ele tem trinta e seis anos agora, e de alguma forma ainda parecia o mesmo.

No entanto, os onze anos que passei com a *família* me mudaram de maneira significativa.

Longe estavam as trancinhas saltitantes de rato marrom. Notoriamente ausente estava a gordura do bebê que eu sempre odiei ao redor do meu abdômen. Meu peito cresceu e se encheu. Minhas pernas se alongaram. E meu rosto tinha diminuído até que eu era a imagem cuspida da jovem que minha mãe fora uma vez.

Cada ano me levou a esse momento. Cada dia se enchia de certeza de que eu havia nascido para um propósito solitário.

O único problema era que ninguém que conhecia esse propósito se incomodou em me contar.

Até hoje.

Eu era a pureza de Elias, sua redenção e sua graça. Eu era a mulher que o ajudaria a realizar seu sonho, aquele que caminharia ao seu lado nos abençoados braços da salvação.

O próprio Elijah havia me dito essa verdade sobre a minha vida. Sua voz era suave. Sua autoridade era inquestionável. E minha devoção era forte quando ele me expulsou do complexo, me forçando a entrar na floresta usando apenas o vestido azul e comprido que todas as mulheres usavam.

Nosso líder, Elijah, era um mistério coberto por enganos fantásticos e belas mentiras. Toda noite, o veneno eloquente pingava de seus lábios perfeitos, palavras tão hipnotizantes que era fácil para

todas as pessoas que o conheciam se apaixonar pelo homem que acabaria por guiar suas vidas.

Para meus pais, a devoção a ele foi instantânea.

Mas para mim, tinha sido uma luta.

Tentando parecer como se eu tivesse acreditado tão fortemente quanto os outros, eu trabalhei nos jardins durante o dia e participei das reuniões noturnas onde Elijah pregaria seu evangelho da *verdade* - sua vocação por uma revolução contra o mal que assolou nossas vidas. Eu escutei, assentindo quando foi necessário, e repeti de volta quaisquer frases que se esperassem de mim.

Mesmo que não tenha sido suficiente para eu realmente acreditar, pelo menos não ainda, então eu corri.

Meu vestido ficou preso em arbustos enquanto eu empurrava o bosque negro de breu, soava sussurrando para mim à distância. O farfalhar do vento através das árvores ofuscou a música que assombrava uma coruja.

Eu queria chorar, queria me enrolar em uma bola no chão e cobrir meu rosto para bloquear o pesadelo de ser forçada a sair sozinha, sem instruções, a não ser encontrar meu caminho e descobrir meu destino.

Um estalo de relâmpago brilhou acima de mim, o trovão respondendo agitando o chão aos meus pés. A chuva batia no dossel das árvores, os sons que eu ouvia antes afogavam quando caía. Eu estava desamparada e sozinha, com frio e medo.

Eu não pertenço aqui. Eu não sabia onde eu estava indo, muito menos o que eu deveria estar procurando. A chuva caía com mais

força, roubando o pouco que eu havia deixado. Meu coração batia contra as paredes do meu peito enquanto meu corpo tremia, parcialmente pelo frio, mas principalmente pelo terror abjeto que me paralisava.

Deixando cair no chão, juntei meu vestido em volta de mim para evitar que ficasse encharcado nas poças de água. Inclinando minha cabeça contra uma árvore, inclinei meu rosto no dilúvio de miséria úmida que era implacável em sua força. Eu poderia ter me afogado lá e não me importado. Expulsa e perdida, eu era uma mulher deixada para os elementos, sua vida nada mais do que um jogo para o homem que ordenou seu exílio.

Lágrimas caíram dos meus olhos e se perderam na chuva que encharcou minha pele. Como se espancado pelos punhos das pessoas que eu achava que me amavam, meu coração doía no meu peito. Meu estômago parecia ter carregado o peso de cem pedras pesadas.

Eu parei de correr depois de apenas algumas horas. A pele dos meus pés estava machucada pelas rochas e arbustos que eu havia empurrado enquanto me perdi em um mundo que eu nunca conheci.

—Você desistiu tão cedo, Sedra? Eu pensei que você tivesse mais espírito do que isso.

Meu corpo pulou antes que meu cérebro pudesse colocar a voz. Abrindo meus olhos, eu estava perdida para as espessas cortinas de chuva caindo. Tremendo de frio, fui levantada por dois braços grandes, o calor do peito de um homem pressionando contra o meu corpo enquanto eu era levada para um lugar muito mais escuro do que a floresta onde eu me perdi.

O ritmo de seu corpo era lento, mas constante, um movimento suave que me fez enrolar em seu calor, embalado em uma sensação de segurança, porque eu não estava mais sozinha.

O som de madeira rangente me sacudiu do meu estupor, meus olhos se abrindo mais uma vez para ver o interior de um pequeno galpão de madeira. A luz das velas tremeluzia suavemente por dentro. Eu tremi quando a porta se fechou atrás de nós, o vento se estendendo pela última vez, com raiva por eu ter sido puxada de suas mãos geladas.

Embora minha visão ainda estivesse embaçada pela água que escorria dos meus cílios, eu podia distinguir as chamas dançantes de uma pequena fogueira. Ao lado do fogo havia uma plataforma coberta de mantas de pele que ficavam a dois pés do chão.

—Vou colocar você em pé agora. Segure meus ombros para o caso de você perder o equilíbrio.

Um sussurro escuro, sua voz suave roçou meus sentidos. Eu tremi mais, mas não do frio. Apenas Elijah tinha esse efeito em mim. Simultaneamente desejosa e com medo, eu sempre congelei na frente dele, perdendo completamente a minha capacidade de funcionar em qualquer nível normal.

Seu braço puxou para fora debaixo das minhas pernas, seu outro enrolado firmemente ao redor do meu corpo enquanto ele me abaixava aos meus pés. Agarrando meus dedos sobre seus ombros, eu cambaleei com joelhos trêmulos, meu corpo inclinado para frente como uma mariposa atraída por sua chama ardente.

Soltando-me, ele me firmou, colocando as mãos nos meus ombros. O silêncio foi ensurdecedor, mas ele quebrou-o com uma voz melódica, um profundo ruído de barítono que poderia me assustar e me acalmar.

—Você está encharcada até os ossos, menina linda. Precisamos remover seu vestido.

Suas mãos soltaram meus ombros e meus joelhos se dobraram abaixo de mim. Elijah me pegou rapidamente, rindo baixinho antes de me pegar e me levar para uma parede.

Pressionando-me contra a superfície, seus quadris tocaram os meus. Tremores percorreram meus ossos e pele. Minhas pálpebras tremeram e minha respiração foi roubada por senti-lo tão forte onde ele me tocou.

Eu estava com medo, tão assustada que não sabia o que era pior: a tempestade que me esperava na floresta escura, ou o homem perigoso que agora me enjaulava contra uma fina barreira de madeira.

Segurando-me com sua estrutura maciça, seus dedos lentamente se moveram sobre o botão na parte superior do meu vestido, sua junta roçando meu queixo enquanto ele soltava o minúsculo pedaço de plástico do ilhós. O medo bateu meus dentes juntos.

Ele não parou ou desacelerou, não parecia se importar que eu não olhasse para ele enquanto ele me despia. Minha voz foi roubada a cada novo botão liberado.

—Eu não vou te machucar, Sedra.

Elijah parou de tirar o vestido de algodão molhado do meu corpo, deixando os lados separados apenas o suficiente para que apenas a parte superior dos meus seios ficasse exposta.

Correndo o dedo ao longo do meu queixo, ele levou a boca ao meu ouvido, permitindo que o calor de sua respiração rolasse sobre a minha pele fria. Em um sussurro profundo, ele confessou:

—Eu vou transformar você.

Meus joelhos se dobraram novamente. Ele me pegou nos quadris, estabilizando-me antes de voltar sua atenção para o meu vestido. Eu abri minha boca para objetar, mas minha respiração ansiosa me deixou em uma corrente de ar exalado sem som. Balançando a cabeça, eu silenciosamente pedi para ele parar. Tentando falar de novo, finalmente recuperei minha voz.

— Elijah, por favor, pare. Você não pode me ver sem roupa. Está errado. Você sempre me disse que era errado.

Quebrada e estridente, minhas palavras voaram dos meus lábios, apenas alto o suficiente para quebrar o pesado cobertor de silêncio no quarto. Ele riu em resposta. Foi um som tão profundo que vibrou dentro de mim, agarrando-me em lugares que eram proibidos de explorar.

Uma mulher devia ser pureza e luz, um objeto a ser valorizado e adorado pelo homem que se chamava marido dela. Isso só mancharia minha alma por permitir que Elijah me visse sem roupas.

—Você está molhada, Sedra. Você vai ficar doente se não se aquecer. Eu não estou tirando você da luxúria. Eu só estou cuidando

da sua saúde. Há circunstâncias que permitem medidas *drásticas*. Não há outra pessoa por perto que possa ajudá-la.

Eu balancei a cabeça novamente, evitando meus olhos de seu olhar azul prateado.

Seus olhos estavam luminosos esta noite. Mesmo na sombra bruxuleante das velas, eles brilhavam. Eu não consegui olhar para ele. Não aguentava olhar para o rosto dele sem pecar dentro dos meus pensamentos. Ele era o tipo de homem que doía olhar, o tipo cujo sorriso poderia causar a derreter por dentro.

—Nós podemos caminhar de volta, pegar as roupas do complexo — eu implorei.

Seu dedo pressionou contra meus lábios. Eu tremi com o calor de sua pele.

—Você está congelando. Se voltarmos, isso só vai piorar a situação.

Ele sorriu, sua voz se aprofundando incrivelmente mais abaixo até que eu pudesse sentir suas palavras acariciando minha pele. — Temos trabalho para fazer hoje à noite. Você tem algo que eu quero, que eu preciso. Você vai ser minha, Sedra. É por isso que você está aqui. Entre nós e diante de Deus, seremos um. Mas você tinha que cair para que eu soubesse que você andaria cegamente em qualquer situação que eu exigisse. Você é a chave.

—Não. — Fiquei chocada por ter encontrado forças para interrompê-lo. —Você está encharcado também. Você não pode ficar com essas roupas e não podemos ...

Silenciada novamente por sua mão, ele pressionou em mim, o peso de seu corpo me segurando no lugar enquanto sua mão segurava as palavras que eu queria falar.

—Pare de falar. Depois desta noite, isso não importa. Você está aqui com um propósito. Existe um destino para o qual você está amarrada, uma razão para sua existência. Você não acredita forte o suficiente?

Eu pisquei longo e forte, finalmente me permitindo olhar para o seu rosto com o choque espalhado por mim. —Eu não entendo.

Ele riu, seus olhos cintilando à luz das velas. —Eu nunca esperei que você entendesse. Não é para você entender. Daí a razão pela qual eu existo. Eu preciso corrigir o mal neste mundo. Eu preciso revelar a verdade. Com você, eu posso andar nesse caminho. Você é a única mulher que pode me guiar por esse caminho. Você pode ser pura, intocada em corpo e mente. Você não quer me ajudar?

Eu olhei em seus olhos azuis, a prata praticamente brilhando à luz das velas. Seu olhar era sempre perspicaz, sempre capaz de ver através de mim diretamente para as partes que eu preferia ficar escondida. Mas, além disso, ele era lindo.

Pele dourada impecável, sombreada de barba por fazer. Cabelos ondulados castanhos escuros emolduravam seu rosto e sua mandíbula quadrada. Ele tinha um nariz reto, exceto pelo torcicolo no meio que era sua única imperfeição. Lábios cheios que quando abertos soltavam um baixo tom gutural, uma voz que era ousada o suficiente para congelá-lo no lugar, e suave o suficiente para forçá-lo a tremer.



Elijah era tudo que um homem bom deveria ser, e eu? Eu era uma sombra que apenas proibiria seu crescimento.

Perguntas gritavam na minha cabeça, dúvidas que eu nunca admitiria ter.

Ele nos liderou. Ele providenciou para nós. Ele nos conduziu por um caminho que nos permitiria entrar no paraíso. Como eu poderia não acreditar nele quando tudo o que ele fez foi me guiar? Não importava o quanto eu lutasse, as dúvidas eram o que assombrava meus pensamentos.

E, para ele, a dúvida era o pecado final. Não foi isso que Thomas fez? Pelo menos até que ele foi mostrado a verdade.

—Eu vou te despir, Sedra. Não é errado quando o próprio Deus nos criou um para o outro.

Descruzando meus braços do meu peito, eu olhei para ele, desesperada para encontrar a fé que eu sabia que deveria ter. Parecia errado fingir. Parecia uma mentira.

Ele fez o trabalho rápido dos botões restantes para puxar lentamente o material encharcado da minha pele. Meus seios se apertaram quando foram expostos ao ar. Eu podia sentir seu olhar, seu olhar que era calor e saudade acariciando minha pele. Era inquietante saber que ele olhou para o meu seio agora exposto a ele pela primeira vez.

Quando seus dedos deslizaram para baixo dos lados da minha calcinha, eu me afastei, minhas costas batendo contra a parede e bloqueando minha fuga. Ele parou por um momento, esperando que eu renunciasse a ele mais uma vez. Depois que eu fiz isso, ele puxou

a calcinha pelas minhas pernas, liberando-as para permitir que o algodão caísse sobre meus pés.

—Chute-a fora.

Erguendo um pé trêmulo, segui sua instrução, meu corpo visivelmente tremendo por ser exposto. Ele se afastou de mim, o ar frio correndo entre nossos corpos. Minha pele estava apertada em meus ossos, meu coração martelava tão violentamente que eu temia que isso rasgasse meu peito.

Eu não sabia o que eu esperava para acontecer em seguida. Eu estava em um estado de opostos; justaposto entre um desejo estranho por ele me tocar, e um medo tão poderoso que me fez querer fugir.

Em retrospecto, a chuva cortante e fria parecia muito menos perigosa do que o homem parado na minha frente.

—Deite-se na plataforma em frente ao fogo. Envolver-se nos cobertores para se aquecer.

Exigente era o único termo apropriado para seu tom de voz. Não havia opções deixadas abertas para mim, mas obedecer obedientemente.

Elijah não olhou para o meu corpo nu, mas em vez disso, ele manteve meus olhos paralisados em seu olhar. Não foi até que ele deu outro passo para longe de mim que eu encontrei a capacidade de fazer o que ele pediu.

Meus pés descalços caíram sobre o áspero chão de madeira até chegar à plataforma onde eu poderia me deitar. Puxando os cobertores sobre o meu corpo, recusei-me a olhar para cima

enquanto ele se despia. Alguns segundos silenciosos passaram antes que eu reconhecesse o som de sua camisa molhada caindo no chão, a fivela grossa de seu cinto sendo desatarraxada, aquela mesma fivela batendo no chão onde eu tinha acabado de andar.

Coração batendo contra minhas costelas, meu sangue era um rugido de trovão correndo pelo meu crânio.

—Tome a posição de fé, Sedra. Você precisa provar sua lealdade.

Trazendo minha testa até a plataforma na qual eu estava deitada, eu me arrastei debaixo do cobertor, estendi minhas mãos para os lados e coloquei meus pés juntos atrás de mim para assumir a posição que eu tinha sido ensinada desde a minha chegada ao composto.

Eu era uma cruz. O símbolo da minha fé. O exemplo do poder de Deus na Terra. As perguntas não paravam de sussurrar. O que ele faria a seguir? Ele roubaria minha pureza? Eu seria expulsa quando os outros descobrissem o que eu permiti que ele fizesse?

Com o meu rosto pressionado contra a plataforma, eu não conseguia vê-lo quando ele se moveu para se ajoelhar ao meu lado direito. Sua grande mão envolveu meu pulso, bloqueando uma contenção suave em torno dele. Eu tentei me afastar, mas ele agarrou com mais força, me admoestando com suas palavras.

—Eu vou amarrar você, Sedra. É para o seu próprio bem.

Eu parei, lágrimas escapando dos meus olhos enquanto ele continuava me prendendo no lugar.

Quando ele amarrou o primeiro pulso, ele se moveu para a esquerda para amarrar o outro.

Meus pés estavam próximos - amarrados juntos antes de serem presos à plataforma. Eu não pude me mover quando o quarto ficou em silêncio.

—Você está aqui para aprender como me servir. Sete dias que usaremos para explorar um ao outro antes de fazermos nossos votos perante a família. Hoje à noite estaremos unidos diante de Deus e você terá sete dias de treinamento para entender o que deve fazer.

Ele caminhou para ficar em minha cabeça, sua mão tocando levemente meu cabelo.

—Seja honesta comigo, mesmo que você ache que está errado. Se seus pensamentos são impuros, me avise o que está passando por seus pensamentos. O rito não pode ser concluído se eu não souber o que está em seu coração.

Assentindo, eu silenciosamente concordei com o que ele pediu.

—Você quer que eu toque em você?

Quebrada pelas minhas lágrimas, forcei uma resposta dos meus lábios. —Sim.

A vergonha me envolveu por admitir isso. Meus pensamentos eram maus e impuros.

Eu o ouvi soltar um suspiro pesado antes de tirar a mão da minha cabeça.

—Você será minha esposa, Sedra? Você vai me seguir e me obedecer se eu conceder isso a você?

Eu estava inundada com uma confusão tão grossa que mal conseguia pensar em torno dela. Por que ele me quer? Eu acabei de admitir que eu não estava sem pensamentos pecaminosos.

—Eu não sou digna de você, Elijah. Eu não estou sem o mal.

Senti o cobertor sendo puxado para longe da minha pele, suas mãos descendo pela minha espinha. Ele alcançou minha parte inferior das costas, e Deus me ajude, meu corpo aqueceu o máximo que podia, minha bunda subindo no ar, instintivamente implorando para ele se mover para baixo.

Eu chorei mais, sabendo que uma mulher pura nunca reagiria dessa maneira.

O mal havia se apoderado de mim. Eu merecia o exílio e minha vergonha me deixou afundar no prazer dado pelo seu toque.

—Só Deus pode determinar o seu valor, filha. Mas só você pode responder minha pergunta.

Nenhuma emoção, apenas escuridão. Ele não estava bravo, apesar do que eu disse.

Sua mão varreu mais baixo até que seu dedo pressionou a pele lisa entre as minhas pernas. Um gemido escapou dos meus lábios, meu corpo tremendo sob o toque suave.

Eu era uma vagabunda - uma prostituta - uma mulher que não conseguia se controlar quando se tratava do prazer carnal que sempre fomos ensinados a evitar. Seu toque estava revelando meu mais profundo pecado. Ele puxou meus pensamentos escondidos de mim com nada mais do que a escova de sua pele.

Percebi então quão poderoso nosso líder era.

Quando o dedo dele pressionou mais fundo, mal penetrando no meu corpo, eu gritei, sentindo uma umidade estranha entre as minhas pernas.

Ele se afastou quase imediatamente, passando a mão nas minhas costas antes de colocá-lo na minha cabeça.

—Não, minha beleza. Sua reação é o que é necessário. É o sinal que eu precisava. Nós estamos destinados a ficar juntos. Não importa o que, seu corpo só vai reagir assim para mim. — Ele fez uma pausa, suas palavras demorando na minha pele. — Eu não posso te dar o que você precisa até nos casarmos. Para isso, eu vou te limpar de todos os pensamentos maus e impuros que você teve antes deste momento.

Eu não respondi. Eu estava muito perdida na minha vergonha - minha dor.

—Você está disposta, Sedra? Responda-me e eu te ajudarei.

Ele tirou a mão e eu gemi pela perda de seu toque.

Segundos se passaram antes que eu encontrasse a força para responder. Se isso era o que ele queria, se ele tivesse certeza de que poderia me tornar digna, eu daria a ele qualquer coisa que ele pedisse.

—Confesse, linda. Diga-me o mal que se esconde em seus pensamentos.

Balançando a cabeça, eu queria recusar. Eles eram meus segredos. Como fantasmas, eles rastejaram dentro da minha cabeça, roubando a serenidade de uma vida vivida em pureza e graça.

—Confesse. Exorcize o mal que reside dentro de você, derramando-o de seus lábios. Purifique-se.

Meu corpo pulou em reação à força de sua voz. Eu podia ouvir seus passos enquanto ele se movia ao redor da plataforma, minha carne nua deixada exposta por seus olhos.

Eu não queria falar, não queria admitir os desejos que eu tinha tentado esconder todos os dias da minha vida.

Ele se ajoelhou ao meu lado, colocando as mãos nos meus ombros, o calor queimando em minha pele. Sua boca estava em meu ouvido novamente e empurrei minha testa contra a madeira da plataforma até doer. Eu não queria dizer as palavras. Eu não queria que ele soubesse.

—Confesse. — Um sussurro que se espalhou pelos meus nervos, minha pele formigando em resposta à qualidade suave de sua voz.

Depois de várias tentativas frustradas, depois de forçar minha respiração de volta aos meus pulmões, falei.

—Eu tive pensamentos impuros, pensamentos sombrios, pensamentos sobre você que nenhuma mulher deveria ter. Eu tenho imagens na minha cabeça que ninguém deveria ver. Mesmo agora, quero olhar para você. Eu anseio por você, desejo você, te quero de maneiras que te machucariam ... que *mancharia* você.

Ele respirou pesadamente, a força do ar roçando o cabelo na minha cabeça.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas e seu peito pressionou contra a minha cabeça. Eu não me mexi - não pude me mexer - com muito medo do que ele faria agora que ele sabia como eu me sentia.

—Você gostaria de saber o toque de um homem?

—Você está me testando agora, Elijah. Eu sei que você está tentando me tentar. Eu não vou cair ... eu não vou.

Lágrimas rolaram novamente enquanto eu implorava para que ele acreditasse em mim, enquanto eu implorava para acreditar que eu não iria sucumbir.

Eu senti ele me tocar intimamente, a respiração que eu estava segurando forçada pelos meus pulmões. —Você está enganada, menina doce. — Ele se afastou, se afastando de mim e se ajoelhando na minha frente.

—Você aceita purificação, Sedra? Você vai acreditar em mim sobre os demônios que espalharam dúvidas em sua cabeça?

Engolindo em seco, derramei mais algumas lágrimas antes de responder. Eu tinha que confiar nele, não havia outra escolha. Eu tinha que acreditar que ele sabia o que era melhor. Ele não lideraria se ele não soubesse.

Elias permaneceu em silêncio enquanto eu me convenci da minha própria fé.



Com o medo em minhas cordas vocais, consegui dar uma resposta.

—Sim. — A ponta do seu dedo arrastou pela minha bochecha, seu toque, o sinal de aprovação que eu precisava. Eu confiaria nele, acreditaria que poderia ajudá-lo a alcançar o que Deus planejou.

Eu acreditei, ou pelo menos eu disse a mim mesmo que eu fiz.

Sussurrando para que sua voz mal tocasse meus sentidos, ele professou: — Com a purificação vem a dor. E com dor, vem o renascimento. Você está pronta?

—N-não.

Ele riu. —Você nunca mente, não é?

—Não.

De pé, ele comentou: — É por isso que você é a única.

Segundos se passaram e ouvi metal raspando a pedra. Eu não olhei para cima, não pude ver o que ele planejava fazer. O silêncio me esmagou e os músculos se apertaram sobre meus ossos. Quando ele falou de novo, eu pulei.

—Vou marcar você. Uma vez que você carregue essa marca, você não será mais Sedra. Você será pura, renascerá em um corpo pronto para me servir. — Metal raspou de novo e o ouvi se mover para ficar atrás de mim.

—Bem-vinda ao mundo, minha linda Eva.

Eu pisquei para o nome estranho, apenas quando metal quente pressionou no meu ombro, o cheiro da minha pele queima me sufocando quando eu abri minha boca para gritar.

*Presente...*

*Coloque seu dedo aqui; veja minhas mãos. Estenda a mão e coloque no meu lado. Pare de duvidar e acredite. - João 20:27.*

**Foi como deja-vu. Correndo pelos galhos das árvores, uma noite de luar que disfarçava o caminho.** Corri descalça pelo mato, cortando e coçando minha pele nas várias raízes e pedras que cobriam o chão.

A escuridão total da noite, os sons dos animais, a dor que vinha a cada passo que eu dava, era tudo a mesma coisa; Só que desta vez, eu não estava sozinha e fui para o deserto com apenas a minha inteligência para sobreviver.

Desta vez, eu estava sendo seguida.

Três homens me arrastaram do que eu podia ouvir. Nos seus calcanhares foram mantidos os cães do complexo que nunca foram autorizados a socializar com os membros da comunidade. Fomos informados de que eles foram mantidos separados, a fim de evitar a interrupção de seu treinamento para defender a propriedade. Eu estava agora aprendendo que eles também foram mantidos para perseguir membros errantes do complexo que tentaram escapar.

Medo disparou através de mim, uma explosão elétrica perversa quando meu pulso bateu no tempo com meus pés. Eu não pude parar, não olhei para trás. Eu estava com medo de cair, de sentir as mãos raivosas dos homens que me perseguiam tocando meu corpo, dos dentes afiados dos cães rasgando minha pele.

Pela primeira vez me senti grata pela noite escura.

As vozes se dissipavam de vez em quando e eu diminuía a velocidade, mas como um espectro que não podia ser visto, elas reapareceriam à minha direita ou esquerda, fazendo com que eu mudasse de rumo, guiando-me em direções que eu não havia explorado antes.

*Rasteje em minha direção, Eve. Mostre-me como você me quer. Revele a pecadora dentro de você ...*

A voz de Elijah sussurrou em minha mente, as lembranças do meu treinamento naquele pequeno galpão de madeira. Até aquele lugar, naquelas noites, eu nunca tinha experimentado medo misturado com sedução - terror atravessado pela necessidade.

*Boa menina. Sempre uma crente tão devota...*

Meus pulmões estavam em chamas. Eu mal conseguia respirar, mas isso é o que acontece com sua vida: apesar de seus músculos gritarem para desacelerar, apesar do choque em seus ossos com seus passos pesados - você sempre continua.

Adrenalina empurrou meu corpo, o pânico tornou isso possível.

Eu estava sendo levada para um lugar particular. Eu me perguntei se havia outros prédios naquelas florestas, lugares onde eles me prenderiam de modo que qualquer punição que eu

merecesse pudesse ser realizada sem que os outros ouvissem meus gritos.

Desde que me tornei Eve, eu aprendi do que Elijah era capaz. Eu fui arrastada para o centro do mundo dele, fui testemunha da realidade horripilante e surpreendente do complexo. Eu entendi que era necessário. Eu sabia que o mal ainda poderia existir mesmo dentro da segurança dos portões. Elijah me avisou, ele me contou como os demônios tentariam nos corromper.

Era seu trabalho procurá-los, convertê-los ou destruí-los se eles estivessem muito à sombra para ver a luz.

Deus estava em tudo o que Elijah fazia. Eu testemunhei o poder de sua mão quando ele condenou novos membros que não se conformariam e aceitariam a graça que lhes foi oferecida. O diabo viveu em cada um de nós e era o trabalho de Elijah para expulsá-lo.

Se não pudesse ser feito, se uma pessoa estivesse tão perdida pelo mal que sua alma não poderia ser salva, ele era morto.

A crença não era uma opção, mas um requisito. Estávamos seguros se tivéssemos fé, mas apenas se nos recusássemos a viver entre os infiéis.

Dentro de uma hora, a exaustão me pesou. Não ouvindo mais os homens ou cães, me permiti parar. Minhas lágrimas cessaram de cair dos meus olhos.

Meus braços e pernas tremiam com o esforço do que eu acabara de fazer.

Por que Joshua tinha parado a cerimônia? Por que meu irmão tinha entrado no meio de um ritual sagrado, que me elevaria à

grandeza que Elijah sabia que eu possuía? Joshua não sabia que eu estava destinada à glória de Deus? Ele não sabia que eu estava me afogando em pecado?

Eu não sei porque eu corri e não tenho certeza se eu vou saber. Mas ouvir a voz de Joshua me dizendo para ir me acordou, me fez lembrar dos anos que meu irmão me protegeu, quando ele era o cobertor de segurança que eu poderia esconder embaixo. Ele sempre foi minha fuga da violência que às vezes era necessária em nossas vidas.

Sentada em uma grande árvore, meus pensamentos mudaram para os meus pais. Eles estavam loucamente apaixonados um pelo outro, dois espíritos livres que sempre escolheram fugir da sociedade.

Eles eram pacíficos e alegres em suas vidas juntos, mas também com medo do mundo. Mesmo antes do complexo, morávamos separados das várias cidades para onde nos mudávamos a cada ano. Meus pais não ficariam em um lugar por muito tempo.

Nós sempre corríamos, sempre assustados, sempre ...

Quando eu tinha sete anos, eles encontraram uma casa no campo ao lado de um belo lago. Recebi três bons anos em um lugar que poderia chamar de lar. Eu pensei que era o fim da corrida, o fim de mudar constantemente para um novo lugar.

Não foi.

Agora, por causa deles, eu estava presa em um mundo que nunca quis conhecer.

Eu estava sozinha. Assustada. Perdida.

Tão perdida.

Eu tinha que voltar para o complexo.

Não havia vida sem Elijah. Especialmente agora. Especialmente depois de tudo o que ele me ensinou sobre mim mesma.

Meus demônios ainda estavam dentro de mim.

Uma semana não era tempo suficiente para exorcizá-las totalmente.

Havia apenas pecado e dor, mal e fealdade. Havia monstros que me procurariam e homens maus que roubariam a pureza que Elijah me dera com sua marca. Talvez até agora eu estivesse contaminada. Minha fé não foi forte o suficiente. Eu não acreditei o suficiente quando escutei meu irmão.

Eu fracassei e temi que estivesse perdida para sempre por esse fracasso.

A pressão no meu peito era insuportável. Meu coração lutou para bater, seu ritmo pesado de tristeza e vergonha.

Lágrimas ardentes caíram pelo meu rosto quando tomei a decisão de retornar. Eu enfrentaria punição. Eu mereci isso.

*Eu ansiava por isso.*

Levantando do chão, meu pé tropeçou na batinha do meu vestido. Eu me lancei para frente, minha cabeça colidindo com uma pedra e meu joelho raspando contra os galhos quebrados no chão.

Mas eu não senti a dor daquela queda, não chorei quando minha pele se partiu e o sangue se derramou. A única dor que senti naquele momento era mágoa misturada com a fervorosa esperança de que Elijah me perdoasse por ter corrido.

De pé novamente, eu girei em círculos, não sabia de que maneira eu viria ou para qual caminho eu deveria ir. Como uma cortina espessa, a noite ocultava a floresta ao meu redor, o luar acima incapaz de penetrar no dossel das árvores.

Eu andei para frente, sem saber se era o caminho certo. Eu coloquei minha fé em Deus naquele momento, minha fé que o perdão poderia existir para uma alma rebelde.

Rezando para que a misericórdia me encontrasse quando eu voltasse, sabia que a dor seria necessária para me limpar da minha indiscrição.

*Dor.*

Aquele belo sal decadente só ele podia limpar nas minhas feridas.

Eu me tornei viciada nisso.

Tomando passos cuidadosos, meus pés navegaram uma paisagem hostil. Minha pele estava rasgada por pedras, meus músculos machucados, mas continuei.

Uma hora poderia ter passado, mas em vez de encontrar a cerca de arame, o arame farpado e os portões, encontrei uma pequena estrada.



Não pavimentados e apenas largos o suficiente para um carro, eu não a reconheci. Saindo das sombras, meus olhos se encontraram com o brilho da luz da lua e milhares de estrelas espalhadas ao acaso pelo céu. Eu nunca vi tantas estrelas antes e fiquei triste ao pensar que os holofotes mantidos em nossa propriedade afogaram a pura beleza do mundo de Deus.

Nós precisávamos da luz para permanecermos a salvo do mal que permanecia nas sombras. Eu entendi essa necessidade. Mas, naquele momento, ocorreu-me que o mal nos separava da divindade com a qual devemos estar sempre unidos.

Foi o sinal que eu precisava.

Talvez Deus tenha me levado a um caminho mais simples para o meu retorno.

—Ok, pai, me guie. — Eu rezei para o ar fresco da noite, indo com o meu intestino enquanto eu ouvia, virando meu corpo para o que eu acreditava que estaria a casa.

Outra hora se passou enquanto eu seguia aquela estrada solitária. Minha boca estava seca de ossos com sede, meu vestido estava manchado e rasgado, meu cabelo estava emaranhado, mas continuei. Quando o sol começou a espreitar no horizonte, a luz da manhã se arrastou pelo chão como neblina.

À distância, algo brilhou e eu me virei pensando que, talvez, eu tivesse encontrado meu caminho. A esperança inundou meu sistema e me deu forças para empurrar uma estrada de terra.

As árvores se abriram, abrindo para um lote grande. Em seu centro havia um prédio muito menor que o complexo. Luzes iluminavam a área que o cercava, deixando o quintal escuro.

Não estava em casa.

O pouco de força que eu encontrei se dissolveu no chão quando caí de joelhos.

Eu segurei a posição, perdida dentro de uma sopa pegajosa de mágoa e perda para ver que eu tinha sido desviada mais uma vez.

Deus me abandonou.

Quando a porta do prédio se abriu, fechei os olhos e soltei, finalmente me entregando à escuridão que eu sabia que merecia.

**JACOB**

*Mas você, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. 1 Timóteo 6:11.*

**O caminho que me levou ao sacerdócio não era reto e estreito.** Em vez disso, era uma estrada longa e sinuosa, tão complicada quanto simples, tão arrogante quanto desastrosa.

Todo dia eu me visto com uma camisa preta com um colarinho clerical branco e estalado no lugar. Calça preta cobre minhas pernas e botas pretas protegem meus pés. Mas mesmo disfarçado no uniforme de um homem devoto, carrego a escuridão. Eu me afogo diariamente na culpa dos meus crimes.

Visto como casto, mas estou corrompido. Acreditado sem pecado, eu suporto os piores pecados de todos. No entanto, eu sou o pastor que conduz seu rebanho - o espetáculo do poder e do amor de Deus. Um Padre católico rural que guia os caídos.

Minha paróquia não é do tipo que você encontra em grandes destinos turísticos e cidades movimentadas. Aninhada no coração do país rural, minha igreja está escondida no estilo de vida lento das montanhas dos Apalaches. Não há torres magníficas para glorificar a graça de Deus, sem arcobotantes que significam a beleza de nossa

fé devota. É um edifício simples em uma cidade simples, com vitrais que filtram a luz de Deus em tons de pedras preciosas nas fileiras de bancos e no altar por trás do qual eu entrego uma mensagem que eu nunca acreditei.

Embora eu nasci em uma família rica da cidade, criada com meu irmão nos braços da Igreja Católica, me encontrei em um lugar que estava longe da vida que eu vivi, isolado o suficiente para que eu acreditasse. Eu poderia escapar dos meus demônios.

Cicatrizes adornam minha alma e a vergonha é tecida em minha própria existência. Eu já rejeitei Deus e a igreja junto com ele. Mas como os heróis mais tolos que você leu em tragédias e histórias semelhantes de aviso, minha crença de que eu poderia virar as costas para algo tão grande como o nosso Salvador só levou à minha queda final.

Todo paroquiano que frequenta a minha igreja acredita que eu sou um homem piedoso. Mal sabem eles que sou a última pessoa que devem imitar ou admirar.

Não sou estranho a pecar, assim como não sou estranho à salvação. E agora, vestindo o uniforme de um homem santo, tomei a tragédia da minha vida e usei-a para devolver à única fé que poderia me salvar das armadilhas e buracos da estrada que me levou a esta manhã em particular.

A rotina me acordou, como todos os dias, na minha pequena e humilde sala na reitoria perto da igreja. Tomei banho e me vesti, e me ajoelhei diante do crucifixo pendurado à vista para sussurrar minhas orações ao Todo Poderoso.

Eu rezei por bom tempo para os agricultores e trabalhadores que trabalhavam no município. Eu orei por comida suficiente, abrigo e água limpa para meus paroquianos e suas famílias. Eu rezei para que o dia passasse tão pacificamente como começou, que isso me proporcionaria tempo e clareza mental para cuidar dos deveres que eu carregava como líder da minha congregação.

Como se viu, a última oração foi demais.

Enquanto servia uma xícara de café na grande cozinha que ficava na frente da igreja mais próxima do meu escritório, avistei uma imagem que era tão confusa quanto inesperada, tão inacreditável quanto angustiante.

Uma jovem estava ajoelhada na grama, cobrindo o pátio da frente. Confusa, magoada e claramente ferida, seu vestido comprido era de um profundo azul marinho. Seu cabelo escuro de mogno, embora desgastado e atado em sua cabeça, era longo.

Eu não tinha meus óculos e não conseguia distinguir suas feições, mas o sangue pingando de sua cabeça, o jeito que o corpo dela balançava pelo chão encharcado, deixava claro que ela estava em perigo.

Como uma aparição, a luz da manhã fez com que ela piscasse fora de foco. Fiquei surpreso por ter notado ela pela pequena janela da cozinha. Foi uma rápida olhada, algo com o canto do meu olho, mas eu peguei o movimento dela quando ela se ajoelhou.

Correndo pelo corredor, eu abri a porta da frente para me aproximar da jovem. Ela entrou em colapso, seu corpo frágil amassando, a cabeça batendo dolorosamente contra o chão porque

ela não se preparou. Minhas mãos estavam em seus ombros assim que eu estava ao alcance do braço.

—Senhorita?

Batendo na bochecha dela, tentei acordá-la. Não houve resposta.

—Padre Hayle?

Uma das irmãs correu atrás de mim, provavelmente tendo notado a maneira como me lancei pelo interior da igreja para sair. Ela estava imediatamente ao meu lado e cuidando da mulher. Eu dei um passo para trás, demorando-me nas proximidades, caso houvesse algo que eu pudesse fazer.

—Chame uma ambulância, Padre. Essa mulher está viva, mas ela não é responsiva.

Descendo, eu toquei sua pele e achei que estava fria. — Vamos levá-la para dentro primeiro. Ela já está congelando e o tempo úmido só vai piorá-la.

Pegá-la tomou pouca força. Seu corpo não poderia ter pesado mais que quarenta e cinco quilos. Mesmo como peso morto, não tive dificuldade em carregá-la para dentro e deitá-la em um sofá no nártex<sup>1</sup> da frente.

---

<sup>1</sup> Nártex: galeria coberta, transversal à fachada principal de uma igreja, originalmente destinada a pessoas que não podiam assistir ao ofício divino.



A irmã Joyce ainda não se afastou e eu lancei lhe um olhar interrogativo. Seus olhos se arregalaram de horror com a condição da mulher, mas eventualmente ela se virou para fazer o que eu pedi.

—Elijah?

Uma memória puxou meus pensamentos, uma sombra que eu mantive escondida por algum tempo.

Seus olhos eram da mesma cor que ...

Não. Eu não devo pensar em tais coisas.

O nome que a mulher usou me assustou, mas eu me arrependi, não reconhecendo.

Sem saber por que ela se referiu a mim de tal maneira, eu recuei.

—Elijah? — Ela disse novamente, sua voz crescendo com força e pânico. —Eu sinto muito. Por favor, não vá embora.

Seus movimentos se tornaram frenéticos. Alcançando para mim, lágrimas explodiram de seus olhos assustados. Antes que eu pudesse voltar atrás, ela me agarrou, enterrando o rosto na minha camisa, soluçando enquanto ela me implorava para não sair.

Troquei um olhar com a irmã Joyce antes de finalmente me dirigir à mulher.

—Senhorita, meu nome não é Elijah. Eu temo que você me confundiu com outra pessoa. Meu nome é Padre Hayle. Eu te encontrei no quintal na frente da minha igreja. Você está machucada? Você precisa de nós para chamar uma ambulância?

Seus olhos olhavam para mim, manchados de vermelho pelas lágrimas. Ela tinha o rosto de um anjo - o rosto de uma memória que eu estava lutando para esquecer.

—Por favor — ela implorou, — eu sei que falhei. Eu sei que não confiei em Deus ou em você correndo. Eu sei que mereço ser punida, mas, por favor, não me abandone. Farei o que você quiser. Eu vou me arrepender, mas não posso ser expulsa. Eu estava confusa. Por favor...

Sua voz sumiu em suas lágrimas. Essa garota estava profundamente marcada. Olhando para cima, levantei a irmã Joyce em direção à cozinha e mantive minha voz sussurrando.

—Faça-me um favor, por gentileza. Pegue um copo de água e algumas toalhas.

Ela assentiu, virando-se para fazer o que eu pedi.

Como uma reflexão tardia, eu chamei. —Além disso, vamos precisar de um kit de primeiros socorros.

Ajoelhado no chão, olhei para o rosto da mulher.

—Qual é o seu nome, criança?

Balançando a cabeça, ela fungou antes de responder: — Sedra.

—Sedra. — Eu repeti.

Ela balançou a cabeça novamente. —Não. Oh meu Deus, não. — Suas lágrimas caíram com mais força. — Meu nome é Eve. Por favor, me diga que meu nome ainda é Eve.



A irmã Joyce voltou, entregando silenciosamente o copo e as toalhas. Desdobrando uma, envolvi-a nos ombros da mulher.

—Sedra ...

—Não! Por favor, deixe-me ser Eve. Eu quero ser Eve. Por favor, não me deixe. — Estridente e rouca, ela chorou, o medo rasgando suas palavras.

Inalando profundamente, olhei para cima para ver a expressão preocupada da irmã Joyce.

—Irmã, por favor, vá ter um quarto preparado. Eu não acho que ela precise de uma ambulância, mas ela definitivamente precisa de um lugar onde ela possa descansar e ter suas feridas cuidadas.

Colocando minhas mãos nos ombros da jovem, eu disse: — Eu não estou saindo, mas você precisa descansar.

A irmã Joyce ainda não se afastou e eu lancei-lhe um olhar interrogativo. Seus olhos se arregalaram de horror com a condição da mulher, mas eventualmente ela se virou para fazer o que eu pedi.

Sussurrando, eu continuei: — Deus não está bravo com você, Eve. Você não fez nada de errado. Estou com um quarto preparado para você. Você pode ficar aqui até estar bem. Quando foi a última vez que você dormiu?

—A noite antes ... a noite antes do nosso casamento. Eu dormi a noite antes do nosso casamento.

Casamento? Finalmente, ela me deu algo que eu poderia usar para localizar sua família.

—Você tem um marido, senhorita? Existe alguém para quem eu possa ligar?

—Você é meu marido, Elijah. Por que você está me fazendo estas perguntas? — Ela chorou.

Ela estava exausta ao ponto de confusão. —Sim, claro. Venha comigo. Você precisa dormir.

Erguendo a mulher pelos braços, segurei seu peso ao meu lado, firmando-a para poder acompanhá-la até um pequeno quarto guardado para os paroquianos que adoeceram durante a missa. Passamos pela porta aberta enquanto a irmã Joyce segurava um cobertor para eu cobrir a mulher, uma vez que ela estava deitada na cama, a mulher agarrou minha mão antes que eu pudesse sair.

—Por favor, fique comigo até eu cair no sono.

Não sabendo quem era a pobre mulher, tive pena dela e balancei a cabeça.

Procurando na sala, vi uma cadeira no canto direito. —Irmã, você poderia por favor me passar essa cadeira? Eu vou ficar como ela pediu, cuidar das feridas e rezar sobre ela até que ela esteja dormindo.

—Claro, Padre. Posso ajudar de alguma outra forma? — Agarrando a cadeira, ela rapidamente cruzou o espaço para colocá-la ao lado da cama.

—Não. Vou ligar para você se precisar de mais alguma coisa.

Silenciosamente, ela saiu do quarto.

Usando toalhas limpas e antisséptico do kit de primeiros socorros, limpei o sangue de sua cabeça e cuidei dos cortes em seus braços. Não houve inchaço ou outro sinal de lesão além de arranhões superficiais.

Uma vez que ela estava enfaixada, eu peguei um rosário e a Bíblia da mesa lateral.

Inclinando-me para frente em minha cadeira, inclinei a cabeça e rezei sobre a jovem confusa e assustada.

Ela estremeceu sob o cobertor a cada vez que eu levantava os olhos para olhar para ela.

Deitada ainda, sua respiração se estabilizou.

—Senhorita? Você ainda está acordada?

Não houve resposta.

Eu não saí imediatamente, em vez disso, escolhi olhar para a mulher que se jogou no quintal. Ela tinha cabelos grossos de mogno, o marrom profundo tecido com fios de vermelho. Mesmo emaranhado e sujo, era lindo.

Imagens tocaram na minha cabeça. Pesadelos me lembrando de um erro pelo qual eu jamais receberia perdão.

*Jacob ...*

A voz me arrastou para o passado.

Piscando as imagens - a voz que ainda me chamava concentrei no rosto à minha frente.

Sedra ou Eve - eu não tinha certeza do seu nome verdadeiro - parecia angelical. Suas bochechas redondas ainda estavam cheias de juventude, mas seu corpo era outra história inteiramente diferente. Os ossos de seus braços e pernas eram claramente visíveis e a palidez de sua pele falava desidratação ou desnutrição.

Ela se mexeu, fazendo-me pular no meu lugar. Eu a estudei muito de perto e depois de observá-la por mais um segundo para garantir que ela estava dormindo, saí da sala o mais silenciosamente possível, fechando a porta, mas não tanto que ela travasse.

A irmã Joyce esperava no final do corredor, as mãos se contorcendo nervosamente. —Aquela pobre mulher vai ficar bem? Talvez devêssemos chamar uma ambulância.

Considerarei sua sugestão, querendo nada mais do que aliviar o quebra-cabeça que a mulher apresentava. No entanto, ela não teve ferimentos graves além do óbvio trauma emocional. Eu pensei que, talvez, o sono curaria essa doença em particular.

—Eu odiaria incorrer no custo do tratamento médico se não for necessário. As pessoas nesta área não estão na melhor das circunstâncias financeiras. Talvez seja melhor esperar e ver se ela fica calma e mais capaz de nos dizer o nome dela e onde ela vive quando ela acordar. Poderíamos, então, entrar em contato com seus parentes e deixá-los decidir se ela deveria procurar tratamento.

—Isso é sábio, Padre.

Olhos amistosos, a cor do vidro com chumbo, do rosto envelhecido da irmã Joyce. Além do rosa fraco em suas bochechas e da palidez de sua pele que brilhava contra o negro de seu hábito,

eu não sabia muito mais sobre o que ela parecia. Eu também não me importava muito, mas de vez em quando a curiosidade passageira cruzava meus pensamentos.

Andando de volta para a cozinha, eu coloquei a xícara de café que eu tinha procurado antes, quando vi Eve ... ou Sedra pela primeira vez. Meus pensamentos voltaram para tudo que ela disse para mim, mas mesmo quando eu digeri isso, eu ainda não conseguia me envolver nisso. Ela estava com medo, isso era óbvio, mas por que ela insistiu que eu era outra pessoa?

Havia apenas uma possibilidade para tal confusão, uma possibilidade que era uma *impossibilidade* também.

Eu fui recebido nesta paróquia por doze anos agora, mas minha vida nem sempre tinha estado na Igreja. Começou aí com meu pai que era um católico devoto. Meu irmão, Jericho e eu fomos criados com regras rígidas sobre nossas vidas e crenças. Todos os domingos estávamos na missa, mas os outros seis dias da semana também giravam em torno de nossa fé. Foi em tudo que fizemos: nossa escolaridade, nosso entretenimento, nossas refeições.

No entanto, minha devoção à fé nunca foi profunda ou pura. Eu preferia a ciência à religião, propriedades tangíveis que eu poderia testar e pesar, se as coisas que eu tinha que aceitar cegamente eram verdadeiras.

Quando me formei no ensino médio, deixei a fé inteiramente, minha família também. Ao escolher ir embora para a faculdade, estudei psicologia e pré-medicina na esperança de me tornar psiquiatra. A mente humana sempre me fascinou e talvez, na verdade, tenha sido resultado da fé devota de meu pai e meu irmão.

Nunca consegui voltar para meu pai e meu irmão, mas soube que Jericho havia saído apenas alguns anos depois de mim. Ele tinha caído em desgraça com a Igreja e desaparecido quando meu pai escolheu sua fé sobre seu próprio filho.

Se Eve conhecia meu irmão, Jericho, essa seria a única maneira que ela poderia me confundir com alguém tão inflexivelmente. No entanto, isso era impossível.

As chances de Jericho acabar na mesma parte remota das montanhas dos Apalaches como eu eram quase nulas.

Talvez ela estivesse drogada, tinha ela administrado ou outra pessoa, ela poderia estar alucinando. Exceto por um batimento cardíaco acelerado devido a sua aflição, seus outros sinais vitais pareciam bons. Seus olhos se dilataram com a luz, ela estava respirando regularmente no momento em que ela caiu no sono. Sua pele tinha aquecido quase imediatamente depois que ela foi trazida para dentro.

Uma vez que meu café foi derramado e eu me afastei dos meus pensamentos, eu caminhei o comprimento da igreja modesta para o meu escritório.

Um quarto simples, não havia nada mais do que uma mesa de madeira, uma cadeira e o crucifixo padrão e graus na minha parede. Eu me formei na faculdade com o meu diploma de bacharel em psicologia, mas frequentei o seminário imediatamente depois. Para todos os efeitos, eu era um sacerdote genuíno, treinado e ordenado no meu chamado e devotado a Deus.

No entanto, o peso da verdadeira razão pela qual eu estava aqui sempre ficava pesado em meus ombros, um fardo e erro que eu usava como uma segunda pele.

Eu caí no trabalho pesadamente, nada ocorrendo que me arrastou das profundezas dos meus pensamentos. Eu tive vários pedidos de assistência financeira que tive que negociar com a Diocese. Eu servia a uma área pobre nos Apalaches, a maioria das pessoas com renda baixa a moderada como resultado de cadeias de supermercados e shopping que eventualmente levaram à perda da mãe e lojas estouradas que a maioria dos moradores possuía.

Pequenas fazendas e pastagens estavam sendo liquidadas diariamente, e a grande indústria removia os meios dessas pessoas para sobreviver. A maioria só tinha o ensino médio, se isso, e suas lutas eram minha maior preocupação.

Assim que peguei o telefone para ligar para uma paróquia maior a respeito das minhas necessidades, a irmã Joyce entrou no meu consultório.

—Padre Hayle, peço desculpas por perturbar você, mas a jovem acordou e eu não consegui acalmá-la.

Olhando para cima, notei a expressão preocupada no rosto dela. —Há quanto tempo ela está acordada? — Olhando para o relógio, percebi que estava perdido no meu trabalho por várias horas.

—Ela acordou apenas alguns momentos atrás. Ela tem exigido ver você, no entanto ...

Ela fez uma pausa e eu circulei minha mão no ar para apressá-la junto.

—Ela continua se referindo a você como Elijah, Padre. Ela é inflexível em saber quem você é.



## EVE

*Uma esposa de caráter nobre é a coroa do marido, mas uma esposa vergonhosa é como uma decomposição em seus ossos. Provérbios 12: 4.*

**Surpresa em acordar em um quarto desconhecido, devo ter gritado sem perceber.** Quase assim que abri os olhos, uma mulher nervosa entrou. Ela estava vestida estranhamente, uma longa túnica preta com algum tipo de capacete que ocultava todas as suas feições, exceto pelo rosto. Em volta do pescoço pendurava uma grande cruz de madeira, balançando para frente e para trás sobre seu corpo com seu movimento apressado.

—Senhorita, você está bem? Eu estive esperando por perto para que você não tenha medo de acordar sozinha.

Imediatamente em guarda, eu não tinha certeza da mulher. Memórias rastejaram em meus pensamentos em ondas vaporosas, não suficientemente sólidas o suficiente para eu entendê-las, mas portentosa o suficiente para me avisar que eu não estava mais onde eu queria estar.

—Onde estou? Onde está Elijah? — Nem mesmo minha própria voz soou familiar.

—Você está em Nossa Senhora da Serenidade. O Padre Hayle e eu encontramos você no jardim da frente. Você estava

inconsolável, então nós trouxemos você para dentro para permitir que você dormisse. Esperamos que você pudesse nos ajudar a entrar em contato com sua família para que eles possam buscá-la. Você está machucada? Você precisa de atenção médica?

—Eu preciso de Elijah. Traga-o para mim. — Agitada e com medo, eu praticamente gritei as palavras para ela.

Pedaços e pedaços surgindo, eu lembrei de correr, mas eu encontrei o caminho de casa. Eu não tinha?

Quem era essa mulher e por que ela estava vestida de forma tão estranha?

—Sinto muito, senhorita, mas não há ninguém com o nome de Elijah na paróquia.

Tentando me levantar da cama, tropecei nas pernas que estavam fracas e doloridas.

—Elijah está aqui. Ele me carregou para dentro. Eu carrego sua marca e ele vai ficar com raiva se você não me deixar vê-lo. Ele vai te castigar se você não encontrá-lo imediatamente.

A preocupação em seu rosto foi substituída por choque. Ela assentiu antes de sair do quarto.

Eu não tinha certeza do que aconteceu comigo. Na presença de Elijah, eu era uma criança sacudindo e tremendo de medo e reverência. Mas naquele momento me senti mais forte. Meu destino me chamou, não em um grito, mas em um sussurro. Ele me disse que eu estava no caminho certo, que, como esposa de Elijah, eu exercia uma pequena parte de seu poder.

Elijah não gostaria que aquela mulher me escondesse. Ela era apenas uma pessoa interferindo na minha absolvição - meu perdão por ter se desviado. Curvar-se a ela seria se curvar ao diabo, e eu não permitiria que isso acontecesse.

Eu não podia.

De novo não.

Os eventos voltaram para mim no silêncio da sala: a cerimônia, a voz do meu irmão, minha fraqueza por ter escutado e fugido do complexo.

Como Elijah me achou neste prédio estranho, eu não tinha certeza. Eu me lembrei do galpão na floresta, me perguntei se este era apenas outro lugar que ele partiu do complexo para o seu uso.

O complexo onde morávamos era um prédio grande, tão decrepito quanto forte. Com grossas paredes e pisos de cimento, também era silencioso e frio. Não foi o primeiro lugar em que eu morei com a família de Elijah, mas foi para onde nos mudamos quando o espaço se tornou um problema enquanto a família crescia.

Eu odiava o complexo quando morávamos lá, odiava que Elijah conhecesse a estrutura tão bem que ele poderia usar o labirinto de corredores e portas bem posicionadas para aparecer e desaparecer quando quisesse. Isso o fez parecer mais etéreo em sua existência, mais espírito que carne e sangue.

Mesmo nos anos que passei com ele, nunca compreendi que ele estava me observando. Talvez tenha sido seus olhos sempre observadores que enviaram calafrios em minha pele quando pensei que estava sozinha. Ou talvez fosse simplesmente sua proximidade.

O tremor do meu corpo que uma vez tinha sido medo tornou-se algo mais honesto e maduro à medida que envelhecia em torno dele. Pensamentos de me esconder foram perdidos para pensamentos de pressionar meu corpo para o dele. O pecado do desejo substituindo a castidade que eu tinha jurado manter.

Elijah estava em toda parte e ele era tudo. E eu era apenas uma garota se tornando uma mulher, uma garota que era muito cega para ver o poder que vivia comigo desde o dia em que eu o conheci.

Quando ele entrou na sala, o alívio varreu para roubar a respiração dos meus pulmões. Perguntas me inundaram - suas roupas estranhas, este quarto estranho -, mas eu as ignorei, meus olhos paralisados pela beleza de seu rosto. Seu cabelo, seus olhos, a força de suas mãos quando seguraram meu corpo ao dele.

Era tudo tão errado. Tão terrivelmente impuro.

Meus pensamentos levaram a ações tolas, mas ele era meu marido, talvez não aos olhos da família, mas aos olhos de Deus. Como eu não conseguia pensar sobre o que seu toque fez comigo?

Seu passo era poderoso e seguro. Seu corpo se movia com fluidez pelo espaço, um ar de fortaleza e força ao seu redor. Deixando cair de joelhos, inclinei-me tão baixo que minha testa raspou o chão.

—Perdoe-me — eu implorei.

A queda de seus passos pesados parou logo antes de eu sentir suas mãos em meus ombros. Eu pulei no contato, minha respiração roubada de mim mais uma vez.

—Eu não tenho nada para perdoá-la, senhorita. Você não fez nada de errado. — Sua voz era suave, a sugestão de poder

sussurrado hipnótico. Houve noites em que ouvir sua voz, seu sermão, era o suficiente para me colocar em um estado eufórico, perdida em minha absoluta reverência e fé.

—Eu estava fraca. Me perdoe. Eu voltei. Por favor.

Precariamente equilibrado em um precipício entre puro alívio e devastação, eu não me deixaria falhar. Fazer isso só me empurraria da minha borda para cair ao lado onde eu seria dilacerado pelos lobos.

—Senhorita, eu não entendo. Por favor, deixe-me ajudá-la a sair do chão. — Mãos fortes seguraram meus braços e me puxaram para os meus pés. Fiquei na frente dele, recusando-me a abrir os olhos, com muito medo de ver uma resposta que eu rezei para ele não dar.

Ele estava me testando agora quando eu me curvei diante dele?

Quando sozinhos, ficamos livres para explorar as chamas que queimavam entre nós. Ele tinha sido o único a me dizer isso. Era apenas enquanto na vista da família que tínhamos que permanecer separados, tivemos que negar a nós mesmos a proximidade que tão desesperadamente necessitávamos, pelo menos até que a cerimônia oficial pudesse ser realizada - a cerimônia da qual eu estupidamente corri quando meu irmão gritou.

—Elijah, por favor ...

—Meu nome é Padre Jacob Hayle. Não Elijah.

Meus olhos se abriram.

Por que ele estava se recusando a admitir quem ele era? Não fazia sentido. Terror tocou minha espinha para lembrar que eu estava sendo testada. Eu falharia de novo?

—Por favor, sente-se. — Levando-me para a cadeira de madeira, ele me ajudou a descer.

Ajoelhando-se diante de mim, seus olhos azuis estavam perfurando. —Qual é o seu nome?

—Eve — eu sussurrei, confusão grossa na minha resposta.

Ele não piscou, não me deu qualquer indicação de que isso não era normal.

—Tudo bem, Eve. De onde você veio? Onde você mora?

—Com você. — Deixando minha língua em um sussurro, minhas palavras soaram mais como uma pergunta do que como uma resposta. Eu temia que ele estivesse me dizendo que eu não podia mais viver no complexo. Eu seria evitada, deixada sem ter para onde ir e sem ninguém que pudesse me ajudar.

—Não, Eve — ele respondeu lentamente, o tom de um pai falando com uma criança confusa. —Você não mora aqui.

—Por favor! — Deslizando da cadeira, caí de joelhos mais uma vez.

Minhas mãos encontraram as dele e se recusaram a soltar.

Era estúpido continuar caindo tão facilmente, mas era o único lugar onde eu pertencia. De joelhos, implorando para ele me perdoar.

Escondida dentro de uma estranha realidade que era o oposto da rotina que eu tinha seguido por tantos anos, eu senti como se estivesse sozinha dentro do olho de uma tempestade. À esquerda e à minha direita, acima e abaixo, eu estava cercada por ventos fortes e chuva cortante, mas com ele de pé ao meu lado, a tempestade não pôde se aproximar.

O mal existia do lado de fora, os corações dos homens se afastaram de Deus até que eles se encheram de uma fome viciosa. Dinheiro, sexo, drogas, fama e ganância - eles sempre foram vorazes, sempre desejosos, sempre dispostos a destruir os corpos dos puros apenas para satisfazer suas necessidades.

Se Elijah me deixasse, eu seria deixada para aqueles homens. E depois do tempo, eu sabia que iria morrer por aqueles homens.

—Por favor, não me faça sair, por favor, não. — Lágrimas se soltaram dos meus olhos, meus pensamentos cedendo ao horror de serem exilados. O tremor do meu corpo traiu meu medo, meus dedos apertando os dele, doendo com o quão duro eu me segurei.

—Por favor. Farei qualquer coisa, Elijah.

Puxando as mãos dele, ele recuou para colocar distância entre nós. Seus olhos se fixaram nos meus, estreitando-se em rejeição e dúvida. Eu fui esfolada por essa rejeição, inútil e jogada de lado.

—Eve. Eu preciso entrar em contato com sua família. Você sabe onde eles moram?

—Aqui! Eles moram aqui. Por que você está fazendo isto comigo? Eu não entendo.

Minhas palavras foram quebradas pelas minhas lágrimas, minha garganta retalhada pelo volume da minha voz. Eu não podia me afastar, não podia permitir que ele me evitasse tão facilmente. A vida não valia a pena se eu fosse posta de lado, o momento da minha fraqueza se tornaria uma cruz eterna.

Um pensamento veio para mim, uma explicação para o que ele estava fazendo.

Eu fui a única a sair. Eu fui a única a correr tão facilmente. Como eu poderia esperar que ele me recebesse de braços abertos?

Eu o rejeitei por não acreditar, a voz de Joshua o catalisador que me estimulou.

Elijah queria saber que eu sabia melhor. É por isso que ele continuava me fazendo essas perguntas, é por isso que ele me fez repetir uma e outra vez.

Ele precisava de garantia de que eu sabia que meu lugar estava ao seu lado.

—Por favor, Elijah. Eu farei qualquer coisa.

Amassada no chão como uma criança, eu implorei enquanto ele me observava.

—Eu carrego sua marca — eu lembrei a ele. —Eu peguei a dor do seu selo e fui transformada pelo seu amor. Você me viu mudar. Você viu *tudo*. Eu quero você. Eu quero isso. Eu não tenho mais medo. Como você pode me afastar? Não há piedade dentro de você?

O silêncio era um manto pesado entre nós. Sufocante e quente, eu tremia sob seu peso.



Com uma voz calma, ele tentou me satisfazer. —Eu não estou fazendo você sair. Eu só preciso saber como te ajudar.

Uma mão macia tocou meu ombro, o calor do seu corpo penetrando em minhas roupas para aquecer minha pele. Meu corpo tremeu mais, grandes ondas de medo e terror me atingiram quando a realidade tomou conta.

—Por favor, Elijah. Por favor.

Ele poderia ouvir minha voz abafada? Ele entendia como suas palavras me aleijaram, esmagando-me em um pó fino que poderia ser varrido tão facilmente da sala? Eu não era nada sem ele. Não mais.

Mãos fortes me levantaram novamente. Eu olhei para baixo para ver que meus joelhos estavam vermelhos de onde eles bateram no chão. Eu não consegui gritar, então eu sussurrei enquanto implorava para que ele me perdoasse. —Por favor. Eu sou fiel. Eu sou apenas leal a você.

Estendendo a mão, as palmas das minhas mãos se encontraram com o forte músculo de seu peito. Deslizando-os mais alto, eu passei meus braços em volta do seu pescoço. O desespero para não ser deixada de lado aumentou meu aperto. Eu não deixaria ir - não poderia. Minha vida estava no complexo. O mundo exterior era assustador demais para andar sozinha.

Fraqueza ultrapassou meus joelhos. A sala estava girando. Ressecada e em chamas, minha garganta se recusou a trabalhar. Como eu poderia convencê-lo a me manter? Como eu poderia provar minha fé? Como eu poderia provar que sentia muito por fugir?

—Elijah ... — Minha voz sumiu quando minha boca roçou o calor de seu pescoço. Sal de sua pele picou as fissuras onde meus lábios tinham rachado por falta de água.

Cada músculo de seu corpo endureceu assim que meus lábios o tocaram.

—Senhorita ... — Suas mãos se moveram para me afastar, mas eu me agarrei a ele com mais força, sem vontade de me soltar até que ele promettesse me levar de volta.

—Termine a cerimônia, Elijah — eu implorei.

Ele era muito forte.

Eu fui empurrada para o lado, meus braços empurrados ao redor de seu pescoço. Eu caí impotente no chão. Chorando, eu me joguei para frente, rastejando em direção a ele quando ele recuou.

A porta se fechou antes que eu pudesse alcançá-lo, uma fechadura de metal batendo no lugar. Quebrada, eu permaneci encolhida sob o meu corpo tremendo, meu mundo inteiro se quebrando diante dos meus olhos.

Meu coração - minha alma - foi deixado para se dividir em pequenos fragmentos arrependidos.

**JACOB**

*Um amigo ama em todos os momentos e um irmão nasce pela adversidade. Provérbios 17:17.*

**Seus gritos eram audíveis através da madeira grossa da porta.** Permanecendo em testemunho, eu a escutei implorando ainda. Meu corpo estava apertado de ansiedade, minha mente tentando entender como ela poderia me confundir com outra.

—O que há de errado com ela, Padre? Deveríamos chamar uma ambulância agora?

Um longo suspiro escapou, evidência da minha própria confusão. —Sim. Eu acho que devemos. Ela é delirante, irmã Joyce. Pelo menos, acredito que ela é. Eu não quero sobrecarregar a família dela com o preço do tratamento dela.

—Talvez a igreja possa financiar sua convalescença.

A escuridão percorreu meus pensamentos, carregando consigo a frustração e a raiva que eu sentia pela organização da qual fazia parte. De que adiantaria a paróquia se não pudesse ajudar seus próprios membros? Lutando contra amaldiçoar a igreja, eu mordi minha língua na esperança de não afligir a irmã Joyce com minha luta.

—Eu vou fazer a ligação.

Afastando-me dela, fui seguido pelo eco dos meus passos através do edifício aparentemente abandonado. Minha respiração era pesada por razões que eram impróprias para um Padre celibatário. Eu queria negar a mim mesmo que o toque dela tinha me afetado, negar que por uma fração de segundo eu quisesse puxá-la para mim do que forçá-la embora.

Sacudindo-me com o pensamento, lembrei-me da reverência em sua expressão quando ela olhou para mim, o modo como seus olhos verdes dançaram sob a luz fraca da sala. Seu cabelo estava pesado nas costas, escuro e grosso, uma lembrança de um passado que eu deixara para trás.

—Padre Hayle? Você será capaz de olhar para os jardins para aprovar o meu trabalho? Eu não serei pago até que a Igreja ouça de você.

Puxado de meus pensamentos, me virei, meus olhos examinando a aparência abatida de George Whitaker. Um homem idoso, suas roupas penduradas em seu corpo emaciado, os anos de trabalho manual usado como uma sombra sobre sua estrutura.

—Sim. Claro, George. Preciso fazer um telefonema e depois vou aprovar.

Quando me afastei, ele gritou: — Aquela jovem está bem? Aquela do culto?

Congelado no passo, voltei para onde ele estava. —O que você acabou de dizer?

Ele parecia envergonhado por ter se intrometido, mas ainda assim, não conseguiu evitar pressionar por mais informações. —A

mulher que desmaiou no quintal esta manhã. Eu estava do lado de fora começando cedo antes da tempestade da tarde e a vi cair. Eu ia ajudar, mas você e a irmã ficaram com ela tão rapidamente. Eu decidi que minha ajuda não era necessária. Eu só queria saber se ela está bem.

Balançando a cabeça, eu especifiquei o que eu quis dizer com a minha pergunta. —Sim, ela está bem, George, mas o que você quis dizer com culto? O que você sabe sobre ela?

Encolhendo os ombros, respondeu: — Ela estava usando um daqueles estranhos vestidos azuis que todas as mulheres usam. Nós os vemos na cidade vizinha de tempos em tempos. A cada duas semanas, eu dirijo para vender legumes e frutas no Farmer's Market. Acho que eles ficam na velha e abandonada fazenda maluca, perto do mercado. Não sei como eles ficam naquele lugar. Isso me dá arrepios apenas dirigir por ele. Costumava ser um antigo hospital de tuberculose antes de ser um lugar para doentes mentais. Me parece que eles correm o risco de ficar doente vivendo lá dentro.

O hospital não era familiar, mas isso não era surpreendente. Eu mal saía da paróquia, exceto para ir para a cidade. Eu nunca viajei mais longe, ou para a cidade vizinha.

—Como você sabe que eles são um culto?

Ele deu de ombros novamente. — Não sei ao certo, mas os vejo carregando Bíblias, e o cara principal sempre diz às senhoras para se importar com os olhos e mantê-los direcionadas para o chão. Ele diz que o pecado e a tentação estão ao redor deles. Ele fica especialmente com a pobre garota que desmaiou no quintal.

Seus olhos se estreitaram enquanto ele examinava meu rosto. —Parando para pensar sobre isso, você se parece muito com aquele cara. Na verdade, você é a cara dele se meus olhos antigos não estão me enganando agora. Estou surpreso por nunca ter percebido antes.

Minha curiosidade foi despertada, um pensamento roçando minha mente que não poderia ser verdade.

—Obrigado, George. Vou dar uma olhada nos jardins agora.

Indo embora, mudei de ideia sobre chamar a polícia por Eve. Eu estava mais interessado em descobrir sobre o suposto culto que estava na cidade vizinha à minha.



Assim como o Sr. Whitaker dissera, o hospital abandonado ficava a apenas alguns quilômetros da cidade vizinha.

Diminuindo a velocidade, aproximei-me e estudei o arame farpado ao longo das grandes paredes de cimento que bloqueavam minha visão da propriedade. A estrada que levava ao portão de entrada não estava asfaltada. Sujeira e poeira subiram de onde meus pneus cruzaram, lançando uma névoa ameaçadora sobre o sol da tarde cada vez menor.

Os portões de entrada eram altos e mal conservados. Lençóis brancos estavam entrelaçados nas barras, obscurecendo minha visão. Parando meu caminhão na estrada fora da unidade principal, eu saí para caminhar o restante da distância.

Um estranho silêncio pairava sobre a terra, o vento soprando entre as árvores, a única fonte de ruído. Com passos pesados e cautelosos, aproximei-me, levantando poeira em volta de mim, apenas para me recostar, como se nunca tivesse sido perturbado em primeiro lugar. Com apenas alguns pés entre onde eu estava e os lençóis suavemente soprados sobre os portões, ouvi metal deslizar contra metal.

Puxado do centro, fiquei imóvel enquanto os portões se abriam.

Nada poderia ter me preparado para o que enfrentei.

Olhando para o meu próprio reflexo, quase caí de joelhos.

O vento de uma tempestade que se aproximava chicoteou pelos portões agora abertos; nuvens negras correndo para roubar a luz do sol agonizante. As copas das árvores racharam e gemeram, seus galhos se inclinaram para frente pelo violento clima que invadiu.

—Jericho — eu sussurrei, muito longe em negação para colocar força na minha voz.

Eu não vi meu irmão gêmeo em quase dezoito anos.

Ele sorriu, sua expressão muito mais plácida que a minha. — Irmão. Eu queria saber quando você me encontraria. Estou surpreso por ter demorado tanto.

Quando encontrei minha voz novamente, falei. —Você não parece tão surpreso quanto você diz estar.

A tensão pairava entre nós, tão espessa quanto a agitação de minhas lembranças de nossa juventude. Relâmpago rachou à distância, seguido por um trovão que imitava um estrondo de trem.

Achei que o momento de exibição da natureza era profético, um aviso que correu pela minha espinha quando o choque estático se espalhou pela minha pele.

Jericho deu um passo à frente, o suave baque de seus sapatos foi carregado a distância pelo vento turbulento. Três homens se aproximaram atrás dele, cada homem vestindo calças azuis escuras e uma camisa branca de colarinho. Jericó se destacou entre eles.

Vestido todo de preto, o brilho de seus botões de prata brilhava na escassa luz do sol ainda rompendo as nuvens.

—Isso é maneira de cumprimentar seu irmão? E aqui eu pensando que você ficaria mais feliz em me ver. — O canto do lábio dele tremeu de humor.

—Há quanto tempo você está aqui? — Perguntei. — O que é este lugar?

Ele balançou a cabeça, gemendo quando se adiantou. — Tantas perguntas. Você nunca foi alguém que simplesmente aceita que Deus tem um plano. Somos gêmeos, Jacob. Nós viemos ao mundo juntos. Parece natural que uma vez divididos, encontremos nosso caminho de volta um para o outro. O sangue chama o sangue.

Estudando-me, seu olhar penetrante percorreu minhas roupas, parando no meu colarinho clerical. —Eu acho que sua fé não é tão fraca quanto eu pensava. — Seus olhos encontraram os meus. —O que aconteceu que poderia ter feito você voltar correndo para os braços abertos da Igreja?

—Há quanto tempo você está aqui? — Minha paciência estava acabando. Mesmo sendo um homem mais jovem, Jericho nunca



responderia a uma pergunta simples. Ele sempre passava o inquérito para outro com outra pergunta.

Jericho sorriu, finalmente chegando perto o suficiente para que ele pudesse estender a mão e colocá-la no meu ombro. — Por que você não entra? — Olhando para o céu, ele fez questão de me lembrar da tempestade iminente. —A menos, claro, que você prefira ficar na chuva.

Nós nos encaramos por alguns segundos antes que ele finalmente cedesse e respondeu: — Eu estou aqui há dez anos, Jacob. No entanto, minha família ... — Agitando o braço, ele apontou para os homens atrás dele. —... nós estamos juntos desde que deixei a nossa casa de infância.

Ele circulou atrás de mim, permitindo uma melhor visão da propriedade dentro dos portões. Eu conhecia Jericho melhor do que acreditar que o movimento não era intencional. Ele estava tentando me intimidar, me jogar de surpresa para que eu fosse mais receptivo a sua manipulação.

—Por que há rumores de que você está promovendo um culto? O que é este lugar? — Recusando-me a ser intimidado, eu me virei e o encarei diretamente nos olhos. — Por que uma de sua *família* entrou em colapso na frente da minha paróquia esta manhã?

Suas sobrancelhas subiram com a força da minha voz. Outro pequeno sorriso brincou em sua boca antes de responder: — Eve está viva. Isso é bom de ouvir. Eu estava me perguntando para onde ela fugiu no meio da noite. Uma mulher pequena como ela não sobreviveria muito tempo na floresta sozinha.

—Por que ela estava correndo?

Ele se inclinou na minha direção, sua boca perto do meu ouvido quando ele sussurrou: — Você deveria entrar e olhar.

Recuando, ele levantou a voz para perguntar: — Por que você parece tão nervoso, Jacob? Você não está animado em ver seu gêmeo perdido há muito tempo? Se eu não te conhecesse melhor, eu juro que você está chateado em me ver. Mas isso não pode ser verdade, pode? Isso não faz sentido. Sangue é sangue, afinal de contas.

—Pode ter algo a ver com a condição da mulher que encontrei esta manhã. Ela estava congelando, emaciada, tão exausta que desmaiou no meu quintal. Qualquer homem que pudesse permitir que um membro de sua *família* terminasse como ela é um que me preocupa. Eu vim aqui depois que fui informado do seu grupo. Eu queria ver por mim mesmo exatamente o que estava acontecendo.

Rindo, ele disse: — É impróprio para um Padre jurar. Parece que você não está tão limpo quanto se apresenta. Seu rebanho sabe?

Ele se virou, olhando por cima do ombro quando se afastou e gritou: — Eu te convidei para entrar, Jacob. Venha e veja por si mesmo.

Girando ao redor, Jericho manteve os olhos treinados para frente enquanto eu o observava entrar na propriedade.

As nuvens iminentes obscureciam a luz do sol. Eu olhei para cima para ver relâmpagos iluminarem o céu escuro. Duvidando que

ele iria me prejudicar, eu aceitei o convite, silenciosamente seguindo-o através dos portões.

Uma vez que estávamos seguros dentro da sala de entrada do hospital, grandes portas de madeira se fecharam, o som rolando em ondas pelo espaço vazio. Jericho se moveu para o centro da sala, voltando-se para olhar para mim.

—O que você gostaria de saber, Jacob? Pergunte-me e eu contarei a você com prazer.

—Eu quero saber por que uma jovem mulher desmoronou no gramado da frente da minha paróquia. — Não era minha intenção gritar, mas eu estava cansado de seus gestos dramáticos. —Corte a porcaria, Jericho, e me diga o que está acontecendo.

—É Elijah agora — ele murmurou, sua voz tão escura quanto suave.

Não mais confuso quanto à insistência de Eve no nome quando ela me viu, fiquei em choque silencioso.

—Alguém ligou para você ou te encontrou quando eu saí de casa? — Ele perguntou, uma sobrancelha arqueando sobre o olho azul.

—Sim. Tia Rose ligou para me dizer que você tinha caído em desgraça com a Igreja e nosso pai.

—Você se perguntou o que aconteceu? Por que fui excomungado e deixado de lado como se estivesse doente?

Sua admissão me surpreendeu. Recolhendo meus pensamentos, eu finalmente engasguei: — Eu não sabia que você

tinha sido excomungado. Foi-me dito que eles pediram para você sair. Presumi que você fosse para outra paróquia.

Ele riu, seus olhos sacudindo para pegar os meus. — Você sabe o que eles dizem sobre suposições, certo?

Pessoas inundaram a sala das portas de todos os lados. Em poucos segundos, o espaço estava cheio de homens à esquerda, mulheres e crianças à direita. Parecia que todos usavam as mesmas roupas, cada pessoa distinguida apenas pela cor do cabelo ou as feições do rosto. Devia ter pelo menos cem no total, cada pessoa parecendo saudável e calma.

Eu olhei de cara a cara quando Jericho falou novamente. — Você vê a condição da minha família? Nós não estamos *exaustos*. Nós não somos *emaciados*. Nós não estamos congelando ou tremendo ou feridos de qualquer forma.

Eu olhei para ele.

Ele sorriu. — Não temos medo também.

Eles podem não ter ficado assustados, mas eu certamente não estava nada empolgado.

Completamente cercado, eu estava à mercê do meu irmão. — Do que você tem que ter medo?

Ele não respondeu, em vez disso levantou a mão para estalar os dedos. Foi uma aparente dispensa dos outros, apenas alguns homens ficaram para trás para ficar na frente das portas de entrada.

Com uma voz distante, ele disse: — Você tem Eve. Eu quero que você a devolva para mim. Ela ficou perdida, isso é tudo. Saímos

para passear e, de alguma forma, ela se afastou do grupo. Nós procuramos por ela. No entanto, com a falta de luz, não conseguimos encontrá-la e decidimos retomar nossa busca quando a luz do sol voltasse.

Suas palavras não faziam sentido. —Quantos homens você tem procurando por ela agora?

Sorrindo, ele deu de ombros. —Você sempre foi o inteligente.

Dando um passo à frente, ele parou a centímetros do meu corpo. Eu não recuei como ele esperava.

—Eu te digo o que. Por que você não mantém Eve por um período de tempo? Quando esse tempo acabar, vou buscá-la.

A raiva deslizou pela minha pele, meus músculos dolorosamente apertados sobre a minha espinha.

—Ela não é uma possessão para ser negociada de um lado para outro. Ela é um ser humano.

Uma sobrancelha negra arqueou-se inquisitivamente sobre o olho. —Ela era. Sim, Sedra, era uma criança turbulenta quando foi levada para o complexo. Tão linda, apaixonada, enérgica ... cheia de juventude inocente.

Subindo mais alto, minha raiva mal era contida. —O que você fez com ela, Jericho?

—É Elijah. Eu não responderei a nenhum outro nome.

Escolhendo não responder, esperei sua resposta.

—Nada aconteceu com ela. Eu ajudei a criá-la. Eu a iluminei e a conduzi pelo caminho de uma mulher justa. Ela é extraordinária, Jacob, uma mulher que não sabe nada neste mundo exceto Deus. Não há mais ninguém como ela.

Eu zombei. —E pelo que aprendi falando com ela, ela nem sabe o próprio nome.

Dando um passo à frente, sorri quando ele deu uma volta. Minha voz pingou de gelo. —Ela sabe que Elijah não é seu nome real? Alguém da sua *família* sabe?

Andando, ele zombou de mim. —Quem? O que? Quando? Onde? Por quê? — Ele falou devagar, enfatizando cada palavra, fazendo uma pausa no meio. — Tantas perguntas, Jacob. Sempre o cientista.

Seus passos pararam. — Você nunca foi em só acreditar cegamente na maneira como as coisas funcionavam sem a necessidade de descobrir as razões.

Eu olhei para ele, um sorriso sardônico puxando meus lábios. —E nem você.

—Somos gêmeos, lembra? — Ele zombou quando joguei suas palavras de volta para ele.

—Existem algumas características comuns que compartilhamos. Diga-me, *Elijah*, foram suas perguntas incessantes que fizeram com que você caísse em desgraça com a Igreja? Ou foi seu comportamento desviante?

Seus olhos queimaram nos meus, crueldade e nojo rolando por trás da cor azul clara. —Você terá suas respostas, Jacob. Apenas não hoje.

Passos ecoaram pela sala silenciosa enquanto ele caminhava na direção de uma porta lateral. Olhando para trás mais uma vez, ele sorriu. —Aproveite a véspera. Tenha em mente que seu tempo com ela é limitado.

Sua saída da sala foi pontuada pelo rangido alto das portas de entrada quando os homens que ficaram para trás as abriram.

A tempestade passou, a luz do sol entrou na sala, pedaços de poeira e detritos rodopiando dentro das vigas.

Não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para mudar a situação com Jericho, mas havia algo que eu poderia fazer para salvar a pobre alma perdida que desmoronou na frente da minha paróquia naquela manhã.

Saindo, eu não me preocupei em olhar para os homens que estavam na entrada.

O tapa de madeira quando eles fecharam as portas foi o único som que ouvi quando me afastei.

## EVE

*Não temas, porque eu te remi; Eu convoquei você pelo nome; você é meu. Isaías 43: 1.*

**Minha pele arrepiou do ar frio da sala contrastando com o chão de madeira abaixo de mim que estava quente do calor do meu corpo nu.**

Pés apontados para fora, braços abertos, minha testa pressionada contra o chão: essa foi a posição que tomei para ganhar sua aprovação.

Permaneci perfeitamente imóvel, prostrada e servindo, na esperança de que minha servidão ganharia seu perdão.

Ele gostava de me tocar. Faz seus olhos amolecerem, sua raiva diminuir.

Isso me fez sentir errada, algo escuro dentro de mim surgindo com o meu pecado.

Ainda assim, meu corpo ansiava por seu toque, meu coração sabendo que eu havia sido vítima da tentação.

Sua tentação.

Tentação que me levaria a um caminho de abandono imprudente, saindo em desgraça com Deus.



Mas era tarde demais.

Eu caí. Eu enfraqueci. E eu daria a ele o que ele desejasse, porque ele disse que estava certo.

Horas se passaram, o único som para me fazer companhia foi meu suspiro pesado contra o chão. Dentro e fora, o ar passou pelos meus pulmões. Meus músculos queimavam e meu coração batia, mas eu não me mexia, não correria o risco de falhar novamente. Isso é o que ele queria.

É o que ele sempre quis.

Desde que eu me tornei sua Eve.

**JACOB**

*Você não é seu, você foi comprado por um preço.*

*1 Coríntios 6: 19-20.*

**Minha mente correu toda a viagem para casa.** O que poderia ser feito com uma mulher que nem conhecia sua própria identidade? Como eu poderia curar anos de lavagem cerebral ou tormento, abuso ou restrições? O que ele tinha feito para ela para quebrá-la tão completamente?

Eu conhecia bem os jogos que Jericho - *Elijah* - poderia jogar. Eu mesmo joguei todos eles em um tempo longo passado.

Chegando à entrada da garagem, encontrei a irmã Joyce saindo pela porta dos fundos com uma aparente pressa. Seu manto voou atrás dela da velocidade de seu ritmo.

Saindo do meu carro, eu chamei: — Irmã? Algo está errado?

Aturdida pela minha súbita interrupção, ela tropeçou nos próprios pés quando se virou, recuperando-se antes de cair. Colocando a mão sobre o peito, ela respondeu: — Oh, Padre Hayle. Você me assustou.

— Aconteceu alguma coisa com a mulher ... com Eve?

— Não, Padre. Eu estou programada para ler para um grupo de crianças no hospital hoje. No entanto, tenho me preocupado em deixar a mulher desacompanhada. Esperei o quanto pude, mas ...

Sua ansiedade estava claramente escrita em sua expressão e movimentos.

Eu levantei a mão para silenciá-la. — Tudo bem, irmã. Eu não esperava que você a vigiasse a tarde toda. Ela ainda está no quarto?

— Sim. Ela está no quarto desde que você saiu. Eu bati na porta, mas ela não respondeu. Você descobriu quem ela é? O que foi feito com ela? — Sussurrando sua última pergunta, ela abraçou a Bíblia com mais força contra o peito.

Não havia sentido em perturbá-la ainda mais com os detalhes. Quanto menos ela soubesse, melhor neste momento.

Decidindo manter a irmã Joyce separada de Eve até chegar a hora em que eu pudesse avaliá-la completamente, eu disse: — Tome seu tempo no hospital, irmã. Eu cuidarei de Eve. Você também pode voltar ao convento por alguns dias. Eu não vou precisar de você novamente até sábado para me preparar para a missa dominical.

Ela parecia confusa, as sobrancelhas franzidas por causa de uma pergunta que ela preferiu não expressar. Assentindo com a cabeça, ela respondeu: — Tudo o que você diz, Padre. Você é sempre sábio.

Eu balancei a cabeça em resposta e deixei-a para sua tarefa.

Andando dentro da paróquia, eu estava assombrado pelos meus próprios passos. A morte não poderia ter sido mais silenciosa

do que os corredores e salas do prédio. Cada ligeiro ruído ecoou pelo espaço vazio quando fiz meu caminho para Eve.

Puxando uma chave do meu bolso, eu destranquei a porta, hesitando quando girei a maçaneta.

A madeira velha rangeu em reclamação ao movimento da porta, mas o som de choque em minha respiração era mais alto.

Meus olhos se moveram sobre sua pele branca como leite, as vértebras de sua espinha mal aparecendo nas suas costas. Seu cabelo escuro estava puxado para o lado, pendendo como uma cortina para protegê-la.

*Eu confio em você, Jacob. Sempre você. Só você...*

Minha memória sussurrou para mim dos meus pecados, me avisando para longe da jovem deitada no chão na minha frente.

Eve não olhou para cima quando entrei. Dei três passos e me ajoelhei para colocar minhas mãos em seus braços estendidos.

— Eve.

Fria e seca, sua pele parecia seda sob as pontas dos meus dedos. Ela estava suja de seu empreendimento na floresta, ainda marcada e machucada pelo que aconteceu com ela. Fora isso, eu não conseguia ver marcas ou outras imperfeições, exceto pela queimadura vermelha e crua no ombro dela.

Preocupação me inundou, me girando no lugar até que eu não tinha certeza de que direção eu estava enfrentando.

— Eve, olhe para mim.

Empurrando minha mão sob a queda de seu cabelo, eu segurei sua bochecha e levantei seu rosto do chão. Uma marca vermelha percorreu sua testa, seus olhos mancharam o mesmo vermelho. Ela deve ter chorado por horas.

— Eu preciso que você se levante, Eve.

Tinha sido minha intenção apenas usar seu nome verdadeiro, mas naquele momento ela estava tão perdida em seu medo que eu fui junto com o que ela acreditava.

Ela era Eve e eu era Elijah.

Meu coração estava pesado de desonestidade, mas eu menti com a esperança de que uma vez que ela estivesse funcional novamente, ela seria capaz de aprender a verdade sem que isso a mandasse de volta ao estado de pânico. Eu não tive escolha a não ser jogar a fantasia para ajudá-la a entender como ela havia sido enganada.

Mantendo minha voz suave, eu disse: — Você precisa me seguir. Você precisa de um banho e precisa comer.

Ela hesitou, seus cílios tremulando sobre seus olhos inchados. O luar entrava pela janela, brilhando contra o cabelo que emoldurava seu rosto. Sua expressão era de sofrimento, mas quando eu falei, seus olhos piscaram com a esperança que ela carregava.

—Será que vai te agradar? — Áspera por não ter sido usada em horas, sua voz ainda soava como a de um anjo. O tom não era muito alto ou baixo. Fechei meus olhos contra o modo como vibrava através da minha pele.

Uma pontada de luxúria sussurrou em meus pensamentos, a culpa seguindo de perto em seu rastro. Que tipo de monstro eu era para ter alguma atração por essa mulher? Ela estava exposta e vulnerável, ingênua e sozinha.

Limpando a garganta, respirei fundo e respondi: — Sua saúde me agrada. Sua saúde e limpeza agradam a Deus.

Em um sussurro, ela disse: — Meu corpo é seu templo.

Meus olhos se fecharam novamente, as pálpebras caindo pesadamente em suas palavras. — Sim.

— Eu fui comprada por um preço.

A raiva tocou minha mente, emplumando meus pensamentos em como Elijah pervertera a fé para machucá-la. Ela estava citando as escrituras enquanto se entregava ao homem que ela pensava que eu era.

Incapaz de disfarçar como eu me sentia, minha voz era firme quando eu disse: — Não por mim. Você não foi comprada por mim. Levante-se. Há um banheiro na reitoria. Você pode usar isso por agora.

Ela pulou com a dureza na minha voz, seus olhos se abrindo de medo.

— Eu sinto muito. Eu estava apenas repetindo o que você me ensinou, eu ...

Colocando meu dedo sobre seus lábios, eu a acalmei.

—Você não tem nada para se lamentar. — Eu segurei meu dedo em seus lábios por muito tempo, presa no feitiço do calor de sua respiração sobre a palma da minha mão.

Afastando-me, levantei-me e recuei, incapaz de puxar meus olhos dela.

Quando ela se moveu, os músculos de seu corpo estavam fluidos sob sua pele. Cabelo comprido caiu do ombro dela e meus olhos se fixaram na marca que eu tinha visto anteriormente. Ela se moveu de novo para que eu não pudesse mais olhar de perto, mas perdi minha capacidade de me importar quando ela finalmente estava de pé.

Foi devido a meus próprios erros que jurei minha vida à Igreja ... a Deus. Ainda assim, havia algo sobrando, uma mistura de gostos e desejos que eu tive na minha juventude, e não foi até agora que eu percebi que ainda tinha a capacidade de sentir.

Engolido pelo meu calor lentamente, uma corrente de sangue sibilou sob a minha pele. O suor irrompeu sobre meu corpo e me afastei quando ela estava de pé diante de mim.

Mas não breve.

Antes que eu pudesse desviar meus olhos, eu já tinha visto a onda de seus seios, a curva perfeita de seus quadris cheios. Eu me virei completamente, incapaz de esconder minha reação à sua pele. Meu corpo se apertou em memória dos prazeres da carne.

Maus pensamentos se infiltraram, sombrios e perturbadores, lembrando-me de uma época em que o sexo era o poder supremo.

*Quem é seu dono?*

*Você é, Jacob ... para sempre ...*

Meus punhos cerrados na memória, minha cabeça caindo para trás em resposta ao pesadelo que eu nunca seria capaz de escapar.

*Para sempre...*

Seus olhos embotados pela perda de vida, sua confiança quebrada por um homem que não sabia quando parar. *Para sempre* foi uma verdade que ela nunca teve a chance de entender.

Eu me forcei de volta ao presente.

—Você vai precisar de roupas. Acredito que há algumas vestes batismais que você pode usar até que eu possa entrar na cidade e comprar outra coisa.

—Se isso é o que você quer. Eu não me importo de ser exposta a você. Eu não estou mais envergonhada.

Respirando com puxões lentos de ar, diminuí minha resolução. Sua voz, a reverência e adoração absoluta, ela faria qualquer coisa que eu pedisse.

Você não pode entender o sentimento de controle até ter segurado, até ouvir o seu nome sair dos lábios de uma mulher sem vontade própria. Quase como se o nome pertencesse ali, uma parte necessária de sua existência.

—É o que eu quero.

Eu era Padre pelo amor de Cristo, mas nenhum dos pensamentos que eu tinha sobre essa mulher era apropriado ou puro.

—Então é o que vou fazer.



Sem hesitação, sem dúvida, nada. Ela estava certa em sua decisão de me seguir cegamente, para fazer tudo o que eu disse, exatamente quando eu disse a ela para fazer isso.

Meu coração doeu por Eve, embora algo muito mais escuro estivesse despertando por dentro. Por uma fração de segundo, lamentei a decisão de mandar a irmã Joyce de volta ao convento. Ela poderia ter cuidado de Eve: vestindo-a, alimentando-a, banhando-a. Mas ela também teria sido uma testemunha da instabilidade mental de Eve. Ela teria ligado para as autoridades enquanto eu estivesse fora, teria chamado uma ambulância se a saúde de Eve tivesse preocupado ela.

Eu não podia permitir que Eve fosse levada embora. Eles só a devolveriam ao homem que a *criou* em primeiro lugar.

— Eu quero que você esteja vestida em minha presença. Não me agrada ver sua pele. Deus está assistindo. Sempre lembre disso.

Ela se encolheu com a censura no meu tom.

Movendo-me pela porta para o corredor, ignorei o som de sua dor.

Meus pensamentos voltaram para Jericho, para o que ele obviamente fez para que minha rejeição de seu corpo nu pudesse reduzi-la às lágrimas.

Nossos passos não foram apressados enquanto atravessamos os corredores e áreas comuns em direção à reitoria. Ela fungou enquanto andava, mas eu me recusei a olhar para trás ou tentar consolá-la.

Vestindo tentação como um manto, Eve era perigosa para um homem como eu.

Minha vida antes desse momento estava escura.

Jericho sabia que ele e eu tínhamos segredos, hábitos que nunca falamos, exceto um para o outro. Eu carreguei esses segredos e gostos comigo para a faculdade. Eu me diverti com a liberdade de pecar.

Minha corrupção desimpedida acabou em uma noite bêbado.

Eu perdi o controle e perdi a mulher que amava.

Eu me entreguei a Deus depois daquela noite, tanto em rendição quanto em restituição por ter tomado a vida de uma jovem mulher.

## EVE

*Seja sóbrio; fique atento. Seu adversário, o diabo, anda em volta como um leão rugindo, procurando alguém para devorar. 1 Pedro 5: 8.*

**Eu não pude evitar minhas lágrimas, não pude evitar sentir sua rejeição através de mim como uma tempestade violenta.** Minha pele se arrepiou quando ele me negou, a perda de absolvição incendiando todos os nervos. Foi o tipo de dor que se arrasta através de você, pegando-o desprevenido e golpeando tão profundamente que sua respiração é arrancada de seus pulmões.

Eu me recusei a gritar, e não caí de joelhos implorando. Ele não me rejeitou. Ainda não.

Ainda havia um teto sobre minha cabeça.

Eu não fui expulsa para a noite que me consumiria.

Virando uma esquina, chegamos a uma porta. Desbloqueando-a, Elijah se moveu, levando-me a um quarto escuro.

O clique de um interruptor e a sala se acendeu, a luz difusa e suavizada pelas sombras das luzes de cabeceira. Essa sala, como a outra, era utilitária na falta de decoração. Tudo o que continha era uma cama simples, duas mesas de cabeceira e uma mesa partiu para

o outro lado. As paredes estavam vazias, exceto por um único crucifixo pendurado sozinho.

Elijah continuou andando até que nós dois estávamos dentro de um banheiro pequeno, também nu, exceto pelas características padrão: pia, vaso sanitário e banheira. Nada mais.

Observei-o se ajoelhar ao lado da banheira para ligar a água, mas senti um desmaio quando o vapor saiu da superfície.

Minha visão se desfez, meus joelhos enfraqueceram e a próxima coisa que eu sabia era que estava deitada no chão frio de ladrilhos de pedra com Elijah pairando acima de mim.

— Eve, você está bem?

A parte de trás da minha cabeça latejava, a pele queimando. Piscando para abrir os olhos, olhei para ele em confusão. — O que aconteceu?

— Você caiu. Você está bem? Sua cabeça dói?

Empurrando-me para cima, meu quadril roçou sua mão.

Ele colocou distância entre nós e desviou o olhar. — Você será capaz de se banhar?

Ainda tonta de qualquer feitiço que tivesse me atingido, sentei no chão, mal conseguindo segurar meu peso. — Não tenho certeza. Estou tão tonta. O calor na sala só está piorando.

Eu odiava que ele se recusasse a olhar para mim.

—É provavelmente o seu açúcar no sangue. Quando você comeu pela última vez?

—Não tenho certeza.

Eu não tinha certeza de nada naquele momento. Tudo o que eu sabia era que eu estava em um lugar estranho com Elijah. Era tudo tão confuso, tão frustrante que eu queria gritar. Eu estava sendo testada? Eu tinha sido perdoada?

Ele mordeu uma palavra em voz baixa. Eu não reconheci isso.

A voz doía, ele disse: — Entre na água, Eve. Vou te ajudar.

De pé do chão, quase caí de novo. Minhas pernas estavam fracas e meu abdômen parecia não ter o peso da parte superior do corpo. As mãos de Elijah seguraram meu braço direito e deixaram o quadril. Ele estava andando de perto atrás de mim, seu corpo roçando o meu.

Eu estremeci quando o linho macio de sua camisa tocou minhas costas, quando o algodão duro de suas calças roçou minha bunda. Sua proximidade era uma provocação e eu estava desesperada para empurrar de volta contra ele.

Controlando minhas ações, lembrei que ele era a única pessoa que podia liderar.

Chegamos ao banho, a mão dele liberando meu quadril para permitir que eu entrasse. Minha respiração assobiou sobre meus lábios no calor da água, meus músculos relaxaram enquanto eu afundava abaixo da superfície. Uma vez abaixada completamente, olhei para cima e vi que Elijah ainda se recusava a olhar completamente em minha direção.

Alcançando uma esponja e sabão, seus braços se moveram sobre mim, seu peito parecia sólido como rocha sob o preto de sua

camisa. Ele me entregou os itens e perguntou: — Você está forte o suficiente para se lavar?

Assentindo, eu falei timidamente. —Acho que sim. Não tenho certeza do que está errado.

Com o sabonete em uma das mãos e a esponja na outra, inclinei-me para frente o máximo que pude, arrastando o sabonete pela perna com apenas o som de água em movimento ecoando pela sala. Elijah se ajoelhou no chão ao meu lado, apoiando minhas costas.

Seus dedos contra a minha pele eram veneno doce, sua respiração um sussurro de som sobre os lábios entreabertos.

*É dor que você procura esta noite, doce criança? É a dor que vai limpar você dos seus pecados?*

As lembranças de nossas noites juntas me atormentavam ainda.

Eu queria estar limpa para ele. Eu estava desesperada para ser pura. Nossa união foi feita aos olhos de Deus, nossa paixão forjada no fogo.

O sabonete escorregou das minhas mãos, caindo no fundo da banheira.

Não havia razão para minha fraqueza, mas até mesmo uma barra de sabão era pesada demais para que meus dedos trêmulos segurassem com firmeza.

Elijah tirou a mão de minhas costas, ainda evitando seus olhos enquanto ele desabotoou o punho de cada manga. Enrolando-os, ele revelou os músculos tensos e tonificados de seu antebraço.

Eu assisti em maravilha absoluta.

Minha respiração chegou mais forte, memórias se infiltrando na semana que nós compartilhamos enquanto nos preparávamos para a nossa cerimônia de casamento. O calor de sua respiração na minha pele, a força de suas mãos roçando meu corpo - a dor que sempre acompanhava tudo o que ele fazia.

Enquanto as lágrimas ameaçavam meus olhos, a mão de Elijah desapareceu debaixo da água em busca do sabão. Minha cabeça caiu contra a banheira. Seu braço deslizou sobre minha coxa interna. Escorregadia e molhada, sua pele era uma tentação contra a minha, mais quente que a água que se enchia de vapor.

Minha respiração saiu dos meus pulmões.

Abrindo meus olhos, eu encontrei o calor derretido de seu olhar.

—Você pode se sentar para frente? — Ele perguntou, um sussurro de som no silêncio da sala. Assentindo, eu não conseguia falar ao redor do nó na garganta.

—Eu vou lavar a sujeira das suas costas.

O tempo diminuiu enquanto eu saboreava a sensação do seu toque.

Eu respirei.

Ele respirou.

A água espirrava na banheira.

Cada pequeno som ecoou pela sala.

As pontas dos seus dedos roçaram o lado do meu peito quando ele trouxe o sabonete pelos meus braços. Uma respiração trêmula saiu de dentro de mim, o som tão alto que seus olhos se encontraram nos meus, o calor se agitando sob o azul hipnótico.

A única lâmpada que iluminava a sala tremeluzia suavemente, a luz tocando a água em várias partes. Quando sua mão varreu logo acima do meu traseiro, minhas costas endureceram, meus seios apertando em desespero por seu toque.

Sua mão tremia quando ele trouxe o sabão para baixo e quando ele roçou as bochechas, eu não pude conter meu gemido suave.

Eu estava perdida naquele momento; perdi para um homem que se importava comigo, apesar de eu ter fugido dele apenas algumas horas antes.

Era isso que o perdão era?

Minha cabeça estava tonta, meus olhos piscando lentamente. Eu sentei em absoluta adoração. Eu estava nadando no tormento de seu toque suave, incapaz de parar o tremor do meu corpo dentro da cortina de vapor que nos envolvia.

Movendo-se para que ele pudesse limpar minhas pernas, a ponta de sua língua se moveu sobre a plenitude do lábio inferior. Suave, mas forte, seus movimentos revelaram a tensão em seu corpo, a restrição que ele usava para não tocar em mim de maneiras que ele permitia enquanto vivíamos no complexo. Eu não pude evitar minha necessidade, o desejo me enchendo de um ponto de agonia.



—Por favor...

A palavra escapou em um sussurro.

Olhando por baixo do leque dos meus cílios, vi seus olhos brilharem com algo que eu não pude reconhecer. Necessidade, desejo, sede... ou raiva; cada emoção que eu estava desesperada para ver dentro dele, um minuto se passou em seguida.

Deixando cair o sabonete de volta na água, sua mão agarrou meu tornozelo, puxando minha perna para o lado e abrindo-me ante ele. Seu corpo tremeu novamente, seus olhos passando por mim, aquecendo enquanto ele olhava sobre meus seios. Tão rápido quanto ele me agarrou, ele soltou e pulou para longe da banheira.

Eu não era uma víbora esperando para atacá-lo, mas ele se movia como se eu estivesse atacado.

Seus olhos se fecharam e eu o vi ganhar controle sobre algo que eu não conseguia entender. Por que ele me recusou quando apenas alguns dias atrás ele me garantiu pura liberdade?

—Você está pronta. Eu vou pegar algo para você vestir. — Áspero com a tensão, suas palavras saíram em um sussurro de dor.

Empurrando-se do chão, ele se moveu fluidamente do banheiro, seus passos pesados quando ele saiu. Eu escutei enquanto eles ficavam em silêncio, minutos se passando antes que eu pudesse ouvi-los se aproximando novamente.

Entrando no quarto, ele segurava uma túnica branca. O material escorregou de sua mão para o balcão onde ele colocou. Mais uma vez, ele manteve os olhos voltados para qualquer lugar,

menos para mim. —Você está se sentindo bem o suficiente para sair do banho sozinha?

Eu queria chorar, mas balancei a cabeça em resposta, apesar do fato de que ele não podia ver. Finalmente forçando as palavras doloridas dos meus pulmões, eu respondi: — Sim. Eu acho que posso administrar.

—Bom. — Ele assentiu antes de sair do banheiro, deixando a porta aberta quando ele desapareceu na luz suave do quarto.

Com a falta de emoção naquela única palavra, ele me deixou quebrada. Eu queria escorregar para baixo da água, deixar o ar escapar dos meus pulmões em bolhas acima de mim quando a morte fluiu para substituí-lo.

Mas que bem isso faria? Até a morte não pôde me salvar do vazio que senti por dentro em sua nova rejeição.

Saindo da água, minha pele se apertou para enfrentar a onda de ar frio.

Arrepios surgiram nos meus braços e eu estremeci quando saí da banheira.

Meus seios estavam firmes, os mamilos perolados enquanto eu caminhava até o balcão. Minhas mãos estavam no manto quando virei a cabeça em resposta a um barulho.

Nós bloqueamos olhares por apenas uma fração de segundo antes que Elijah fosse embora novamente.

**JACOB**

*Pois desde que Ele mesmo foi tentado naquilo que Ele sofreu, Ele pode vir em auxílio daqueles que são tentados. Hebreus 2:18.*

**Escuro e malévolo, uma doença estava vindo sobre mim que eu deixara no passado no momento em que dava minha vida à Igreja.**

Eu prometi permanecer celibatário. Eu prometi pagar a Deus pelos meus pecados através do meu serviço.

Por que agora a tentação estava dançada na minha frente, uma sirene me levando de volta ao escuro?

Toda vez que meus olhos olhavam na direção de Eve, eu era assombrado por outra voz que eu teria dado qualquer coisa para ouvir novamente. Suave e inocente, ela confiou em mim, acreditou em mim, apenas para ser destruída por mim.

O que eu fiz não poderia ser perdoado se eu quebrasse minhas promessas a Deus e repetisse o ato.

Eu deveria estar ajudando esta pobre mulher, não a cobiçando com os pensamentos das muitas maneiras que eu poderia usá-la. Ela era perfeita tanto no corpo quanto na mente, um vaso vazio que podia ser preenchido com luz ou escuridão.

Anos antes, não haveria dúvidas sobre o que eu faria. Mas agora? Agora, fui encarregado de colocá-la ao lado de Deus, não protegê-la da verdade do bem contra o mal.

A porta se abriu e eu puxei meu pescoço para vê-la sair do banheiro. Com o corpo coberto, eu estava mais confortável olhando em sua direção, mais capaz de controlar essa parte de mim que sussurrava dentro dos meus pensamentos.

Mesmo sabendo o que *devo* fazer, não pude evitar que meu olhar percorresse a linha de suas pernas, o manto era curto demais para cobrir.

—Você precisa comer.

Ela piscou em resposta, o beicinho cheio de sua boca caiu em decepção. O que ela esperava, essa inocente filha de Deus?

—Se é o que você quer.

—É isso.

Afastando-me dela, minhas mãos se fecharam em punhos, a tensão ao longo da minha coluna insuportável. O ar na sala estava sufocante apesar da temperatura gelada.

—Você deveria fazer o que lhe agrada, Eve. Não é seu dever cumprir todos os meus desejos.

—Mas foi isso o que você me ensinou.

Virando-me para trás, eu não consegui ajudar a borda afiada da minha voz. —Então é algo que você precisa esquecer.

Ela se encolheu ao som, caindo de joelhos no chão e pressionando a testa no chão. Fiquei surpreso por ela não ter marcas permanentes na cabeça tantas vezes que a bateu no chão.

—Por favor. Eu sinto muito. Eu não sei mais o que fazer. Eu sou leal a você, Elijah. Sou sua.

*Você me possui, Jacob ...*

Imagens passaram pela minha cabeça: as mãos amarradas na cabeceira da cama, os lábios estendidos em um gemido sedutor ... os olhos, sem brilho e sem vida, o choque ainda gravado na última expressão que ela usava. Eu balancei os pesadelos, as memórias que eu absolvi quando jurei minha lealdade a Deus.

—Eve, levante-se. Se você quiser me agradar, então levante-se. O único ser que você deve se curvar antes é Deus. E eu posso te prometer que não sou ele. — Minhas palavras tremiam com a minha raiva. Raiva de como a cabeça da pobre mulher se tornara distorcida.

Raiva do meu irmão por ter sido o único a torcer seus pensamentos nessa bagunça caótica e sórdida.

—Levante-se e siga-me até a cozinha. Você precisa de comida. Você precisa de água. Você precisa...

Minhas palavras foram cortadas, o último pedaço de paciência dentro de mim se esgotando. Meu primeiro instinto foi agarrar o braço dela e forçá-la, mas isso não era o que ela precisava.

Sua única esperança de romper o nevoeiro criado pelas ações de Jericho era que ela aprendesse a verdade sobre sua vida, sobre Deus.

Ela precisava pensar por si mesma. Era imperativo que ela entendesse que suas decisões eram dela, não de outra pessoa.

Confiar sua vida para outra pessoa não era apenas tolo, mas perigoso. Eu sabia em primeira mão os erros trágicos que poderiam acontecer com muita confiança em outro.

Cassandra morreu pelas minhas mãos.

Só porque ela confiava muito em mim.

Lentamente, Eve se levantou do chão, seu roupão girando em torno de suas pernas dando dicas da carne abaixo. Mantendo o controle do meu olhar, forcei-me a desviar o olhar. Eu não tinha nada a dizer para ela, nada que pudesse ajudá-la. Apesar da crença de que eu tinha sido salvo, estava me lembrando de que eu ainda era fraco, tão fraco quanto sempre fui.

Sem falar, levei Eve para fora do meu quarto, através da igreja e para a grande cozinha onde eu a vi pela janela pela manhã.

Passando pela pequena copa, fiz sinal para as cadeiras. — Sente-se. Eu vou fazer algo para comer.

—Eu posso cozinhar.

Eu me virei para olhar para ela, meus olhos vagando para onde seu robe estava aberto revelando a parte superior de seus seios. Sob o cetim branco, pude ver que seus mamilos estavam duros e gemi com a visão.

A luxúria formigou em minhas veias, enviando sangue para áreas que seriam perigosas para nós dois.

Sacudindo a súbita necessidade, voltei minha atenção para o fogão, acendendo os queimadores de gás. Eu queria segurar minha mão sobre a chama, para me punir por ver essa garota na mesma luz que eu tinha visto todas as outras antes de me entregar a Deus.

Minha voz saiu tensa. —Tão fraco quanto você, não acredito que ficar de pé em cima de uma chama aberta seria de seu interesse.

—Eu estou me sentindo melhor. Eu não tenho certeza do que aconteceu antes, mas posso cozinhar algo para nós comermos.

De pé em sua cadeira, ela atravessou a sala e tentou puxar a colher da minha mão. Recusando-me a liberá-la, virei-me para encará-la, meu coração acelerado para ver o quão perto ela estava. Seu pescoço estava arqueado de modo que seu rosto estava angulado para cima, seus lábios cheios ligeiramente separados.

Eu recuei, puxando a colher de seu aperto fraco, ignorando o escovar de seus dedos contra os meus.

—Não, Eve. Você vai se sentar à mesa. — Fortalecendo o tom da minha voz, eu pedi — faça o que eu digo.

Seus olhos se arregalaram e eu internamente me repreendi por tirar proveito de sua condição - me odiava por apreciar a submissão que ela recebeu.

Dizendo-me que comandá-la funcionava, que era para o bem dela, eu apenas aliviei ligeiramente a culpa que sentia por dentro.

Eu tive que levar Eve a um ponto onde ela estava pensando por si mesma, mas para fazer isso, eu precisava que ela parasse de pirar com cada rejeição percebida.

—Eu sinto muito.

—Pare de se desculpar, Eve.

—Eu estou...

Olhei para ela e vi que o rosto dela estava vermelho por causa do quanto ela lutou para segurar as lágrimas. Expirando minha frustração, e lembrando que era o meu lugar para levá-la para a luz, eu me movi para o lado dela, ajoelhando-me para que pudesse pegar a mão dela e olhá-la nos olhos.

—Eu aprecio sua obediência. No entanto, suas tentativas de adivinhar meu julgamento são frustrantes. Você não fez nada de errado. Eu não estou bravo com você. Eu não vou mandar você embora e você não será punida por nada. Você entende?

Sussurrando no ar quebrado, ela respondeu: — Sim.

—Bom.

De pé, sem falar mais do que uma única palavra, voltei ao fogão, mexendo o ensopado de carne que eu estava preparando para a nossa refeição. Permanecemos em silêncio enquanto colocamos as tigelas sobre a mesa e nos sentamos. Depois de pegar a colher, ela soltou um suspiro, empurrando o ensopado em sua tigela. A cor sumiu de seu rosto ao ver a comida.

—O que está errado? — O barulho metálico da minha colher caindo para a mesa acentuou a minha pergunta. Estendendo a mão pela mesa, toquei seu braço, tentando determinar o que a assustara tão violentamente.



Ela olhou para mim com uma acusação em seus olhos, o medo em sua expressão tão óbvia que eu olhei para trás para ver se alguma ameaça espreitava por perto.

Não vendo nada, olhei para ela, percebendo como ela olhava diretamente para mim. —Por que você está dando isso para mim? O que você está tentando fazer?

Ela não gritou as palavras nem falou alto. Sua voz mal era um sussurro quando ela fez suas perguntas. Não havia emoção para elas.

Apenas dor.

—Porque você precisa comer.

Eu pensei que era uma resposta simples, mas com base em seu comportamento continuado, obviamente havia algo muito mais profundo que estava ocorrendo. —Diga-me o que está errado, Eve. Eu não sei qual é o problema.

—Carne. — Soltando a colher para que ela batesse ruidosamente contra a tigela, ela continuou, —Você está me servindo algo que é impuro. Por que você está fazendo isso comigo, Elijah?

Tudo clicou.

Compreensão e entendimento colidiram como um trovão na minha cabeça, a realização do que meu irmão tinha feito.

—Quanto tempo passou desde que você comeu carne? — Acenando minha própria pergunta, eu perguntei: — O que você come normalmente?

Ela olhou para mim como se eu tivesse crescido uma terceira cabeça, mas finalmente engoliu o que quer que ela estivesse sentindo. — O mesmo que o resto da família. Os vegetais que cultivamos, o pão que assamos. Eu estou livre da carne dos animais, do sangue de qualquer coisa que não seja o que Deus criou dentro de mim. Você foi o único que me ensinou isso.

Isso não era bíblico, nem mesmo algo escrito em dogma. Aquele era o condicionamento clássico usado por um predador.

Eu aprendi na faculdade que existem muitas maneiras de controlar uma população em massa.

Líderes de culto, prisões, forças armadas e outros grupos usaram essas táticas no passado e continuam a usá-las para tornar aqueles que eles querem controlar mais maleáveis. Retire a proteína e o B-12 tirando carnes, nozes e outros alimentos necessários para o bom funcionamento do cérebro.

Depois de bastante tempo, eles têm pessoas que não só estão fisicamente cansadas, mas também mentalmente. É um elemento de lavagem cerebral que torna a pessoa mais aberta à sugestão, mais disposta a acreditar nas mentiras que estão sendo contadas.

Respirando pesadamente, eu soltei o braço dela e sentei na minha cadeira. Eu precisava fazer mudanças para ela e não tinha certeza de quanto tempo eu tinha antes de Jericho chegar para buscá-la.

Se eu pudesse convencê-la antes disso, ela teria uma chance de escapar da comunidade doente que ele criou. Mas se ele

chegasse de antemão, eu temia que não houvesse nada que eu pudesse fazer para evitar que ela voltasse para ele.

—Eu quero estabelecer algumas regras novas, Eve, e eu quero começar com você. Você pode ser um exemplo. Eu quero ensinar-te estas novas regras longe dos outros. É por isso que eu estou mantendo você aqui.

Foi uma mentira horrenda, pela qual eu oraria por perdão mais tarde.

Mas era necessário e esse fato era óbvio quando ela sorria timidamente, o brilho de esperança aparecendo por trás de seus olhos.

—Quais são as novas regras?

Olhei para ela por alguns segundos imaginando a rapidez com que ela seria capaz de se integrar a um novo modo de vida, a um sistema de crenças não exaustivo. — A primeira regra é que eu quero que você se refira a mim como Jacob. Eu não sou Elijah por mais tempo, e não é assim que eu quero que você se dirija a mim.

Seus olhos piscaram lentamente e ela pareceu como se resistisse. Em vez de discutir, ela simplesmente abriu os lábios e disse: — Eu posso fazer isso. Meu nome também mudará?

Lembrando quando ela falou comigo pela primeira vez, lembrei-lhe de seu antigo nome. — Eu quero te chamar de Sedra novamente, não porque você tenha feito algo errado, mas porque eu estava errado.

—Não. — Ela balançou a cabeça, estendendo a mão para pegar minha mão. — Você não pode estar errado.

Ela era tão leal, ela *faria* qualquer coisa, ou *seria* qualquer coisa, que eu quisesse.

Doze anos antes, ela teria sido a mulher perfeita. Alguém que olhava para mim em busca de orientação, que confiava cegamente e entregava cada parte de si mesma, se é isso que eu pedia para ela fazer.

O leve toque de memória escorreu pela minha espinha. Imagens da mulher que nunca diria não para mim, que me permitisse levá-la a lugares que a maioria das mulheres nunca veria em sua vida.

Era rendição completa, submissão absoluta; uma mulher colocando sua vida nas mãos de um homem que ela acreditava poder confiar.

E eu falhei com essa mulher.

Eu não cometeria o mesmo erro novamente.

—Eu posso estar errado. Todos, exceto o próprio Deus, podem estar errados.

—Você não...

Levantando-se da minha cadeira, eu contornei a pequena mesa, colocando meu dedo contra seu lábio trêmulo. —Sim, Sedra, até eu. O homem é falível. Todos os homens. Até eu.

Ela tentou falar de novo, a suave escova do lábio contra a ponta do meu dedo roubando a respiração dos meus pulmões. Era erótico, aquele pequeno movimento que enviou calafrios em minha pele, meus músculos se apertando até que pareciam de aço.

Seus olhos eram hipnóticos, ambos nos perdendo para um momento que estava errado, enfrentando uma eventualidade que nunca poderia ser. Eu jurei um voto. Eu não o quebraria por nenhuma mulher, especialmente uma que fosse o exemplo perfeito de inocência.

Limpando a garganta, tentei falar de novo, mas não consegui forçar minha voz mais alto que um sussurro. —Eu quero que você se torne forte, para entender a verdade não só do bem, mas também do mal. Há um mundo inteiro que você não conhece e eu errei por te impedir disso.

Eu também estava errado por mentir para ela, mas eu me convenci de que o resultado possível poderia valer o pecado que eu estava cometendo.

—Você precisa comer. Não há nada escrito que diga que a carne vai te machucar. Deus nos deu animais para usar como achamos melhor. Alguns são para companheirismo, outros para sustento. Seu corpo precisa da proteína, do ferro, das vitaminas e dos minerais que vêm de todas as formas de alimento. Você precisa comer regularmente. Você precisa ser forte em ambos os corpos ... — Colocando minha mão no seu braço, levantei-a para tocar meu dedo contra o lado de sua cabeça. —... E mente.

Hesitante, ela sorriu, a expressão triste apesar da aceitação que eu podia ver em seus olhos. —Eu vou comer o que você me der.

—Obrigado.

Eu queria corrigir o comportamento dela, dizer a ela que ela poderia pensar por si mesma, mas nesse ponto, conseguir que ela

obedecesse e fortalecesse seu corpo era o suficiente para me satisfazer.

Afastando-me, sentei-me na cadeira observando enquanto ela dava uma mordida no ensopado. Ela não parecia certa no começo, mas ela gemeu como se fosse a melhor coisa que ela provou em anos. A fome tomou conta e sua colher moveu-se rapidamente para retirar a comida.

Quando ela terminou, ela empurrou a tigela de lado, bebendo de seu copo de água para lavá-lo. Um pequeno arroto escapou de seu estômago, seu rosto ficou vermelho de vergonha.

Eu não pude me ajudar. Eu ri.

—Você gostou. Isso é bom. Você gostaria mais?

Ela balançou a cabeça *negando* antes de pegar o guardanapo e limpar a boca.

—Desculpe-me por arrotar. — Outro flash de cor brilhou em suas bochechas.

Enquanto terminava minha própria tigela, a ouvi bocejar do outro lado da mesa.

Olhando para cima, perguntei: — Você está cansada? Estou quase terminando e seria melhor para nós dois nos retirarmos para a noite. Eu tenho trabalho a fazer amanhã, mas você é bem-vinda para me ajudar, se quiser.

—Eu vou estar de pé antes do amanhecer.

Balançando a cabeça em descrença, eu redirecionei o pensamento dela. —Não. Não há necessidade disso. Precisa de descanso. Durma o quanto quiser, Sedra.

Sua resposta verificou ainda mais o que Jericho havia feito para controlar as pessoas abaixo dele.

Quando uma pessoa foi negada combustível, negou o sono, negou os requisitos básicos necessários para energizar seus corpos, suas mentes se tornaram mais suscetíveis à sugestão. Era psicologia clássica misturada com o conhecimento da biologia, um método usado pelos monstros para confundir e encurralar as pessoas que eles esperavam em desvantagem.

De pé, segurei minha mão para ela, ignorando a faísca que disparou ao longo do meu braço quando ela aceitou e nossas palmas se encontraram.

Conduzindo-a através do edifício de volta para seu quarto, apreciei o silêncio entre nós. Sua presença era um caos na minha cabeça. Sua voz - a reverência e lealdade que denotava - apenas tornava o caos mais poderoso.

Alcançando sua porta, abri-a, permitindo que ela passasse antes de olhá-la mais uma vez.

—Durma, Sedra. Amanhã vamos rever seu novo estilo de vida. Será melhor para você a longo prazo.

Ela acenou com a cabeça, embora ainda houvesse o toque de suspeita e confusão em sua expressão. Silenciosamente, eu balancei a cabeça para trás, fechando a porta até que o barulho da maçaneta foi a única coisa que ouvi ecoando pelo corredor.

Caminhando de volta pela igreja, assegurei-me de que todas as portas e janelas estavam trancadas, acabando por me retirar para o meu próprio quarto na reitoria adjacente. Depois de tirar a roupa e pendurar minhas roupas, tomei banho, arrastando a toalha pelo cabelo úmido enquanto entrava no meu quarto para colocar um par de calças de pijama.

Silêncio mortal me cercou quando me ajoelhei ao lado da cama para orar. Pensamentos correram pela minha cabeça de Sedra, de seu corpo e de sua mente. Ela era a tentação perfeita, meu corpo reagindo dolorosamente ao esforço de não a tocar, de não voltar aos erros que cometi quando era mais jovem.

Pensando em meus votos, eu me vi sussurrando-os em voz alta, fortalecendo-os de alguma forma, repetindo-os no silêncio da sala.

Essas orações lentamente se transformaram em lembranças - em pensamentos do presente.

Eu não notei minha mão descendo até que eu estava me segurando sobre minhas calças. Eu não me parei quando dei a tentação de me libertar do material restritivo.

Inchado de luxúria e sensível ao toque, meus quadris se contraíram assim que minha palma envolveu a pele apertada.

Acariciando-me, não pude evitar as lembranças: a luz das velas escorregando pelo couro liso, a luz piscando nos anéis de prata e puxando. A curva perfeita de seu peito enquanto suas costas se arqueavam, as pontas encontrando meus lábios.



Cassandra sempre implorava, pequenos soluços e gemidos destinados a me seduzir em ação.

Agora, as memórias que estavam trancadas ressurgiram com uma velocidade viciosa. Minha mão se moveu com força. Minha culpa ameaçando me afogar onde me ajoelhei ao lado da cama.

Ainda mais do que os fantasmas passados eram as imagens na minha cabeça de outro corpo - do corpo de Sedra - molhado na banheira enquanto eu a banhava. O conhecimento de que ela estava tão perto não ajudou a silenciar a necessidade poderosa que forçou seu caminho violentamente.

Através das minhas veias.

Meus lábios se separaram em um gemido, mas eu abri meus olhos para a cruz que estava pendurada na minha parede.

O que eu estava fazendo estava errado. Apreensão me encheu, medo que eu levaria outra vida com os desejos que alimentaram minha escuridão. Eu estava perdendo o controle de mim mesmo e puxei minha mão para longe, minha respiração sibilando sobre os meus lábios com a dor que a falta de uma liberação havia causado.

Meus olhos treinados na cruz, eu agarrei os cobertores na minha frente para evitar que minha mão terminasse.

Implorando no silêncio, eu implorei.

—Deus me ajude.

*Mas ela, que é autoindulgente, está morta mesmo enquanto vive. 1 Timóteo 5: 6.*

**Os sonhos se tornaram pesadelos na minha primeira noite neste novo lugar.** O sono escapou do meu alcance pelo menos uma vez por hora, meus olhos se abrindo a cada vez para encontrar a sala mal iluminada onde Jacob havia me deixado.

Uma pequena luz trabalhava muito para iluminar o espaço, mas só servia para projetar sombras sobre a mesa e a cadeira à sua direita. A cruz acima da luz era a única coisa verdadeiramente visível e me perguntei se sua colocação fora deliberada ou apenas outra *coincidência* que provasse a existência da divindade. O resto da sala era banhada em sombras tão escuras que, onde a luz era capaz de tocar, parecia um portal entre duas realidades muito diferentes.

Jogando e virando na minha cama, o suor pegajoso cobriu minha pele. Eu chutei os cobertores para longe de mim. Eu estava muito quente. Demasiada... *carente*?

Mesmo o pano macio do robe que Jacob me deu estava quente demais para suportar.

Desatando a faixa, deixei os dois lados se abrirem e se afastarem do meu corpo.

—Agora *isso* é uma bela vista.

Eu pulei, meu coração pulou na minha garganta, minha respiração ficou tão repentina que doeu.

Suas palavras não foram pronunciadas em voz alta. Elas quebraram o silêncio em um sussurro. Eu me esforcei para vê-lo, mas não havia nada além do contorno de uma mesa e cadeira - a cruz bem iluminada na parede.

—Jacob?

—É assim que você me chama agora?

Falado devagar, a cadência profunda de sua voz enfatizava cada palavra. Balançando a cabeça, fiquei tão intrigada com nomes que achei que tinha perdido o contato com minha própria identidade de alguma forma; transformado em seu destino apenas para ser revertido de volta para quem eu tinha sido antes.

Quem era ele?

Por que eu estava sendo atormentada com a constante mudança de regras e fatos sobre tudo que eu achava que conhecia?

—Você me disse para chamá-lo assim.

Meu medo diminuiu para reconhecer sua voz, mas a ansiedade correu para preencher os lugares deixados vagos.

—Eu sei. — Ele não se moveu para a luz, não fez outro som para me deixar encontrar onde ele estava. Eu não consegui avaliar a direção geral da voz dele.

Quando ele falou, ele estava em todos os lugares ao mesmo tempo.

—Estou impressionado com a rapidez com que você já mudou. Não há nada que você não faça por mim?

Eu não sabia de onde vinha, mas uma brisa fresca passou pelo meu corpo, lembrando-me da minha nudez. Sentando-me, continuei a espreitar na escuridão procurando por Jacob enquanto apertava o roupão ao meu redor.

—Deixe aberto.

Um comando, sua voz era mais forte, mais robusta, do que como ele havia falado antes. Eu soltei o roupão, desesperada para agradá-lo e dar a ele qualquer coisa que ele pedisse. Uma estranha alegria me encheu, seu desejo de olhar para mim me mostrando que a conexão entre nós havia retornado. Ele não estava mais zangado.

—Deixe-me vê-la.

Minhas mãos tremiam quando eu as puxei do meu corpo, meu peito apertando porque eu sabia que seus olhos podiam ver cada parte de mim.

O silêncio era sufocante. Ele não se mexeu, não falou, não me deu nenhum sinal de sua aprovação. Eu sentei completamente imóvel, fechando meus olhos contra o calor que corria ao longo da minha pele.

Um passo e depois dois, o som deles rastejou pelo pequeno espaço.

Ele apareceu pouco a pouco, as sombras projetadas pela pouca luz dando uma ponta às suas bochechas e mandíbula. Suas roupas eram pretas, se misturando perfeitamente na escuridão da sala.

—Suba em seus joelhos e vire-se. Coloque as mãos contra a parede. Olhe só para o travesseiro embaixo de você.

Meu corpo pulou no calor cru em sua voz. Eu tinha que obedecer. Tinha...

Aborrecê-lo seria destruir-me.

Negar-lhe seria o mesmo que negar a Deus.

A fé me encheu quando tomei a posição que ele pediu de mim. Seus passos me avisando que ele estava perto. Eu pulei na única ponta do dedo deslizando suavemente sobre a pele da minha panturrilha.

A pressão do seu dedo suavizou na curva do meu joelho, mas esse toque logo se espalhou para toda a largura da sua mão, seu aperto doloroso ainda sedutor na maneira como ele se movia sobre a parte de trás da minha coxa.

Quando ele se aproximou do ápice das minhas coxas, eu estremeci, a pele entre as minhas pernas tornando-se escorregadia com a antecipação de sua carícia. Mas ele se afastou antes de me conceder seu toque. E eu fui reduzida a cinzas.

Eu virei minha cabeça para olhar de volta para ele, não pensando em como isso era uma violação de seu comando.

Sua mão estava em mim, as pontas dos dedos cavando em minha pele enquanto ele segurava a parte de trás do meu pescoço. Chorando, senti uma lágrima escapar, meus músculos sob os dedos queimando com o quão forte ele me segurou.

Ele não disse nada quando se inclinou, sua respiração quente contra o meu ouvido enquanto ele me segurava em posição. Dor gritou ao longo dos meus ombros de sua mão, mas eu me recusei a reclamar. Tremendo, esperei ansiosamente que ele falasse, para que houvesse qualquer som além da inspiração e expiração rítmica de sua respiração.

Parecia horas antes de ele finalmente perguntar: — Você sabe o quanto eu quero você?

—Sou sua.

Sem hesitação.

Sem dúvida.

Não havia nada dentro de mim, mas precisava.

Eu estava desesperada por ele entender que lamentava ter corrido. Eu nunca mais deixaria o seu lado.

—Por favor...

Sua mão soltou meu pescoço ao meu punho.

Mantendo meus olhos treinados para o colchão debaixo de mim, engoli o gemido de dor que tentava forçar o caminho até a minha garganta. A dor estava limpando.

A dor me aproximou da luz.

A dor foi o que me impulsionou para o êxtase de Deus.

Ajustando-me ao seu aperto, relaxei, permanecendo em silêncio e esperando que ele falasse de novo.

Sua outra mão varreu a parte de trás da minha coxa, puxando com ela o robe que se soltava do meu corpo. Meu traseiro nu estava exposto ao ar, os músculos do meu núcleo ondulavam dentro de mim. Eu estava desesperada por seu toque.

A palma de Jacob roçou a bochecha do meu traseiro, puxando o roupão mais alto até que o material se juntou na parte superior das minhas costas. Eu estava completamente aberta para ele quando ele estava acima de mim em silêncio.

Coração batendo, meu sangue era trovão na minha cabeça.

A maldade passou por mim. Meu pecado estava sendo trazido à superfície para ser removido por sua mão.

Sua boca estava ao lado do meu ouvido. Sua respiração quente.

Tão quente.

Muito quente.

—Faça um som e eu paro. Se eu parar, você falhou.

O medo atingiu meu coração a cada batida, meus dentes afundando em meus lábios para não falar, reagir de qualquer forma ao que estava por vir.

Os dedos de Jacob traçaram a linha do meu quadril, fazendo cócegas na pele da minha cintura e chegando a passar pelas pontas dos meus seios. Meu corpo estremeceu em resposta, meu lábio sentindo como se fosse partir do quão duro eu mordi.

Tremendo sob a tensão da minha posição, os músculos dos meus braços tremiam como se eles dessem. Obriguei-me a permanecer forte, a manter meu corpo exatamente como ele havia dirigido, o terror que eu falharia em enfraquecer minha capacidade de pensar com clareza.

As pontas dos dedos dele se moveram sobre o meu traseiro, parando logo antes de tocar a pele escorregadia entre minhas pernas. Eu me contorci, meus quadris empurrando para cima em seu toque.

Mas isso só serviu para afastá-lo.

Eu não podia reclamar com a perda do calor dele, não podia choramingar ou gemer. Eu tinha sido silenciada por suas exigências e não havia nada que eu pudesse fazer além de respirar com a rejeição.

Ele ficou acima de mim, sem se mexer ou falar.

Eu podia sentir ele me observando, o cabelo na parte de trás do meu pescoço em pé. Eu estava com medo enquanto estava ligada, aterrorizada completamente e totalmente entregue.



Minutos se passaram, um após o outro, minha ansiedade aumentando enquanto eu me perguntava o que ele faria. Ele me machucaria? Sua raiva sempre levou à dor, mas afastou meu pecado - me purificou.

Eu merecia a dor, acalentava porque me deixaria pura.

Quebrando o silêncio espesso, ele perguntou: — Dói quando eu recuso você?

—Sim. — Falado em uma voz quebrada, a única palavra saiu na minha respiração trêmula.

Sua mão estava em mim novamente, sua pele varrendo a minha com movimentos lentos e precisos.

No fundo e num tom suave, ele falou comigo.

—Você precisa me seduzir, meu amor. Não importa o que eu diga, o que eu faço, você deve me mostrar como você pode ser leal.

Apesar da maneira silenciosa em que ele falou, suas palavras reverberaram através do quarto, ao longo da minha pele até que eu jurei meu coração bater alto o suficiente para ele ouvir.

Descendo, seu dedo deslizou ao longo da carne que estava inchada com a minha necessidade por ele. Ele nunca empurrou para dentro, simplesmente movendo a mão para trás e para frente, tocando lugares que fizeram meu corpo inteiro tremer e se contorcer.

Com a outra mão, ele puxou meu cabelo, levantando minha cabeça de onde estava posicionada. Olhando para baixo, ele disse: — Eu vou te desafiar. Eu vou gostar de recusar você. Mas você ainda

pode me seduzir. Você *deve* ter fé em mim, Eve. Não importa o quê, você *deve* me seduzir quando eu a testar.

Seus dentes mordiscaram a curva do meu pescoço e ombro. Seu dedo empurrou dentro do meu corpo.

Eu estava perdida.

Eu fui encontrada.

Eu estava amaldiçoada.

Eu fui perdoada.

Mordendo minha língua, segurei o prazer que lutava para escapar em um grito.

Dividido à parte, queria implorar por mais. Eu queria que ele se movesse dentro de mim, tomasse meu corpo com o dele.

Eu queria que a dor terminasse, para que minha limpeza fosse completa, mesmo sabendo que era apenas o começo.

Soltando meu pescoço com os dentes, sua mão livre correu pelo meu braço direito, as pontas de seus dedos cavando em meus músculos que já estavam doloridos e queimando da posição que eu segurava. Minhas próprias mãos tremiam contra a parede onde elas ainda estavam firmemente pressionadas, uma lágrima escapando do meu olho com a dor terrível que seu toque deliciado.

Ele mexeu o dedo dentro de mim, ondas de euforia de construção me atingindo.

Empurrando.

Retirando.

Lento.

Tão lento.

Prendi a respiração para não gritar, minha mente girando pela falta de oxigênio. Meu lábio estava inchado e sangrando onde eu mordi.

Ele puxou o dedo para esfregar meu clitóris. Meu corpo resistiu contra ele, a liberação pequena, não o suficiente ... nunca o suficiente.

Eu não consegui segurar a posição. Eu caí no colchão. Seu toque era demais. Medo disparou através de mim que eu tinha falhado.

O prazer não é realmente prazer, não quando os sentimentos que o atravessam lutam contra o terror que domina sua mente.

Eu me enrolei em uma bola no colchão.

Jacob não me tocou, não falou, não se moveu para me deixar saber se ele estava acima de mim ou se ele tinha saído da sala.

Eu era uma desgraça.

Eu era uma vergonha

Eu era desejo e necessidade, fogo e enxofre.

Eu o tinha maculado?

*Ele não...*

Minutos pareciam horas. Meu corpo não parava de tremer. Eu não conseguia mexer meus braços e me senti imunda entre as minhas pernas.

Eu era uma prostituta.

Eu era dele.

As mãos de Jacob estavam em mim, agarrando minha perna e braço. Um grito assustado se soltou dos meus lábios quando ele me virou de costas.

Meu robe caiu aberto, expondo cada parte para ele.

Eu podia sentir o calor de sua respiração em mim. Sua mão envolveu minha garganta, apertando a um ponto onde eu não conseguia respirar. Eu queria estender a mão para detê-lo, mas mesmo que pudesse usar meus braços, isso só pioraria as coisas.

Por que eu sempre falhava?

Por que ele achou que eu era a *única* quando não fiz nada além de desapontá-lo?

Pegando-me pela minha garganta, ele me segurou de modo que meus braços balançaram inutilmente ao meu lado. A espera era insuportável.

Ele iria?

Não seria?

Meu corpo convulsionou em seu aperto, meus pulmões gritando pelo ar que eles estavam desesperados para atrair.

Ele riu.

Suave, sensual e profundo, ele riu.

—Por que você nunca pode seguir instruções, Eve? Por que você sempre deve ser tão desobediente? Aceite seu lugar.

A voz de Jacob era suave, tão sombria. —Confesse.

Sua mão soltou, meu corpo caindo contra a cama enquanto meus pulmões se encheram de ar. Eu não pude evitar minhas lágrimas, não pude me mover para me salvar por medo de que isso só faria a punição durar mais tempo.

—Vire-se.

Eu tentei obedecer, mas meus braços ainda queimavam, ainda se recusava a se mover do jeito que eu precisava para me mover. Eu tentei cair, mas era inútil, eu estava muito apavorada.

Ele me agarrou, virando-me antes que eu pudesse fazer o que eu tinha dito.

O tapa de sua mão contra a minha parte inferior ecoou pela sala.

Foi seguido por outro.

E outro.

Ele era implacável, dominante, cruel.

Oh Deus, ele era lindo.

— Assuma a posição, Eve. Tente novamente. *Nunca* pare de tentar.

Chorando, eu me levantei. Eu forcei meus braços para apoiar o meu peso para que eu pudesse sentar em meus joelhos antes de colocar minhas mãos na parede.

Meu rosto estava direcionado para o colchão. Meu corpo apresentou para seu uso.

Eu esperei sem fôlego pelo que ele faria.

Seus dedos brincaram através da pele entre as minhas pernas e ele rosnou, o som baixo e ameaçador, mas ainda forçando o calor a florescer dentro de mim. Eu queria, por favor, eu estava desesperada para agradá-lo. Eu faria qualquer coisa que ele pedisse.

—Você está tão pronta, tão necessitada, tão inchada. Se você pudesse aprender a se comportar. Quando você vai parar de lutar?

Seus dedos estavam dentro de mim, me acariciando, forçando prazer ao longo dos meus nervos e através do meu núcleo.

Meu corpo se moveu por vontade própria, meus músculos agarrando seus dedos avidamente. Eu só conhecia o toque de um homem, dele, mas esse toque tinha me mostrado a verdadeira divindade. Toda vez que ele me dava seu prazer, eu mergulhava em nuvens que eu nunca soube que uma pessoa poderia alcançar. Eu não era boa o suficiente, não era forte o suficiente ou pura o suficiente, e eu não conseguia entender por que ele não via isso.

O colchão afundou com seu peso.

Seus quadris e pernas se moviam entre os meus.

Eu podia sentir suas calças roçando minha pele.

Sua boca estava ao meu ouvido, meu corpo se contorcendo contra sua mão. Minha respiração estava frenética, a cama abaixo tremendo do jeito que eu me movi.

—P-por favor ...

Eu estava quase lá, quase naquele lugar que só ele poderia me mostrar.

Seus dedos se afastaram.

Uma fivela destravada.

Grosso e duro, ele empurrou contra o meu corpo.

Dentes afundaram no meu ombro. Dedos enrolados no meu pescoço. Ele puxou a boca da minha pele quando ele me disse para *confessar*.

Ele empurrou dentro do meu corpo.

Esticado e tenso, meus músculos agarraram em torno dele.

Meu corpo ficou vivo quando meus lábios se separaram, enquanto eu dizia a ele todas as maneiras que eu tinha pecado.

—Eu não acreditei — eu sussurrei — eu não tentei o suficiente.

Foi tudo que eu pude dizer.

Ele estava se movendo dentro de mim e eu estava perdida para tudo, menos ele.

Dentro e fora, para frente e para trás. Meu pecado cobriu minha pele.

A tentação me encontrou.

Apegado à sensação, um escravo de sua respiração contra a parte de trás do meu pescoço, eu empurrei minhas mãos contra a parede, mordi minha língua com mais força, subi para aquele lugar onde eu poderia finalmente deixar ir.

A tempestade estava aumentando. Estava fervendo. Era uma tempestade de raios e mel dentro de mim. Uma onda de ondas de choque, demorando até eu estar me afogando.

Meus músculos pulsaram sobre ele.

Ele empurrou incrivelmente mais profundo.

Eu não consegui respirar.

Eu não conseguia pensar.

Eu não pude...

Seu corpo ficou parado, a cabeça de seu pênis enterrada tão fundo que era a única coisa que eu podia sentir.

Como um adicto sem esperança, eu gritei quando ele se afastou.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto para cair no colchão, meus braços queimando da posição que eu recusei a soltar novamente.

A coragem em sua voz era minha ruína. —Seduza-me em todos os momentos, Eve. Mostre-me que você pode se comportar. Mostre-me como você é leal. Eu vou resistir a você. Eu vou te recusar. Eu vou te contar coisas que não podem ser verdadeiras. Você tem que acreditar. Você deve me mostrar que ainda tem fé em



tudo o que eu te ensinei. — Sua testa pressionou contra a parte de trás da minha cabeça. —Você me entende?

—Sim — eu respirei.

—Mostre-me o caminho para te perdoar. Mostre-me que sou sua única luz.

Assentindo com a cabeça, eu gritei: — Eu vou fazer isso. Não importa o que, eu não vou desistir.

—Boa menina.

O colchão se moveu, o ar frio se apressando para preencher as áreas onde ele estava pressionado contra a minha pele.

—Eu tenho algo para você. Nunca tire isso.

Metal frio escorregou no meu pescoço, um pingente grande pendurado agora, balançando contra meus seios.

Eu ouvi seus passos se afastando de mim, mas eles pararam antes que ele pudesse sair da sala. —Fique como eu te deixei. Não se mova até eu voltar.

A porta se abriu e fechou, a sala ficou em silêncio e escuridão, como se ele nunca tivesse estado lá em primeiro lugar.

Eu estava com muito medo de me mexer, para olhar para trás para ver se ele realmente havia partido ou se era apenas mais um de seus testes.

Apesar da dor que eu estava, eu segurei a posição.

Eu jurei que não iria me mexer novamente. Era hora de eu provar a ele o quão leal eu era.

*Então eu acho essa lei em ação; embora eu queira fazer o bem, o mal está bem ali comigo. Romanos 7:21.*

### **Eu estava exausto quando acordei.**

Os sonhos assombrosos que me provocavam eram incessantes. Rastejando debaixo dos meus cobertores, eu joguei minhas pernas para o lado da cama, esfregando meu rosto com as mãos antes de olhar para o crucifixo na minha parede.

*Ele* olhou para mim, a imagem e símbolo do único ser que poderia me conceder a salvação dos meus pecados. O único ser que poderia me conceder absolvição do meu passado.

Depois de tomar banho e vestir minhas roupas, eu prendi o colarinho clerical branco no lugar, acreditando que o que eu carregava dentro era o pior dos pesadelos que eu enfrentaria. Sedra estava fresca em minha mente, sua situação ocupando a maioria dos meus pensamentos.

Como eu iria evitá-la enquanto a ajudava ao mesmo tempo?

Não houve respostas e sobre este assunto, Deus, como de costume, ficou em silêncio.

Eu era um Padre, um homem que deveria saber exatamente como nosso criador pretendia que vivêssemos, mas com essa

situação - esse quebra-cabeça - todo o conhecimento arcaico escrito em Seu livro era inútil para responder às perguntas que eu tinha.

Lutar com meus próprios demônios enquanto tentava exorcizar a Eve era demais para um homem como eu. Sussurrei meus votos de novo quando caí de joelhos, esperando sinceramente que lhes dar voz lhes desse peso. Daria a eles significado e poder para significar algo quando eu me deparasse com a tentação.

Finalmente saindo do meu quarto, um grito soou do santuário. Minha cabeça girou em sua direção, meus pés me carregando pelo corredor vazio.

Entrando no santuário, olhei para o altar, congelando no lugar para encontrar uma jovem freira vestida com o hábito branco de uma mulher que ainda não havia feito seus votos. Ela estava caída em frente à estátua de Maria que ficava à esquerda do altar, suas mãos trabalhando no sinal da cruz sobre seus ombros, cabeça e coração.

Horror estava escrito na expressão da freira quando ela olhou para cima novamente.

Eu também estava silenciosamente perdido para a profanação que estava diante de mim.

A estátua branca, normalmente pura, havia sido mutilada - desenhada no que parecia ser uma cor vermelha escura.

Lágrimas escorriam dos olhos dela como sangue, os lábios dela estavam pintados para se parecerem com batom. Mamilos tinham sido puxados sobre os seios e a base do manto estava coberta para parecer que ela havia passado por um massacre. *Put* estava escrito

em sua testa, o bebê que ela segurava fora desenhado para parecer destruído e esmagado.

Líquido reunido no chão onde a estátua estava. Presumi que fosse tinta, apesar da notável ausência do cheiro.

Finalmente me empurrando para cima, eu corri para onde a jovem freira tinha amassado.

Ajoelhando-me, rezei ao lado dela.

Incapaz de fechar os olhos, observei seus dedos trabalharem sobre o rosário, lágrimas escorrendo pelo rosto abandonado, seus lábios se movendo e soltando suas orações em um rápido sussurro.

Virando, toquei a tinta na base da estátua, levantando minha mão para perceber que não era o que eu esperava que fosse.

Sangue cobria minhas mãos, pegajoso e frio ao toque, a cor vermelha mal iluminando o preto úmido que se tornara em sua espessura no chão.

*Sedra ...*

Meu coração se alojou na minha garganta, meu pulso tão pesado e duro que bateu notavelmente contra a minha pele.

Correndo para fora do santuário, eu recusei outro corredor sem sequer pensar no que estava fazendo.

Eu abri a porta do quarto de Sedra, parando de repente com a visão diante de mim.

Ela estava espalhada em sua cama, de braços no colchão, os braços estendidos acima da cabeça, as palmas das mãos pressionadas contra a parede.

Seu corpo estava exposto de onde seu manto foi aberto e amontoado sobre seus ombros. O brilho da umidade escorrendo por suas pernas.

Sem pensar, corri para o lado dela e agarrei-a. Ela gritou quando eu toquei seus braços.

Medo e alívio, culpa e desejo, eles se encontraram em uma tempestade perfeita dentro de mim, me separando pelas costuras.

—Sedra ...

—Eu sinto muito. Eu sinto muito... — Ela interrompeu minhas palavras sussurradas com as dela.

Sedra mal podia falar, sua boca se abrindo e seu corpo tremendo. Eu não pude deixar de ver seu corpo exposto para mim, seu roupão aberto ao seu lado, puxando-o de onde ele havia se reunido, eu a cobri rapidamente, o ato apenas fazendo ela chorar mais.

Olhando-a por quaisquer ferimentos, fiquei aliviado por não encontrar nenhum. O sangue no santuário não poderia ter vindo dela.

Meus olhos se fixaram no preto e azul em torno de sua garganta.

Criado por mãos grandes, era como se quem a agarrou ainda segurasse, recusando sua paz apesar de tê-la deixado sozinha na sala.

—Sedra ... — Eu falei baixinho, lentamente, em um esforço para evitar perturbá-la mais do que ela já era. —Quem fez isto para você?

—Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu estou ...

Sem parar, ela se desculpou, mas quando me mudei para consolá-la, ela gritou ao meu toque.

Sacos pendiam pesadamente sob os olhos verdes que olhavam para o nada. Ela não estava completamente comigo no quarto, sua mente desarticulada e fraturada a um ponto em que qualquer realidade em que ela existisse naquele momento estava muito além do meu alcance.

Puxando os cobertores de baixo dela, eu estremeci cada vez que ela choramingava da dor que causava. Cobrindo-a, coloquei meus lábios em sua testa, chegando a fechar os olhos com a mão.

Suavemente, implorei: — Durma, Sedra.

Ela se acalmou embaixo de mim, o choque das minhas palavras fazendo todo o seu corpo se encolher, mas em segundos eu pude sentir seu relaxamento contra o colchão, seu corpo cansado finalmente cedendo ao resto que ela tinha sido negada.

Silenciosamente rastejando da sala, eu fechei a porta, virando-me para encontrar a jovem freira em pé na minha frente no corredor. Seu rosário estava agarrado a seu peito, o sangue do santuário manchando a barra inferior de suas roupas.

—O mal esteve aqui, Padre. Mal diferente de tudo que eu já vi antes. — Lágrimas continuaram a fluir de seus olhos, regatos úmidos deslizando por suas bochechas para cair no chão.

Tocando seu queixo, inclinei seu rosto para olhar para mim. Ela abriu os olhos e eu pulei para ver que eles não tinham cor, exceto pelo preto de suas pupilas.

—Por que você está aqui, Irmã? Eu não pedi ajuda hoje.

Suas mãos tremiam onde estavam aninhadas em seu peito, o crucifixo que pendia de seu rosário balançando em movimento agitado em seu peito. —Eu fui enviada pela Mãe. A Irmã Joyce não voltou ontem à noite. Estou aqui para verificar o paradeiro dela.

Choque rasgou através de mim. O choque e a raiva amarga que senti em relação a um homem que eu sabia que era a causa disso.

Congelado e sólido em minha própria descrença, olhei para o corredor que levava à cena horripilante disposta no santuário. Sem responder, perguntei: — Havia algo mais fora de lugar, vandalizado ou destruído no santuário além da estátua?

Ela soluçou, seu rosto caindo para olhar o chão sob seus pés.

—A água sagrada contida na pia foi contaminada. Eu não tenho certeza com o que, mas parecia ferrugem quando mergulhei meus dedos dentro. Eu tinha esquecido completamente quando entrei no santuário e descobri que nossa Senhora tinha sido ...

Suas palavras se transformaram em um soluço de partir o coração, seus dedos deslizando sobre as contas de seu rosário a tempo de suas lágrimas.

Colocando minhas mãos em seus ombros, eu a levei para fora do corredor e para a cozinha, sentando-a na mesma cadeira que Eve ocupou na noite anterior.

—Sente-se aqui, Irmã. Eu preciso explorar minha paróquia. Ainda não sabemos o que foi feito. Por favor, não deixe seu medo te consumir. O mal não pode residir na casa de Deus.

Seus olhos dispararam, o branco e o preto ampliados pelas lágrimas. —Precisamos chamar a polícia ... relatar isso.

Meu coração apertou com suas palavras.

Eu não queria a polícia envolvida. Não até que eu tivesse todos os detalhes do que aconteceu enquanto eu dormia.

—Eu vou chamá-los, Irmã. Por favor. Tome um chá quando se sentir forte o suficiente. Permita-me algum tempo para verificar todos os danos. Tenho certeza que não é nada. Provavelmente, jovens vândalos pensavam que profanar uma igreja seriam momentos divertidos.

Ela assentiu, ainda segurando as contas. Antes que eu pudesse sair do quarto, ela gritou para mim. —Padre? Você já viu a Irmã Joyce ou ouviu falar dela? Mãe vai querer saber.

—Tenho certeza de que a Irmã Joyce está bem, mas não. Eu não tenho notícias dela desde a noite passada. É duvidoso que sua ausência e o vandalismo da paróquia estejam relacionados.

Mentiras e mais mentiras.

As inverdades se acumulando em uma pilha de imoralidade que eu teria que expiar quando chegasse a hora.

Deixei a jovem Irmã sentada na cozinha enquanto inspecionava o resto da paróquia. Nada estava fora de ordem, exceto por uma janela aberta no meu escritório.



Não tinha sido aberta na noite anterior. Eu me lembrei de trancá-la.

Uma brisa soprou através do quarto, ainda levando consigo o cheiro das flores noturnas que se fecharam quando o sol surgiu no céu esta manhã.

Fechando a janela, eu pulei quando a moldura de madeira bateu contra o peitoril. Jericho teve que ser responsável pelos danos à estátua ... a Sedra.

Finalmente, permitindo que meus olhos percorressem o pátio da frente da paróquia, vi um homem vestido todo de preto.

A raiva era um tambor sob a minha pele, meu passo longo e apressado enquanto eu fazia o meu caminho para ele.

Ele estava encostado em uma árvore quando me aproximei.

Despreocupado. Casual. Intocado.

Sua cabeça levantou, seus olhos encontrando os meus.

—Você está gostando dela, Jacob?

— Por que você esteve na minha paróquia ontem à noite?

Ele se afastou da árvore e deu um passo à frente, o sol matutino escurecendo as feições de seu rosto. Sorrindo, algo perverso e escuro brilhou na expressão exagerada.

—O que você fez com a Irmã Joyce? — Perguntei.

Sua cabeça inclinou para um lado, um brilho piscando atrás do azul prateado enquanto ele me examinava. Fingindo confusão, ele

encolheu os ombros e comentou: — Eu não tenho ideia do que você está falando.

—Tenho certeza. — Descrença saturou minha voz. —Eu não sei o que você está fazendo, Jericho, mas para aqui e agora, acabou. Onde está a Irmã Joyce? Onde você conseguiu o sangue usado para destruir meu santuário?

Levantando as mãos, ele as estendeu para mim, palmas para cima.

—Não vejo sangue nas minhas mãos. Não tenho certeza do que você quer dizer.

Ele sorriu de novo, dando um passo à frente, de modo que um feixe de luz direta se deslocou sobre seu corpo, um halo reluzente o cobrindo. — Você vai dar ela de volta para mim agora?

—Não depois do que você fez com ela. Não foi o suficiente distorcer sua mente, mas você não pode sequer dar-lhe uma noite de adormecimento?

Ele riu, seu sorriso doente revelando a malevolência que tão obviamente existia dentro dele.

—Ela é minha, Jacob. Eu ensinei a ela, criei ela, a treinei para ser tudo que uma mulher deveria ser. Ela é especial. E ela será minha novamente.

Dando um passo à frente, eu me recusei a recuar, minha raiva alimentando algo profundo que eu havia tentado esquecer que existia nos anos que eu havia me escondido atrás do manto de um homem de clausura.

—Ela não é nada como qualquer pessoa deveria ser. Não homem e não mulher. O que aconteceu com você, Jericho? Quando saí de casa, você era um homem devoto. Você acreditou na fé e na Igreja, e agora? Agora você está fazendo tudo o que pode para espalhar o mal que o consumiu. Você está com raiva do que a Igreja fez?

Meu comentário não o perturbou visivelmente, mas eu conhecia meu irmão bem o suficiente para saber que seu silêncio momentâneo foi estimulado pelas palavras cortantes que eu havia falado.

Eu esperava que ele explodisse com sua resposta, para ele amaldiçoar o chão que eu andava, mas em vez disso, ele simplesmente deu de ombros novamente, limpando tudo que eu disse.

—Você vai aprender.

Olhando para mim, o azul dos olhos dele parecia fogo frio à luz do sol. —Você fica lá fingindo ser algo que você não é. Algo que você nunca poderá ser. — Dando outro passo à frente, ele perguntou: — Quanto tempo você acha que poderá se esconder do seu passado ... para evitar que a história se repita?

Minha coluna se endireitou, cada músculo apertando meu corpo. O que ele poderia saber do meu passado? —Eu não sei do que você está falando ...

—Na verdade, você sabe. — Segurando um dedo, ele me silenciou, o conhecimento sinistro esgueirando-se por trás da expressão de aplauso que ele usava. —Eu até apostaria no fato de

que seu passado está te alcançando nos últimos dias. Tenho certeza que Eve é o catalisador.

—O que você sabe?

—Tudo, Jacob. Eu sei tudo.

Ele andava de um lado para o outro, virando as costas para mim de vez em quando, sem a menor preocupação de que eu o atacaria por trás.

—Eu segui você, irmão. Acompanhei todas as suas realizações. O que você fez na faculdade, os artigos que você publicou, cada um dos seus eventos de vida ...

Parando em suas trilhas, ele não se virou para mim quando acrescentou: — Incluindo a morte daquela pobre e inocente mulher.

Meus dentes moem juntos. —Sua morte não foi uma conquista.

—Tenho certeza.

Voltando sua atenção para mim, ele deu um sorriso genial. — No entanto, não tenho certeza se a morte dela foi um acidente, como você disse à polícia também. Pelo menos não da maneira que você descreveu.

A luz brilhou em seus olhos mais uma vez. —Eu conheço você, Jacob. Eu conheço seus gostos, seus desgostos, sua escuridão ...

—Aqueles eram tempos antigos, Jericho. Nós éramos jovens ... estúpidos ...

—Nós ainda somos as mesmas criaturas. Você pode negar tudo o que quiser, mas sabe tão bem quanto eu que existem

qualidades inerentes dentro de cada um de nós. Negá-los só vai deixá-lo louco.

—Foi isso que aconteceu com você?

Ele sorriu com a minha pergunta, mas foi incapaz de responder antes de nós dois ouvirmos a porta da paróquia se abrir.

Olhando para trás, notei a jovem freira saindo da porta, o branco puro de seu hábito manchado de sangue.

—Um jovem inocente envolto no sudário de uma prostituta.

A voz de Jericho era um murmúrio carregado pelo vento.

A raiva rolou através de mim com as palavras, memórias de sua profanação da estátua de Maria, suas palavras provocando uma preocupação renascida pela Irmã Joyce.

Voltando-me para ele, minhas mãos se fecharam em punhos.  
—O que você fez com a Irmã Joyce?

O canto da boca dele se curvou. —Agora é minha vez de afirmar que não faço ideia do que você está falando.

—Vou chamar a polícia...

Seus olhos se encontraram com os meus. —Chame-os. Não há nada para eles descobrirem. Exceto por uma brincadeira infantil jogada na sua igreja. Bem ... — Ele sorriu, seus dentes brilhando à luz do sol nascente. —... Isso e a garota confusa que você escondeu que não pertence a você. Aquela que eu suponho está muito assustada no momento. Usada, machucada e terrivelmente confusa sobre quem estava segurando-a.

Sua satisfação em me encurralar era tangível no ar da madrugada.

Como diabos eu explicaria tudo isso?

A jovem freira se aproximou de nós. Inconsciente da situação no início, sua expressão mudou quando ela olhou entre nós. Sua surpresa saiu em um suspiro alto, a mão que voou para a boca ainda segurando o rosário. —Vocês dois são ...

Em sua surpresa, ela não conseguiu terminar a declaração. Eu precisava forçá-la a entrar na igreja, para protegê-la de Jericho.

Estendendo a mão, eu agarrei seu ombro, virando as costas para o prédio e dando alguns passos para empurrá-la para frente.

—Irmã. Esse é um lindo véu que você veste. — A voz baixa de Jericho rolou pela extensão, aparentemente tomando conta do grande espaço aberto em que estávamos.

A jovem freira se virou, incapaz de resistir à curiosidade de olhar para o homem que era idêntico a mim.

Embora eu gentilmente puxasse o braço da freira para ganhar sua atenção, ela não conseguia desviar o olhar de Jericho. Ela estava muito extasiada.

Eu o ouvi rir quando ele se aproximou. Afastando-me, observei quando ele pegou sua mão trêmula. Ela pulou, algo profundo dentro sentindo a malevolência do homem na frente dela.

Em uma respiração abafada, ele falou. —Antes de fazer seus votos, pense a quem você servirá. É verdadeiramente a Deus quem

você se dá, ou é algo diferente que se apresenta em roupas de ovelha?

Ela tentou tirar a mão dele, mas ele segurou mais forte.

Eu não sei porque eu não agi para impedi-lo, não me movi para removê-lo da mulher inocente que ele estava tentando manipular. Eu estava muito focado em descobrir o que ele diria, muito esperançoso de que ele cometeria um erro e me dar uma dica para a razão que ele distorceu Sedra tão completamente.

—Olhe para mim. — Sua voz era severa e pela primeira vez eu testemunhei um vislumbre da loucura que eu sabia que existia dentro dele.

A jovem freira olhou para cima, seu corpo tão quieto que eu sabia que ela estava com medo dele, intimidada por sua presença e pela confusão que criava dentro dela.

A voz de Jericho era um sussurro nu. —Você está se tornando uma prostituta para o próprio Diabo, desistindo de sua pureza e sua luz para um corpo de mentirosos e ladrões.

Ela puxou a mão, recuando com um olhar de medo cru escrito em sua expressão. Jericho sorriu, avançando em seu espaço. —Qual é o seu nome?

Seus pés se moveram rapidamente para colocar mais distância entre eles, sua voz tremeu quando ela respondeu: — Eunice.

—Que nome adorável. — Encantado por suas respostas, ele continuou. —Diga-me, Eunice, você foi tocada? Talvez um soberano, do outro lado dos dedos, tenha te excitado, ou talvez um Padre

excessivamente amistoso que te ajudou a reparar seus pecados de toda a vida.

Estendendo a mão, ele passou a mão pela bochecha dela e ela estremeceu, o tremor de seu corpo visível mesmo ao longo da distância onde eu estava e assisti.

A fortaleza de Jericho escorregou levemente, a persona que ele carregava lavando lentamente para revelar seus pensamentos malévolos. —Mas você não tem sido sempre assim, tem? — Sua boca enrugou, sua língua estalando contra sua bochecha antes dele sorrir novamente. —Oh, venha agora, linda, não se sinta envergonhada. Quem foi o garotinho que você deixou tocar em você? Conte-me tudo sobre como ele fez você se sentir.

Deslizando a mão para baixo ao longo de seu pescoço, ele sorriu quando ela se encolheu, mas não se moveu para se libertar. Ela parecia hipnotizada pela voz dele, os olhos arregalados de tanto desejo e horror; o ar de autoridade que ele carregava, tendo-a seduzido quase completamente.

—Eu poderia tocar você ainda mais fundo, Eunice. Minhas mãos não estão ligadas a falsidades e ganância, minhas mãos estão livres.

Sua mão deslizou ao longo de seu corpo ainda mais, roçando seu seio e descendo ao longo de seu abdômen. Ela estremeceu onde estava.

Congelada em seu próprio medo, ela foi incapaz de fugir, seus olhos passando rapidamente para mim, implorando para eu intervir.

Eu não pude.



Não porque eu estava fascinado pelo meu próprio gêmeo. Não porque eu não sentia pena da menina que estava encolhida diante dele. Foi porque me lembrei dos meus próprios segredos sujos. Aqueles que eu estava lutando desde que outro de sua *família* desabou no gramado em frente à minha paróquia.

Jericho era tão carismático e encantador agora como ele era na nossa juventude.

Capaz de dar voz a besteiras e fazê-lo cair em ouvidos dispostos e atentos por causa do tom que ele usou.

Essa mulher sabia que ele estava errado no que ele disse. Ela sabia que deveria se afastar dele, que deveria correr se tivesse a chance, mas ela ficou. Foi a mesma história repetida quase vinte anos depois.

Nós dois recebemos tudo o que pedimos, nenhuma mulher recusando nossos avanços ou nos esquecendo quando terminamos de brincar com ela. Quantas mulheres abusamos em nossa juventude? Quantas ele continuou a abusar desde a última vez que o vi?

A mão dele escorregou entre as pernas dela, o material do robe dela se acumulando onde ele a tocou. Com os olhos arregalados, o medo agora a estrangulou onde estava.

Eu sentei em silenciosa testemunha de seu terror.

Ela não conseguiu se afastar, possivelmente sentindo pela primeira vez o toque da mão de um homem.

Foi contra tudo que ela aprendeu em sua fé. Um gemido - ou foi um pedido? - escapou dos lábios dela. Jericho sorriu sabendo bem que ele ganhou a vantagem.

—Você gosta disso, não é? — O riso suave escapou de seus pulmões, seu pé se movendo para frente para que ele pudesse estar mais perto dela, elevando-se sobre seu pequeno corpo.

—Como seria se meus dedos se movessem um pouco mais longe? — Ele perguntou, sedução rolando em sua língua. —Como se sentiria se eles escorregassem dentro da sua boceta da Bíblia?

O próximo movimento de Jericho foi tão rápido que meus olhos não conseguiram rastrear.

Dentro de uma fração de segundo, a mão que a estava atormentando entre as pernas dela agora estava completamente enrolada em volta do pescoço dela. Ela foi levantada do chão, seus pés chutando mal fazendo contato com a sujeira abaixo. Deixando cair seu rosário para alcançar em uma tentativa de libertar suas mãos, seu rosto ficou azul, ela estava com a boca aberta em um grito silencioso.

Sua expressão era impassível. Olhando para ela com os olhos de um homem que não era novo na tortura que ele infligiu nela.

Claramente, ele articulou cada palavra que ele falou em seguida.

—Eu senti você se molhar ao meu toque; o *medo* e o *tremor* do seu corpo não é um caminho para a sua própria salvação, mas uma resposta à prostituta que existe dentro de você. Usando a pureza de

uma virgem, você zomba de Deus ao se entregar cegamente à maior manifestação do mal que existe. Você sabe como você é nojenta?

Ela gritou quando seu corpo bateu no chão. Derrubada como nada mais do que uma boneca esfarrapada, ela se encolheu, seu corpo tremendo nos soluços sufocados que saíam de sua garganta. A violência física quebrou meu fascínio.

Pulando rapidamente para sua ajuda, eu a puxei do chão, firmando-a nas pernas trêmulas. A raiva encheu meu corpo quando senti o medo percorrendo dela.

Minhas palavras saíram do meu peito apertado, minha espinha sólida ao longo das minhas costas. Cada músculo se contorceu com a fúria que mal contive.

—Deixe essa propriedade agora, Jericho. Não me deixe ver você aqui novamente, ou então Deus me ajude, eu vou ...

—Você vai o que? Chamar a polícia? Os enviar para minha propriedade? É sua palavra contra mais de cem outros que eu estava aqui esta manhã.

Ele sorriu. —Eu espero você para fazer essa ligação. Eu vou deixá-los saber que o seu amado pároco está segurando uma jovem contra a sua vontade, cometendo atrocidades incontáveis contra ela na sala onde ele a trancou. Eles vão entrevistá-la, você sabe.

Pausando, ele me deu um segundo para processar suas palavras. Inclinando a cabeça, ele perguntou: — O que você acha que ela dirá à polícia sobre o que aconteceu durante a noite que passou na sua igreja?

—Saia.

Eu não tinha nada a dizer para ele e me recusei a participar do jogo de gato e rato que ele estava jogando. Não havia espaço em mim para paciência, não com ele, não mais.

Rindo, ele se virou, indiferente, andando de volta para a floresta antes de gritar para mim por cima do ombro.

—Aprecie ela, Jacob. Você não tem muito mais tempo.

**EVE**

*Não deixe o pecado reinar em seu corpo mortal para que você obedeça aos seus maus desejos. Romanos 6:12.*

**A luz suave tocou meu rosto.** Minhas pálpebras fechadas se tornaram um rosa morno e cremoso. Calor acariciou meu rosto.

Eu ainda estava trancada dentro da minha cabeça, dormindo em rajadas, mas nunca realmente caindo profundamente. Não querendo abrir os olhos para ver o quarto, recusei-me a me mexer. A dor irradiava ao longo do meu corpo.

A picada do meu traseiro ainda estava lá, meus braços como geleia de terem sido mantidos em uma posição por tanto tempo.

Eu me lembrei de me encolher quando Jacob entrou na sala. Eu tinha tanta certeza que ele ia me punir por ter mudado de posição.

Encolhida contra os lençóis, esperei pela greve que nunca chegou.

Seu comportamento, como de costume, me confundiu.

Sempre mudando sua pele, era uma dança de oposição: docemente cuidando de mim em um minuto antes de me virar para abusar de mim mais uma vez. Eu não pude segurar o comportamento dele contra ele. Eu só queria saber quanto tempo levaria para ele

perceber o que eu sempre soube: não sou digna dele. Nenhuma quantidade de dor limparia a luxúria profunda que eu tinha por ele.

Sim, fui leal. Tão leal que eu estava disposta a sofrer qualquer transformação que ele exigiu de mim.

Meu nome, minha imagem, a essência do meu ser estavam em seu controle, mas...

Eu odiava ele ainda por ter me escolhido.

Eu não era digna.

E eu nunca seria digna.

Eu suportei o abuso até que finalmente falhei. Eu o deixaria quando morresse. Eu vendi minha alma à sua imagem. Desisti da minha liberdade só para que ele se aproximasse.

Eu sofri e chorei.

E ainda assim ... eu o queria.

Uma porta se abriu na sala, mas eu me recusei a olhar para ele. Eu estava muito envergonhada.

Virando minha cabeça para a parede, desejei poder enrolar meu corpo sobre mim mesma em proteção a dor ou desejo que ele escolhesse entregar.

Suas instruções foram firmemente plantadas na minha cabeça. Eu sabia que deveria abrir meu robe para seduzi-lo.

Mas eu não consegui.

Eu estava me afogando lentamente em vergonha sufocante.

Me preparando para sua atenção, fui pega de surpresa pelo som das pernas da cadeira raspando pelo chão, o grito de madeira contra a madeira seguido por um baque pesado e a ondulação da pele.

A curiosidade me superou e eu permiti que meus olhos se abrissem, apertando os olhos contra a luz mínima que banhava a sala.

Ele sentou na cadeira, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto esfregava as mãos sobre o rosto. Ombros caídos como se pesados por alguma força invisível, ele nem olhou para mim, nem tentou falar. O estresse irradiava dele em intrusas ondas, luz aparecendo para se inclinar na recusa de tocá-lo ou iluminar as sombras escuras que ocultavam suas feições.

Minutos se passaram enquanto eu olhava para ele, ansiedade crescendo dentro de mim até eu sentir dor.

Ele estava triste, assustado ou chateado de uma maneira que de alguma forma o quebrou. Mas eu sabia que isso não poderia ser verdade. Não Elijah - ou Jacob - ou o que ele queria ser chamado. Nunca antes se fizera vulnerável; não para mim ou para qualquer outra pessoa do nosso grupo. Simplesmente não era algo que ele fosse capaz de fazer.

Ele era forte demais, perfeito demais para permitir que o mal o derrotasse. Ele estava muito perto de Deus para perder.

Esse era o tipo de pessoa que ele incorporava, não aquele homem curvado, escondendo o rosto de mim e sentado tão quieto que me perguntei se ele estava respirando.

—Jacob?

Eu não aguentava mais. O silêncio no quarto era ensurdecedor. Envolveu-se em volta de mim como um cobertor grosso ameaçando cortar o ar dos meus pulmões. —Eu preciso mandar você embora.

Falado tão baixo que eu mal podia ouvir, suas palavras ecoaram no espaço, assombrando pelo jeito que ele sussurrou.

—O que você quer dizer?

Medo e terror, meus companheiros sempre presentes, vibravam em minhas veias, esmagando minha determinação com cada batida do meu coração. Eu podia senti-los me aleijando por dentro, meus pulmões não estavam mais trabalhando para puxar grandes quantidades de ar, meu cérebro não mais funcionando por causa da sopa emocional espessa que suas palavras haviam causado.

—Você precisa voltar para o meu irmão.

Não havia remorso em sua voz, nem tristeza ou raiva. Quase falado sem qualquer sugestão de entonação, suas palavras foram destinadas a nada mais do que informações, e ainda assim, de alguma forma, elas me cortaram mais fundo do que se ele tivesse me atingido fisicamente.

Balançando a cabeça, eu abri minha boca para discutir, mas eu estava congelada no lugar quando ele tirou as mãos do rosto para olhar para mim.

Seus olhos estavam vazios e assombrados, o mal espiando para mim como se eu ousasse olhar para ele primeiro.



Eu nunca olhei para o mal, nunca violei uma regra que ele havia estabelecido tantos anos antes. Meus olhos sempre foram treinados para o chão. A única coisa que eu permiti que meus olhos enxergassem era ele. Mas quando olhei para ele agora, não vi amor ou perdão. Vi o ódio misturado com a luxúria, o arrepio de violência misturado com uma ameaça perigosa.

—Você tem que sair hoje à noite. Vou levá-la de volta ao complexo e tudo isso vai acabar. Me desculpe, Sedra. É a única maneira.

Não.

Eu não o entendi e balancei a cabeça novamente para dizer isso a ele. Nada do que ele disse nos últimos dois dias fez sentido.

Eu estava falhando no teste dele.

Raiva corria através de mim. Raiva por ele ter me escolhido quando eu não era forte o suficiente para qualquer propósito que ele tivesse. Raiva comigo mesma por amá-lo ainda.

Não havia palavras que eu soubesse que fossem fortes o suficiente para descrever o que senti quando olhei para ele. Mas havia palavras que poderiam descrever como sua ameaça me mandou embora: completa e absoluta devastação.

Não havia mais nada dentro de mim, nenhuma esperança de que eu me recuperaria e levaria uma vida longe dele. Exceto por algumas lembranças do meu passado, eu não sabia nada além *dele*.

Ele era meu mundo ... minha salvação.

—Estamos voltando para o complexo juntos?

—Não.

Confusão sacudiu meus pensamentos ainda mais, mas então me lembrei.

Ele me avisou que ele não faria sentido; que ele tentaria me confundir em uma tentativa de testar minha lealdade.

Eu não falharia com ele, não agora, quando era tão fácil obedecer ao que ele havia pedido.

Jacob nunca se moveu da cadeira, nunca se preocupou em olhar para mim quando ele caiu em um profundo silêncio.

Eu tive que me mover antes que meu próprio medo me congelasse no lugar, tornando-me inútil em minha lealdade e fé.

Respirando fundo, apaguei enquanto observava sua forma imóvel na cadeira. Ele não podia me ver, não com as mãos cobrindo o rosto mais uma vez.

Eu rastejei silenciosamente do colchão, ignorando a dor no meu corpo que se intensificava a cada contração do músculo através do osso.

De mãos e joelhos, eu rastejei para ele, lentamente rastejando pelo chão de madeira até que eu estava os seus pés. Eu pressionei minha bochecha contra o calor de sua perna. Ele pulou no contato, nunca tirando as mãos do rosto.

Ele estava sofrendo e eu não sabia o que fazer ou o que dizer. Eu nunca o vi mostrar fraqueza antes. O que era tão ruim que poderia deixá-lo tão silencioso e quieto?

Eu era sua Eve... a mulher que o levaria ao destino que ele merecia. Isso é o que ele sempre me disse. Sua voz ecoou na minha cabeça como as palavras assombradas de um fantasma distante.

Eu era a Eve dele.

Eu era a esperança dele.

Eu era o começo dele e o fim dele.

Porque ele me disse quem eu era.

Com as mãos trêmulas, eu toquei suas pernas, lentamente permitindo que minhas palmas subissem as calças, nunca passando os joelhos, mas simplesmente deixando-o saber que eu estava aos seus pés esperando qualquer coisa que ele precisasse que eu fizesse.

Ele não se moveu em resposta - nem um puxão.

Eu me movi mais alto.

Levantando-me de joelhos, corri minhas mãos por cima das coxas dele, deleitando-me com a sensação de seus músculos pulsando de tensão. A pequena reação foi suficiente para me encorajar a ir mais longe.

Seu rosto ainda estava enterrado em suas mãos, a ansiedade rolando dele em ondas de calor sufocante. Ele não precisava falar para que eu soubesse que ele me queria naquele momento.

Nós sempre estaríamos conectados dessa maneira.

—Eu sou sua. — Sussurrei baixinho, colocando toda a força que pude reunir em minhas palavras.

Ele não respondeu, não afastou as mãos para ver a fé e a convicção na minha expressão. Eu respirei pesadamente, reunindo ainda mais força que eu não tinha.

Com as mãos trêmulas, peguei sua camisa, puxando-a lentamente de onde ela estava meticulosamente arrumada em suas calças.

—Eu sou fiel. Eu sou leal. Eu sou sua.

Palavras faladas tantas vezes nas últimas semanas, eu as disse o suficiente para acreditar nelas. Através da dor, eu renasci para ele.

Não mais uma filha ou uma irmã - eu era só dele.

Soltando um botão e depois dois, tirei o material de sua camisa de seu corpo, revelando a pele aquecida de seu abdômen aos meus olhos. Minha respiração explodiu dos meus lábios para roçar seu corpo. Sorrindo, corri a ponta do meu dedo sobre os músculos esculpidos, deliciando-me com a maneira como eles se moviam em resposta ao meu toque.

Eu olhei para cima quando ele tirou as mãos do rosto. Jacob olhou para mim, imóvel e silencioso, mas ainda comunicando tudo o que ele estava pensando pelo jeito que ele olhava.

—Deixe-me curar você — eu implorei suavemente.

Mais dois botões e outro, seu peito forte agora exposto aos meus olhos. Eu corri minhas palmas sobre sua pele, perdida com a sensação da força masculina em seu corpo.

Alcançando seu colarinho, puxei a guia branca para removê-la de sua camisa, mas suas mãos se moveram tão rápido que eu não consegui retirá-la.

Agarrando meus pulsos, ele apertou e minhas mãos abriram, um grito assustado escapou dos meus lábios da dor de seu aperto. Eu olhei para ele, vendo raiva letal e raiva sedutora atrás de seus olhos.

—Você tem alguma ideia do que eu sou capaz? Você sabe o que eu fiz? — Ele falou em um sussurro ofegante.

Meu corpo tremeu em resposta, mas eu era sua noiva fiel, alguém que andaria com ele através dos portões do Inferno se ele pedisse.

—Você sabe? — Ele gritou e eu tentei pular para longe, mas ele agarrou meus pulsos firmemente. Eu não conseguia me distanciar dele.

—Você sabe?

Eu gritei em resposta ao volume de sua voz, à raiva que era evidente em suas palavras. Lágrimas irromperam dos meus olhos e eu pensei que os ossos dos meus pulsos estalariam sob a força de suas mãos.

—Por favor, Elijah ... — Eu balancei a cabeça lembrando o que ele tinha me dito. —... Jacob. Eu sinto muito. Por favor ... eu quero te ajudar. Eu tenho que te ajudar. Eu não tenho escolha.

Implorando e suplicando: eles foram o que eu fiz toda a minha vida.

Sofrendo silenciosamente enquanto ele segurava meu destino em suas mãos, eu estava destinada a ele e as suas crenças, aterrorizada por ele e também apaixonada por ele. Eu poderia ser amarrada e amordaçada, chicoteada e espancada ao ponto da morte iminente e eu ainda rastejaria para ele se isso significasse que eu poderia buscar conforto em seus braços.

É *assim* que me senti sobre ele.

Recusei-me a deixar-me falhar.

—Eu não me importo com o que você fez. Eu não me importo com o que você vai fazer.

Ele me levantou pelos meus braços, me colocando de pé de modo que fiquei tremendo na frente dele. Finalmente, liberando um pulso, ele estendeu a mão para baixo, colocando minha mão que ele ainda segurava contra o peito.

Seu batimento cardíaco estava firme e forte sob sua pele, meu corpo tremendo só por ser permitida tocá-lo.

Com a palma da mão contra a minha bochecha, ele estudou meu rosto, sua respiração uma vez pesada agora diminuindo para coincidir com a velocidade da minha.

Nossas bocas estavam a centímetros de distância. Nossa respiração se misturando na tentação perversa.

Ele me segurou com admiração. Como um ídolo, ele personificava tudo o que eu pensava que era puro e bom. Ele foi meu guia e protetor, minha vida e salvação.

Seus olhos se estreitaram, a confusão enrugando sua testa. — Você não entende nada do que foi feito com você? Você deveria se importar com o que eu faria, Sedra. Você deveria querer se proteger.

Suspirando pesadamente, ele me empurrou para trás de sua cadeira. Eu pulei quando ele chegou para mim, incapaz de controlar a ansiedade que vibrava nas minhas veias.

O movimento foi feito por instinto, mas obriguei-me a parar, a permitir-lhe cada parte de mim que ele desejava.

Suas mãos se fecharam ao redor dos lados abertos do meu manto. Separando o material, ele olhou para o meu corpo com o calor por trás dos olhos. E quando eu pensei, eu o atraí, ele fechou os olhos e fechou o roupão ao meu redor.

—Se eu te disser algo, você promete não chorar ou gritar?

Eu não me movi exceto para acenar com a cabeça em resposta. Seus dedos roçaram meu abdômen, o contato suficiente para me consolar em minha confusão.

—Sente-se na cama, Sedra.

Não houve hesitação em minha obediência. Recuando até que minhas pernas encontraram o lado da cama, sentei e esperei que ele falasse.

—Eu não sou quem você pensa que sou. Eu não sou o homem com quem você se casou.

Eu balancei minha cabeça, a negação se manifestando no movimento do meu corpo. Ele me disse que mentiria. Ele me disse

que seria confuso. Somente pela fé, eu veria através das falsidades.  
—Não...

Dando um passo à frente, ele se ajoelhou na minha frente, estendendo a mão para agarrar meu queixo em sua mão. Forçando-me a encará-lo, ele disse: — Sim, Sedra. Sim. O que estou dizendo é a verdade. Pela primeira vez em sua vida, você está ouvindo a verdade.

Virar a minha cabeça era inútil. Cada vez que eu tentava, ele se agarrava com mais força, finalmente ficando zangado e apertando os lados da minha cabeça com as duas mãos para me manter olhando em sua direção.

Eu estava cansada das mentiras, dos quebra-cabeças e do tormento. Tudo dentro de mim estava girando com a lama grossa de confusão que ele criou.

Era demais, tudo: as mentiras, meu destino, seu destino. Eu não era forte o suficiente para a pressão ou a dor. Eu não era pura o suficiente para andar em graça e levá-lo para onde ele queria ir.

—Pare! — Eu gritei, mas em vez de me soltar, ele me empurrou para baixo no colchão, pairando sobre mim com a raiva que eu estava tão acostumada a ver em seus olhos.

Meu erro foi rapidamente percebido, mas era tarde demais para voltar atrás. Eu acordei o monstro dentro dele que eu esqueci que de alguma forma existia.

Seu peito se movia com a respiração pesada, os olhos arregalados, as cordas em seu pescoço saindo com uma raiva mal contida.



O medo inundou meu sistema, me paralisando onde eu estava. Eu sabia não lutar, não desviar o olhar dele. Fazer isso traria apenas punição.

Com que facilidade alguém poderia esquecer a dor anterior quando uma mão gentil está lá para acalmá-la. Preto e branco, noite e dia; ele era duas pessoas, ambas escondidas em um corpo, um coração, uma alma que era muito maior do que eu.

Ele mentiu.

Ele sempre mentiu.

No entanto, fui deixada a acreditar naquelas mentiras porque eram as únicas verdades que eu conhecia.

—Nunca ... — Ele cuspiu suas palavras enquanto lutava contra sua raiva. —... fale comigo assim de novo. Nunca.

Eu balancei a cabeça e senti meu crescente pânico tremer em todo o meu corpo. Quando ele estava com raiva assim, ele era violento. Tão dolorosamente violento.

—Eu sinto muito. — Eu suspirei, esperando, *rezando*, que a minha submissão iria acalmá-lo.

Ele gostou quando eu me submeti a ele. Ele gostava da infusão de dominação do poder erótico dava a ele. Era como se, controlando-me, ele pudesse extrair a força do corpo, construindo ainda mais a sua.

Jacob me soltou tão rápido quanto ele me tocou, recuando e sacudindo a cabeça da confusão tão óbvia dentro dele.

Sentando na cadeira com um baque pesado, ele imediatamente retomou sua antiga posição: cabeça nas mãos com os cotovelos apoiados nos joelhos.

—Você tem que ir.

Eu balancei a cabeça, silenciosamente recusando suas mentiras continuadas. Ele não me mandaria embora. Eu não deixaria.

Levantando da cama, mordi meu lábio inferior para impedir que tremesse. Meu corpo tremia com a apreensão que eu sentia, mas eu tinha que ser forte.

Eu tinha que seduzi-lo.

Tirando o manto dos meus ombros, permiti que ele caísse e viesse aos meus pés. Endireitei minha coluna e me aproximei dele, usando meus joelhos para afastar suas pernas. De pé completamente imóvel, esperei pelo que sabia que aconteceria.

Ele se recostou na cadeira, seu rosto inclinado para olhar para o meu corpo. Eu não olhei para ele, não reconheci o fato de que eu balancei violentamente com a necessidade de seu calor.

Eu não era uma pessoa. Eu não era uma opinião ou algo separado dele. Eu era o que ele precisava, um objeto, um desejo, uma capa que iria protegê-lo de qualquer dor que existisse dentro.

Eu era uma distração.

Eu era a sua luz.

Eu era a mulher que pertencia abaixo de sua mão firme.

Meus olhos foram treinados para a parede atrás dele, meu corpo ainda ... esperando.

As pontas dos dedos tocaram os lados das minhas pernas e eu respirei o ar que eu estava segurando.

Lentamente, suavemente, perigosamente, eles se arrastaram para cima, não uma carícia, mas uma provocação.

Recusando-me a me mover, deixo-o explorar-me, deixe-o olhar e tocar, liderar e comandar. Palavras não eram necessárias nisto. Eu sabia que ele precisava de mim.

Quando seus dedos alcançaram meus quadris, suas mãos tremiam.

Ele me agarrou, os mesmos dedos pressionando até os nervos abaixo e minha pele ficou viva.

A cadeira rangeu quando ele se inclinou para frente, meus pés se movendo apenas quando ele me puxou para ele.

Inclinando-se para mim, sua respiração era um ventilador de calor em todo o meu abdômen, seus lábios a poucos centímetros da minha pele, me provocando - brincando comigo.

Eu estava desfeita.

Ele estava deixando ir.

Só Deus sabe o que teria acontecido se alguém não tivesse batido na minha porta.

## JACOB

*E não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do mal. Mateus 6:13*

**Era como se o próprio Deus estivesse batendo na porta, o poder de Sua mão me afastando da tentação que estava nua e tremendo diante de mim.**

Tirando minhas mãos do calor da pele de Sedra, eu empurrei de volta na minha cadeira, estremecendo ao som dos pés raspando o chão de madeira gasto.

—Padre Hayle? Você está aí? Suas horas confessionais começam em poucos minutos. Você tem uma pessoa esperando já.

Não foi a voz de Deus que falou pela porta. Foi Gabriel Hart.

Minha boca se abriu para falar, mas as palavras se alojaram na minha garganta. A culpa, presumo, obstruía a carne, deixava-a inchada e fervilhante, permanecendo ali, purificando-a, até que a limpei depois de várias tentativas. Mesmo assim minha voz não saiu muito mais forte do que um sussurro corajoso.

—Eu estarei fora em um segundo.

A falta de passos me indicou que Gabriel não tinha andado longe e sua presença sozinha era suficiente para me tirar da cadeira. Sedra ficou parada no mesmo lugar. Seu corpo não se mexeu, seus

olhos não me encararam acusadoramente. Ela apenas ficou lá ... esperando.

O que eu estava fazendo com meus dedos em sua pele? O que eu estava pensando em me permitir mesmo aquele pequeno contato? A menina estava doente, não fisicamente, mas emocionalmente, e lá eu estava me sentindo vítima da *facilidade* dela ... com sua falta de vontade de dizer não.

Eu merecia ser abatido. Eu merecia um destino pior que o Inferno. Ainda assim, ainda me encontrei olhando para ela, *desejando* que nenhum Padre quisesse uma mulher. Sabendo pouco sobre a jovem mulher, não foi amor ou mesmo carinho que me atraiu como uma mariposa para sua chama sempre ardente. Era muito mais insidioso do que isso, uma parte de mim que eu achava morta, que eu achava que a fé tinha forçado a se afastar.

Sem falar, eu passei por ela, percebendo que quando meu ombro roçou o dela, dando-lhe um passo para trás, ela imediatamente se moveu para onde ela estava antes, seus olhos ainda treinados para a parede, seu corpo ainda apresentado como se fosse

Não era um templo protegendo sua alma, mas uma gaiola.

Não apenas uma gaiola.

Seu corpo era uma arma.

Um apontou diretamente para as partes de mim que eram mais perigosas do que minha cabeça, meu coração ou minha alma.

Não só era perfeitamente complacente, frustrantemente obediente, e tão pronta para o que eu queria dar, que ela rastejava,

era também uma foto do meu passado. Seu rosto, sua pele, seu cabelo e seus olhos, todos me lembraram outra mulher tão complacente quanto obediente e confiante. Jericho não podia ter escolhido uma mulher que se parecia mais com Cassandra se ele tivesse tentado, e eu tive que me perguntar se à semelhança era apenas uma coincidência, dois gêmeos que têm gostos semelhantes em mulheres, ou a aparência de Sedra foi intencional? Teria ele treinado essa mulher para seus próprios gostos desviantes, ou ele a pretendia por algo mais?

Eu não tinha certeza, mas o que eu sabia era que eu precisava ficar longe de Sedra, precisava ficar o mais longe que pudesse.

Agarrando o roupão que tinha caído no chão, eu o envolvi sobre os ombros, minhas mãos segurando os ossos para afastá-la do local que ela segurava como um soldado bem treinado. Ela tentou resistir, mas sua força, seu tamanho, sua vontade não foram suficientes para me impedir de direcioná-la para a cama.

Sentando-se no colchão, ela olhou para mim com dor ardendo por trás dos olhos. Senti aquela dor, absorvi, bebi até que o gosto ficou acre pela minha língua, e me misturando com a culpa que já me sufocava.

—Eu tenho que ir — eu expliquei, odiando o arrependimento claramente gravado em minha voz. O arrependimento não deveria ter sido permitido. Eu deveria ter *desejado* ir. —Quando eu terminar o meu trabalho hoje, eu venho buscá-la. Nós vamos encontrar mais roupas para você e então eu posso levá-la de volta para o complexo.

—Jacob ...

Eu segurei minha mão para silenciá-la. —Você não está bem, Sedra ... confusa. Você não sabe de cima para baixo no momento e eu não posso — eu *não vou* — tirar vantagem disso.

O olhar suplicante em seu rosto quase me quebrou, memórias se arrastando para tecer através do presente, a dor cortando profundamente para me lembrar de todas as coisas horríveis que eu tinha sido uma vez. Monstros não mereciam salvação, e ainda assim Deus me deu de qualquer maneira. Você não joga algo assim fora.

Minha determinação vacilou quando olhei para ela. Seus olhos tristes, seus ombros curvados, a derrota e a mágoa que era fácil de ver. Eu me alegrei com essa mágoa. Eu me senti poderoso por essa derrota. E eu ficaria feliz em queimar no inferno por agir sobre esses sentimentos.

Onde Sedra estava confusa, eu pude ver claramente. E enquanto ela pensava que ela caminhava pelo caminho de uma mulher justa, eu sabia que ela caminhava por uma estrada terrível, cheia das mesmas armadilhas e buracos que quase me destruíram.

Eu queria arrancá-la daquela estrada, queria agarrá-la e nunca largar. Eu queria mostrar a ela que o Deus para o qual Elijah a fez rezar não era Deus.

Mas a vida que eu tão cuidadosamente construía estava desmoronando com ela por perto, e eu não tive escolha a não ser deixá-la ir. Eu não pude ajudá-la. Não poderia oferecer sua salvação porque eu estava muito tentado por ela para lembrar do meu lugar.

—Padre Hayle? — Uma voz chamou pela porta.

Grato pela voz, virei-me para a porta. Eu tive que lutar para não olhar para trás enquanto eu passava por ela.

Gabriel encostou-se a uma parede, com os braços grossos cruzados sobre o peito, a barba bem aparada pela primeira vez que vi. Ele trabalhara como um homem habilidoso há muito tempo, desde que eu o conhecia, não apenas para a paróquia, mas para os biscates que as pessoas da cidade precisavam fazer. Aquele trabalho lhe dera um corpo forte e olhos penetrantes, olhos que agora estavam olhando diretamente para mim.

—Eu não podia deixá-la entrar no santuário. Ela teria visto... — Sua voz sumiu, a raiva uma vibração sobre sua pele. Os músculos de seus antebraços estavam cerrados onde ele os cruzou. —Eu posso limpar a estátua, mas quando aquela garota veio para a confissão, eu ainda não tinha começado. Eu não quero que ela veja isso. Ela também é muito jovem.

Empurrando a parede, ele se mudou para sair, mas eu chamei para ele. —Como você sabia sobre a estátua, Gabe? Alguém ligou para você?

A única outra pessoa que sabia sobre o vandalismo era a jovem freira, mas ela havia partido quase assim que Jericho partiu.

—Eu vim fazer alguns reparos que eu sabia que precisavam ser feitos no átrio. Quando não te encontrei na casa paroquial, vim para cá. Ainda não consegui encontrá-lo, mas então ouvi um barulho, então bati na porta quando passei por ele.

A última coisa que eu queria fazer era sentar e ouvir enquanto alguém confessasse seus pecados, mas eu não poderia afastá-los.



Na verdade, foi uma bênção disfarçada, porque me manteve longe de Sedra. — Obrigado, Gabriel. Eu vou cuidar da jovem mulher do lado de fora enquanto você repara o dano. Você pode terminar o que você precisa no átrio também.

Inclinando a cabeça, ele resmungou: — Malditos vândalos — antes de se afastar.

Tecendo pelos corredores, atravessei o nártex e abri a grande porta da frente para encontrar Annabelle Prete sentada sozinha no banco da frente. Ela estendeu a mão para empurrar os óculos mais para cima do nariz enquanto ela lia um livro em seu colo.

Com cabelos ruivos marcantes sempre trançados, ela tinha a pele clara que revelava a poeira de sardas na ponta do nariz. Uma jovem, ela tinha acabado de completar 18 anos e se formou no colegial. Eu a assisti crescer durante o meu mandato nesta paróquia. Ela e seus pais, ambos obedientemente, compareceram à missa de domingo, levaram a Eucaristia toda vez que ela foi oferecida e Annabelle sempre assumiu um papel na festa de natal que organizamos todo Natal.

Ela estava indo para a faculdade, pelo que me disseram, com uma bolsa de estudos completa que ela ganhou por suas notas perfeitas e dedicação ao aprendizado. Ela era uma boa menina em todos os sentidos, provavelmente uma das mais puras que eu conhecia.

—Annabelle — eu chamei, saindo para a luz do sol, protegendo o brilho dos meus olhos com uma mão. —Por que não usamos a sala de reconciliação em vez do confessionário hoje? Há algum trabalho sendo realizado no santuário.

Ao longo dos anos, a Igreja vinha tentando se modernizar e dispensar práticas antiquadas. No entanto, esta paróquia em particular, e o convento na estrada, ainda mantinham certas tradições evitadas por outros. É por isso que as Irmãs ainda usavam seus hábitos, porque ainda mantínhamos um confessionário quando uma opção menos restritiva estava na mão.

Muitos dos paroquianos mais jovens levantaram o nariz para as tradições obscuras que a Igreja tinha sido. O confessionário era mofado e escuro, cheio de arrependimento e flagelação, onde a sala de reconciliação era simplesmente um lugar onde eu podia conversar com aqueles que queriam uma sensação mais leve quando confessavam.

Não foi pequeno e condenando. Não prendeu você dentro de seu aperto de ferro. Era simplesmente uma sala onde eles podiam se aproximar de mim com seus problemas, onde poderiam pedir perdão até mesmo pelo menor pecado.

A sala de reconciliação não era apropriada para muitos membros mais antigos. Eles ainda preferiam o pequeno armário protegido que os mantinha privados enquanto expressavam seus problemas mais íntimos. Eles preferiram o que eles acreditavam ser o anonimato graças à tela entre nós que escondia seus rostos.

Annabelle levantou a cabeça ao ouvir o som da minha voz, um largo sorriso se espalhando por seus lábios enquanto ela fechava o livro sobre um pedaço de papel colorido que costumava marcar em seu lugar.

A cor se espalhou por suas bochechas, a sugestão de uma paixão juvenil por mim tão claramente escrita em suas feições. O

rubor ocorria desde que ela completara dezesseis anos, já que sua infância estava sendo deixada para trás e a feminilidade se aproximava rapidamente.

Eu achava mais adorável do que qualquer coisa, ela nunca agia na atração, ela era boa demais para algo assim.

Correndo para cima, ela me deu um abraço antes de se afastar com um vermelho mais escuro se espalhando por suas bochechas. —Desculpe, Padre — ela disse, com vergonha cobrindo suas palavras. —Estou muito feliz em ver você.

A pobre deve ter pensado que até mesmo tocar um Padre com desejo em seu coração estava de alguma forma errado o suficiente para pisar nos dedos dos pés de Deus.

Eu não a culpei. Muitas mulheres me achavam atraente, embora eu usasse as roupas de um homem devoto. Na verdade, se Annabelle quisesse praticar a paquera, preferiria que ela fizesse comigo do que com um jovem que se aproveitasse.

—Você pode me abraçar, Annabelle — eu provoquei. —Não há nada de errado com isso.

Ela corou, suas mãos acenando em torno dela em uma velocidade vertiginosa, como se ela não soubesse o que fazer com elas. —Eu sei, é só que você é Padre e eu...

Suas palavras cortaram, seu rubor se aprofundou. —Eu sou, bem, tanto faz ... a sala de reconciliação é boa. —Um sorriso estranho se espalhou por seu rosto, forçado de modo que eu não notasse que ela estava nervosa.

Meus ombros tremiam com risadas silenciosas. Envolvendo um braço sobre seus ombros, eu a levei para dentro e para baixo de um corredor em direção a sala. —Por que você está tão feliz em me ver?

Eu não pude evitar o sorriso que deslizou pelo meu rosto por ver a cor em suas bochechas se aprofundar mais.

—Bem — ela explicou, felizmente andando na minha frente até a sala e escolhendo um lugar no sofá marrom e estofado. Sentei-me na cadeira acolchoada que a encarava.

—Como você sabe, eu estou indo para a faculdade. E eu acho que em um esforço para estar certa com Deus, eu preciso fazer uma confissão antes de sair.

Instruída pelos pais a só fazer confissões naquela caixa escura no santuário, Annabelle parecia perdida em campo aberto. Ela não podia olhar para mim, as mãos dela sobre o colo, o livro escondido debaixo deles. —É feito da mesma maneira aqui?

—Nós podemos pular a formalidade se você quiser. É dar voz aos seus pecados que é importante para Deus, não a rotina que usamos para fazer isso.

—Eu tenho uma queda por *alguém* — ela deixou escapar, seu rubor se espalhando por seus braços e pernas, onde eu podia vê-los.

Não surpreso com a explosão, eu quase desejei o confessionário só para poder esconder minha expressão. Felizmente ela não queria olhar para mim tanto quanto eu não queria que ela visse a minha reação, então eu fui capaz de esconder o sorriso sem ela saber que eu tinha achado sua confissão divertida.

Inclinando-me para frente, descansei meus cotovelos sobre os joelhos e tranquei as mãos juntas. —Não há nada de errado em ter uma queda por alguém.

Sua cabeça tremeu. —Ah sim, tem sim. Especialmente se é alguém que eu não deveria me apaixonar.

Respiração derramada sobre meus lábios. Eu estava grato por este momento *normal* depois dos últimos dias que tive. Este era o meu elemento, esta sala, este espaço, este momento inocente onde eu poderia explicar a um membro da minha fé que o pecado percebido deles não era tão ruim quanto eles pensavam. Ter essa pausa ajudou a me puxar de volta ao lugar, ajudou-me a lembrar por que procurei abrigo nesta vida em primeiro lugar.

Isso também cimentou o fato de que eu precisava empurrar Sedra para longe. Ela era muito tentadora, muito dolorosamente sexual que, se eu estivesse dormindo, poderia chamá-la de succubus<sup>2</sup>. Como o demônio que supostamente assombrava homens em seus sonhos, que roubou sua capacidade de recusar enquanto sugava tudo decente e bom sobre eles, Sedra era a provocação final.

Ela era uma ponte de volta para minha antiga vida, uma ponte que pensei ter queimado quando me tornei Padre.

—Eu vou sair do meu papel aqui e lhe dizer que não é um pecado ter uma queda por um Padre.

---

<sup>2</sup> \*Succubus: é uma personagem referenciada pela cultura pop e mitologias como um demônio com aparência feminina que invade o sonho dos homens a fim de ter uma relação sexual com eles para lhes roubar a energia vital.

Seus olhos se arregalaram onde ela olhou pela janela. —Você sabe? Oh, claro que você sabe. Você é um Padre. Você pode ver o pecado.

O rangido em sua voz durante a última frase que ela falou me fez morder minha bochecha para não rir. —Eu não posso ver o pecado, Annabelle, não funciona assim. Mas eu sou um homem que teve uma vida antes de se tornar um padre, e eu reconheço os sinais de uma paixão inocente. A maioria dos homens, e alguns vão presos sobre isso, e é por isso que você deve sempre ter cuidado.

Deixei de acrescentar que outrora fora um daqueles homens predadores, do tipo que tomava inocência e esmagava-a sob meus dedos.

O rosto de Annabelle perdeu a cor. — Sim, mas talvez não seja apenas uma paixão inocente — admitiu ela. —Eu tive ... sonhos ... e esses sonhos se tornaram pensamentos, e esses pensamentos levaram a fantasias... — Ela suspirou, apertando os olhos com força suficiente para forçar linhas em suas têmporas. — Eu pensei em você de uma maneira sexual —, ela deixa escapar. —Eu já disse isso.

Espreitando um olho aberto, ela olhou para mim. —Eu estou indo para o inferno?

Resistir à tentação de rir da inocência de Annabelle era quase tão difícil quanto resistir à tentação que estava em outra sala.

De alguma forma, eu me abstive ... de ambos.

—Pensamentos sexuais são naturais. Contanto que você não esteja agindo sobre eles com alguém que não é seu marido.

—Mas a Bíblia diz que pecar no pensamento é o mesmo que pecar em ato. Então, se eu penso ...

Cortando-a, perguntei: — Você seguiu em frente?

—Não.

—E você se arrependeu de pensar nisso depois?

—Sim.

—Então você não fez nada de errado.

O mesmo não podia ser dito por mim. Cada momento a sós com uma mulher que nem sabia o meu nome estava me empurrando mais e mais perto de agir sobre a mesma coisa que eu estava avisando Annabelle longe. Minhas pontas dos dedos ganharam vida com a lembrança de sua pele abaixo delas. Meu corpo inteiro congelou com o pensamento do quão perto eu estive de prová-la apenas uma vez.

Forçando esse pensamento, concentrei-me em Annabelle. — Você não pode sempre controlar a maneira como você se sente. Assim como você não pode sempre controlar quem você está sentindo. Mas o que você pode controlar é se você age ou não. — Era quase como se eu estivesse tentando me convencer desse fato mais do que ela.

*Porra, foco ...*

—Lembre-se disso quando você for para a faculdade, Annabelle. Só porque você sente algo, não significa que você falhou com sua fé. Significa que você é humana. Faça boas escolhas. Faça

coisas boas e faça-as de uma maneira que agrada a Deus. Foi tudo o que você pediu.

Assentindo com a cabeça, ela estendeu a mão para empurrar a cauda da trança sobre o ombro. —Você me odeia agora que sabe como me sinto?

—Não — eu respirei. — E eu estou feliz que você tenha sentido a necessidade de confessar isso e ser honesta. Pode ser o peso que você precisava tirar de seus ombros para poder ir para a escola com uma lousa em branco.

—Eu gostaria de poder apagar o meu constrangimento — disse ela em uma risada.

Sorrindo, perguntei: —Quando você sai para a faculdade?

Seu rosto se iluminou, orgulhando-se de um brilho alegre por trás de seus olhos castanhos. —Eu saio daqui a dois meses. Eu queria ir agora, mas os dormitórios não estão abertos e eu provavelmente deveria ficar na fazenda com meus pais. Vou sentir falta deles quando eu partir, mas eu estou tão só, três pessoas da minha turma conseguiram bolsas integrais para a faculdade e agradeço a Deus que ele tirou essa preocupação da mãe e do pai. Eles não tinham ideia de como iriam pagar por mim.

—Deus trabalha de maneira maravilhosa — eu concordei. — Você se sente melhor agora que conversamos?

—Sim — ela respondeu, encolhendo os ombros. —Era o único segredo que eu mantive por um tempo e estou feliz em tê-lo fora do meu peito.



De pé, ofereci uma mão para ajudá-la em seu assento. —Bem, então estou feliz por termos falado também. Vou andar com você lá fora.

Silenciosamente, fizemos nosso caminho de volta para frente da igreja, cada passo construindo a ansiedade em mim que eu seria deixado sozinho com Sedra. Eu não poderia levá-la até que estivesse escuro porque eu não queria que ninguém a visse. O que significava que eu tinha várias horas sabendo que ela estava deitada no quarto ... apenas esperando.

Recolhendo meus pensamentos por qualquer ideia do que eu poderia fazer para me manter longe da igreja, eu desenhei um espaço em branco. Não havia como escapar dela enquanto eu cavalgava a agonia da minha tempestade desejosa.

A luz do sol entrou quando Annabelle abriu a porta da frente. Nós dois saímos e minha atenção foi atraída para outro paroquiano, Michael Grinnis, onde ele estava esperando.

Annabelle acenou com a mão em despedida, mas meus olhos estavam voltados para Michael, meu foco em cumprimentá-lo enquanto Annabelle se afastava.

Eu não percebi o homem seguindo-a.

**SEDRA**

*Mas ele sabe o jeito que eu tomo; quando ele me provou, sairei como ouro. Jó 23:10*

**Segundo após segundo.**

**Minuto após minuto.**

**Hora após hora.**

Eu esperei.

Eu não fechei meus olhos nem pensei em dormir. Eu não andei de um lado para o outro na sala ou saí da cama. Sentei-me enquanto o corredor do lado de fora permanecia vazio e sentei-me quando ouvi passos se aproximando apenas para me virar e ir embora.

Meu traseiro ficou dormente depois de um tempo, minhas pernas como alfinetes e agulhas, mas eu não me movia, não me mexia, nem sequer considerava deixar o local onde Jacob havia me deixado.

É ridículo, não é? A obediência, o amor, o ódio e o medo. Cada emoção, cada ação, cada faceta possível do meu mundo girava em

torno dele, deixando-me esperando. Isso me fez pensar quando foi a última vez que eu pude me chamar de minha própria pessoa.

Cansada das lágrimas que continuavam caindo, lutei para lutar contra elas horas atrás.

Eventualmente elas pararam, a queimação e inchaço dos meus olhos a única evidência restante que eu chorei em tudo. Não fazia sentido chorar tanto, não me fazia sentir bem comigo mesmo ou mais em casa, mas mesmo assim continuava fazendo isso. Me mantive implorando e suplicando e me colocando de lado apenas para obedientemente seguir atrás dele, apenas para dizer que, nos casos em que eu era o que ele queria, eu me tornei seu mundo inteiro. E aqueles momentos, quando ele estava comigo e eu era tudo que ele precisava, eles eram a única coisa que eu queria. Eles são reais e eram crus, eram primitivos, perversos e devotos. Eles foram os momentos em que ele me mostrou o sol ainda demorando dentro, expelindo meu mal até que me senti livre.

Ele tinha esse poder.

Eu duvidei disso antes, mas vivia por isso agora.

Passos se aproximaram do meu quarto, batidas lentas e pontuadas que eram tão hesitantes quanto altas. Eu virei minha cabeça para a porta, esperando.

Ao contrário das outras vezes em que esses degraus chegaram ao meu quarto e depois desapareceram de novo, a maçaneta girou, as dobradiças da porta rangeram quando a madeira foi lentamente empurrada para a frente.

Jacob estava na porta, seus ombros largos enchendo o quadro, seu rosto mascarado na sombra.

Em seus braços havia um conjunto de roupas, e ele as jogou na cama assim que chegou ao meu alcance.

—Eu não tenho certeza de quão bem elas se encaixam, mas eu fui para a cidade e comprei para você.

Puxando as roupas da cama, eu não conseguia entender por que ele queria que eu as usasse. Homens e mulheres não eram iguais. Não no corpo, mente ou coração.

Essas diferenças devem ser celebradas na forma como se cobrem, distinguidas para que as mulheres não se excedam, de modo que conheçam seu papel e sejam lembradas pelas roupas que vestem em seu corpo.

—Estas são calças. Eu não posso usá-las.

Meus olhos encontraram os dele, minha expressão uma máscara de confusão enquanto ele parecia frustrado. Suas sobrancelhas se uniram quando ele recuou, braços grossos atravessando seu peito enquanto seu olhar se fixava em meu peito.

—O que é isso?

Eu olhei para baixo, meus dedos se movendo para a cruz pendurada entre os meus seios. —Você deu para mim. Ontem à noite. Você não se lembra?

Palavras sibilaram em seus lábios, lacrimosas e furiosas, elas foram faladas muito baixo para eu ouvir o que ele disse. Jacob andou de um lado para o outro, com a tensão nos ombros, antes de bater em uma parede com um dos punhos. Ele estava de costas para mim

enquanto pressionava a testa contra o gesso. —Vista-se nas calças, Sedra. Você vai para casa.

—Você é minha casa — eu o lembrei.

—Não — ele gritou, seu corpo girando até que eu pudesse ver claramente a cor de raiva de seu rosto. —Eu não sou. Eu não sou nem quem você pensa que eu sou. Eu não sou Elijah. O homem que é sua casa é meu irmão gêmeo. É quase impossível nos diferenciar.

Eu queria rir na cara dele. Depois de tudo o que ele me disse ontem à noite, depois de sua insistência, eu o seduzi e tenho fé nele, não importa o nome que ele usou ou que mentiras ele me contou, ele realmente achou que eu iria cair tão facilmente por essa mentira?

Não. Ele não me enganaria. Ele não me faria cair sem lutar. Eu sabia melhor agora. Ele me disse exatamente o que ele queria de mim.

—Eu não acredito em você. Eu sei melhor. Eu sei quem você é. Não há nada que você possa dizer ou fazer que me faça fugir de você novamente.

—Droga, Sedra. — Sua voz ecoou pela sala, um som estrondoso que faria qualquer pessoa tremer. Mas eu não. Agora não. Não quando eu sabia, sem sombra de dúvida, o que ele precisava de mim.

Correr tinha sido meu erro, e se esse jogo fosse o castigo que eu tinha que suportar, então eu aceitaria. Eu pegaria qualquer coisa, desde que isso significasse que eu ainda poderia andar ao seu lado. Eu me provaria a ele, mesmo que isso significasse ser abatida pelos

punhos da família. Mesmo que isso significasse desistir da minha vida.

Este jogo, eu não entendi, mas ele deve ter um propósito para jogá-lo e é isso que importava. Ele sabia como me conduzir à luz, e se a única maneira de chegar lá era sofrendo, então eu jogaria qualquer jogo que ele quisesse.

Jacob atacou em minha direção, a tensão de seu corpo tão pura que era uma energia que saturava o ar da sala. Meus músculos se apertaram sobre os ossos, minha garganta ficou seca enquanto eu me segurava no meu lugar na cama, pronta para o que ele tinha planejado para mim.

Parando logo antes de ele me alcançar, suas mãos se fecharam em punhos. O instinto me disse para me acovardar, para bloquear minha cabeça com meus braços para evitar seus golpes, mas lutei contra a necessidade de me esfolar e, em vez disso, encarei-o.

Seus lábios puxaram em uma linha fina, seus olhos me prendendo no lugar. O suor estourou ao longo da minha espinha, mas eu não cederia a ele.

Eu não faria.

Tinha sido fraco da minha parte fugir da cerimônia. Não importa o que ele fizesse, eu não correria agora.

Onde ele esperava que eu chorasse, sorri em vez disso. E onde ele esperava que eu recuasse, me movi para frente para ficar de pé. Eu tive que esticar meu pescoço para olhar para ele, tive que me

equilibrar com as pernas fracas para permanecer no lugar enquanto tirava meu robe.

—Eu sou sua — eu disse, clara na minha intenção de não fugir.  
—Eu sou sua pureza. Eu sou sua luz. Eu sou a mulher que pode te levar ao destino. Eu sou Eve.

—Você é Sedra — ele gritou, suas mãos subindo para trancar os lados da minha cabeça. Forçando meu rosto a ficar inclinado em direção a ele, ele apertou com tanta força que a dor atravessou meu couro cabeludo. Seus braços tremiam com o esforço, seu peito arfando com a respiração. Eu gritei com a dor que senti, mas não revidei, não se ele esmagasse meu crânio sobre meus ombros porque pelo menos eu estava com ele quando morreria.

Sua voz estava tensa quando ele falou de novo, mal sob controle. —O que diabos meu irmão fez com você?

Ele me soltou com tanta fúria que caí no colchão enquanto ele se afastava. A dor era um pulso na minha cabeça, mas eu ignorei e fiquei de pé novamente. Quando chegou à parede mais distante, voltou-se para mim, com o rosto ainda mais vermelho do que antes.

—Você precisa acordar, Sedra! Você precisa perceber que mentiram para você e você foi enganada.

—Você está mentindo para mim agora — argumentei. —Não há nada que você possa dizer para me fazer acreditar em você. Nada que você possa fazer e...

Ele atravessou a sala em um passo forte e sua mão estava na minha garganta.

As contusões que ainda eram uma púrpura irritada latejavam sob seu domínio. Ele poderia espremer a vida fora de mim por tudo que eu me importava. Eu não cairia em dúvida.

Falando devagar, a escuridão era uma sombra em sua voz. — Doze anos atrás e eu teria comido você viva. Eu teria tomado este *presente* que meu irmão me deu e usar você até não sobrar nada.

Ele soltou o ritmo novamente. Parando antes de bater na parede, ele ficou de costas para mim e disse: — Eu não sou mais aquele homem.

Quando ele se virou para mim, havia uma dor genuína em seus olhos. —Você precisa se vestir com as roupas que eu te dei, e quando você terminar de fazer isso, você pode me encontrar no corredor.

Tremendo no lugar, mal consegui permanecer em pé. —Isso é um comando?

Seu punho bateu na parede ao lado dele antes de marchar em direção à porta. —Sim — ele gritou e atravessou. A madeira tremeu com o quão duro ele bateu.

Não demorou muito para me vestir e fazer exatamente como ele exigiu.

Quando saí para o corredor, ainda descalça, mas vestida, encontrei-o encostado a uma parede, com a cabeça embalada nas mãos.

—Estou levando você para casa, Sedra. E quando eu fizer isso, eu quero que você dê uma longa olhada no meu irmão. Eu quero que você veja como ele está jogando algum jogo errado contra você e



levando você na direção oposta do Deus que você pensa que está rezando.

Tirando as mãos do rosto, ele olhou para mim. —Onde você está agora é a casa de Deus. Eu sou um Padre para a Igreja dele, um pastor para o rebanho dele, e eu lhe prometo que o homem que Elijah se tornou não é o tipo de homem *piedoso* que você deveria seguir.

Eu pressionei meus lábios para ficar em silêncio, pisquei os olhos para afugentar as lágrimas que ameaçavam cair. —Diga o que você quiser, Jacob. Eu sei o que é esperado de mim.

Afastando-se da parede, ele se aproximou em passos medidos. A poucos metros de mim, ele estendeu a mão para enfiar o dedo embaixo do meu queixo e levantar meu rosto para o dele.

Sua voz voltou a um sussurro. —Você é linda, Sedra. E eu tenho certeza que em algum lugar nessa sua cabeça, você é inteligente e fiel também. Mas o que está sendo feito com você não é saudável. Não é bom. Não é algo que Deus gostaria de você.

Eu não me incomodei em responder. Eu não estava jogando seus jogos. Não havia nada que ele pudesse dizer para mudar isso.

Não estava claro como ele interpretou o meu silêncio, mas seus ombros relaxaram, sua expressão caindo quando ele puxou a mão. —Me desculpe, eu não posso te ajudar, Sedra. Mas eu sei que sempre que eu te levar, o que eu faço para te proteger desse homem, você só vai voltar para ele. Então estou protegendo minha paróquia e a mim mesmo, levando você de volta. Espero que, algum dia, se você escapar dele, vá entender.

Ainda em silêncio, eu pisquei, meus cílios abanando sobre minhas bochechas antes de redirecionar meus olhos para os dele.

Jacob suspirou. —Venha. Eu posso te levar na minha caminhonete.

Conduzindo-me através do edifício, Jacob virou os corredores em forma de labirinto até chegarmos a uma porta externa. Abrindo-a, ele a segurou enquanto eu saía, fechando-a e trancando-a depois que passei. Nós não falamos de novo quando subimos em sua caminhonete, nem sequer nos olhamos enquanto caminhávamos pela noite de volta para o complexo. Eu ainda não tinha certeza do objetivo desse jogo, mas não estava desistindo.

A noite rastejou ainda mais na escuridão, nem mesmo a luz da lua iluminou nosso caminho. Mas dentro de uma hora, um brilho iluminou o horizonte distante, e eu sabia que eram os holofotes do complexo. Enquanto o caminhão serpenteava ao longo de mais ruas, virando para a direita e depois para a esquerda, eu mantive meus olhos treinados para aquelas luzes, imaginando o que aconteceria quando eu tivesse que encarar a família novamente.

Não demorou muito mais para nós chegarmos aos portões, e Jacob saiu do caminhão mais rápido do que eu poderia encontrar a alça para abrir a minha porta. No momento em que eu estava saindo do meu lugar, ele estava batendo nos portões de metal, gritando para Elijah sair.

Pela primeira vez desde que ele me levou naquele prédio estranho onde eu tinha sido mantida, a dúvida rastejou insidiosamente em minha cabeça, seus dedos gelados traçando meus pensamentos, me fazendo questionar tudo, inclusive eu.

—Saia daí, Jericho! Seja um homem e mostre sua maldita cara!

Sua respiração perturbou o brilho da névoa que pairava no ar, a umidade iluminada pelas luzes que brilhavam sobre nós. Eu fiquei ao lado do caminhão, sem saber o que fazer comigo enquanto ele jogava seus jogos.

Os portões se abriram do centro e Jacob recuou. Richard Cross e Charley Dempsey usavam as camisas brancas e calças azuis típicas dos homens. Os portões se fecharam atrás deles.

—Onde está Elijah? — Jacob perguntou.

Richard era um homem alto. Ele tinha ombros largos e era barrigudo, apesar do trabalho constante que fazia em torno do complexo. Ainda um pouco mais baixo que Jacob, ele tinha uma cabeça careca e uma longa barba, as sobrancelhas tão finas que se assemelhavam lagartas fuzzy<sup>3</sup> acima de seus olhos. Em resposta à pergunta de Jacob, essas sobrancelhas se uniram para se tornarem uma.

—Ela acredita em você ainda? — Richards se curvou com humor antes de olhar em minha direção. Inclinando a cabeça em olá, ele voltou sua atenção para Jacob.

—Nós estamos aqui quando você perguntou, Elijah. Agora o que você gostaria que nós fizéssemos?

---

<sup>3</sup> \*Lagarta fuzzy:



A expressão de Jacob se contraiu de raiva. —Eu não sou Elijah. E eu estou doente como o inferno das pessoas me chamando assim. — Dando um passo à frente, ele não se importou que ele ficasse cara a cara com Richard. —Traga-me meu irmão.

—Eu não sei de quem você está falando.

Parado ao lado de Richard, Charley riu, o som carregando a distância ao vento. Jacob se virou para olhá-lo, sua expressão sombria, vazia de paciência ou humor.

Charley nunca foi o membro da família mais inteligente. Ao contrário de Richard, ele era baixo e magro. Não importava o quanto ele comesse, ele nunca colocava uma única libra. Provavelmente a coisa mais inteligente que eu já o vi fazer foi parar de rir quando Jacob o encarou. Ainda assim, ele não conseguia ficar de boca fechada.

Assentindo com a cabeça na direção de Jacob, Charley perguntou: — O que há com as roupas do Padre?

Jacob não se incomodou em responder, ele apenas se virou para Richard, seus olhos se estreitando de raiva. —Traga-me meu irmão. Você pode dizer a ele que trouxe Eve de volta. Eu não a quero.

Mesmo que as palavras não tivessem sido dirigidas a mim, e apesar de serem todas parte do que quer que ele estivesse fazendo, ainda doíam. Como ele poderia não me querer? Exceto por correr, eu fiz tudo o que ele pediu. Talvez me machucar fosse parte dessa punição.

—Jogue seus jogos com ela o quanto quiser, Elijah. Ela é a única que falhou. Mas ela não vem através desses portões. Eu

prometi a você que quando você me dissesse que você apareceria, eu não desobedeceria como ela fez. Eu não quero ter que provar a minha fé. — Ambos os homens recuaram, seus corpos se virando em uníssono para entrar nos portões. — Jacob gritou antes que eles pudessem passar por eles.

—Eu vou deixá-la aqui. Se Elijah a quer, ele pode tê-la, mas ela não vai voltar para a paróquia comigo.

Richard soltou uma gargalhada, girando no lugar para olhar de lado para Jacob. —Que paróquia? Sua igreja está bem aqui.

Seu nome não era Jacob. Isso tinha sido provado com esse pequeno truque. Se ele fosse alguém que não fosse o homem que liderou essa família, Richard o teria arrastado para dentro para fazê-lo enfrentar Elijah. Mas Richard não podia fazer isso agora.

Você não pode arrastar um homem para si mesmo.

Antes de voltar, Richard disse: — Você pode deixar tudo o que quiser. Ela não vai entrar.

Os portões fecharam e os homens foram embora. Elijah estava em mim antes que eu pudesse subir no caminhão. Eu coloquei um pé dentro da cabine antes que ele estivesse me arrastando para longe, quase me empurrando para a cerca com o quão longe ele me forçou.

—Você fica aqui.

Ele pisou e eu segui, mas pulei de volta novamente quando ele se virou e se lançou para mim. Eu já o tinha visto tão louco antes. Ele me aterrorizou então, mesmo que sua raiva não tivesse sido

direcionada para mim. Elijah matou um homem bem na frente dos meus olhos, e eu aprendi então o quão poderoso ele era.

—Eu terminei, Sedra ou Eve, ou qualquer que seja seu nome. Fique aqui. Eu não vou levar você comigo.

Gelo disparou em minhas veias, o frio vazando para congelar meus músculos no lugar, para retardar meu coração até que senti como se estivesse sendo esmagada de dentro para fora. A dor pura, *genuína*, *esmagador* temor, percorreu-me. Isso foi pior do que a floresta à noite. Isso foi pior do que ser perseguido por cães. Esta foi a primeira vez que ele me rejeitou abertamente.

—Você não pode dizer isso — eu respirei, descrença e agonia afiando minhas palavras. — Você não pode fazer isso comigo. Eu te dei tudo.

O arrependimento brilhou por trás de seus olhos. —Eles vão deixar você entrar assim que eu partir. Tenho certeza disso. — Ele fez uma pausa antes de dizer: — Boa sorte, Sedra. Espero que você encontre o seu caminho para sair deste lugar.

A respiração correu dos meus pulmões, meus olhos arregalados e sem piscar quando ele se afastou. A porta bateu, o motor começou e poeira foi chutada em minha direção quando Elijah foi embora.

Isso não estava acontecendo comigo. Ele não iria realmente me deixar. Deus não iria...

—Hey, Sedra! — Uma espingarda saiu atrás de mim, o chifre do pássaro caindo no chão aos meus pés a poucos centímetros de me atingir.

Eu pulei para trás, caí na minha bunda e rastejei o máximo que pude. Richard olhou para mim de um dos poleiros de madeira, espingarda na mão, um sorriso no rosto.

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas para cair como manchas de lama, a poeira agora se assentando de onde o tiro do pássaro havia caído na estrada. Eu estava congelada no lugar, aterrorizada e fora da minha mente com tristeza.

—Mexa-se. Vamos dar-lhe uma vantagem antes de liberarmos os cachorros.

Eu podia ouvir o riso de Charley por trás do portão. Ouvi um cachorro latir à distância um segundo ou dois depois.

—Eu quero dizer isso, Sedra. Você falhou com ele quando correu. Ninguém aqui quer você por perto. Só os verdadeiros crentes podem viver deste lado do portão.

Eu não tinha certeza do que aconteceu comigo, mas antes que pudesse pensar no que estava fazendo, estava de pé, gritando a plenos pulmões. Foi uma liberação de pressão, uma maneira de escapar da fúria que me engoliu.

—Eu sou uma verdadeira crente. Eu sou Eve! Eu sou a esposa de Elijah.

—Você não é mais Eve. E Elijah vai tomar uma nova esposa. Aquela que pode ser o que ele precisa que ela seja. Não há razão para você estar aqui, garota. Mexa-se.

Ele atirou em mim novamente, uma pastilha raspando meu dedo o suficiente para fazer sangrar.

Poeira e pedras foram chutadas contra mim, mas as calças que Elijah me deu impediram que ela quebrasse minha pele.

*As calças...*

Elijah tinha me dado porque sabia que eu precisaria delas?

Isso tudo ainda fazia parte do seu jogo?

Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto e meu dedo sangrando, eu corri. Richard deixara claro que eu não era mais bem-vinda no complexo. Meu coração quebrou quando as luzes se apagaram atrás de mim. Com cada passo que eu dei, a escuridão aveludada da noite

me consumiu. Mas eu encontrei uma estrada e a segui, fazendo meu caminho de volta ao único lugar que eu sabia que poderia encontrar Elijah.

Talvez eu estivesse destinada a encontrá-lo. Talvez não. Mas ele era a única esperança que me restava, mesmo que ele alegasse que não me queria.

Deslizando mais profundamente dentro da sombra, e mal conseguindo encontrar a estrada que eu lembrei que levaria de volta para ele, eu sussurrei para mim mesma para amarrar minha fé, para pedir a Deus para garantir que eu chegasse em casa.

*Pai nosso que estais no céu, santificado seja o teu nome...*



## JACOB

*Portanto, submeta-se a Deus. Resista ao diabo e ele fugirá de você. Tiago 4: 7*

**Por que ela tem que ficar sob a minha pele tão facilmente?**

O que havia sobre Sedra que estava dirigindo uma lança através do meu intestino quando eu fui embora? Olhando no espelho retrovisor, eu observei enquanto ela olhava para a traseira do caminhão. Eu vi cada emoção atravessar seu rosto. Surpresa. Medo. Tristeza e vergonha.

Foi a última expressão que mais me magoou. A garota não tinha nada do que se envergonhar. Não foi culpa dela ter acreditado nas mentiras de Jericho.

Ele era um especialista em dizer-lhes. Eu deveria saber. Eu era especialista mesmo assim.

Mas eu desisti dos jogos da nossa juventude. Eu tomei uma vida - não intencionalmente, mas a intenção é importante para os mortos? Por *minha* causa, Cassandra não estava mais respirando. Ela era pó ao vento, cremada por sua família e espalhada sobre o oceano que ela amava quando criança.

*É você Jacob, só você, para sempre ...*

Meus dedos agarraram o volante enquanto sua voz sussurrava em minha cabeça, a agulha vermelha do velocímetro empurrando mais alto quando meu pé afundou no pedal. A sombra das árvores se tornou um borrão, a estrada correndo abaixo de mim mais rápido do que era seguro. E quando as lembranças voltaram, não mais fotos, mas filme com ação e som, bati meu pé no freio, e segurei-me enquanto o caminhão derrapava enquanto as pedras e poeira embaixo dele estavam espalhadas.

O caminhão gemeu quando eu saí em uma estrada lateral, o corpo balançou quando eu finalmente parei. E quando minha testa caiu para pressionar o volante, presenciei uma lembrança de que teria dado qualquer coisa para esquecer.

Antes de Cassandra, nunca fui fiel a nenhuma garota. Jericho e eu começamos nossos jogos aos dezesseis anos, dois garotos chegando à idade adulta, que aprenderam rapidamente que as meninas os consideravam desejáveis.

Fora uma ruptura com nossa criação estrita, um segredo compartilhado entre gêmeos. Mas, Deus, como essas garotas poderiam jogar.

A primeira vez que nós encurralamos uma, a primeira vez que descobrimos o que uma tentação de droga succulenta poderia ser, nós caímos facilmente em seu aperto arrebatador, emergindo daquele quarto como manchado e mudou homens.

Mas esse primeiro gosto tinha sido tão doce.

A pequena Ellen Baker, uma católica devota como nós, crescera na mesma igreja. Ela frequentava a escola católica e usava

o uniforme, as meias até o joelho e a bainha da saia plissada deixando apenas a pele exposta para nós imaginarmos como seria a sensação entre nossos dentes.

Suas tranças loiras tinham desaparecido enquanto crescia, tornando-se uma onda de cabelos longos que fluíam pelas costas com o brilho de seda finamente fiado. Grandes olhos azuis que só viam Deus quando ela era criança, estavam se abrindo para a idade adulta, sendo expostos aos rostos bonitos dos garotos que ela conhecia desde que eles eram crianças.

Nós não fizemos isso de propósito, mas a intenção nem sempre fala por ação. E em um momento em que fomos deixados sozinhos juntos, nós três nos preparando para um jantar de caridade sendo promovido pela Diocese onde morávamos, aprendemos como o pecado viciante podia provar enquanto explorávamos os dons de nossos corpos.

No fundo daquele porão empoeirado, Jericho foi quem começou o jogo.

Foi uma piada a princípio - uma provocação. Os dedos de Jericho deslizaram pela saia dela, o virar da bainha nos dando apenas uma olhada no que ela usava embaixo. Calcinha rosa com fitas turquesa ao lado, inocente, pura e convidativa. Ellen bateu na mão dele, mas ainda sorriu brilhantemente. Ela gostava de ser provocada. Ela gostava de ter nossa atenção.

Outra sacudida de sua saia, uma suave escova de uma mão sobre o inchaço de seu peito sobre sua camisa. Um beijo plantou levemente em sua bochecha enquanto o calor de nossa respiração rolava pelo seu pescoço. Eu não lembro qual de nós tinha sido a

peessoa a trancar a porta, mas uma vez que a trava foi jogada, as roupas de Ellen vieram fora.

Jericho inclinou-a sobre uma mesa dobrável, uma das que seriam usadas para servir aos paroquianos sua refeição de caridade. Seus pequenos seios pressionaram contra a madeira enquanto ele estava atrás dela, suas mãos explorando enquanto eu circulava na frente. De cócoras eu pude ver todas as expressões que brotaram em seu rosto quando meu irmão enfiou os dedos dentro, eu estava duro debaixo da minha mão, desesperado para saber como era o calor úmido.

Ela ronronou quando ele a tocou em lugares proibidos, culpa e uma chama latente por trás de seus olhos. Mas ela nunca disse não, nunca nos disse que não éramos exatamente o que ela queria.

Nós aproveitamos uma paixão de infância. Ellen sempre nos seguiu como um cachorrinho adorável que estava procurando alguém para acariciá-la.

Naquele momento, escondido em um porão cheio de mesas e cadeiras, o presépio de Natal e as asas brancas e brilhantes dos anjos que erguiam as vozes em coro, obrigávamos a atenção que ela procurava, e nós tomamos nosso primeiro gosto também.

Jericho ainda não tinha penetrado nesse espaço sagrado antes de seus lábios se envolverem em volta de mim. E foda-se, por dias depois eu agradei a Deus pela sua boca. Eu elogiei isso. Eu adorava isso. Eu não conseguia pensar em nada melhor.

Eu não era o único a levar sua pureza, meu irmão tinha essa honra. E quando o sangue virginal escorreu por suas pernas, ela cantou na dor e no prazer que ele lhe dava.

Tinha sido inocente no começo, mas as coisas nunca parecem continuar assim. Não no amor. Não é perdão. Não é tranquilidade ou paixão. Não é a minha vida depois que eu fui para a faculdade e antes de me tornar Padre.

Jericho e eu tínhamos trabalhado com tantas garotas antes de sair para começar minha vida adulta. E todas as sementes haviam sido plantadas, todo pecado havia sido explorado, toda crueldade desonesta, sombria e suja havia sido trazida à vida dentro de mim. Eu carreguei esses gostos comigo quando saí, ainda segurando eles como a única ilha dentro de um mar de mentiras e promessas quando eu conheci Cassandra na noite de Halloween. Ironicamente, eu estava vestido de Padre, ela era uma freira usando um hábito branco.

Nós nos conhecemos por causa desses trajes, mas eles não tinham ficado em nossos corpos por muito tempo.

Sexualidade divina, uma mulher nascida para o pecado. Seu corpo era tão bonito que até o tempo e Deus deve ter lamentado sua destruição. Com longos cabelos escuros e olhos verdes que eram da cor das folhas frescas na primavera, Cassandra era tudo que eu poderia ter pedido. Sua submissão foi absoluta, seu amor pela dor requintado.

Ela ansiava pela picada de braçadeiras e colares. Ela adorou meu corpo quando me despi na frente dela.

Ela não era religiosa, mas encontrou Deus quando seus braços e pernas estavam amarrados. Ela não cantou em um coral cheio de juventude inocente, mas ela cantou meu nome quando seu corpo ganhou vida sob o meu. Ela não orou, mas elogiou o Céu quando eu a empurrei para a beira da tentação nas águas profundas no êxtase que roubou seu fôlego.

Por tudo isso, fiquei tão viciado nela quanto ela era para mim. Ela não sabia disso. Eu nunca admitiria isso. Mas eu a amei depois daquela primeira noite em que a encontrei.

Se uma pessoa pode ser feita para outra, Cassandra foi feita para mim.

E eu fui o único a destruí-la.

O relatório do legista disse que tinha sido um coágulo de sangue. Eles culpavam suas veias, culpavam sua saúde, culpavam os hematomas em sua pele que mostravam que ela era desajeitada e muitas vezes se machucava. Mas a maioria das contusões tinha sido de mim.

Fui eu quem usou braçadeiras em seu corpo, e eu fui o único a entregar dor com a palma da minha mão. Eu tinha sido o único com a minha mão envolvida em torno de sua garganta no momento em que seu clímax forçou seu coração a bombear mais forte, tornando possível que o coágulo atingisse seu cérebro.

Embora sua morte tivesse sido pacífica - sexo enviando-a para os braços abertos da eternidade -, foram minhas mãos que a colocaram lá, não importando o que o médico legista tivesse a dizer.

Eu assisti a cor drenar de seu rosto enquanto eu a sacudia e gritava seu nome. Segurei a mão dela enquanto o calor saía de sua pele e as sirenes da ambulância soavam enquanto eles desciam a estrada. Eu andei atrás da maca enquanto eles escoltavam seu corpo para longe, e eu chorei sozinho naquela noite implorando a Deus para me perdoar pelos meus pecados.

Foi o momento em que decidi voltar à Igreja, o momento em que decidi me entregar a Deus e nunca mais fazer sexo.

No entanto, aqui estava eu, um Padre celibatário, sentado ao lado de uma estrada de terra deserta querendo correr de volta para aquele complexo e roubar uma mulher que se parecia e se comportava tanto como a que eu tinha matado.

Onde Deus criou Cassandra para meu uso, Jericho criou Sedra. Eu tinha que me perguntar se tanto o Todo Poderoso quanto o gêmeo que entendiam a minha escuridão não sabiam que eu estaria destinado a falhar.

Eu não consegui salvar Cassandra, mas tudo dentro de mim me dizia que eu ainda tinha a chance de salvar Sedra.

Minhas mãos batiam contra o volante, cada maldição que eu evitava dizer por doze anos rolando sem esforço da minha língua. E quando coloquei o caminhão na estrada e virei para a estrada principal, não virei à direita na minha paróquia como deveria, virei à esquerda na direção de Sedra.

*Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum. Salmos 23: 4*

**Você não conhece a solidão até andar por uma estrada de terra na calada da noite.** Você não conhece o medo até que tenha sido abandonado aos lobos.

Meus pés descalços doíam, as rochas e pedregulhos se enterravam no chão sem piedade ou desculpas. Estava se tornando normal para eu sentir essa dor - penitência, eu assumi por meus pecados - e por mais que eu tivesse atropelado galhos quebrados e pedras irregulares, eu provavelmente poderia andar sobre brasas neste momento e não sentir nada.

Eu não conseguia sentir nada realmente. Mas eu pude ver e pude ouvir. Foi assim que eu soube que um carro estava vindo em minha direção, seus faróis cegando meus olhos e a música explodindo o silêncio da floresta que me rodeava.

O carro derrapou de um lado para o outro, a poeira subiu dos pneus até a estrada parecer a porta de entrada para o Inferno. Mas diminuiu quando se aproximou de mim, quando suas luzes me pegaram em seu feixe e iluminaram todo o meu corpo.

—Porra, baby! O que é uma garota linda como você está fazendo andando sozinha em uma noite como esta?



Eu não gostei do cheiro que emanava do carro quando ele abaixou a janela completamente, eu não gostei da música que estava explodindo ou do jeito que seus olhos injetados me olhavam. Ele era um dos lobos que me despedaçariam com dentes afiados se eu permitisse. Mas ainda assim, apesar do meu medo, apesar de tudo, ele era a única alma viva que estava perto de mim. E seu carro seria um caminho mais rápido para Elijah do que meus pés.

Talvez Deus tenha enviado este homem para me ajudar na direção que eu viajei.

Eu estava rezando para ele por ajuda, afinal.

—Estou caminhando para a igreja — respondi, minha voz não forte o suficiente para ser ouvida sobre a música estridente.

O homem virou a música para baixo e se inclinou para olhar para mim através da janela do passageiro. —O que foi isso, baby? Eu não consegui ouvir você.

Um tremor de medo passou por mim, mas eu coloquei minha fé em Deus. O único problema sendo que eu estava muito focada no que eu orei para que Ele me mandasse para ouvi-lo sussurrando em meus pensamentos para correr.

—Eu estou indo para a igreja — eu disse novamente, acrescentando que força eu poderia encontrar na minha voz. O homem sorriu, seus lábios tortos e desleixados, seus olhos vermelhos e me estudando com foco nítido. —Igreja? — Ele riu. — O que faria uma mulher como você precisar de uma igreja a essa hora da noite?

—Eu sou uma pecadora — respondi, imaginando que a explicação que Elijah sempre pregara em seus sermões ressoaria com qualquer pessoa que soubesse por que Deus era necessário em nossas vidas.

Seu sorriso aumentou. —Não somos todos nós? — ele murmurou.

A resposta que ele deu me fez sentir um pouco melhor. Ele entendeu que todos nós éramos condenados sem a graça da luz de Deus. Ele deve ter sido enviado em resposta às minhas orações.

—Bem, deixe-me ajudá-la, linda. Não é nada bom que possa vir de estar tão sozinha no escuro assim. — Sua mão bateu na maçaneta da porta, puxando-a rapidamente para que ele pudesse sair do carro que estava parado com seus faróis iluminando a paisagem ao nosso redor.

Dando a volta na parte dianteira do carro, aqueles faróis capturaram seu rosto, iluminando-o até que eu pudesse ver a penugem em suas bochechas e a oleosidade de seu cabelo castanho onde ele espanava seus ombros. Ele usava um par de jeans largos e sem camisa, cabelos escuros espanando o peito e passando uma linha pelo centro que a trilha desapareceu sob aqueles jeans e eu não pude deixar de segui-la com meus olhos.

O único homem que eu já vi sem roupas foi Elijah. Este homem não segurou uma vela para ele.

—Qual é o seu nome, linda?

Sua voz baixou para um barítono profundo quando ele se aproximou de mim e continuou falando. Eu dei um passo para trás

sem perceber, meus braços subindo para cruzar meu corpo como se isso fosse parar o tremor.

—Eve — eu disse em uma respiração instável.

—Eve — ele repetiu de volta, sua língua espreitando para rolar ao longo de seu lábio inferior.

—Esse é um bom nome cristão.

—Hebraico — eu soltei. —Eles escreveram no Antigo Testamento.

Ele deu de ombros. —Não importa. Somos todos iguais aos olhos de Deus.

Elijah não era. Ele foi abençoado com a força da mão de Deus. Mas eu não disse isso a ele.

—A Eve bíblica, hein? — Ele esfregou a mão contra sua mandíbula. —Acho que isso faz com que você seja responsável pela queda do homem.

—Eu não fiz ninguém cair.

—Oh, que coisa doce você é. Não se preocupe, querida, eu caí há muito tempo.

Ele avançou mais rápido do que uma cobra para envolver sua mão grande em volta do meu bíceps e me puxar para perto. Eu não gostei do cheiro que emanava dele. Eu sabia que era o álcool que diminuía o fôlego. Nunca tendo provado uma gota disso, reconheci o cheiro de alguns dos homens da família. Eles tinham sido doutrinados com aquele fedor em sua pele, mas Elijah tinha enxugado como ele e erradicou-os do pecado.

—Por que você está lutando comigo, Eve? Eu só estou tentando falar com você.

Eu não estava lutando, não como ele dizia que eu estava. Tudo o que eu queria era me afastar dele, mas toda vez que eu tentava, a mão dele se apertava com mais força e seu sorriso se alargava.

Percebendo que eu não me afastaria dele, me acalmei. Mas ao invés de me deixar ir, ele me puxou ainda mais perto, seu peito roçando meus braços onde eles estavam cruzados sobre o meu peito.

—Lá vai você, baby. Apenas acalme-se um pouco. Papai quer cuidar de você. Não é seguro para uma garota ficar sozinha. — Seu olhar percorreu meu corpo. —Não é seguro para você estar descalça em uma estrada escura e deserta também.

—Ele não me deu sapatos — expliquei, não gostando do medo que cortava minhas palavras.

—Eu não sei quem ele é, mas parece que ele não é o tipo de homem para cuidar de uma mulher. Não é como ela precisa de qualquer maneira.

Embora ele tenha diminuído a música em seu carro quando ele parou para falar comigo, ainda era uma batida suave ao vento. Ainda havia uma voz cantando uma canção que rastejou pela superfície da minha pele.

—Dance comigo, menina. Vou até deixar você pisar nas minhas botas para não machucar seus pés.

Assustada ao ponto de perder a capacidade de pensar, cerrei os dentes e apertei meus braços sobre o meu corpo. —Eu não danço

— eu finalmente disse, esperando que a confissão o fizesse ir embora.

Seus quadris balançaram contra mim, seus grandes braços envolvendo meus ombros quando eu fui puxada contra seu peito. — Não há nada errado em dançar, Eve. Deus não nos daria música se ele não quisesse que nos movêssemos com ela. Você sabe o que eu quero dizer? Agora pise em minhas botas para que você não se machuque. Deixe-me cuidar de você por uma mudança.

Uma coruja chamou à distância, emprestando sua voz à música que tocava suavemente. Além do brilho dos faróis radiantes do carro, eu não conseguia ver a estrada, a floresta ou qualquer coisa que pudesse me ajudar. Esse homem era a única pessoa que sabia onde eu estava. A única pessoa que poderia me ajudar a escapar da espessa escuridão da noite.

Lentamente colocando meus pés em suas botas, eu deixei ele me esmagar em seu peito.

—Lá vai você, Eve. Agora não se sente melhor?

Nós balançamos para a esquerda e direita, meu estômago pressionado contra o jeans, sua excitação dura e inchada. Um arrepio percorreu-me com a sensação dele. Eu não gostava desse homem, mas não sabia mais o que fazer. Eu tive que jogar junto. Tive que esperar que uma simples dança fosse suficiente para ele abrir a porta do carro, me colocar para dentro e me levar para onde eu precisava ir.

Elijah não ficaria feliz em saber que eu deixei outro homem me tocar. Ele me rejeitaria se soubesse que eu não era mais pura. Mas

Elijah não estava aqui para me salvar do homem que tinha suas mãos ásperas e fortes sobre meus quadris. Ele não estava lá para impedir que essas mãos viajassem mais para o sul.

Eu me encolhi quando seus dedos massagearam as bochechas da minha bunda. Mordi o lábio quando ele descansou sua bochecha contra a minha cabeça e gemeu.

—Droga, baby. Você certamente é uma pecadora, não é? Você definitivamente tem o corpo de uma.

Sua voz era áspera e baixa, suas mãos trabalhando sobre mim enquanto sua excitação me pressionava mais. —Digo a você, menina. Você precisa de uma carona e eu preciso de outra coisa. E não há ninguém aqui para saber o que você fez. Por que você não me deixa dar uma olhada em você? Isso vai ser um segredo entre nós.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, meus braços tremendo com o quão duro eu os segurei contra o meu peito. —Você não pode guardar segredos de Deus — argumentei, minha voz tremendo e fraca.

—Deus nunca disse que há algo errado em olhar. Eu te dou uma carona. Você me deixa dar uma olhada no que o Bom Deus te deu, e podemos chamar isso de comércio justo.

As lágrimas encheram com força e o homem tentou vê-las correr pelo meu rosto. —Não chore, menina. Você acabou de encontrar um homem que está disposto a salvá-la. Você deveria estar comemorando.

Eu estava tão confusa. Tão perdida e aterrorizada. Estava escuro como breu em todas as direções e, se você ouvisse com atenção, poderia ouvir os animais se movimentando pela floresta. Era só uma questão de tempo até que um deles ficasse curioso e saísse para ver se eu poderia ser um lanche.

O que eu poderia fazer? Se eu corresse, ele me pegaria. E isso era apenas se eu fosse forte o suficiente para me libertar de seu alcance.

—Apenas uma olhada? Isso é tudo? Você promete?

—Merda, linda. Eu prometo a você qualquer coisa só para ter uma chance de ver o que está sob essas roupas folgadas.

—E você vai me levar onde eu preciso ir depois?

Ele riu, seu peito tremendo contra mim. —Baby, você acabou de me dizer que direção e eu vou te levar a qualquer lugar que você quiser ir.

Apenas uma olhada. Quão grande foi esse pecado? Eu me perguntei se Elijah iria entender.

Se ele soubesse que eu não tinha como escapar. Era só um olhar. Apenas uma espiada para que ele me salvasse da escuridão que ameaçava me envolver em seus dedos frios até que eu esqueci como respirar.

—Ok — eu murmurei. — Apenas uma olhada.

—Isso é uma menina. Eu gosto de uma mulher que sabe como fazer um acordo.

Ele me soltou e eu me virei para olhar a estrada, esperando e rezando por outro conjunto de faróis para iluminar o caminho. Mas nós estávamos sozinhos no meio do nada. Nem uma única alma ao redor para conhecer minha vergonha.

—Eu vou dar um passo para trás se isso faz você se sentir mais confortável. Você pode se encostar no carro e se aquecer pelo motor. Dessa forma, quando você me mostra o que tem, você não estremece com o frio.

O homem recuou como ele disse que faria e eu considerei correr. Mas ele era maior que eu e provavelmente mais rápido. Não havia onde eu pudesse ir que ele não me encontrasse.

Movendo-me para o carro, eu me inclinei contra o capô e me recusei a olhar para o homem enquanto eu descruzei meus braços.  
—O que você quer ver?

—Tudo isso, baby. Tire tudo bem legal e devagar.

Minhas mãos tremiam quando eu alcancei os botões da minha camisa, imagens piscando na minha cabeça do galpão de madeira onde Elijah tinha me visto pela primeira vez sem roupas.

Ele se casou comigo naquela noite aos olhos de Deus. Ele me marcou e ele tomou meu corpo como um marido faz uma esposa. Por mais seis noites, ele me mostrou como uma mulher age por um homem. Ele me mostrou como era se deliciar com a luz dele.

Talvez se eu fingisse que ele estava na minha frente, tudo isso seria muito mais fácil.

Meus dedos se moveram sobre os botões, soltando um antes de passar para o próximo. Meu lábio inferior tremeu mais com cada



botão que foi desfeito. Quando cheguei ao fundo e puxei minha camisa para longe, eu vacilei com o silvo suave da respiração sobre os lábios do homem. Eu chorei por sentir meus mamilos apertando em resposta ao ar frio que deslizava com dedos gananciosos para dançar em minha pele.

—Droga, baby. Sua mãe te deu o nome certo. Você definitivamente é o motivo da queda do homem.

Um zíper abaixou, a suave ondulação de metal contra metal agarrando a minha atenção onde ela se movia pelo vento. —Eu espero que você não se importe se eu me tocar enquanto olho para você.

Pressionando meus lábios juntos, eu tentei parar o tremor, mas se espalhou como fogo sobre o meu corpo.

—As calças, menina. Tire-as também.

Peguei o botão e hesitei. Quando eu olhei para ele, sua mão estava trabalhando de um lado para o outro em seu comprimento. Ele acenou com a cabeça em minha direção.

—Vá em frente, baby. Não há necessidade de ser tímida. Eu vou te mostrar o meu se você me mostrar a sua.

Seu sorriso se alargou mostrando-me todos os dentes. Mordi o interior do meu lábio e puxei o botão solto na minha calça, minhas mãos muito tremidas para trabalhar o zíper.

Por mais soltas que as calças estivessem, o zíper não era necessário. O material escorregou minhas pernas, independentemente. No momento em que eles encheram meus pés, o homem estava se empurrando mais forte, seu próprio lábio inferior

preso entre os dentes enquanto seus olhos se arregalaram e seu peito batia com a respiração pesada.

—Chute-as fora — ele exigiu, a doçura falsa em sua voz que ele usou até então completamente ausente.

Minha voz vacilou quando argumentei: — Mas você me viu. Não podemos simplesmente sair agora?

Ele riu, o som carregando a maneira como a mão dele bateu entre as pernas. —Eu não vi seus tornozelos. E você não se virou para me deixar ver sua bunda.

Lágrimas estavam caindo do meu queixo, mas eu balancei a cabeça e chutei as calças para longe. —Eu não vi seus ombros também. Tire tudo, tudo do caminho.

Fechando os olhos, fiz como ele disse e tirei a camisa dos meus ombros. Ela escorregou pelos meus braços para cair no chão, amontoados e inúteis sobre a terra.

Ele praticamente rosnou quando disse: — Agora vire-se e abra as pernas. Curve-se sobre o capô para que eu possa dar uma boa olhada. Estou quase terminando e então podemos ir aonde você quiser.

—Eu não quero — eu chorei.

—Nós fizemos um acordo, menina — ele respondeu, sua voz tensa enquanto sua mão continuava bombeando.

Eu já tinha chegado tão longe. Eu já estava nua e tremendo ao lado da estrada, e não havia ninguém que soubesse o que eu fizera.

Ninguém além de Deus. Ele tinha que me perdoar. Ele tinha que saber que era a única escolha que eu tinha.

Virando devagar, eu ignorei o jeito que ele gemeu ao ver meu traseiro. Espalhando minhas pernas, eu me inclinei sobre o capô como ele disse, o calor do motor pressionando contra o meu peito mandando arrepios pelas minhas pernas.

Ele estava em mim dentro de um segundo, sua excitação pressionando contra mim enquanto suas mãos alcançavam entre meus seios e o capô do carro. Eu recuei, desesperada para afastá-lo, mas ele fez um som para silenciar no meu ouvido quando seus dedos encontraram os mamilos apertados do meu peito.

—Shhhhh, baby. Acalme-se.

—Você disse só olhar! — Eu chorei.

—Eu sei. Eu sei — ele respondeu, sua voz suave como cetim mais uma vez. —Mas baby, como você pode me culpar com a sua aparência? Você nasceu para tentar homens. Eu só quero tocar em você. Nada mais. Apenas um toque.

Sua mão massageava meu peito, sua excitação pressionando contra a divisão em minha bunda. Quando ele forçou uma mão entre nossos corpos, ele deslizou essa parte dura *entre* as minhas pernas. Eu fechei minhas pernas juntas, mas ainda estava lá, me provocando.

Meu corpo respondeu apesar do que minha mente e coração estavam dizendo. Este maldito corpo cheio de pecado e todo perverso. Chorando mais forte, eu sussurrei para mim mesmo o que Elijah havia me dito sobre mim mesmo, as palavras vindo

rapidamente e crescendo em força, enquanto as repetia repetidas vezes.

—O que é isso, baby? Eu não posso te ouvir.

Seus quadris se aproximaram, minhas pernas pressionando dolorosamente na lateral do carro.

—Seu corpo é seu templo? É isso que você está dizendo repetidas vezes?

Assentindo minha cabeça, um soluço se libertou dos meus pulmões.

—Oh, querida, não se preocupe. Seu corpo é meu templo também, e eu quero entrar para adorá-lo apropriadamente.

Eu odiava que eu estivesse molhada entre as minhas pernas, odiava que meu pecado não pudesse ser contido sem Elijah para tirar isso de mim. Eu me odiei naquele momento e só queria que esse homem fosse embora.

—Não vai doer, querida. Eu prometo. Vou me certificar de que eu faça você se sentir bem. — Ele alcançou entre nós novamente e puxou seus quadris para longe. Quando ele avançou, ele estava contra a abertura do meu corpo, ameaçando a santidade que tinha sido apenas de Elijah.

Eu gritei, mas ele soltou meu peito para cobrir minha boca e abafar o som. E quando ele estava prestes a se forçar, algo bateu na traseira de seu carro com força suficiente para nos enviar voando.

**JACOB**

*E você saberá meu nome é o Senhor quando eu coloco minha vingança sobre ti. Ezequiel 25:17*

**Eu estava com tanta raiva quando eu parei na cena que eu não dava a mínima para danificar meu caminhão apenas para tirar aquele filho da puta dela.** Enviei uma oração a Deus para que ela não sofresse e que ele perdoasse meu comportamento precipitado.

Sentindo-me melhor depois de pedir perdão *antes* de cometer o pecado, eu pulei da minha caminhonete e corri para onde eles pousaram, levando apenas um segundo para olhar para Sedra e me certificar de que ela não estava ferida antes de voltar minha atenção para o idiota que tinha suas mãos repugnantes por toda parte.

Meus dedos se fecharam em seus cabelos oleosos enquanto eu o arrastava de volta. Ele poderia chutar e gritar tudo o que ele queria, mas não havia como ver além da névoa vermelha de raiva me consumindo.

Eve sentou-se na terra ao nosso lado, soluços rasgando seu corpo enquanto se arrastava para onde suas roupas estavam empilhadas. Sabendo que ela estava fisicamente bem, facilitou para eu manter minha atenção no bastardo lutando debaixo de mim.

—Que porra é essa? Você bateu no meu carro! Deixe-me ir, idiota!

Ele gritou para mim enquanto eu continuava arrastando-o para fora da estrada. Batendo meu punho em seu rosto, eu ri quando ele cuspiu um dente. Eu não dei a ele a chance de gritar de novo antes que meu punho o atingisse mais quatro vezes.

—Você gosta de forçar a chorar todas as mulheres, seu filho da puta doente? É isso que você faz por diversão?

—Ela queria isso! — Ele gritou, com sangue borbulhando na garganta de onde sua boca estava aberta.

Ainda segurando-o pelos cabelos, levantei a cabeça para olhar para Sedra. —Você queria esse cara se empurrando em você?

Ela balançou a cabeça, lágrimas caindo de seus olhos enquanto ela agarrava sua camisa ao peito. —Não — ela respondeu, a única palavra rachada e quebrada de quão duro ela chorou.

Meu olhar se fixou no rosto do cara. —Ela acabou de me dizer que você é um mentiroso. — Meu punho bateu no nariz dele. —É um pecado mentir. — Outro soco. —Você quer me dizer a verdade agora?

—Foda-se cara! Pare! — Ele gritou, abrindo os olhos para olhar para mim. —Que porra é essa? Você é um Padre?

Meu punho pegou sua mandíbula e sua cabeça foi para trás. Eu esqueci completamente que estava usando meu colarinho clerical. Eu esperava que ninguém aparecesse para ver um Padre batendo em um homem ao longo do lado da estrada.

—Sim — eu disse, minha voz estranhamente calma. —Eu sou um Padre e estou aqui para lhe dizer que você deveria ter ido à igreja... — Eu bati nele novamente antes de deixá-lo cair para colocar minha bota em seu lado. —... um pouco mais vezes... — Outro chute, seu corpo se enrolando quando eu o acertei de novo. —... porque um filho da puta como você que precisa aprender que estuprar mulheres do lado da estrada não é algo que Deus queira. — Outro pontapé. Outro soco.

Ele estava choramingando naquele momento, lutando para se levantar enquanto eu continuava batendo nele de volta. Cada gota da violência que eu contive dentro de mim estava derramando. Cada gota caindo sobre ele como um soco na cabeça ou um chute na espinha. Eu sabia que deveria parar. Eu sabia que deveria deixá-lo cair em seu próprio sangue, agora que Sedra estava segura, mas eu perdi o controle.

Assim como toda vez que essa garota estava por perto, eu me afastei da vida que construí para mim mesmo e me vi deslizando em direção à tentação.

—Pare! Você é um Padre, por favor, pare!

De pé sobre ele, meu peito arfava com dificuldade, minha mão picava onde eu dividi meus dedos abertos em seus dentes. E tudo que eu queria fazer era espancá-lo novamente.

—Elijah! Por favor! Pare!

Sedra gritou de onde estava sentada em seu carro, com os olhos fixos em mim, bem abertos à minha violência. Ela estava apavorada não só por causa do que esse idiota tinha feito, mas por

causa da violência que ela podia ver sangrando de mim. Respirando mais algumas vezes apenas para me forçar a falar uniformemente, olhei para a patética desculpa de um ser humano e lutei para lembrar do meu lugar. Eu era um Padre, não um vigilante insano, cujo trabalho era erradicar o mal.

Eu deveria espalhar o amor e a palavra de Deus, não brigar ao lado de estradas desertas.

Eu olhei para Sedra mais uma vez e lembrei que eu deveria ser o pastor do meu rebanho e nenhum dos lobos salivando para derrubar os mais fracos entre eles.

*Merda!*

Isso não deveria ser a minha vida.

Meus olhos focaram no homem sangrando e chorando aos meus pés. —Da próxima vez que você quiser pensar em Deus, você deve lembrar o que foi escrito em Seu Santo Livro. Meu Deus é um Deus vingativo para com todos aqueles que ousariam destruir o correto.

O homem fraco e batido continuou chorando enquanto eu marchava para o meu caminhão. Ele ainda estava chorando quando abri a porta e abri o porta-luvas para pegar uma Bíblia que eu guardava para distribuição. Ele estava apenas se erguendo em suas mãos e joelhos quando eu marchei de volta para ele, chutei-o sob as costelas até que ele estava deitado no chão novamente, e bati a Bíblia em sua cabeça.

—Aqui está o livro do Senhor, seu pedaço de merda patético. Eu sugiro que você leia!



Eu queria chutá-lo mais uma vez — só mais *uma* vez — mas não o fiz. Eu lutei para ganhar o controle de mim mesmo naquele momento, não importa o quanto eu quisesse acabar com esse cara e jogá-lo fora para qualquer coisa que os animais o comessem.

Mas eu não fiz.

Em vez disso, fui até onde Sedra estava sentada e ajudei-a a ficar de pé. Ela não se preocupou em colocar as roupas de volta, ela só as apertou contra o peito. Ela estava tremendo tanto que não podia andar e eu a peguei para levá-la para minha caminhonete. Depois que a coloquei no banco do passageiro, dei a volta pelas costas para subir do outro lado. Lançando um olhar para o homem que ainda lutava na terra onde eu o havia deixado, eu revirei a caminhonete e desci a estrada.

Sedra soluçou ao meu lado enquanto eu dirigia silenciosamente ao longo da estrada escura. Eu quis me acalmar e ajudar a mulher que tinha feito uma bagunça na minha vida.

O que eu fiz àquele homem não foi meu melhor trabalho, não foi nem mesmo um sermão apropriado, mas me senti tão bem em derrubar o tipo de pessoa que personificava exatamente aquilo em que eu estava trabalhando na minha vocação. Ele era o demônio chafurdando em corrupção.

Ele era o lobo que veria uma mulher encalhada na beira da estrada e a estupraria apenas para melhorar sua vida.

Ele era exatamente o que eu deveria estar lutando contra, mas realmente *lutar* contra ele não tinha sido a resposta certa. O juiz final é Deus. Era sua vingança que a humanidade teve que temer. Não

era nosso lugar jogar pedras ou condenar nossos irmãos, mas eu estava lutando com o perdão e amor que eu deveria retratar em minha vida como um homem devoto.

Eu não me arrependi tanto de machucar tanto aquele homem, mas ainda me sentia culpado por isso. E não havia um confessionário dentro de cem milhas para *eu* engatinhar e admitir todos os meus recentes pecados.

Resistindo ao desejo de chegar confortavelmente para tocar o ombro de Sedra, mantive meus olhos treinados na estrada, dirigindo sem falar a volta inteira para a igreja.

Eu parei atrás da reitoria, feliz pela cobertura da noite escura e me movi ao redor do caminhão para abrir a porta de Sedra. Ela se encolheu em seu assento quando a toquei para ajudá-la a descer.

—Ei, tudo bem. Sou só eu. Eu não vou te machucar.

Ela não respondeu, apenas apertou mais o banco.

—Sedra...

—É Eve — ela sussurrou, sua voz ficando mais alta quando ela falou novamente. —Não Sedra. Você me nomeou Eve e esse é o meu nome.

Naquele momento eu estava disposto a chamá-la do que ela quisesse apenas para tirá-la do caminhão e tomar um banho. Ela estava imunda, ela estava congelando, e ela estava tremendo tanto, a borda do caminhão estava batendo contra os meus joelhos.

—Ok, Eve. Eu vou levar você para dentro e levá-la para um banho. Você precisa lavar a sujeira e ficar limpa.

—Eu ficaria limpa se você não tivesse me deixado do lado de fora do complexo. Eu não teria sido forçada a fazer as coisas que fiz com aquele homem, se você não tivesse...

Sua voz cortou abruptamente, soluços violentos invadindo o corpo da pobre mulher até parecer que ela não conseguia respirar.

—Eve — eu sussurrei: — Vamos, deixe-me ajudá-la.

Deslizando meus braços atrás das costas e sob os joelhos, eu a puxei para fora do assento e a embalei contra o meu peito. Eu nem me incomodei em fechar a porta do meu caminhão. Ela estava muito fraturada, também precisando de calor e paz que os detalhes não importavam.

Eu fui responsável por isso. Não Jericho. Não Sedra. Não os dois homens no complexo que se recusaram a deixá-la entrar.

Eu.

Eu sou a pessoa que decidiu levá-la de volta sabendo todas as coisas horríveis que meu irmão estava fazendo com ela. Fui eu quem a deixou do lado da estrada quando eles se recusaram a aceitá-la de volta.

Poderia muito bem ter sido eu na estrada forçando meu corpo sobre ela, porque se não fosse pelo meu egoísmo, minha covardia e meu desrespeito pelo que realmente significava ser Padre, ela não estaria naquela situação em primeiro lugar. Mesmo que eu fosse a pessoa responsável por todas as coisas horríveis que aconteceram com ela esta noite, isso não significava que eu não conseguia lembrar quem eu era, quem eu tinha sido nos últimos doze anos, e dar tudo o que tinha para colocar ela de volta juntos.

Observando-a quebrar em meus braços foi minha flagelação. Sofrer em recusar a tentação enquanto eu a colocava de volta seria minha penitência.

Entrando na casa paroquial, levei-a de volta para o meu quarto, chutei a porta e fui até o banheiro. Sentei-a no chão enquanto corria para encher a banheira. O vapor subia da superfície da água, um lençol leve que nos esconderia no pesadelo que ela precisava lavar longe.

Sedra estava tão estilhaçada, tão arrependidamente inocente que não tinha nem o conhecimento nem a capacidade de se proteger no mundo ao nosso redor. Ela era a presa perfeita, a isca que tem o gosto mais doce, porque ela só quer ver o bem nas pessoas.

Ela só queria ser boa ela mesma.

Dando tudo a um homem que ela acreditava que a amava. Sacrificando sua própria identidade para satisfazer qualquer delírio doente que ele tivesse dela. Todos eram sintomas do bem dentro dela.

Quando ela apareceu pela primeira vez na minha vida, eu não conseguia me mover rápido o suficiente para me afastar dela. Seu corpo era a tentação perfeita, sua submissão o veneno que poderia arrastar um homem piedoso para o próprio Inferno. Ela era tudo de mal que somos avisados no mundo apenas pela mera existência.

Mas ainda assim ela não era má.

Ela era a ilusão do mal.

Pureza envolvida na gaiola pecaminosa de uma mulher que não conhecia nada melhor.

Me tentar nunca tinha sido sua intenção. Isso foi um problema comigo, com minhas fraquezas e minha escuridão desviante.

Sedra tinha a essência de um anjo caído, e quando ela abriu os olhos para olhar para mim do chão, tudo o que vi por trás deles era uma tragédia.

Engolindo o gosto acre de culpa que cobria minha língua, falei baixinho. — Você precisa de ajuda para entrar no banho?

Seus olhos dispararam do meu rosto para o meu colarinho e para trás novamente, um arrepio percorrendo sua espinha imediatamente depois.

Virando-me para olhar no espelho, vi os respingos de sangue que tinham manchado meu colarinho branco clerical. Rasgando-o do meu pescoço, joguei o lixo ao lado da pia e afundei em meus joelhos para olhar nos olhos de Sedra.

—Posso te ajudar, Eve? Por favor.

Ela balançou a cabeça, abrindo e fechando a boca várias vezes antes de finalmente dizer o que estava em sua mente.

—Você não deveria dizer por favor. Está abaixo de você, Elijah. Você é mais forte que isso.

Em uma voz mais suave, ela acrescentou: — Mais forte que eu.

Se ela tivesse usado uma faca para cortar a minha alma, teria sido menos doloroso do que as palavras dela. Durante toda a sua vida, essa mulher fora enganada, equivocada, levada a acreditar que toda a sua existência era para um homem. Ela foi jogada na floresta

na calada da noite. Feito para correr milhas apenas para pousar na porta de um Padre que deveria tê-la ajudado.

E o que eu fiz? Eu a joguei de volta para os monstros que a usaram, que abusaram dela, que a despojaram de toda a sua identidade e a substituíram por tudo que *e/les* queriam que ela fosse.

Tudo porque eu não consegui lidar com meus próprios desejos. Tudo porque eu não queria lidar com os jogos que meu irmão tinha guardado para mim.

Sedra não deveria *me* chamar de forte, pelo menos não o homem que eu tinha sido até este momento.

Não foi até que eu tive que empurrar na minha cara nos últimos dias que eu percebi que eu não tinha me tornado um Padre por algum desespero de conhecer e amar a Deus.

Eu me tornaria um Padre para me esconder da vida, para me isolar em uma existência que me mantinha seguro dos erros do meu passado, e especialmente uma vida que mantinha as pessoas a salvo de mim.

Se eu não fosse forte o suficiente para me controlar, quem era eu para acreditar que poderia salvar a alma de outra pessoa?

—Eu não sou mais forte do que você.

Ela riu, o som triste e angustiado. —Você tem o poder de Deus à sua mão e eu não tenho nada. Não agora que você me abandonou.

Pegando-a, eu me levantei e atravessei a sala para abaixá-la na água. Ela assobiou quando o calor encontrou sua pele, mas em poucos minutos ela parou de tremer. Sua cabeça caiu contra a

banheira e ela soltou um suspiro cheio de todas as emoções terríveis. A água espirrou ao redor dela, o som acalmando no silêncio da pequena sala.

Estabelecendo-se ao lado dela, entreguei-lhe uma barra de sabão e uma toalha de banho. Ela os tirou das minhas mãos, mas sua tentativa de se banhar era instável na melhor das hipóteses.

Sedra não estava comigo no quarto. Ela ainda estava presa naquela estrada deserta.

—Por que você se afastou do complexo? — Perguntei. —Eu disse para você ficar lá, que eles deixariam você entrar.

Levantando o pé para fora da água, ela projetou o queixo em um grande corte no dedão do pé. —Eles atiraram em mim. Se eu ficasse lá, eles teriam me matado.

Sua cabeça girou para a direita até que seus olhos verdes se encontraram com os meus. —Mas você já sabe disso, não sabe? É por isso que você me fez usar calças. Então as pedras e o bico de pássaro não cortam minha pele quando ela foi pulverizada.

Minha cabeça tremeu em negação. —Não, Eve. Não é por isso que eu te dei as calças.

Uma lágrima escorregou de seu olho, seus lábios se apertando enquanto lutava para não chorar. —Então, tudo isso não fazia parte do seu teste? Parte do meu castigo por ter corrido?

—Isso não é castigo, Eve.

Não havia desculpa para continuar a farsa de que eu era Elijah, mas temia que dizer que aquilo não era um jogo - pelo menos da minha parte - só a aborreceria mais.

Quando Eve chegou, havia apenas uma realidade. Havia o culto que ela chamava de sua família e lá estava Elijah. Sua existência foi destinada apenas a ele.

Ela se tornou Eve na noite em que ele distorceu sua mente e mostrou a ela o prazer que vem da dor.

Não havia um mundo fora das paredes do complexo. Não havia nada nesta vida para ela, mas o homem que ela acreditava ter se casado.

Para ela, eu era aquele homem, e não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para provar o contrário. Meu irmão e eu éramos idênticos. Na aparência, no DNA, no sangue e tudo o que importava. A única coisa que nos separou foram nossas impressões digitais.

Eu duvidava muito que Eve aceitasse o que eu poderia oferecer como prova, sem me acusar de mentir novamente.

Ela estava tão longe.

—Sinto muito ter deixado você. Foi uma decisão ruim, e tudo o que aconteceu com você foi minha culpa. Eu não farei isso com você novamente.

O canto do lábio dela se curvou; Tímida, resoluta e tão cheia de tristeza que sua expressão era um pulso palpável em meus ossos.



—É minha culpa por correr em primeiro lugar — ela finalmente disse, seus olhos desviados como se ela não pudesse olhar para mim e admitir o que ela acreditava ser a verdade.

—E o que aconteceu na estrada também é minha culpa. — Seus olhos encontraram os meus. —Você sabe disso.

—Eu não sei disso.

Ela riu, uma pequena explosão de som que sacudiu seus ombros uma vez. A água espirrava na banheira a seus pés, e então tudo ficou tão quieto que você podia ouvir as pequenas gotas de água escorrendo de seu queixo para cair no banho abaixo.

—Estou cheia de pecado, Elijah. Você me disse isso na cabana do complexo. Você me mostrou como... — Seus lábios se uniram, os olhos piscando uma vez antes de desviar o olhar. —... você me mostrou o quão ruim eu quero. Como é fácil para mim desistir. Como meu corpo anseia por isso. Isso faz o que aconteceu lá fora hoje à noite minha culpa. Eu sou tentação. É por isso que mantemos nossos olhos baixos. É por isso que o único homem a quem estou realmente disposto a olhar é você.

Seus olhos se ergueram, o verde sem graça, com incerteza. — Eu não queria aquele homem esta noite. Ele era nojento e malvado e não você, mas...

Isso me levou ao limite da loucura cada vez que sua voz sumiu.

Em algum lugar dentro daquela cabeça, havia Sedra, a garota que ela tinha sido antes de meu irmão a preparar. Antes que ele torceu seus pensamentos tão completamente que ela não podia ver além do que ele lhe ensinou.

Eu sabia que membros de cultos, e outros indivíduos que tinham sofrido lavagem cerebral ou foram enganados por anos, precisavam de ajuda além do que eu poderia fornecer a Sedra. Eu sabia que eles precisavam de terapia e reabilitação, e que às vezes levava anos para eles finalmente abrir os olhos e ver a verdade encarando-os diretamente no rosto. Eu também sabia que forçar a ajuda deles era praticamente impossível, especialmente se eles fossem adultos e não estivessem em perigo óbvio.

Tanto quanto eu sabia, Jericho não tinha feito nada que fosse um crime verificável.

E se eu conhecesse meu gêmeo bem o suficiente, ele teria coberto seus rastros se tivesse.

Tomando Sedra algum lugar para a ajuda que ela precisava seria o mesmo que eu fiz hoje à noite. Seria devolvê-la ao seu manipulador, porque ela sempre voltaria para ele e não havia ninguém que pudesse impedi-la.

Mesmo agora, mesmo depois de ter sido abandonada na beira da estrada e quase estuprada como resultado disso, ela ainda olhava para mim como se eu fosse seu mundo. Ela olhou para mim exatamente como ela olharia para Jericho.

Para ela, meu irmão e eu éramos um no mesmo. Ele queria que ela acreditasse que eu era ele. É por isso que ele ordenou que ela não fosse permitida de volta ao complexo e se recusou a mostrar seu rosto ao lado do meu. Mas o que eu não sabia era que os homens que vinham ao portão estavam dentro dos planos de Jericho, ou se também acreditavam que eu era ele.

O pior do problema, pelo menos para mim, não era o jogo contra o Sedra, era o fato de que eu odiava o jeito que ela olhava para mim, só porque havia uma parte de mim que queria aproveitar ao máximo.

Ainda havia escuridão dentro de mim que nem a luz de Deus tinha sido capaz de tocar.

—Mas —eu cutuquei suavemente em um esforço para continuar retirando os pensamentos que ela mantinha em segredo, se por nada mais do que juntar o quebra-cabeça e encontrar uma maneira de quebrá-la do aperto de Jericho, para encontrar uma maneira de me livrar do situação antes de que eu fosse enredado na teia da tentação para se tornar um homem caído.

—Eu preciso confessar — ela suspirou, as palavras mal o suficiente para cruzar a pequena distância entre nós.

Permanecendo em silêncio, eu pensei que ela falaria sua confissão uma vez que ela encontrasse a força para fazê-la. Em vez disso, ela me procurou por ajuda.

—O que você precisa confessar?"

—Dor — ela sussurrou. —Assim como na cabana. Assim como o que você me ensinou.

Um tremor percorreu meus ossos, minha pele se arrepiou de aviso. Eu não poderia ser a pessoa que deu a ela aquela dor, só porque eu me preocupava em perder o controle.

—Você não teve dor suficiente hoje à noite?

Lágrimas explodiram de seus olhos, um som escapando de seu peito que estava tão cheio de luto que doía apenas ouvir isso.

—Por favor. Eu preciso da dor que purifica quando falo minha confissão. É a única maneira de limpar o pecado.

*Droga, Jericho. Seu filho da puta.*

Quanto mais eu estava aprendendo sobre o que ele ensinou a Sedra, mais eu queria acabar com ele simplesmente para limpar seu tipo de insanidade da existência.

—Não é assim que a confissão funciona, Eve.

—Eu preciso disso — ela sussurrou entre os dentes cerrados.  
—Por favor, Elijah, por favor, não me faça carregar isso. Eu não sou forte o suficiente, eu não sou...

Ela entrou em pânico enquanto falava, sua ansiedade aumentando até a água espirrar para fora da banheira, seu corpo se movendo em minha direção para me agarrar enquanto eu me movia de volta. Quando a mão dela pousou no meu braço, seus dedos se apertaram, devastação crescendo atrás de seus olhos até que eu pensei que ela quebraria sob a pressão.

—Eu preciso disso — ela suspirou, suas lágrimas um fluxo constante de olhos inchados e vermelhos. —Eu não posso me livrar disso sozinha.

Não havia dúvida de que ela *realmente* precisava do que pedia. O instinto me disse para me afastar dela o mais rápido possível, mas a compaixão me disse para dar a ela o que ela achava que precisava.

Não era totalmente sem razão que ela acreditava que a dor iria purificá-la das emoções que ferviam dentro dela. Para muitos - mesmo aqueles que não foram deformados por um manipulador como Jericho - a dor física era sua única saída da tempestade de dor emocional que havia em seu interior. Algumas pessoas se tornam auto agressoras. Eles se cortam ou buscam consolo em substâncias que destroem suas mentes e corpos.

Alguns procuram a libertação através da violência contra os outros. E alguns buscam liberação através do sexo. A dor física, o esforço de seu corpo, é um meio para um fim, uma válvula através da qual eles podem aliviar a pressão que os ameaça no interior.

Jericho tinha encontrado os meios de alívio de Sedra, e ele aparentemente torceu e cuidou, até que era o único meio para ela lidar e sobreviver.

Se eu não me sentisse tão culpado pelo que aconteceu com ela na estrada, eu poderia ter sido forte o suficiente para negar o que ela achava que precisava, mas havia uma pequena voz dentro de mim que me disse que a dor emocional que ela sofria agora era inteiramente minha culpa.

Eu devia isso a ela.

Não devia?

—Ok, Eve. Eu vou te ajudar.

Seu corpo relaxou, um sopro de puro alívio fluindo sobre seus lábios entreabertos que chamou minha atenção. Tão cheios, aqueles lábios eram a porta de entrada para meu tipo de pecado, a perfeição

arredondada e macia que me lembrava do homem que eu fui uma vez - da mulher que tinha sido minha ruína.

Meus olhos se fecharam enquanto eu fazia uma oração silenciosa, enquanto implorava e implorava a força que só Deus poderia me dar para permanecer fiel aos votos que fiz a ele em expiação pelos meus crimes.

—Vamos tirar você do banho — eu disse, abrindo os olhos para encontrá-la olhando para mim de uma forma que nenhuma mulher tinha olhado para mim desde Cassandra.

Um arrepio percorreu meu corpo, um fio de escuridão se tornando vivo para se envolver em torno do meu autocontrole.

Feliz de levantar do lado da banheira e se afastar dela para o quarto, eu puxei uma toalha do armário, fechei a porta e pressionei minha testa contra a superfície fria da madeira.

Eu poderia fazer isso sem me perder? Eu era forte o suficiente para encontrar uma maneira de ajudá-la que não me arrastasse de volta para as profundezas do pecado final?

Eu não sabia, e essa falta de *conhecimento* é o que mais me apavorava.

No momento em que me forcei a voltar para o banheiro, Eve estava de pé na água, as gotas escorregando sobre seu corpo nu implorando para serem perseguidas pela minha língua. Mas lembrar o que eu tinha visto e feito a ela hoje à noite, lembrando a maneira que a fera de um ser humano a machucou, foi o suficiente para me tirar do desejo que eu não queria admitir ou enfrentar.

*Eu* precisava confessar, mas, dado tudo o que acontecia, não achava que Deus estivesse escutando. Ou isso não era o teste de fé de Eve. Era meu.

Aproximando-me dela, enrolei a toalha em volta dela e a puxei da banheira. Depois de ajudá-la a secar completamente, fiquei apavorado com o que estava prestes a acontecer. Eu não falava porque não podia confiar em minha voz para não me conter sob a tensão da minha batalha interna, então apenas fiz um sinal com a mão para ela andar para meu quarto.

Tão *perfeitamente* obediente, ela obedientemente atravessou para a sala ao lado, plantou-se contra a parede e esperou que eu a castigasse por qualquer coisa que ela achasse que fez de errado.

Meu queixo doía de quão forte eu cerrei meus dentes, mas eu fui até ela independentemente. Senti meu corpo reagindo à tentação. Essa parte de mim enchendo e alongando até que minhas calças estavam desconfortáveis e eu as queria fora. A gola da minha camisa estava muito apertada, a pressão só aliviou quando eu puxei do topo dois botões soltos.

Os olhos de Sedra imediatamente rastrearam a pequena quantidade de pele que os botões abertos revelaram. Mas não foi a direção do olhar dela que me matou, foi a necessidade absoluta que vi por trás dele.

Respirando fundo, estendi a mão para pegar seus pulsos em minhas mãos, puxá-los acima de sua cabeça e segurá-los na parede. Seu corpo estremeceu, forçando uma pontada de amargo tormento através do meu. Eu dei um passo para frente e me pressionei contra ela. Movendo-se de modo que seus pulsos estavam presos sob

apenas uma das minhas mãos, eu passei meus dedos pelo seu braço, ao longo do seu lado, finalmente colocando-o em seu quadril enquanto minha testa pressionava a dela.

—Qual é a sua confissão, criança?

Minha pergunta saiu sem fôlego, revelando a dor que ela estava me causando.

O calor de sua respiração se espalhou pelo meu rosto, meus olhos se fechando contra uma sensação que eu não sentia desde o dia em que prometi a Deus que nunca mais cederia aos meus desejos.

—Eu pedi por isso — ela sussurrou. —Para aquele homem me assustar. Para ele me querer.

Se Sedra fosse viciada em sexo, ou alguma outra pessoa que precisasse do ato, independentemente de com quem eles se comprometessem, eu teria me preocupado que eu tivesse espancado um homem inocente. Mas eu sabia que isso não seria possível. Sedra era totalmente dedicada a apenas um homem.

Seus olhos só via Elijah, mesmo quando era eu olhando para ela.

Eu desprezei o quanto essa verdade descarada doía.

Enquanto eu estava preso em sua teia sem que ela percebesse, ela nunca *me* veria.



*Mantém-me de maneiras enganosas; seja gentil comigo e me ensine sua lei. Salmo 119: 29*

**—Diga-me como você pediu por isso.**

Sua voz estava tensa e eu me preocupei que ele estivesse com raiva de mim, que o que ele testemunhou hoje à noite na beira da estrada tinha sido o golpe final, a lança que foi empurrada para o lado dele.

Ou mais precisamente — a lança que foi empurrada para o *meu* lado.

—Eu nunca deveria ter parado de andar. Eu não deveria ter falado com ele. Eu não deveria tê-lo tentado olhando nos olhos dele. Meus olhos não foram treinados para o chão como você sempre me disse que deveriam ser. O mal está ao nosso redor, Elijah, e eu sou vítima disso.

Seus lábios se apertaram, sua respiração tão firme que era uma batida contra o meu peito. Eu assisti as sombras dançarem sobre o seu rosto, segui os raios de luz dispersos que atingiam para destacar a barba escura ao longo de sua pele bronzeada, a contração de sua mandíbula apertando seus dentes.

Ele respirou, longo e duro. Não fez a voz dele mais forte. —  
Você está perdoada.

—Há mais — eu admiti, meus olhos bem abertos enquanto ele permaneceu fechado. —Algo muito pior.

Seus dedos apertaram meus pulsos e quadris e a primeira onda deliciosa de dor percorreu meu corpo. Eu precisava de mais.

Eu *ansiava* por isso.

—Eu deixei ele me tocar. Não é como, você sabe, *isso*. Não a princípio. Mas eu o deixei dançar comigo. Eu tentei lutar, mas ele não me deixou ir. Então eu cedi.

Suas mãos se apertaram mais, outro tendão decadente de dor envolvendo meus ossos.

*Seduza-me, Eve ... Não importa o que eu diga, o que eu faço, você deve me mostrar como você pode ser leal.*

Eu estava dando a ele tudo de mim mesmo, mesmo aquelas partes que eu não queria me mostrar.

—Eu abri minhas roupas para ele. Ele me prometeu que me ajudaria por apenas um olhar. Eu sabia que ele me desejava. Ele tocou a si mesmo quando meus seios foram expostos.

O corpo de Elijah estremeceu contra o meu, suas mãos ainda mais apertadas. Eu respirei o prazer que seu tormento provocante causou e senti quando sua respiração parou por apenas uma fração de segundo em resposta.

O tempo passou tão devagar entre nós naquele momento, eu não tinha certeza se o mundo fora de nossos corpos ainda existia.

—Eu gostei de vê-lo se tocar — eu suspirei.

Eu pensei que meus ossos estalavam sob seus dedos e eu gritei, seu aperto liberando lentamente enquanto seu corpo ficava completamente imóvel.

—O que aconteceu depois? — Ele perguntou com tanta tensão em sua voz que minha respiração engatou em meus pulmões para ouvi-lo.

—Ele me pediu para tirar minhas calças. Para espalhar minhas pernas e me virar para poder me curvar sobre o carro. Ele queria ver todas as partes. Ele disse que precisava para terminar o que estava fazendo.

Os olhos de Elijah se abriram e me imobilizaram com sua intensidade. Lentamente seu olhar se arrastou entre nossos corpos, parando em meus seios, nas pontas dolorosamente apertadas, antes de voltar para o meu rosto.

Sua boca estava perigosamente perto. Era tão tentador apenas empurrar aquela pequena quantidade de espaço para lambe minha língua contra a carne macia. Ele deve ter notado meu olhar fixo naquela parte dele. Seus dentes morderam o travesseiro do lábio inferior, suas mãos me segurando contra a parede até que eu não consegui me mexer.

—E você fez o que ele pediu?

—*Exatamente* como ele pediu. Mesmo quando eu sabia que não deveria. Eu estava tão assustada. Assim...

Minhas palavras foram cortadas. Eu não podia admitir essa parte, eu estava com muito medo de sua raiva por saber como eu me sentia.

—Quando eu me virei, quando eu não estava mais vendo ele trabalhar a mão dele, bem, sobre *aquela* parte dele, ele estava em mim, contra mim, parecia que ele me cercava.

Lágrimas escorriam dos meus olhos, minha culpa aumentando até que a dor de suas mãos não foi suficiente para amenizar o tumulto que me consumia. Eu respirei fundo, sabendo que eu tinha que contar tudo a ele. Que ele não aceitaria não saber a verdade completa.

—Eu sinto muito, Elijah, pelo que eu tenho que te contar a seguir.

—Confesse — ele suspirou, seus olhos se fechando tão lentamente que eu poderia seguir seus cílios escuros fuliginosos para baixo, podia vê-los se espalhar por sua pele.

—Quando eu pensei que ele iria me levar sobre o capô do carro, quando eu senti o calor do seu corpo pressionado ao meu...

*Oh, Deus, sinto muito...*

—... eu gostei. Eu preciso ser controlada. É o que me traz à vida.

Seu corpo estremeceu novamente, suas mãos tão apertadas que lágrimas brotaram dos meus olhos, euforia se espalhando sobre mim até que eu fiquei fraca embaixo dele.

Se seu peso não tivesse sido pressionado para o meu, eu teria derretido até o chão, uma poça de necessidade vergonhosa que só poderia ser remodelada pela força de suas mãos.

Seus lábios se separaram, a respiração pesada soprando para acariciar meu rosto. Nossos peitos batem juntos, nossas bocas tão perigosamente próximas. Elijah se moveu, e quando eu pensei que ele iria me beijar, sua cabeça ligeiramente inclinada, o calor de seus lábios arrastando ao longo do meu queixo, pelo meu pescoço, até parar no meu ombro.

O cheiro de seu cabelo me dominou, a excitação de seu corpo pressionando contra o meu estômago, roubando cada parte do meu foco.

Quando seus dentes morderam minha pele, minha boca se abriu em um grito de prazer, minha mente girando em tantas direções que eu não sabia o que era de cima para baixo, certo ou errado, ou onde meu corpo terminou e o dele começou.

Liberando a mordida, ele falou contra a minha pele. —Eu perdoo você.

—Mostre-me — eu sussurrei.

Um som emanou de sua garganta, um grunhido, ou algo que eu não conseguia nomear, mas não foi o som que me prendeu na parede, que me quebrou por uma peça agonizante - eram as mãos dele.

Ainda segurando meus pulsos contra a parede, ele soltou meu quadril para deslizar a palma para baixo, seus dedos se movendo entre as minhas pernas até que apenas uma ponta encontrou o ponto

que me fez gritar do prazer versus a dor, da sensação que era tão intoxicante que era um delicioso veneno se infiltrando debaixo da minha pele.

Lentamente, sua mão se moveu, minhas pernas se afastando sozinhas. Esfregando para trás e para frente, ele me provocou, ele me trabalhou, sua mão me prendeu com o seu movimento. Eu era incapaz de escapar, incapaz de respirar além da necessidade que me consumia.

Uma ponta pressionou contra a entrada, circulando cada vez mais devagar sobre a borda sensível que meu coração disparou, meus olhos se fecharam e se abriram novamente.

Ele estava olhando para mim, a intensidade em seu olhar tão assustador quanto sedutor. Eu podia sentir meu pecado vindo para a superfície, podia sentir a tentação explodindo dentro de mim.

Seu dedo escorregou dentro do meu corpo e meus músculos o agarraram, recusando-se a soltar. Dirigindo a mão lentamente para dentro e para fora, ele me observou sem piscar, seus olhos fixos nos meus. Eu temia desviar o olhar, temia não o deixar me ver, ver a devoção eu tinha para ele sozinho.

Mas eu não consegui manter meus olhos abertos enquanto a mão dele se movia mais rápido, enquanto a outra mão segurava mais forte sobre meus pulsos. A força dele entre minhas pernas me empurrou na ponta dos pés, a parte de trás da minha cabeça caindo contra a parede, meu cabelo puxado do meu couro cabeludo, onde estava preso atrás dos meus ombros.

Meus quadris se moviam com o impulso de sua mão, meu traseiro batendo contra a parede com cada golpe punitivo.

Abaixando a cabeça, seus dentes trancaram-se sobre o bico tenso do meu peito, e quando ele mordeu, afundando as bordas em minha carne, eu gritei e perdi todo o controle.

Dor e prazer.

Pecado e perdão.

Mestre e escravo.

Deus e o diabo combinados.

Nós éramos todas essas coisas, e eu era a viciada indefesa, uma mulher que não tinha curso na vida, mas para buscar seu calor impressionante.

Outro dedo empurrou, seguido por outro. Esticada tão apertada, eu não sabia como evitaria ser empurrada para a beira da loucura.

Meu corpo não parava de bater contra a parede, a força e o poder de sua mão implacável. O pecado estava se aproximando, pulsando contra a minha pele, lutando para ser liberado quando fui empurrada para a luz de Deus, batida do precipício do ódio e da dúvida, e catapultada para o perdão puro.

Eu era sua Eve novamente.

Aquela dele.

Sua única.

A mulher que nasceu para andar ao lado dele.

Algo caiu no chão ao nosso lado, mas não consegui ver o que batia no chão. Havia muitas estrelas em meus olhos, muito desejo tóxico que eu estava perdida para tudo, mas o homem continuou me atormentando com a mão dele.

Eu sabia que não duraria. De alguma forma eu entendi que ele não me daria uma parte de si mesmo.

Quando meu corpo relaxou contra o dele, quando meus lábios se separaram na força final de respiração que foi expelida pela liberação que ele me deu, ele se afastou de mim, mas ainda me segurou com as mãos agarradas ao meu quadril e punhos.

Eu podia sentir a maciez da minha liberação contra a minha pele.

E isso só me fez querer mais dele.

Eu me perguntei se ele iria exorcizar completamente o demônio sexual que vivia dentro de mim.

—Você já confessou — ele finalmente disse, sua voz quebrada e corajosa, sua mandíbula tão tensa que eu preocupava que seus dentes se quebrassem sob a pressão.

Ele soltou meus pulsos e certificou-se de que eu estava firme em meus pés antes de liberar meu quadril. Ar frio correu para acariciar minha pele, onde seu calor não existia mais.

Nas pernas trêmulas, eu segui atrás dele quando saímos do quarto, mas algo me chamou a olhar para trás.

Eu quase desejei ter resistido.



A apenas alguns metros de onde estávamos, o crucifixo que estava pendurado na parede acima de nossas cabeças estava agora de cabeça para baixo no chão de madeira.



Adormeci com as mãos de Elijah tocando meu cabelo e acordei desse jeito também.

Ainda estava escuro lá fora, o sol da manhã ainda não alto o suficiente para romper o horizonte com o calor de sua luz. Do lado de fora da janela, os pássaros noturnos cantavam seu coro, a terra estava silenciosa, exceto pelas criaturas noturnas que ainda não tinham achado necessário rastejar para suas camas.

—Você fez bem, Eve.

Macia, calmante e totalmente hipnótica, sua voz estava viva dentro de mim, ao meu redor, engolindo-me em sua profundidade infinita. Eu deslizei meu olhar para onde ele estava sentado ao meu lado, o colchão mergulhando sob seu peso.

Como de costume, ele estava envolto em sombras profundas, suas roupas pretas perdidas na escuridão aveludada da sala.

Mas não havia nada escuro o suficiente, nenhuma sombra profunda o suficiente, que pudesse me impedir de ver o claro foco de seus olhos, o olhar penetrante que assombrava meu sono e me perseguia pelas intermináveis horas da noite.

—Elijah — seu nome caiu dos meus lábios como uma oração reverente. —Você ficou comigo.

Seus dedos acariciaram meu cabelo, varrendo de volta do meu rosto.

—Como posso deixar uma mulher que foi feita para mim? Como posso negar a mim mesmo a sua perfeita obediência?

A luz encheu meu coração, transbordando em meu corpo até que tudo que eu podia sentir era o calor debaixo da minha pele. Ele me perdoou. Eu era dele novamente.

Inclinando-se, ele pressionou seus lábios na minha testa, seu punho apertando meu cabelo. Um gemido subiu pela minha garganta, lágrimas brotando nos meus olhos em resposta à sua violência sedutora.

—Eu sou sua, Elijah. Meu corpo é seu. Minha alma...

Puxando sua boca da minha pele, ele puxou minha parte superior do corpo do colchão pelo meu cabelo, seus dedos agarrando a seda grossa ainda mais. Eu tremia sob a força de seu aperto, mas eu não chorei, não gritei ou o recusei de qualquer forma.

Por que ele estava com raiva? Eu confessei tudo. Ele me perdoou. Ele não teria me colocado na cama tão ternamente se eu ainda estivesse exilado no perímetro olhando para a graça que ele poderia me oferecer.

Sua boca pressionou contra o meu ouvido, sua respiração sussurrando contra a minha pele. —Eu posso ter te perdoado, Eve, eu posso ter te tocado de maneiras que eu sei que você sempre desejará, mas como posso confiar em você? Você fugiu de mim.

Você me deixou ali enquanto ouvia outro homem lhe dizer o que fazer. Como posso acreditar que sua devoção é o que precisa ser?

—Por favor — eu respirei, a dor de seu alcance vazando para fora da minha voz.

—Por favor, o que?

—Eu não posso viver sem você. Eu farei qualquer coisa, Elijah. Qualquer coisa que você possa querer ou precisar. Apenas, por favor, não me deixe. Eu vou morrer sem você.

Seu peito tremia com risada suave. Eu não tinha certeza se isso era um pesadelo trazido pelo terror da noite, ou se ele realmente me segurava, se ele estava realmente rindo da dor tão óbvia na minha voz.

Arrastando seus lábios ao longo da minha bochecha, ele encontrou meu lábio inferior e mordeu, seus dentes se afastando rápido o suficiente para sua boca cobrir a minha, para ele engolir os gemidos que me escapavam.

Pontas dos dedos percorreram meu corpo, entre meus seios, sobre o meu estômago, descendo até que eles se aninharam entre as minhas pernas. Eu estava molhada para ele, encharcada - sempre tão pronta.

Ele era o meu maior pecado.

Eu duvidava que o próprio Deus fosse poderoso o suficiente para forçar o fogo da necessidade do meu corpo.

Apenas Elijah poderia conter as chamas.

Só ele.

Seus dedos se soltaram pelo meu cabelo, sua mão segurando a parte de trás da minha cabeça enquanto ele me beijava, enquanto me deitava.

Quebrando o beijo, ele me deixou sem fôlego, seu rosto pairando centímetros acima do meu. Eu não me importei com a perda de sua boca, mas quando ele puxou a mão entre as minhas pernas depois de me incendiar com seu toque, eu queria gritar minha frustração.

Por que ele ainda estava me recusando?

Ele não sabia que eu desistiria da minha vida por ele, se é isso que ele queria?

—Eu tenho uma tarefa para você, Eve. Um jeito de você me provar que nada vai te impedir de me agradar. Siga com este ato, e posso prometer que nunca vou deixar você ir de novo.

Sua palma alisou meu couro cabeludo, gelo para acalmar o fogo, uma pomada para aliviar a dor.

Eu balancei a cabeça, meus olhos fixos no brilho dele. — Qualquer coisa.

—Há a minha Eve, ali mesmo. Você sempre foi a mais pura e dedicada das boas meninas.

**JACOB**

*Portanto, meus queridos amigos, como vocês sempre obedeceram - não apenas em minha presença, mas agora muito mais em minha ausência - continuam a trabalhar sua salvação com medo e tremor. Filipenses 2:12*

**Acordei na manhã seguinte me jogando para fora da cama.**

No começo eu pensei que fosse culpa pelo que eu fiz, que abruptamente me empurrou do sono profundo para uma posição sentada, mas então um som fora chamou minha atenção, um leve toque que forçou meus olhos turvos para a janela para espiar a névoa da primeira luz do sol da manhã.

Esfregando o sono dos meus olhos, eu olhei contra a escuridão ainda lutando contra o amanhecer, mas com os olhos cansados do sono, vendo que claramente à distância era impossível.

Jogando os cobertores fora, eu empurrei minhas pernas para o lado da cama, embaralhando apenas o suficiente para pressionar meus pés descalços para o chão frio de madeira. Eu esfreguei minhas mãos sobre o meu rosto, puxando minhas palmas para baixo para os meus olhos para ver o crucifixo que eu nunca tinha me incomodado de pegar do chão quando eu voltei do quarto de Eve para ir para a cama.

Uma respiração profunda saiu de dentro de mim.

O que mais eu precisava como um sinal do que eu fiz de errado do que uma cruz invertida firmemente plantada no chão ao lado de onde eu tinha quebrado meu voto a Deus?

O som da batida de fora aconteceu de novo, um pouco mais distante do que antes. Eu me perguntei se era um pássaro ou algum outro animal tentando invadir a casca de uma árvore para descobrir que pouca comida poderia ser encontrada ali.

De pé do colchão, desci descalço pelo chão, puxando a cortina puída para dar uma olhada.

Eu não vi um animal, mas o que eu encontrei foi o meu caminhão no seu espaço de estacionamento habitual, a porta do passageiro bem aberta.

—Merda — eu murmurei. Eu esqueci de me lembrar de correr para fora e fechá-lo depois de trazer Eve para a reitoria. Minha bateria provavelmente estava morta da luz interior permanecendo acesa toda a noite. Outro sinal talvez. Um que significava que eu estava deslizando rapidamente para o passado, onde eu era um homem envolto em cobertores de pecado.

Eu teria deixado a caminhonete para mais tarde e voltado para a cama, se não tivesse ouvido o som da batida novamente. Preocupado que um animal estava vasculhando o pouco que eu tinha no interior, eu não me incomodei em pegar uma camisa para cobrir meu peito nu.

Eu não peguei sapatos ou qualquer outra coisa, apenas caminhei pelos corredores curtos até a porta e a abri em nada além

das calças pretas do pijama que eu usava quando finalmente me deitei para dormir.

Minha garganta doía de gritar com o bastardo que deixei ao lado da estrada - ou foi de rezar ontem à noite até eu ficar sem fôlego? Eu ignorei a dor de tropeçar em galhos e pedras na entrada de terra. Instantaneamente lamentando a decisão de não pegar os sapatos, eu quase cheguei a minha caminhonete quando uma rocha afiada me pegou no centro do meu pé.

Amaldiçoei sob a minha respiração e levantei o pé para inspecionar o dano.

—Isso parece doer. Achei que papai lhe ensinou melhor do que sair sem as roupas adequadas.

Girando no lugar, quase perdi o equilíbrio. Jericho recostou-se contra o tronco de uma grande árvore, os braços cruzados no peito, o corpo coberto de calças pretas e uma camisa preta.

—Você nunca usa nada além de preto? — Eu perguntei, não certo por que essa foi a primeira pergunta da minha boca. Mesmo que eu tenha ficado surpreso ao encontrá-lo ali parado, não fiquei chocado. Após os eventos nos últimos dias, não foi difícil descobrir que ele estava me observando há mais tempo do que eu sabia que ele estava morando perto da minha cidade.

—Você usa? — Perguntou ele, com um sorriso nos lábios.

—Eu tenho uma razão — eu lembrei a ele.

Esse sorriso se alargou em um sorriso. —Eu também, irmão. Assim como eu.

Parando, ele disse: — Ouvi dizer que você tentou devolver Eve para mim na noite passada.

—Sim — eu disse, — E ouvi dizer que sua *família* atirou nela até que ela não teve escolha a não ser correr para salvar sua vida.

Ele encolheu um ombro insignificante. —Não tenho certeza se sei do que você está falando.

—Você nunca tem certeza sobre nada.

Ele riu. —Quando um homem pode ter certeza sobre qualquer coisa?

—Por que você está aqui, Jericho?

Sorrindo apenas o suficiente para a expressão ser uma ameaça, mas não o suficiente para alcançar seus olhos, ele não se moveu de onde estava encostado na árvore. O sol ainda não tinha escalado o horizonte e ele se acomodou intencionalmente onde estaria escondido na sombra. Mesmo que alguém passasse por ali e olhasse pelo caminho, era duvidoso que eles o vissem onde ele estava.

—Eu vim para entregar um presente.

Estendi a mão para passar a mão pelo meu cabelo, a raiva e a frustração que eu estava sentindo, tornando impossível não se mover de alguma forma. —Você destruiu o santuário novamente como um adolescente aleatório?

—Não é bem assim.

Cansado de seus jogos, e cansado das não respostas que sempre dava, eu me virei como se estivesse voltando na direção da



reitoria. —Adeus, Jericho. Faça-me um favor e fique longe da propriedade da paróquia e da minha vida.

Ele me permitiu dar alguns passos antes de gritar novamente. —Você se lembra da Ellen Baker?

Parado no meu caminho por um nome do meu passado, eu não me preocupei em voltar para ele. —Claro, eu me lembro dela. — Eu estive pensando nela na noite anterior, mas eu não disse isso a ele. —Por quê?

—Eu estava pensando nela ontem à noite. Pensando sobre o que fizemos com ela no porão empoeirado embaixo da igreja enquanto se preparava para um jantar de caridade.

Minha curiosidade levou a melhor sobre mim. Eu me virei para fechar meus olhos com os dele. Era como olhar no espelho. Trinta e seis anos, dezoito dos quais foram gastos separados, e ainda parecíamos idênticos. Ele até tinha o mesmo corte de cabelo que eu.

—OK. Onde você quer chegar?

Ele sorriu, seus olhos se lançando para longe antes de serem direcionados de volta para os meus. —A inocência sempre tem um gosto tão doce, você não se lembra? Quantas virgens colocamos em nossas camas quando você saiu para a faculdade? Dezesete? Ou eram dezoito anos? Esse número nem chega perto das prostitutas, mas nenhuma delas realmente importava. Foi o inocente que sempre focamos durante o pior dos nossos jogos.

—Eu não sou mais aquele homem, Jericho. Eu não me importo com o que você fez com sua vida. Eu não posso ajudar as pessoas que você ainda está atacando. Eu tenho minha própria paróquia para

administrar. E uma mulher dormindo lá dentro que está tão fodida que ela não sabe o próprio nome. Mas você não saberia nada sobre isso, saberia?

Descruzando seus braços, ele enfiou as mãos nos bolsos, o rosto abatido de modo que ele estava olhando para o chão debaixo de seus pés. Independentemente de onde ele olhasse, sua voz ainda era carregada. —Você já gostou dela? Eu pareço pensar que você gosta. — Meus pensamentos correram de volta para o que eu tinha feito para Eve contra a parede do meu quarto, minha culpa varrendo para me afogar por ter gostado de fazer isso. Eu não afundei tanto a ponto de usá-la para dar prazer a meu próprio corpo, mas observando as expressões de seu rosto, sabendo que os sons subindo por sua garganta eram por minha causa, era um sentimento que há muito esqueci nos anos. Eu era um Padre.

O olhar de Jericho levantou para o meu. —Você já jantou sua doce divindade? Eu posso te prometer que não há mais nada como isso.

—Não — eu rosnei, raiva um pulso irregular nas minhas veias. —E eu não tenho planos de participar em estragá-la mais do que você já fez.

Ele falou com um sorriso se espalhando pelo rosto. —Eu acho que você está mentindo, Jacob.

Você pode me dizer isso durante todo o dia enquanto tenta se convencer, mas a verdade é óbvia por trás de seus olhos.

Eu não respondi — não pude responder devido ao monte de raiva ameaçando me sufocar.

—Diga-me, você olha para ela e vê todos os meninos do coro que você tocou no seu papel como Padre?

Minhas mãos se fecharam em punhos. —Eu não toquei em ninguém.

—Mentir é pecado, sabe?

Nesse ponto, mentir era o menor dos meus pecados. Eu me convenci de que tocar Eve como eu tinha era para o seu próprio bem. Era apenas um meio para um fim.

Ela precisou de alívio depois da noite que ela teve, e desde que eu era responsável pelos eventos daquela noite, eu fui contra minhas próprias crenças para dar a ela o que ela acreditava que ela precisava.

Depois de escoltá-la de volta para a cama, sentei-me com ela e passei os dedos pelo cabelo dela até ter certeza de que ela dormia em paz. Sim, eu gostei do que fiz para ela, e essa era a minha cruz para suportar. Mas isso não aconteceria novamente, eu teria certeza disso.

—Eu não toquei nela — eu disse novamente, adicionando força à minha voz, agora que eu estava totalmente acordado e a fúria que sentia em relação ao meu irmão estava abrindo suas asas dentro de mim e voltando à vida. —E eu não toquei em nenhum menino de coro.

Ele deu de ombros novamente antes de estender a mão para esfregar a mão na parte de trás do seu pescoço. Inclinando a cabeça para a esquerda e para a direita para aliviar os músculos dos ombros, ele olhou para mim, com um sorriso no rosto. —Que tal a sua jovem

paroquiana? Eu posso pensar em uma que parecia muito feliz em te ver ontem. A querida e doce coisa correu para lhe dar um abraço do lado de fora das portas da igreja.

Minha respiração ficou presa em meus pulmões para lembrar exatamente de quem ele estava falando.

—O que você fez, Jericho?

Rindo, ele me encarou diretamente no rosto. —Eu não fiz nada. Eu apenas pensei que era doce, a cor profunda do rubor que corria em suas bochechas. De onde eu estava, eu até me arriscaria a imaginar que a garota estava apaixonada. Por um Padre, não menos.

—Não há nada de errado com a maneira como ela se sente. Ela é uma garota inocente. —Deixe-a em paz.

Eu não conseguia ler a expressão dele, mas havia algo que eu não gostava. Uma sombra, ou escárnio do meu chamado, eu não tinha certeza, mas eu não queria nada mais do que dar um tapa no rosto dele.

—Diga-me que você não se perguntou, irmão. Que você não tenha olhado para as garotas inocentes sentadas lá ouvindo você pregar sobre Deus, as pessoas se ajoelhando diante de você para aceitar o corpo de Cristo em seus corpos, suas pequenas e exuberantes bocas deslizando sobre seus dedos e lembrando como era *mostre-lhes* o que significava ver o divino.

O medo percorreu minha espinha. Não para mim, mas para as pessoas inocentes que estavam sendo arrastadas para a mira de um homem que obviamente estava perdido em sua insanidade. —Por que você está fazendo isso?

—Por que não? — Ele perguntou, erguendo as mãos como se o que ele tinha feito a Eve não significasse nada. Como se sua ameaça enigmática contra Annabelle fosse apenas uma simples brincadeira entre irmãos. Afastando-se da árvore, ele deu passos determinados em minha direção, mas parou quando ainda estava a três metros de distância.

—Tente o quanto quiser, Jacob, esconda-se atrás do seu colarinho clerical, ajoelhe-se para implorar perdão e ore a um Deus que não esteja escutando. Nada disso livrará você do homem que realmente está lá no fundo. Começamos nossos jogos juntos, mas sempre foi você quem tocou mais forte, que se aprofundou nos corações das mulheres doces que nos convidaram para suas camas.

Ele fez uma pausa, sua respiração, mesmo quando a minha era uma tempestade dentro do meu peito.

—Diga-me, irmão, suas orações estão ajudando você? E quem Deus ouvirá quando você orar pela força para evitar Eve enquanto eu oro por sua fraqueza para que você desista e lembre exatamente quem você é?

Eu não pude ouvi-lo mais. Assim como o babaca que eu deixei sangrando na beira da estrada, eu queria me enfurecer contra Jericho, queria bater com o punho no rosto dele tantas vezes que ele não mais se pareceria com meu irmão gêmeo.

—Fique longe da minha paróquia. Fique longe dos meus paroquianos. E se você sabe o que é bom para você, você vai ficar longe de Eve e de mim.

Um riso suave sacudiu seus ombros. —Agora, isso eu não posso ajudá-lo. Eve está apenas emprestada. E o tempo está se movendo rapidamente em direção ao momento em que eu vou levá-la de volta. Tick tock, Jacob.

Dando um passo à frente, parei antes de chegar tão perto que ficaria tentado a agir de acordo com a violência que se agitava dentro de mim.

—Você pode ter convencido Eve de que eu sou você. Inferno, você pode ter convencido toda a sua *família*, mas há pessoas que sabem que eu tenho um irmão gêmeo. Há pessoas que podem dizer à polícia ou quem quer que eu acabe arrastando para isso que você tem espreitado ao redor desta igreja.

—Há? — Ele perguntou, o canto de seus lábios puxando para cima. —Eu acho que isso significa que eu deveria estar a caminho. Eu odiaria que tudo isso fosse para nada.

Virando-se para longe de mim, ele acenou por cima do ombro enquanto caminhava casualmente em direção à floresta que cobria a propriedade. —Tome cuidado, Jacob. Tenho certeza de que nos encontraremos novamente em breve.

—Não, nós não vamos — eu gritei de volta.

Parando no lugar, ele olhou para mim por cima do ombro. —Eu não paro até que você ceda ao medo e tremor, irmão. Medo — repetiu ele — e tremor. Você entenderá o que quero dizer com isso em breve. O presente que te deixei está no quarto de Eve, a propósito. Você pode querer chegar antes dela. Eu não acho que ela vai gostar muito disso.

Com isso, ele se afastou, perdendo-se na sombra antes de desaparecer completamente na floresta.

—Porra — eu assobieei, odiando que eu tivesse perdido a capacidade de ter algo mais inteligente para dizer. Chutando a pedra que tinha perfurado meu pé quando eu saí pela primeira vez, atravessei a calçada para bater à porta da minha caminhonete e me virei para voltar para dentro.

Eu não gostava de ouvir que ele tinha estado no quarto de Eve novamente, e eu temia que a encontrasse com dor e lutando como da última vez. Ela não podia ficar sozinha em seu quarto por mais tempo, o que significava que ela teria que ficar no meu quarto comigo.

Eve sendo de fácil acesso não tornaria minha vida mais fácil.

Correndo para a casa paroquial, peguei uma camisa e atravessei os corredores até a igreja, ao redor do santuário e pelo corredor que levava à porta de Eve. O medo era uma tensão sobre meus ossos, mas eu abri a porta, esperando ...

Inferno, eu não sabia o que estava esperando, mas não foi o que eu encontrei.

A Eve dormia pacificamente em sua cama, os primeiros raios de luz da manhã brilhando através da janela para iluminar seu rosto. Não havia novos hematomas que eu pudesse ver e os cobertores foram puxados até o queixo.

Jericho deve tê-la deixado sozinha pela primeira vez.

O que significava que havia algo mais nesta sala que ele tinha escondido, um *presente* que ele pretendia que eu encontrasse antes que qualquer outra pessoa tivesse a oportunidade.

Me movendo silenciosamente para o quarto, fiquei feliz por minha falta de sapatos. Tornou mais fácil para eu rastejar sem fazer um som, sem acordar a jovem dormindo na cama. Rapidamente esquadrinhando meus olhos pela sala, não vi nada que estivesse fora do lugar, mas enquanto corria meus olhos pela pequena escrivaninha posicionada sob o crucifixo na parede, avistei apenas o canto de um envelope branco onde havia sido colocado dentro de uma grande Bíblia.

Eu olhei para Eve para garantir que ela ainda estava dormindo antes de andar devagar pelo chão. Um tabuleiro rangeu sob o meu pé. Parei e esperei para ver se era o suficiente para acordá-la. Ela não mexeu em resposta ao som, então continuei.

Alcançando a mesa, eu coloquei o envelope da Bíblia, recusando-me a abri-lo até que eu estivesse fora do quarto e longe de olhares indiscretos. Fechei a porta atrás de mim sem deixá-la trancar e caminhei em um ritmo acelerado pelo corredor em direção à reitoria. Antes que eu pudesse atravessar o santuário, fui parado em meu caminho.

—Padre Hayle? Você tem um minuto para conversar?

Eu me virei para trancar os olhos com a Irmã Agnes, uma das freiras seniores que morava no convento a algumas ruas de distância. Assim que vi o negro de seu hábito, lembrei que nunca tinha ouvido o que aconteceu com a irmã Joyce.

—Irmã — eu disse, inclinando a cabeça e colocando o envelope discretamente no bolso. —Eu posso te ajudar com alguma coisa?



Seu olhar percorreu meu corpo e de volta para o meu rosto. — Por que você está correndo de pijama e sem sapatos, Padre? — Seu rosto se virou para o corredor de onde eu tinha acabado de sair. A última coisa que eu precisava era que sua curiosidade a levasse naquela direção para encontrar Eve dormindo nua na sala de recuperação.

Rapidamente, marchei para frente e a peguei pela mão. —Sinto muito, Irmã, eu sei que não é apropriado para mim estar correndo meio vestido. Eu corri para dentro para fazer um pouco de café, mas antes que eu pudesse entrar na cozinha, pensei ter ouvido um barulho. Eu estava checando que todas as janelas e portas da igreja estão trancadas.

Sua expressão caiu, sua mão alcançando o terço que pendia de seu pescoço. —Ah, sim. Eu ouvi sobre o que aconteceu com a estátua de Maria. É um negócio horrível, eu te digo. Malditos garotos acham engraçado hoje em dia, mas eles não têm ideia de como suas travessuras são cruéis. Irmã Eunice retornou ao convento abalada por ter visto isso.

Eu dei um tapinha na mão dela. —Foi cuidado. Conseguimos limpar a estátua — me virei para mostrar a ela — e como você pode ver, está como nova.

Um pequeno sorriso se espalhou por seus lábios, mas ela ainda estava chateada. —Bem, fico feliz em ver isso, Padre, mas preciso falar com você sobre outros assuntos. Existe algum lugar privado em que possamos conversar?

Olhando em volta do santuário, notei que não havia mais ninguém na sala.

Quanto mais privado ela precisava que fosse? Ainda assim, ela estava obviamente preocupada com alguma coisa e eu precisava terminar essa conversa o mais rápido possível antes que Eve acordasse e viesse me procurar.

—Podemos conversar no meu escritório, se você quiser.

—Sim, Padre. Isso vai funcionar.

Eu fiz um gesto com o braço. —Damas primeiro.

Ela corou, mas tentou virar a cabeça a tempo de eu sentir falta dela. Eu não fiz.

A irmã Agnes fez o sinal da cruz assim que entrou no meu consultório. Seus olhos foram direto para o crucifixo na parede oposta à minha mesa. Ela beijou seu rosário e caminhou para se sentar de frente para mim.

Sentada atrás da escrivaninha, eu podia sentir a borda do envelope pressionando contra a minha perna, e o canto afiado do que quer que estivesse dentro. Eu precisava tirar a Irmã daqui. —O que você gostaria de falar comigo?

—Duas coisas — ela anunciou, seus lábios puxando em uma linha apologética. —A primeira é sobre a Irmã Joyce. Entramos em contato com o hospital para ver se ela apareceu para ler para as crianças, e elas nos disseram que sim. Mas ninguém a viu desde então. Você sabe se ela voltou para a paróquia?

—Eu não acho que ela fez — eu respondi honestamente, feliz que, pela primeira vez, eu poderia dizer algo sem ser uma mentira. Eu estava acumulando os pequenos pecados tão rápido que algumas Ave-Marias não seriam suficientes para compensar.

Além disso, havia um pouco mais que eu ainda tinha que pagar, para não mencionar a cruz invertida no chão do meu quarto. Doze anos da minha vida estavam sendo lavados.

—Bem, nós chamamos a polícia para que eles possam começar a procurá-la. Mas também estamos nos perguntando. O problema com a estátua não aconteceu na manhã seguinte à última vez que você a viu?

—Aconteceu naquela noite. — Meus olhos piscaram lentamente quando a lembrança daquele pesadelo em particular foi esbofeteado na minha cara. Através de todo o outro caos com Eve, eu esqueci de lembrar que havia uma freira e poças de sangue perdidas no santuário.

Estendendo a mão, belisquei a ponte do meu nariz.

—Você está bem, Padre Hayle?

—Sim — eu gemi, puxando minha mão do meu rosto. —Estou exausto — expliquei, feliz por não ser mentira.

—Onde você estava na noite em que a irmã Joyce desapareceu e a estátua foi violada?

—Aqui — eu respondi honestamente, mesmo que eu estivesse deixando de fora a parte em que eu estava ocupado cuidando de uma mulher nua com lavagem cerebral. Tecnicamente, era uma mentira de omissão, mas tentei não pensar nisso.

—E o que aconteceu na manhã seguinte? Quando a estátua profanada foi encontrada?

—Eu ouvi um grito vindo do santuário, então eu corri para investigar. Era a jovem iniciada. Eu a levei para a cozinha e depois fui para fora...

—Quero dizer, o que aconteceu com a Irmã Eunice?

Meus pensamentos voltaram imediatamente para o pátio da frente, onde meu irmão tinha assustado aquela pobre mulher até o ponto das lágrimas. Na minha pressa de ir dizer a Eve que eu estava levando-a de volta para o complexo, eu não tinha dado a Eunice tempo para se acalmar. Eu não tinha sido o pastor que eu deveria ter sido para todos os membros da igreja. —Ela viu a estátua, que eu assumi o que a incomodou tanto.

Eu ainda não tinha mencionado meu irmão porque eu não queria que os policiais envolvidos com Eve ainda estivessem em um estado tão frágil. A Diocese descobriria que estava hospedada na igreja e exigiria que ela fosse levada para um hospital ou uma casa para pessoas em sua condição mental menos saudável. Embora, se chegasse a hora quando fosse necessário envolver a polícia, a jovem freira seria uma testemunha do fato de que eu tenho um irmão gêmeo idêntico que está à espreita em torno da propriedade da igreja.

Irmã Agnes franziu a testa. —Parece muito pouco para ela ter reagido tão mal.

Minhas sobrancelhas arquearam minha cabeça. —O que você quer dizer?

—Ela deixou o serviço de Deus, padre. Não temos certeza de onde ela foi, mas deixou um recado no quarto dela explicando que mudara de ideia sobre a realização de seus votos formais.

Porcaria. Isso só deixou o jardineiro, o Sr. Whitaker como uma testemunha ocular sobre o meu irmão.

—Sinto muito por ouvir isso, Irmã. Talvez houvesse outros fatores contribuindo para a decisão dela.

—Nossa vida não é para todos, Padre. Você sabe disso tanto quanto eu.

Inclinando minha cabeça em concordância, movi minha perna em um esforço para conseguir o que quer que estivesse me cutucando do envelope para mudar. Eu só consegui apertar mais a minha perna. —Há mais alguma coisa, Irmã?

Sua carranca se aprofundou. —Bem, sim. Há o negócio perturbador do que ocorreu no final da tarde de ontem.

Dobrando minhas mãos uma sobre a outra na superfície da minha mesa, esperei pacientemente que ela revelasse qualquer coisa que fosse perturbadora.

—Onde você estava ontem à noite, padre? Não à tarde, mas por volta do pôr do sol?

—Aqui. — Outra mentira.

—Você tem certeza? Veja, George Whitaker sofreu um infeliz acidente em sua propriedade.

Meus olhos se arregalaram. —O que aconteceu? Ele está bem?

—Ele está morto, Padre.

Meu coração caiu no meu estômago. George era o único homem que podia verificar a existência de Jericho além de Eunice. Sem nenhum deles, eu não tinha outra pessoa que pudesse dizer à polícia que Jericho estava na propriedade da igreja.

—Como ele morreu?

—Ele estava cuidando de seu gramado e aparentemente houve um acidente envolvendo seu cortador de grama. Na verdade, negócios horríveis. Quando ele foi encontrado, ele estava à beira da morte. Alguém foi enviado para buscar você na paróquia para que você pudesse orar sobre ele, mas ninguém poderia encontrá-lo.

—Eu estava aqui — eu menti, engolindo o nó deixado na minha garganta.

—Seu caminhão não estava, Padre.

Não, não estava não. Mas eu não podia dizer a ela que eu estava tirando uma mulher com lavagem cerebral para o culto que meu irmão gêmeo estava correndo apenas para encontrá-la sendo estuprada no lado da estrada onde eu comecei a espancar seu agressor.

—Oh, você sabe? Isso mesmo. Eu tive alguns recados para correr. Me desculpe. Eu esqueci disso.

Como se o próprio Deus estivesse sentado na sala me testando para cada mentira que estava facilmente caindo dos meus lábios, o olhar da Irmã Agnes caiu para as minhas mãos, seus olhos se arregalando instantaneamente. —O que aconteceu com a sua mão? Você está ferido.

Eu segui seu olhar para o curativo que eu rapidamente envolvi sobre meus dedos estourados antes de ir para a cama. O sangue havia se infiltrado no algodão branco.

—Hum, eu... — Outra mentira estava chegando. Outro nó supurado entupindo minha garganta. —Esse foi o recado. Estou com problemas de bateria com o meu caminhão e cortei minha mão trabalhando nele.

Apenas uma mentira parcial. Eu realmente estava tendo problemas com a bateria, já que a bateria provavelmente estava morta por ter deixado a porta aberta a noite toda.

—Você realmente deve ter mais cuidado, Padre.

Assentindo de acordo, eu não tinha nada a dizer. Eu estava simplesmente esperando que ela saísse para que eu pudesse abrir o envelope e descobrir que outras surpresas *infelizes* meu irmão reservava para mim. Como parecia agora, cada pessoa que poderia ter confirmado que ele estava perto ou perto da igreja estava desaparecida ou morta.

Minha pressão arterial estava aumentando constantemente e eu precisava que essa reunião terminasse.

Eu também estava ciente do motivo pelo qual Jericho tinha sorrido quando eu disse a ele que havia pessoas que poderiam atestar o que ele estava fazendo. Na época em que fiz a declaração, ele deve ter sabido que essas pessoas não estavam mais por perto.

—Bem, eu tomei bastante do seu tempo, Padre. Tenho certeza de que você está ocupado hoje preparando a homilia<sup>4</sup> para a missa dominical amanhã.

Eu gemi. Não importa o que aconteceu hoje, eu não tinha escolha senão preparar a homilia. Minha ausência na missa dominical não podia ser explicada por uma bateria de caminhão morta. As pessoas notariam, o que significava que as pessoas começariam a fazer perguntas.

—A polícia vai parar em algum momento para falar com você sobre o vandalismo para o santuário. Eu só queria que você soubesse.

Minhas sobrancelhas se levantaram novamente. —Isso é realmente necessário? A estátua está bem e...

—Eles também querem falar com você sobre o desaparecimento da Irmã Joyce. É tudo procedimento normal quando um relatório de pessoas desaparecidas é apresentado.

Respirando fundo, forcei um pequeno sorriso. —Claro, Irmã.

---

<sup>4</sup> \*Homilia: é uma preleção dada por um sacerdote no decorrer de uma missa após a leitura do Antigo Testamento e do Novo Testamento, e antes da recitação do Credo. A homilia tem a função de explicitar a fé o significado dos vários elementos litúrgicos, também em relação à situação dos presentes, para que o encontro dialogal com Deus se torne verdadeiramente consciente para todos e cada um. Na prática, a homilia deve ser uma "conversa familiar" do homilista com o povo de Deus.



Ela se levantou e eu fiquei junto com ela para acompanhá-la até a porta do meu escritório. Tomando suas mãos nas minhas, eu disse: — Que Deus te abençoe e caminhe ao seu lado no seu dia.

Seu sorriso era incerto. —Você também, Padre.

Ela saiu imediatamente depois e eu observei pela janela para verificar quando ela estava fora da propriedade da paróquia. Uma vez que ela estava feliz descendo a calçada, eu corri de volta para a minha mesa, peguei o envelope do meu bolso e sentei na minha cadeira. Olhando para o papel branco não descritivo, eu sussurrei uma oração rápida antes de abri-lo para descobrir o que havia dentro.

Três fotos da Polaroid estavam arrumadas dentro do envelope e estavam de cabeça para baixo quando as tirei. Quando as virei, o choque foi tão repentino que empurrei para trás minha cadeira, peguei minha cestinha de lixo e vomitei sobre ela.

Isso não estava acontecendo. Isso não poderia estar acontecendo.

O suor escorria pela minha testa para escorrer pelo lado do meu rosto, e a raiva dentro de mim estava tão alta que eu temia que não houvesse outra maneira de liberá-lo sem bater nas paredes.

Aquele filho da puta doente.

Lançando as fotos para ficar lado a lado na superfície da minha mesa, meus olhos piscaram em descrença e mágoa.

A primeira imagem era inocente. Annabelle Prete estava me abraçando no pátio da frente da igreja no dia em que veio confessar sua paixão por mim. A foto foi tirada à distância, como se alguém estivesse andando e tirou a foto.

Mas as outras duas fotos foram o que levou meu batimento cardíaco ao ponto da dor - ao ponto em que minhas mãos estavam fechadas em punhos e medo era um fluxo constante escorrendo pela minha espinha.

A primeira foi tirada de um ponto de vista acima do corpo parcialmente nu da jovem. Seus braços estavam espalhados acima da cabeça em uma cama, seus seios estavam expostos onde sua camisa estava desabotoada e sua saia estava em volta de seus quadris. Abaixo, suas pernas estavam abertas e a foto capturou o momento em que um pênis estava sendo empurrado dentro de seu corpo. Uma mistura de dor e prazer estava em sua expressão facial - alegria, amor, dúvida e culpa óbvia em seus olhos.

Mas foi a próxima foto que me preocupou, só porque era a próxima foto que me mostrava exatamente o que Jericho havia feito.

Annabelle ainda estava nua na foto, a boca aberta sobre o choro de uma jovem fazendo sexo pela primeira vez. E no espelho que também foi incluído no quadro, um reflexo claro do meu irmão — *meu* — rosto, abaixo do qual era um camisa preta como eu sempre usava, junto com a faixa branca de um colarinho clerical.

*Não adore quaisquer outros deuses nem se incline a eles, sirva-os ou sacrifique-os. 2 Reis 17:35*

**Uma hora é muito tempo para esperar quando você tem que ir ao banheiro.**

Eu acordei pacificamente naquela manhã, aconchegada e aquecida sob cobertores macios. Senti-me leve e fácil, aliviada de alguma pressão horrível que nos últimos dias me espremia a vida.

Sentando-me no colchão, senti um sorriso puxar meus lábios, os cantos subindo devagar. Era como se minha boca tivesse esquecido como formar a expressão, provavelmente porque fazia tanto tempo desde que me lembrava de ter feito isso.

Sol cheio irradiava pela janela e eu estreitei meus olhos contra ela.

O calor de Deus encontrou meu rosto, o brilho enchendo meu corpo até que eu estivesse leve como o ar.

Não querendo perturbar Elijah após a promessa que ele me fez, eu esperei que ele viesse me buscar como ele fez todas as manhãs desde que eu estive aqui. Mas os segundos se transformaram em

minutos. Minutos se transformaram em uma hora. E minha bexiga estava gritando para eu correr para o banheiro.

Eu não podia esperar mais, não sem fazer uma bagunça no chão.

Elijah nunca exigiu que eu ficasse no meu quarto todas as manhãs. Ele nunca deu nenhuma instrução de como se comportar neste lugar além dos esforços que eu tinha que fazer para provar a ele que eu não correria novamente.

Jogando o cobertor de cima de mim, eu me levantei da cama e peguei o roupão que Elijah havia me dado na primeira noite em que estive aqui. Eu entrei e caminhei até a porta.

A porta não estava totalmente fechada, então a abri lentamente para espiar minha cabeça no corredor. Elijah não estava à vista, e o prédio era tão quieto quanto um túmulo.

Lentamente, descendo descalça pelo corredor escuro e estreito, abri as portas quando passei, mas não consegui encontrar um banheiro por perto. Eu também não me lembrava do jeito que Elijah me levou nas duas vezes em que andamos entre o quarto dele e o meu.

Perguntando-me se eu me lembraria dos lugares se os visse, continuava perambulando por corredores, virando para a esquerda e para a direita. Quando eu passei por uma porta em particular, sua voz gritou.

—Eve.

Minha cabeça girou para a direita para encontrá-lo sentado atrás de uma mesa, caneta na mão e papéis espalhados sobre a

superfície da mesa. Um par de óculos de aros finos estava empoleirado em seu nariz, mas eu não me lembrava de tê-lo visto antes.

—O que você está fazendo?

Deixando cair a caneta e tirando os óculos, Elijah se levantou. Em vez da camisa de botão com o estranho colarinho branco que usava normalmente com calças pretas, ele vestia uma camiseta preta de manga curta e calças pretas folgadas. Embora a cor não tivesse mudado, eu nunca o tinha visto em roupas informais antes.

Eu entrei no escritório e apertei o roupão sobre o meu corpo. —Procurando por um banheiro — eu disse suavemente, a preocupação ainda correndo por mim sobre se ele ficaria bravo por eu ter saído da sala.

Ele balançou a cabeça e se moveu ao redor da mesa em minha direção. —Sim, claro, eu peço desculpas. Eu não sabia que você estava acordada. Há um pouco mais abaixo no corredor. Eu vou te mostrar.

Jogando o braço em volta do meu ombro, ele me levou para fora. Nós andamos em silêncio passando por duas portas antes que ele chegasse ao meu redor para abrir outra porta à minha esquerda. Não era o mesmo que ele me levara para tomar banho, apenas uma pequena sala com toalete e pia.

—Leve todo o tempo que precisar. Vou esperar no corredor para acompanhá-la até a cozinha para o café da manhã.

Eu me movi para entrar, mas voltei. Não havia como dizer o que se passava em mim, mas me aproximei de Elijah até que estávamos

de peito a peito. Com sua altura, eu tive que empurrar na ponta dos pés para mal olhá-lo nos olhos. Minha boca pairou a centímetros da dele enquanto seus olhos azuis prateados estudavam os meus. Sua respiração batida contra o meu rosto, acelerando quando me inclinei ainda mais perto. Mas no momento em que meus lábios teriam roçado os dele, ele virou a cabeça.

—Eu não posso te beijar, Eve — ele sussurrou. —Não por causa de algo que você fez, mas porque sou um homem devoto.

—Isso não parou você antes — eu disse contra sua bochecha.

—Deveria ter.

Ele recuou, levantando o olhar para pegar o meu. —Devemos conversar, mas vamos fazê-lo comendo, ok?

Eu balancei a cabeça, meu coração quebrando em um milhão de pedaços enquanto eu abaixei meus calcanhares no chão. —OK.

Não demorou muito para eu usar o banheiro e tão silenciosamente quanto ele me levou até lá do seu escritório, ele me levou até a cozinha. Puxando um assento da mesa, ele indicou que eu me sentasse.

Ele não disse uma palavra enquanto tirava comida de uma geladeira e panelas de um armário. Chamas pularam no fogão e colocou uma pesada frigideira de ferro sobre ela antes de colocar manteiga. Mesmo enquanto esperava a panela aquecer, ele não olhou para mim, não falou comigo, ele simplesmente manteve os olhos treinados naquele pão como se fosse a coisa mais interessante nesta sala.

Incapaz de suportar o silêncio, eu o quebrei com a primeira pergunta que me veio à mente. —O que você estava escrevendo?

Seu olhar foi para o meu, tormento dançando atrás da cor azul clara. Foi um momento de conexão que fez meu coração explodir, mas ele se voltou em um segundo, o fogo mais importante que eu.

—Eu estava escrevendo a homilia para a missa de domingo amanhã.

A palavra *homilia* era estranha para mim, mas não para a missa. Fui informada sobre isso, o processo descrito para mim em detalhes. Esperança foi uma sugestão de luz fraturando através de mim. —A missa é amanhã?

Outro olhar.

Outra rejeição.

—Sim — ele respondeu, quebrando ovos na panela.

—O que é uma homilia?

—É uma discussão das escrituras, uma mensagem para os fracos e cansados.

Meus olhos se arregalaram um pouco, meu coração se atrevendo a bater mais rápido. —Como um sermão?

Seus olhos dispararam em minha direção. —Você já ouviu um sermão antes?

Ele deve ter me testado antes do último ato que ele me instruiu para executar. Não havia outro motivo para a pergunta estranha, ou

a distância da alma que ele estava colocando entre nós. —Sim. Eu escutei todos os sermões que você deu.

Ele soltou uma palavra dura, pegou uma espátula e jogou os ovos na panela. O tempo passou quando aquele silêncio esmagador retornou.

Apenas os ovos fritos podiam ser ouvidos.

Sem olhar para mim, Elijah disse: — Conte-me sobre os sermões que você me ouviu dar.

—Eu não posso falar palavra por palavra

—Um resumo está bem.

Puxando minhas mãos no meu colo, olhei para elas, pressionando as pontas dos meus dedos juntos até que eles ficaram brancos pelo sangue correndo para fora.

Eu não queria discutir sermões, ou qualquer outra coisa para esse assunto. Eu só queria saber o que aconteceu entre a noite passada e agora para torná-lo tão distante e sombrio.

—Tem alguma coisa errada? Eu fiz algo errado?

A espátula bateu na panela, com manteiga gordurosa que o fez pular para trás e amaldiçoar sob sua respiração. Pegando um guardanapo do balcão, ele se moveu para limpá-lo, sua voz irritada e impaciente quando ele disse: — Apenas me fale sobre os sermões, Eve.

Recuando em resposta à mordida em sua voz, eu dobrei minhas mãos juntas, torcendo-as com tanta força que a pele queimava.



—Deus criou a Terra para o homem — comecei tentando lembrar as partes importantes, as instruções que a família vivia para evitar cair no mal. —Mas o homem era pecador e desobedeceu a Deus. Todo homem e mulher desobedece.

Até eu, pensei. Não importa o quanto eu tente agradar Elijah, para fazer tudo o que ele pede de mim, eu ainda esqueço. Eu ainda desobedeço. E só eu poderia ser culpada pela maneira como ele me tratou agora.

Elijah levantou a panela para deslizar os ovos em pratos. Colocando de volta no fogão, ele jogou em tiras de carne, um chiar e pop subindo com um cheiro que era celestial. —Continue.

—Então o Diabo ganhou domínio da Terra porque enganou o homem para pecar. Ele tentou o homem com mulher, porque as mulheres são as mais pecaminosas de todas. Somos fracas e precisamos que os homens expulsem o pecado dentro de nós. Somos a maior tentação do homem. Nossos corpos são construídos para o pecado.

Sua mandíbula flexionou em resposta ao que eu disse, mas foi seu único movimento, a única indicação que ele estava ouvindo.

—Então, Deus enviou Cristo para ajudar o homem, mas Cristo escolheu o Reino dos Céus como seu lar. Ele abandonou a humanidade quando morreu. Ele nos deixou no domínio do Diabo.

O que quer que ele estivesse cozinhando, chiou mais. Graxa quente espirrou da panela em sua mão, deixando marcas vermelhas onde bateu. Ele nem se incomodou em afastar a mão de onde a

gordura continuava aparecendo e queimando-o. —Continue, — Ele exigiu, raiva aguda afiando sua voz.

—Então, Deus enviou outro Cristo. E que Cristo erradicará o pecado e nos ensinará a combatê-lo. Para destruí-lo, se acreditarmos nele.

Os olhos de Elijah encontraram os meus, seus lábios puxando em uma linha fina, raiva enrugando sua testa. —Eli... — Ele parou, sua mão enrolando em um punho sobre o balcão. —Eu te disse isso? — Eu balancei a cabeça, com medo de falar por causa do jeito que ele olhou para mim.

—E quem é o novo Cristo?

—Você — eu sussurrei.

Seu punho bateu no balcão. —Aquele filho da puta — ele murmurou enquanto virava as costas para mim.

Uma mecha de fumaça saiu da frigideira, ficando mais espessa à medida que um cheiro amargo se espalhava pela cozinha. Elijah virou-se para olhar para a comida dentro dela, outra palavra de maldição latia suavemente sobre seus lábios. Agarrando a alça, jogou a panela e a comida na pia. O vapor subiu do calor assim que a panela chocou contra o metal.

Pegando um dos pratos que ele preparou, ele deixou cair na mesa e caminhou em direção à porta.

Meu coração afundou no meu estômago, enchendo-o tão cheio que eu não queria que a comida ficasse na minha frente. —Você não vai comer? — Eu chamei.

Ele não se incomodou em parar. —Eu tenho trabalho a fazer e não estou com fome.

Elijah foi direto para o corredor, mas o som dos passos recuando parou de repente. Quando eles se aproximaram novamente, ele só chegou até a porta. Nós nos encaramos por alguns segundos, nenhuma palavra sendo dita enquanto eu olhava para ele em busca de conforto e ele mal podia ficar de pé olhando para mim.

—Você vai ficar no meu quarto comigo esta noite.

Lá estava, o conforto que eu precisava, o lembrete de que tudo o que ele estava fazendo agora não tinha nada a ver com as promessas que ele fez na noite anterior.

—Eu vou dormir no chão para que você possa ter a cama. Eu não vou dividir a cama com você, Eve. E você não pode dormir no chão comigo. Se você tentar, eu vou ter que te mandar sair completamente. O que aconteceu entre nós na noite passada não pode acontecer novamente.

Tão rapidamente quanto isso, o conforto se foi. A confusão deslizou para se sentar no trono, chutando as pernas para trás, porque não tinha intenção de sair.

—Ok — eu respondi em uma respiração trêmula.

—Uma vez que você terminar de comer, eu vou levá-la para encontrar algumas roupas que se encaixem, e então você pode se sentar no meu escritório pelo resto do dia enquanto eu trabalho.

Assentindo, eu pisquei para afugentar as lágrimas que ameaçavam.

Ele acenou de volta antes de se virar para ir embora.

Seus testes seriam o meu fim, eu tinha certeza disso. Tão perto de um segundo, só para me afastar, me senti como uma bola de borracha sendo rebatida por uma criança entediada, os golpes altos que fazia contando até o momento em que ele encontrasse outro brinquedo que iria diverti-lo.

A dor desse pensamento cortou através de mim, apenas para torcer e girar para que pudesse me destruir de dentro para fora.

Minha esperança afundou em um mar turbulento, agarrando-se desesperadamente à ilha que Elijah me dera com a última promessa que ele fez. Eu tinha uma última tarefa para realizar, e ele me avisou que seria um caminho amargo para essa tarefa. Eu duvidaria, ele prometeu. Eu lutaria na minha fé. Mas se eu me segurasse, se me agarrasse o suficiente, ele me recompensaria no final.

## JACOB

*Pois um homem justo cai sete vezes e se levanta novamente;  
mas os ímpios são derrotados pela calamidade. Provérbios 24:16*

**Sedra sentou no meu escritório em silêncio como um rato pelo resto do dia.** Horas se passaram quando terminei a homilia. Quando terminamos, voltei minha atenção para outros assuntos que mantinham minha atenção longe da mulher sentada de frente para mim, e as fotos escondidas na minha mesa que ainda estavam muito em mente, apesar de estarem fora de vista.

De vez em quando, eu levantava meu olhar para olhar para Sedra para encontrá-la encolhida em um assento, suas mãos brincando sobre o colar cruzado pendurado sobre a camiseta grande que eu tinha dado a ela para usar. Minha calça de moletom tinha sido grande demais para ela, então eu dei a ela uma cueca para vestir debaixo da camisa. Ela deixou as pernas expostas para o meu olho errante, a camisa tão fina que eu podia ver facilmente a plenitude de seus seios.

Eu tive que arrancar meus olhos cada vez que ousava olhar para cima.

Ela era tão bonita, tão facilmente disponível, e tão perigosa para mim, que era como se a própria serpente estivesse sentada à minha frente, o fruto proibido preso entre suas mandíbulas.

Apenas um gostinho, Jacob.

*Você me possui, Jacob ...*

*Eu preciso confessar ...*

O presente estava vazando para o passado, me colocando em rota de colisão com a tragédia, e com o homem que eu tinha sido antes de me entregar a Deus.

Eu sabia bem como aquela serpente estava rindo. Enquanto eu estava tentando negar o pecador dentro de mim, eu andei cegamente em sua armadilha.

O jogo de Jericho estava fazendo sentido para mim pela primeira vez porque, no tempo que eu tinha tomado para me sentar e olhar as fotografias na minha mesa, nas horas que passei assistindo Sedra sentar calmamente e obedientemente diante de mim, as peças caíram juntas, me mostrando uma foto que não me deu chance de escapar.

Eu assumi que Jericho sabia que eu tentaria devolver Sedra. Ele deve ter sabido que eu tentaria forçar a tentação para longe de mim em um esforço para salvar minha alma.

Se ele tivesse esperado e visto, ele teria me visto sair com ela, ele saberia que levaria duas horas pelo menos para eu voltar para a igreja.

E enquanto eu estava fora, ele provavelmente teria encenado a morte do Sr. Whitaker, deve ter sorrido quando eles enviaram alguém para me buscar para a oração.

E onde eu estava? Faltando da minha posição, sem nenhuma explicação verificável sobre onde eu estava.

Exceto por uma possibilidade, uma que poderia ser relatada por uma garota que achava que tinha feito amor com o Padre que ela tinha uma queda desde o dia que ela completou dezesseis anos.

Não me preocupei que Jericho tivesse ferido ou matado Annabelle. Isso seria muito conveniente. Não. Eu tinha todas as expectativas de que ele pretendia que ela vivesse, que ela entrasse na minha paróquia e olhasse para mim com acusação por trás dos olhos.

Mesmo que eu não tivesse sido o único a tirar sua virgindade, eu ainda carregava a culpa pelo que eu sabia que viria.

Se a própria culpa de Annabelle a baixasse o suficiente, ela iria até os pais para admitir o que tinha feito. Aqueles pais viriam até mim e que álibi eu tenho para lhes dar? Só uma mulher que sofresse uma lavagem cerebral que lhes dissesse que a deixei na beira da estrada por algumas horas, espanquei um homem que tentou machucá-la, apenas para trazê-la para casa e apertá-la contra a parede.

Aquele crucifixo ainda estava no chão do meu quarto, onde caiu, e a serpente se enrolou languidamente em torno dele.

A única questão que ainda restava era o porquê?

Para essa resposta, eu precisava falar com meu irmão.

Do lado de fora da minha janela, o sol estava se pondo, fitas vermelhas, laranjas e douradas pintando o céu com a promessa de Deus ao homem. Eu olhei para ele, desejando que a promessa também pudesse ter sido feita para mim.

—Está ficando tarde — eu disse, minha voz rouca por falta de uso. —Eu vou fazer algo para você comer e ajudar você a se acomodar na cama.

Sedra assustou-se com o som da minha voz, o pescoço dela arrancou para a esquerda para onde os olhos dela encontraram os meus. Eu olhei para os papéis na minha mesa, ainda muito covarde para encarar o que estava bem na minha frente.

Sua voz filtrada através da sala, independentemente, uma canção da sereia significava atrair um homem dentro. — Se é isso que você quer.

Não era o que eu queria.

Não. O que eu queria era espalhar Sedra pela minha mesa, afastar as pernas dela e provar o doce néctar de seu corpo para que eu pudesse me sentir poderoso na maneira como ela se contorcia embaixo de mim.

Só para ouvir os sons que saíam de seus lábios e sei que ela nunca me negaria.

Mas eu era um padre celibatário. Aquele que estava em perigo de cair na Terra com o resto dos atormentados e condenados.

—É o que eu quero — eu me esbarrei atrás de dentes cerrados.

A serpente riu novamente.

Empurrando para os meus pés, eu não me incomodei em olhar para ela quando saí do quarto. Eu sabia que ela iria seguir atrás de mim, um cachorro brincalhão procurando a pessoa que iria acariciá-lo apenas para a direita. Ela era a mulher obediente que daria sem



esperar nada em troca, que levaria qualquer surra que eu quisesse dar a ela, porque até mesmo a dor era melhor do que viver sem o meu toque.

Fiz uma refeição rápida e esperei pacientemente enquanto ela limpava o prato. Ainda incapaz de engolir algo mais do que a água, optei por encostar-me a uma parede para evitar me sentar em frente a ela. A tentação de chegar debaixo da mesa e puxar o pé dela para o meu colo só para poder esfregar contra aquela pequena parte dela era demais para aguentar.

O que eu tinha feito a ela na noite anterior tinha sido a faísca para acender um inferno escaldante, um fogo tão quente que nem todas as lágrimas combinadas dos anjos celestes poderiam apagar suas chamas.

Eu só queria saber quantos dias mais eu poderia tirar disso antes que eu tivesse que admitir para mim mesmo que Jericho tinha sucesso em seus jogos.

Seu garfo clamou contra seu prato quando ela caiu, seus lábios envolvendo a borda de um copo de água, o rosa suave de sua língua visível contra o vidro. Abaixando-se, ela se virou para mim com olhos expectantes.

—Você está pronta para dormir agora? — Eu perguntei, tentando com tudo dentro de mim não culpar os inocentes pelas fraquezas da carne.

Assentindo, ela se levantou e me seguiu até meu quarto na reitoria. A cama ainda estava uma bagunça de quando eu acordei

naquela manhã. Eu não tinha feito o tempo para fazê-la, pegar o crucifixo ou cair de joelhos em oração.

A rotina arrumada e segura que eu fizera para mim ao longo dos anos estava desmoronando nas costuras esfarrapadas, revelando para mim todo o recheio preenchido com minha escuridão e engano.

Sempre foi tão fácil fazer as mulheres acreditarem que eram exatamente o que eu queria. E no final eu me fiz acreditar nas mentiras que saíam da língua sedosa de um homem que deveria saber melhor do que pensar que ele poderia se negar a sua violência desviante.

—Vá em frente e rasteje na cama — eu disse, pegando as chaves do meu caminhão da minha mesa perguntando se o veículo iria mesmo começar.

—Onde você vai?

—Eu tenho uma missão para executar.

Eu não dei a ela uma chance de responder, apenas peguei meus sapatos e caminhei para fora, esperando até que eu estivesse sozinho no caminhão para vesti-los. Forçando a chave na ignição, nem me incomodei em rezar para que a bateria não estivesse morta. Não havia sentido. Deus não estava escutando.

Ele virou sem nenhum problema, o motor rugindo dentro da luz do sol, a porta se fechando, enquanto eu o jogava em marcha a ré e saía da entrada de terra. A viagem de uma hora até o complexo de Jericho não estava perto o suficiente para eu me acalmar, as milhas

que passam e os minutos silenciosos só servindo para construir a tensão dentro de mim até parecer que eu iria explodir sob a pressão.

Três dias atrás, eu parei na frente dos portões de ferro iminente, sem nenhuma pista de quem eu encontraria atrás deles. Mas agora? Agora eu estava marchando em direção aos portões do Inferno, conhecendo muito bem o demônio que ficaria feliz em passar. Eu nem estava ao alcance deles antes que eles se separassem no centro e Jericho saísse, um sorriso largo esticando seu rosto.

—Jacob — ele zombou, o rolo de riso acrescentando leveza a essa palavra. —E eu aqui pensando que nunca mais veríamos um ao outro. Pelo menos, foi o que você me contou esta manhã.

—Salve isso, Jericho. Eu terminei com seus jogos estúpidos e fodidos.

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Isso é engraçado porque eu nem comecei a jogar ainda.

Raiva bateu seu tambor firme dentro de mim. —Por que você está fazendo isso?

Ele sorriu e deslizou a mão até o ouvido, como se eu tivesse sussurrado as palavras. —Sinto muito, eu não ouvi você muito bem, irmão. Por que você não se aproxima da minha teia, pequena mosca, e talvez possamos nos comunicar melhor.

—Diga-me por que, Jericho!

Eu podia sentir cada veia pulsando sob a minha pele, podia reconhecer a violência dentro de mim, levantando sua cabeça feia para rugir seu poder. Havia um homem em algum lugar que eu já fui,

e esse filho da puta estava lentamente puxando-o para fora de mim. O tempo todo sorrindo.

—Porque? Porque? Porque? — Ele sorriu. —Sempre com as perguntas. Mas ao invés de me perguntar algo que você sabe muito bem, não vou responder, você deveria me dizer algo em vez disso. Como se sente ao saber que você nunca derramou os pecados do seu passado? Para perceber que você só os esconde atrás do véu de uma vida religiosa?

—Minha vida não tem nada a ver com você. — Eu andei em direção a ele, mas ele levantou um dedo, o som de pelo menos três armas separadas sendo preparadas acima de nossas cabeças. Eu olhei para cima para olhar os canos das armas apontadas na minha direção. Três homens estavam em plataformas de madeira que subiram um pouco acima do topo da parede em torno da propriedade.

—Eu não chegaria mais perto se fosse você. Eu odiaria que seu rosto bonito não existisse mais.

A respiração explodiu dos meus pulmões, meu corpo congelado na maré alta da minha fúria. Virando-me para olhar para Jericho, eu sorri. —Você sempre foi um covarde.

Ele riu. —Não. O que eu sempre fui foi um passo à frente. Você nunca soube disso.

Chutando uma pedra na ponta da bota, ele colocou as mãos nos bolsos, o cabelo preto brilhando sob os holofotes do complexo.

Quando ele olhou para cima de novo, vi o homem que eu costumava ser, o bastardo que não estava preso atrás do branco austero de seu colarinho clerical.

—Ah, agora não seja tão bravo, Jacob. Eu não fiz nada para você que você não teria feito comigo antes de encontrar Deus. Nós sempre soubemos quando começamos a jogar nossos jogos quando crianças que em algum momento nós viríamos um contra o outro. Era natural que os irmãos formassem uma rivalidade, você pensou que você tinha ganhado quando você saiu para a faculdade.

Ele deu um passo à frente, com os olhos voltados para os sapatos, com os pés cuidadosos para se mover com o calcanhar de uma bota colocada diretamente na frente da ponta do outro.

Parando fora do meu alcance, ele era um homem sem preocupações por causa das armas que seus homens tinham apontadas para mim.

—Então, deixe-me dizer-lhe como o resto disso vai acontecer.  
— Seu olhar encontrou o meu.

A cor azul-prateada era uma característica que usávamos para atrair todas as boas meninas que destruimos em nossas vidas.

—Você vai voltar para a sua paróquia, e você vai aproveitar o presente que eu te dei enquanto eu deixo você tê-la. Você vai parar de aparecer no meu complexo porquê da próxima vez que você vier não virei para fora para avisá-lo antes que meus homens o ajoelhem. E quando eu decidir que é hora do jogo terminar, vou aparecer na sua paróquia e avisarei.

—Eu não entendo, Jericho. O que eu tenho...

—Não é para você entender. Isso é o que você não está conseguindo em tudo isso — ele disse, me cortando.

—E talvez esse tenha sido seu problema o tempo todo, Jacob. Você sempre quis entender alguma coisa. Você nunca foi do tipo que acredita cegamente, e é exatamente por isso que eu sei que o colarinho que você usa é um disfarce. Você não é um homem piedoso, você nunca foi e ainda se senta como o pastor do seu rebanho, o símbolo de Deus e o poder da sua mão. Sua igreja é tão cheia de besteiras que eu posso sentir o cheiro dela daqui.

Foda-se as armas. Foda-se a ameaça. Foda-se cada palavra que cai da boca do meu irmão. Eu andei em direção a ele, minhas mãos em punhos ao meu lado, meu pulso tão perverso e forte que era trovão dentro da minha cabeça.

—Minhas escolhas na vida são minhas. Elas não devem preocupar você.

—Eu nunca disse que sim — ele respondeu, sua expressão imutável, despreocupada e cheia de orgulho satisfeito. —Mas lá vai você de novo procurando uma razão.

Nós éramos dois irmãos de frente um para o outro sob as luzes de um hospício. Dois gêmeos que um dia se uniram agora sofrendo os frutos do mal que permitimos em nossas vidas. E onde eu estava equilibrado em um precipício entre a escuridão total e a luz ofuscante, meu irmão não só aceitou o mal que espreitava dentro dele, ele abraçou.

—Eu vou explicar isso para você de uma maneira que você possa entender dada a sua nova profissão — disse ele, sua voz baixa, calculista e sem emoção. —Cristo morreu pelos nossos pecados, irmão. Pelo menos é o que tem sido enfiado em nossas

gargantas todos os dias desde que saímos do ventre de nossa mãe para entrar nesta merda que chamamos de mundo.

Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça para a esquerda e para a direita para aliviar os músculos de seus ombros.

—Mas ainda — ele continuou, sua voz mais suave, um sussurro contra o vento frio da noite, — depois do terceiro dia aquele filho da puta se levantou novamente para nos mostrar toda a sua glória e seu poder.

Um sorriso puxou seus lábios. —É o terceiro dia agora, Jacob. E apenas olhe para você. Ainda justo e puro. Ainda é um homem que olha para o seu Deus e a Igreja que serve a Deus como um meio de escapar do pecador dentro de você.

Segurando três dedos, ele repetiu, — Dia três, Jacob. Você se lembra do que aconteceu depois disso? Eu suponho que você tenha dado a você um Padre, então por que você não me conta?

Quando não respondi, ele gritou: — Diga-me!

O bastardo estava certo em uma coisa: eu não podia olhar para qualquer situação sem tropeçar na questão do porquê. Mesmo naquele momento eu estava mentalmente mapeando cada palavra que ele dizia, cada expressão que ele fazia, cada crime que ele cometia e toda vida destruída no jogo que ele estava jogando. E não havia rima ou razão para isso.

—Cristo subiu ao céu — eu finalmente cuspi. —Corpo e alma.

Jericho riu, uma pequena explosão de som que não carregava humor. —Ele nos deixou para cuidar de nós mesmos contra tudo de errado neste mundo, e o que aconteceu depois disso?

Eu balancei a cabeça em descrença. Meu irmão gêmeo estava muito louco. —Você está me dizendo que está fazendo isso porque está chateado que Cristo morreu? O que está errado com você?

Seus olhos apertaram com força, sua mão alcançando a ponta do nariz. —Eu não estou dizendo a você uma coisa, Jacob. Eu estou pedindo para você responder uma pergunta simples.

Como se na sugestão, um de sua família em pé com a arma no tiro pronta no chão atrás de mim, eu assumi para me cutucar ao responder a besteira que ele estava me perguntando. Meu olhar levantou para olhar para o bastardo segurando a arma fumegante apenas para que eu pudesse lembrar quem matar quando eu finalmente perdesse minha maldita mente.

Nivelando meu olhar de volta para Jericho, eu disse: — Eu não sei de que parte sobre depois que você quer ouvir. Já faz dois mil anos.

Tirando a mão do rosto, ele abriu os olhos. —O homem foi deixado para cair novamente depois que Cristo deixou a Terra. Ele pegou seus brinquedos e voltou para seu playground celestial, e assim como o homem foi abandonado depois daqueles três dias que esperamos, você cairá, Jacob. Você teve os seus três dias e agora eles acabaram. E eu vou gostar de ver você cair, porque você nunca foi um homem devoto para começar.

Insano. Meu irmão era certamente insano.

—Saia do meu gramado, irmão. Estou cansado de ver você por aqui.



Outro tiro de arma tocou, a poeira e as pedras se levantando ao meu redor perto o suficiente para bater nas minhas pernas. Jericho se virou sem dizer mais uma palavra, caminhando lentamente até o portão que se abria quando ele se aproximava.

Não pude evitar quando gritei: — Você quer que eu saia do sacerdócio? É disso que se trata?

Ele parou, mas não se incomodou em olhar para mim. — Novamente, você está procurando o porquê. Apenas aproveite o passeio, Jacob, e pare de fazer perguntas inúteis.

Ele deu outro passo antes de parar de novo, desta vez olhando por cima do ombro para mim.

—Tick tock, irmão. Tick. Tock.

Ele foi embora dois segundos depois, os portões se fechando para escondê-lo da minha vista.

Escondido atrás das grades com lençóis brancos entrelaçados, sua voz soou. —Se você não quer levar um tiro, Jacob, eu sugiro que você se mova muito rapidamente. Minha família só vai te dar alguns segundos de vantagem.

Os homens fizeram uma demonstração de apontar suas armas na minha direção e eu corri de volta para o meu caminhão. No momento em que eu estava correndo em um canto para virar na estrada principal, eu podia ouvir tiros batendo na traseira do caminhão atrás de mim.

*Porque você precisa de perseverança para que, tendo feito a vontade de Deus, você possa receber a promessa. Hebreus 10:36*

**Amanhã.**

Eu encontraria a salvação em apenas algumas horas.

Sua orientação, seu fogo, sua luz.

Com esta última tarefa eu tenho que completar para ele.

Eu serei as portas para o mais sagrado dos templos.

E ele se tornará o único adorador em meu altar celestial.

Isso é o que ele me prometeu.

**JACOB**

*Continue observando e orando para que você não entre em tentação; o espírito está disposto, mas a carne é fraca. Mateus 26:41*

**Eu joguei e virei a noite toda.** Em parte por causa da besteira insana que meu irmão havia vomitado na noite anterior e em parte por causa do piso de madeira, tive a honra de chamar uma cama.

Meus olhos se abriram para um quarto pouco iluminado, uma respiração suave e rítmica acima de mim, um som baixo que contava o tempo enquanto passava.

Eve não se mexeu quando voltei do complexo de Jericho, não tinha notado quando meu peso afundou na lateral da cama e eu olhei para ela, querendo tirar o uniforme de Padre e revelar o homem abaixo.

Com base em sua respiração, ela ainda estava lá em cima dormindo confortavelmente enquanto eu estava deitado em uma pilha de cobertores, minha cabeça apoiada em um travesseiro encaroçado que não me dava absolutamente nenhum sono.

Havia muitos fatores de merda colidindo na minha vida, muitos eu não poderia explicar que eu senti como se estivesse me afogando em qualquer loucura que meu irmão pudesse infligir.

No entanto, aqui estava, no dia santo de Deus, e eu tinha o dever de liderar um serviço que eu não tinha certeza de que acreditava por mais tempo.

Embora a maioria do que Jericho havia dito fosse um absurdo maníaco, havia um ponto que ele fez que eu não pude ver no passado, não importa o quanto eu tentei não pensar nisso:

Eu era um homem caído.

Talvez não no momento do nascimento, mas quando cresci e aprendi porque Deus criou mulheres para homens. Depois que eu tive esse primeiro gosto, acabou. Jacó, o crente duvidoso, tornou-se Jacó, irremediavelmente perdido.

Eu não fazia mais parte do rebanho ao qual meu pai havia me doutrinado, e tudo que eu queria era outro sabor do divino, aquele momento em que eu me tornei o próprio Deus, me colocando em seu trono de ouro acima do corpo de qualquer mulher que eu estava corrompendo.

Naquele momento, não havia ninguém mais vulnerável do que a mulher dormindo profundamente ao meu lado. Tudo dentro de mim gritava para arrancar o tecido, para me rebelar contra os votos que a religião me impusera e ceder ao homem em quem eu estava.

Culpa e mais culpa, foi tudo o que eu aprendi. E mesmo sabendo que os jogos que joguei eventualmente me levariam direto

para o Inferno, eu pensei que o Inferno tinha ficado impaciente e se levantado para me cumprimentar na noite em que Cassandra morreu.

Talvez eu tenha sido muito rude? Talvez eu não tivesse visto os sinais de que ela estava em perigo? Talvez eu não me importasse o suficiente para vê-los.

Talvez tenha sido o castigo de Deus pelos pecados que eu sabia que continuaria cometendo e fiquei com medo.

Porra! Como eu fiquei com medo.

Eu corri de volta para a única coisa que eu sabia que poderia me proteger, uma vida sem pecado, um chamado sem remorso, e uma mentalidade que me mantinha isolado e sozinho, livre das tentações que estavam ao meu redor.

Só tive que ser novamente empurrado com o insuportável peso de uma vida inteira de culpa pelos meus crimes.

Eu estava doente e cansado da culpa.

E levou um fodido doente para me fazer ver isso — o que me fez não querer ver nada disso.

Na verdade, a única coisa que a Igreja fez em minha vida foi desenhar limites. Eles me encaixotaram com as escrituras, amarraram minhas mãos com as expectativas e enfiaram uma faca no meu intestino, torcendo-a cada vez que eu pisei fora dessas linhas para explorar quem eu realmente era por dentro. Havia partes de mim que estavam bagunçadas e sem forma, partes que não se encaixavam dentro daquelas pequenas linhas que todas as pessoas devotas devem respeitar. Quando eu pisei fora dessas linhas, fui chicoteado e espancado, arrastado pelo chão por um pai que não

concordava que a própria vida era tão confusa quanto eu, o abuso testemunhado por uma mãe que acreditava que o marido é o governante da casa.

Talvez seja onde a escuridão começou: naquelas tardes e manhãs em que Jericho e eu éramos espancados e açoitados. Erros simples que cometemos eram de alguma forma o mesmo que nós cuspindo na face de Deus, e meu pai - um homem devoto, mas pecador - se certificava de nos marcar com nosso próprio pecado, inculcando em nós uma ânsia pelo tipo de dor que nos mostrou que estávamos vivos.

Era natural que seguíssemos seus passos. Uma vez que a porta era aberta, era quase impossível fechar. Ao invés de moldar e aprender como ficar dentro desses limites, nós tomamos aquela dor, essa culpa, e todos os sentimentos horríveis que vieram com ela e nós a viramos nos bons pequenos que deixariam suas calcinhas e nos deixariam invadir e abusar delas até que elas choraram.

Nós não apenas as tentamos fora desses limites, nós as forçamos a sair, seus olhos se abrindo para o mundo ao redor delas, uma vez que elas não estavam mais protegidas pelas ideias estritas de como uma boa menina deveria ser.

O que me assustou ainda mais do que a insistência de Jericho de que eu nunca tinha realmente mudado era o lembrete dele de que tinha sido eu quem sempre tocava mais, porque, nisso, ele não estava errado.

No começo, Jericho e eu estávamos procurando um bom momento. Nós éramos os adolescentes normais, cheios de tesão, mas respeitosos com os limites estabelecidos por nós. Mas nosso

primeiro empreendimento fora daquelas linhas incendiou nossos corpos, uma ânsia voraz de ir mais longe, forçar com mais força, até que pudéssemos explorar em detalhes íntimos todos os desvios sexuais que se abrem para nós, se aprendêssemos a fazer o certo.

Um homem bonito é o suficiente para transformar o olhar de muitas jovens, mas dois gêmeos idênticos chamam a atenção como brincadeira de criança.

Uma equipe coordenada, nós aprendemos a atraí-las. Jericho estava lá apenas para o lançamento sexual, pelo menos, a princípio ele estava. Mas eventualmente eu fiquei entediado em tirar a virgindade de uma mulher e comecei a explorar, vendo o quão longe nós poderíamos empurrá-las até que elas quebrassem.

Como se viu, poderíamos ir muito longe.

A maioria das mulheres se esquivou a princípio, não confiando em dois homens que a queriam amarrada e desamparada. Um pequeno carinho, um pequeno golpe para despertar o fogo dentro dela, e aquela mulher estava colocando os pulsos juntos, pronta e disposta a se fazer vítima de qualquer prazer que tivéssemos em mente.

Avance um pouco mais tarde e a escravidão não foi suficiente. Eu queria machucar aquelas mulheres. Eu queria que eles soubessem o que significava ser como nós.

Eu senti dores em meu corpo durante toda a minha vida, e retornei a dor com a satisfação de um homem faminto recebendo uma fatia de pão para aliviar seu desconforto.

Jericho concordou com isso, como sempre fizera, mas depois fui longe demais e assustei uma mulher quase até a morte.

Ela se retirou de volta para a vida segura dentro dos limites da religião, e eu empurrei para frente, arrumando minhas coisas e indo para a faculdade - um homem livre desenfreado pela culpa que eu sempre carregava.

Cassandra morreu por minha causa. Eu tinha tanta certeza disso quanto era o sol nascendo no Leste e se pondo no Oeste. Eu nunca vi as fotos da autópsia, nunca li os relatórios, mas a mãe dela veio me ver um dia, e ela me contou.

Quase cada centímetro de sua pele escondida sob suas roupas estava machucada. Seus seios, seus quadris, o interior de suas coxas, em todos os lugares que meus dentes, ou dedos, ou a palma da minha mão decidiram tocar. Talvez fosse um sintoma de qualquer condição de sangue que ela tivesse, mas era como uma obra de arte para mim. Eu adorava sentar e admirar essas marcas apenas porque ela as usava em minha memória.

Eu as coloquei em todas as mulheres que levei para a minha cama, e queria colocá-las na mulher que estava dormindo acima de mim agora.

Eu precisava de um sinal.

Mas por alguma razão, eu não achava que Deus se importasse.

Ou talvez seu silêncio fosse o sinal afinal.

Levantando do chão, eu corri meus olhos para a cama para ver Sedra dormindo profundamente. O cobertor tinha escorregado até a cintura e a camiseta que ela usava havia escorregado para revelar a



parte inferior de seus seios. Exuberante e cheio, eles ligaram para eu prová-los, mordê-los, lambê-los e reivindicá-los com minhas mãos gananciosas.

Dando alguns passos em sua direção, eu fechei minhas mãos em punhos. Seria tão fácil acordá-la, tão fácil dizer-lhe todas as coisas sujas que eu queria fazer com ela, e tão fácil de seguir com isso.

Mas era domingo. O dia de Deus. A igreja logo começaria a se encher com os paroquianos da cidade. Eles me procurariam se eu atrasasse, e as coisas que eu queria fazer com Sedra levariam horas.

Eu me forcei a sair, apenas para virar e ver a cruz invertida no chão.

Assim, fui forçado a voltar para dentro desses limites. Pegando a cruz do chão, pendurei-a no prego na parede e murmurei: — Hoje não, Satanás.

A serpente deve ter rido na sua cabeça.

Demorei meia hora para tomar banho e ficar o mais pronto possível para o dia seguinte. Temendo ter que levantar em frente à congregação e espalhar uma mensagem de esperança e amor, sentei-me na beira da cama no meu quarto, arrumando meu colarinho clerical no lugar e olhando para Sedra.

Ela era tão doce. Tão inocente. E tão fora dos limites se eu tivesse alguma esperança de não enlouquecer. Todos os dias estavam ficando mais difíceis. Todos os dias eu lutava com a questão de saber se poderia ir contra meus votos. Estaria disposto a aproveitar uma mulher que não sabe quem eu sou?

Para ela, eu era Elijah, e não importa o quanto eu tentasse convencê-la do contrário, ela só veria meu irmão quando ela olhasse para mim.

Não era como se nós não tivéssemos jogado esse truque antes com outras mulheres, mas naquela época eu não me importava.

Não que eu deveria me importar agora.

Tocando seu ombro, eu a sacudi suavemente, esperando e observando enquanto seus olhos verdes se abriram, um sorriso sonolento deslizando em seu rosto enquanto ela olhava para mim.

—Bom dia — eu disse, sorrindo de volta quando deveria estar me afastando.

—Ei — ela sussurrou, sua voz ainda grogue por falta de uso. Empurrando-se para uma posição sentada, ela puxou a camiseta até a cintura.

Ignorando o quão desapontado eu estava por seu corpo estar completamente coberto, limpei minha garganta. —Eu tenho a missa de domingo hoje. Eu estarei no santuário durante a maior parte do final da manhã e começo da tarde. Você pode me fazer um favor e ficar fora de vista?

—Eu já te disse que iria.

Assentindo minha cabeça, me levantei da cama só para colocar alguma distância entre nós. Girando de volta, olhei para ela. — Espere? O que?

—Para a missa.

Eu já tinha mencionado isso para ela? Eu não conseguia me lembrar com todo o caos em erupção na minha vida. Eu devo ter.

Olhando para o relógio, percebi que tinha perdido o tempo para me preocupar com isso. Eu precisava me vestir, reunir a homilia que eu havia preparado e estar pronto para a procissão no santuário.

—OK. O banheiro é por ali, o que eu tenho certeza que você sabe, e eu vou trazer um pouco de comida assim que a Missa for concluída.

Eu não lhe dei tempo para responder, o olhar sonolento no rosto dela não estava facilitando a distância.

Correndo para o meu escritório, acenei para alguns paroquianos que já haviam entrado na igreja. Tirei os corredores, peguei as anotações que fiz para o serviço de hoje e depois usei de volta para entrar na sacristia, a sala onde eu vesti minhas roupas e esperei a procissão que me levaria ao santuário. Vários dos membros processionais já estavam vestidos e no lugar.

Eu rapidamente me vesti com o robe de batina usado pela maioria dos padres durante os cultos, pendurei a alça em volta do meu pescoço para pendurar a parte da frente do meu corpo e amarrei-o no lugar com a cinta. O roupão sempre foi um pouco grande para mim e era espaçoso o suficiente para que eu sempre me preocupasse em tropeçar nele enquanto caminhava pelo altar em direção ao púlpito.

Embora a maioria das paróquias tivesse um elaborado cenário atrás do púlpito, onde o Padre fazia seu sermão, o meu só tinha vitrais e não havia muitas pessoas para me guiar na procissão.

Nós éramos uma cidade pequena, afinal de contas, e este era um pequeno prédio que não tinha espaço para toda a pompa e circunstância que você encontraria em uma paróquia maior.

O tamanho pequeno era bom para mim porque eu nunca tinha visto a necessidade absoluta de todas as decorações, brilho e glamour que alguns sentiam que era necessário para glorificar a Deus.

Eu sempre disse a minha congregação que enquanto eles estivessem na casa do Senhor, ele estava feliz em vê-los. Muitos dos meus colegas zombaram da minha atitude de vestimenta, mas eu não me importava muito com esses colegas para dar a mínima.

Música tocava suavemente do santuário e eu caminhei lentamente na parte de trás da procissão, finalmente tecendo em torno do altar para tomar o meu lugar no púlpito. Os itens necessários para a Eucaristia foram colocados no altar e eu interiormente gemi por ser o homem que iria administrá-lo. Eu não estava sentindo nada além de sagrado naquele momento e nem tinha certeza se acreditava na mensagem que daria hoje.

Espalhando meus papéis na superfície do grande púlpito, eu respirei fundo antes de olhar para a congregação. O pavor percorreu minha espinha e, quando cheguei ao banco central, a razão desse pavor me encarou de volta. Seu cabelo estava solto pela primeira vez desde que eu a conheci. A trança bagunçada que ela sempre usava por cima do ombro tinha ido, os grossos óculos emoldurados que sempre escorregavam pela ponte de seu nariz estava ausente, e em seu lugar havia um rosto cheio de maquiagem, uma camisa que caía baixo o suficiente para mostrar as ondas de cima dos seios

pequenos, e um sorriso destinado apenas para mim com segredos sensuais escondidos por trás dele.

Annabelle Prete tinha tido uma vida fora dos limites, e ela não tinha ideia de que o homem com quem ela dormiu não era eu. Eu não diria que ela era uma garota trocada, ainda não. Eu tinha esperança que ela simplesmente deixasse tudo isso de lado e fosse bem-sucedida na faculdade e no resto de sua vida.

O olhar fixo, porém, dificultou a manutenção dessa esperança.

Lançando meu olhar para os meus papéis, esperei enquanto o coro de cinco pessoas cantava, eu juntei meus pensamentos enquanto a rotina seguia seu curso, e seguindo a leitura das escrituras sobre a promessa de salvação de Deus, eu comecei a homilia, mantendo meus olhos presos em qualquer lugar que não fosse em Annabelle.

Não importava que eu não olhasse diretamente para ela. Eu podia sentir seus olhos queimando em mim. Mais culpa entrou e eu estava tão cansado disso.

Minha boca estava pregando para a congregação sobre pecado e perdão, mas tudo que eu conseguia pensar era na mulher sentada no meu quarto, provavelmente na minha cama, que me olhava da mesma maneira que Annabelle estava fazendo agora - como se ela fosse cortar todas as suas veias para mim só para poder saborear o sangue.

Isso é o que acontece com certas mulheres: não importa se você pede que elas desistam de suas vidas, elas simplesmente ficam felizes pela atenção que você lhes dá. Uma personalidade pura e

submissa — tão deliciosamente obediente e disciplinada — não é uma pessoa com diferenças e opiniões. Elas são um pedaço de argila esperando por você para formá-las enquanto elas se aconchegam ao calor de sua mão forte.

Independentemente do que eu estava realmente sentindo e pensando, continuei conversando com os paroquianos, enchendo suas vidas com esperança e luz, enquanto eu estava de pé atrás do púlpito imaginando quão rápido meu trem seria para o inferno. Seria uma viagem longa e lânguida em uma locomotiva movida a carvão que lhe desse tempo para pensar em seus pecados? Ou seria um trilho de alta velocidade onde eu pisquei e me encontrei ajoelhado obedientemente aos pés de Lúcifer?

Eu não sabia, e pelas coisas que eu ficava pensando em fazer com uma mulher que não diria não, eu também não me importava muito. Aquilo me assustou. Então, enquanto eu pregava sobre Deus para uma congregação que me procurava pelas respostas da vida, implorei silenciosamente por um sinal de que Ele estava lá cuidando de mim, que eu não havia caído e que Jericho não estava certo sobre mim o tempo todo.

Ele me mandou aquele sinal, mas não era a resposta que eu esperava.

Meus lábios continuavam pregando, minha mente perdida para o tormento dos últimos dias e, sob minhas pernas, algo roçou meu robe. O púlpito que me envolvia era de madeira grande e escura, cobrindo-me completamente na frente e em ambos os lados. Era volumoso e triste, precisava de um bom polimento, e a superfície onde eu colocava meus papéis era marcada por anos de uso.

Imaginando se um rato ou algum outro animal havia fugido da floresta e tomado isso como um lar, recuei apenas um pouquinho para olhar para os meus pés e não ver nada além da batinha da minha batina polvilhando o chão preguiçosamente. A minha preocupação sangrou com alívio e eu continuei falando sobre a pureza do Divino, sobre o assento no Céu que todos nós receberíamos se fizéssemos o nosso melhor para lutar contra o pecado e pedir pela redenção.

Falei sobre como Deus, em seu Reino, nos observava, concedendo-nos bênçãos para nossa servidão e contenda. E assim como eu levantei minha voz para lembrar as pessoas boas desta cidade rural que agindo com fé, lembrando de nosso lugar e conduzindo nossas vidas de uma maneira que Deus consideraria apropriado, um conjunto de dedos delicados traçou minha perna para embrulhar em volta do meu pau.

Choque rasgou através de mim, atingindo profundamente cada célula do meu corpo, meus músculos se agruparam sobre os ossos e eu olhei para baixo novamente enquanto ainda tentava manter minha voz o mais uniforme possível.

Eve sentou-se abaixo de mim, nua como no dia em que nasceu, seus seios cheios expostos a que luz poderia romper o espaço entre meu corpo e o interior do púlpito. Ela me lançou um sorriso perverso, o olhar em seus olhos quase idêntico ao que Annabelle Prete continuava me dando cada vez que meu olhar rapidamente passava por ela nos bancos onde os paroquianos estavam sentados.

Levantando um dedo, Eve colocou contra seus lábios, lembrando-me que, para isso, eu precisava ficar em silêncio.

Fique fora de vista ...

Eu já te disse que iria ...

Meus pensamentos voltaram para a conversa que tivemos no meu quarto antes de eu sair para a missa. Eu odiava não ter tido tempo de me concentrar mais no que ela me disse quando saí pela porta. Isso não era exatamente o que eu pretendia ficar fora de vista, mas em sua cabeça confusa, ela não estava fazendo nada de errado.

Balançando a cabeça apenas o suficiente para que ela visse, mas a congregação não notaria, tentei fazê-la entender que ela precisava parar. Eve não estava escutando. Seus lábios se separaram em um pequeno sorriso e antes que eu pudesse impedi-la, ela virou a bainha da batina sobre a cabeça e passou as duas mãos pelas costas das minhas pernas.

Meus olhos se fecharam por um segundo, o pânico me ultrapassando enquanto eu me aproximava do púlpito para garantir que ninguém notasse a mulher nua embaixo. Não havia nada que eu pudesse fazer além de continuar conversando com os paroquianos olhando para mim, minha voz ainda forte e firme apesar da mulher explorando minhas pernas com as mãos dela.

Não demorou muito para que as mãos dela segurassem minha bunda, seu pequeno corpo batendo embaixo da enorme batina que deveria ter sido apertada para o meu corpo, se tivesse o tamanho certo. Assim que seus dedos apertaram os músculos e senti seus seios roçarem a parte da frente das minhas coxas, minhas mãos se moveram da superfície do púlpito para agarrar as saliências levantadas nos lados.

Minha voz vacilou quando meu corpo respondeu e lutei para concentrar minha atenção na homilia e na congregação a quem eu



estava falando. Um arrepio percorreu-me, meus olhos se fecharam e se abriram mais uma vez, meu olhar acidentalmente avistando o rosto de Annabelle, onde ela se sentou em extasiada atenção me observando como se eu tivesse sido o único a cumprir suas mais secretas fantasias.

Porra ... Eu pensei em silêncio enquanto ainda lutava para falar com uma voz equilibrada.

Minha ereção estava apertada contra minhas calças, o algodão da minha cueca como uma lixa contra a pele que não tinha sido tocada por uma mão estrangeira em doze longos anos. Eve deslizou os dedos pelas laterais das minhas coxas, movendo-se de minha bunda para a frente da minha calça, um pequeno puxão me avisando que ela encontrou o botão que abriria a frente e me exporia a quaisquer ações que ela tivesse em mente. Não havia saída entre a rocha e o lugar duro que agora me encontrava. Afastar-se ou fazer uma cena só mostraria para toda a congregação o que eu estava escondendo na igreja nos últimos dias. Eu não tive escolha a não ser ficar lá, deixar a serpente rir enquanto Eve libertou o botão da minha calça e puxou a aba do zíper.

O alívio foi tão instantâneo quanto o fardo. As calças pretas apertadas de um Padre não confinavam mais a minha ereção. O fardo estava mantendo minha voz reta e continuando a pregar a luz sagrada de Deus enquanto meu pau estava agarrado nas mãos quentes de Eve e me soltava da minha calça.

Minha voz tropeçou assim que seus dedos apertaram a carne sensível, meus olhos se fecharam novamente quando um silêncio caiu sobre a congregação, cada pessoa olhando para mim

perguntando por que eu parei por aquele pequeno segundo e quando eu comecei a falar novamente.

Limpando minha garganta, eu ignorei a gota de suor escorrendo da minha testa para baixo da linha do meu queixo, e abri meus olhos para continuar lutando contra a necessidade que meu corpo tinha de gemer de prazer absoluto.

—Com licença — eu disse em voz alta, encontrando meu lugar na homilia para começar a pregar de novo. — Eu fiquei um pouco preso na Palavra de Deus é tudo.

Os paroquianos sorriram em resposta à mentira descarada, seus pequenos fãs trabalhando com mais afinco para expulsar o calor que tendia a encher a nave e o santuário quando estava cheio de corpos humanos sugando todo o oxigênio. Eu mal podia respirar, mas não foi a queda do calor do corpo que agarrou meus pulmões, foi o aperto firme de uma mão que me acariciou da cabeça às bolas, movendo-se lentamente até que eu sabia que se eu não comesse a empurrar, eu morreria.

E lá estava eu, como o próprio Sir Percival<sup>5</sup>, sendo tentado pelo diabo enquanto procurava o Santo Graal. No entanto, ao contrário dele, eu não fui capaz de negar a persuasão da serpente, não fui capaz de me proibir a liberdade dos anseios do meu corpo porque, no fundo, a escuridão da serpente era a mesma que a minha.

---

<sup>5</sup> \*Sir Percival: é um dos cavaleiros da Távola Redonda nas lendas do Ciclo Arturiano. É conhecido, principalmente, pela sua participação na Demanda do Santo Graal.

Somos todos homens simples, nossas almas maltratadas e esforçadas para alcançar a grandeza em um mundo que é tudo menos grandioso. Nada sobre mim era melhor que os pecadores que me encaravam, as roupas que eu usava, o colarinho clerical. Os anos que eu passei me negando eram apenas um véu esfarrapado e fino que havia escondido e ocultado a verdade dos meus pecados de mim mesmo.

E para piorar as coisas, meus olhos avistaram Annabelle Prete, o rosa brilhante de sua língua saindo rapidamente para correr provocativamente através de seu lábio inferior, enquanto abaixo do púlpito, as mãos de Eve se afastaram para que ela pudesse envolver o calor úmido de sua boca ao redor da cabeça meu pau.

Ela chupou a ponta e eu vendi minha alma em plena vista do rebanho que eu deveria levar. Minhas mãos agarraram os lados do púlpito, ameaçando quebrar a madeira escura e grossa sob meus dedos. Minhas pernas travaram para impedir meus quadris de empurrarem, o tempo todo que meus lábios continuaram se movendo para entregar uma mensagem que eu conhecia naquele momento, e eu não acreditei mais.

O pensamento passou pela minha cabeça de que eu nunca acreditei em tudo, que toda a minha existência depois de fazer meus votos foi uma grande mentira que eu contei, uma farsa planejada para negar a mim mesmo a sensação de poder que veio de macular as boas meninas e fazê-las chorar.

A besta que se instalou silenciosamente dentro de mim enquanto eu me ajoelhava, rezava e fingia que podia negar minha própria natureza, quando a boca de Eve deslizou mais abaixo no

eixo, a ponta de sua língua delicada sacudindo a veia grossa enquanto meus olhos continuavam a acompanhar as expressões mutáveis no rosto de Annabelle, o dedo que se esticava para percorrer o V profundo de seu suéter.

Eu era um homem caído, maldito e condenado, e esperando a hora em que eu pudesse tirar o tecido do devoto para desfraldar minhas asas escuras e afiadas e pegar o que deveria ter sido meu desde o começo.

De alguma forma, minha boca continuou falando uma mensagem de esperança e salvação, minha voz muito mais corajosa agora, tensa com o esforço de não rosnar quando eu abaixei para forçar a boca de Eve tão longe que eu poderia empurrar na parte de trás de sua garganta.

É claro que a jovem Annabelle captaria a necessidade em meu tom, o desespero sangrando em mim como fogo, enxofre e o calor úmido da lava do Inferno fluía sobre meu pau, as bordas afiadas dos dentes arranhando a pele o suficiente para me fazer querer punir Eve com a minha mão em punhos em seu cabelo espesso e macio.

Minhas bolas estavam apertando debaixo de mim, dançando em deleite pela tempestade de um clímax que eles estavam preparando. Quão entediados eles deviam estar pendurados entre as minhas pernas, sem uso e sem utilidade, depois de eu ter feito uma promessa de ser celibatário.

Agarrando meus dedos com mais força, ouvi a leve rachadura de madeira sob a pressão, a cabeça de Eve balançando agora quando ela chegou a acariciar o eixo com a mão na hora certa com a boca.

Annabelle se mexeu em seu assento, seus lábios se separaram apenas para perceber que agora eu estava olhando para ela.

Quando meu clímax rugiu através de mim, quando meus dedos apertaram com mais força a madeira do púlpito, e quando eu cheguei tão violentamente na boca de Eve que a fez tossir ligeiramente para engoli-lo rapidamente, terminei a homilia com tanta paixão e fúria, forçou os paroquianos a se levantarem no momento em que eu derramei minha última gota só para que eles pudessem gritar: — Amém!

Um-fodido-homem estava certo.

Meus olhos se fecharam. Meu peito batia com dificuldade e eu amaldiçoei interiormente para perceber que ainda tinha que administrar a Eucaristia. O refrão começou suas canções de comunhão, me dando um minuto para me perguntar se Eve planejava me colocar de volta em minhas calças, ou se eu iria realizar a consagração da Eucaristia com meu pau pendurado debaixo da minha batina.

Definitivamente seria o trilho de alta velocidade que me arrastou até o inferno, e me perguntei se eu já não estava lá.

Eve me fez o favor de me colocar de volta na minha calça e atacar os botões. Rapidamente se afastando do meu manto, ela parou quando a luz fraca atingiu seus olhos. Eu vi o próprio demônio dançando dentro do verde profundo, e eu era a besta sádica chamando por ele.

Afastando-me do púlpito, fui até o altar e passei pelos movimentos de transformar o vinho e as bolachas no sangue e no

corpo de Cristo. Dois servidores do altar se levantaram para me ajudar e quando tomamos nossos lugares, Annabelle fez questão de entrar na minha fila.

Vinte minutos atrás e eu teria odiado vê-la esperando tão pacientemente, mas agora, livre da capacidade de dar uma única foda mais, eu simplesmente olhei para ela e sorri.

Sim, estava errado e sim, eu deveria ter percebido que tinha acabado de tirar a coleira de sanidade que segurava meu colarinho clerical por anos, mas eu estava enjoado e fodidamente cansado de enjaular quem eu era por dentro, segurando-o dentro dos limites estabelecidos por uma religião que sempre me disse que eu seria amaldiçoado.

Não importava que eu lutasse e lutasse. Não importava que eu confessasse, pregasse e vivesse uma vida celibatária para escapar da condenação eterna. Porque neste momento, durante uma Missa para o Deus que aparentemente estava me ignorando, eu percebi que não importa o que eu fizesse para evitá-lo, eu estaria batendo nos portões do inferno independentemente.

Meu sorriso aumentou quando Annabelle se aproximou, os paroquianos se ajoelharam com as mãos estendidas para aceitar o corpo de Cristo dentro deles. E quando a jovem Annabelle Prete se aproximou, não podia deixar de sentir o ligeiro tremor em seu corpo, a adoração em seus olhos e o fogo da necessidade em seu interior.

Ela se ajoelhou lentamente na minha frente, sua língua lambendo o lábio, seu olhar fixando no meu enquanto ela não oferecia as mãos para a Eucaristia, mas em vez disso abria a boca.

Tomando uma bolacha para deslizar em sua língua, eu tremi quando seus lábios se fecharam ao redor do meu dedo, quando a ponta de sua língua deslizou sobre a almofada com a promessa tentadora de como seria em outra parte do meu corpo.

—O corpo de Cristo — eu murmurei enquanto ela chupava meu dedo, sua língua e seus lábios escorregando quando ela soltou e respondeu: — Amém.

O diabo dançou em seus olhos exatamente o mesmo que o meu.

Uma vez que o último paroquiano veio antes de mim para levar o corpo e o sangue para seus corpos, voltei ao altar para fechar a comunhão com uma prece e beber o que restava do vinho com goles vorazes e vorazes.

Os paroquianos faziam o sinal da cruz sobre seus corpos antes de irem devagar para fora, e enquanto eles saíam para seus jantares da tarde, suas tarefas ao redor da casa, ou o que quer que eles fizessem, eu pairava no púlpito esperando por ele no momento em que Eve e eu ficássemos sozinhos. A procissão de saída tinha se esgueirado sem mim, mas eu não me importava em quebrar a Tradição, eu simplesmente queria que todos eles fossem embora.

Annabelle foi a última pessoa a sair, seu corpo sem rumo, esperando pelo que, exatamente, eu não tinha certeza. Eventualmente, sua mãe gritou para ela, acenando para ela, e eu tranquei meus olhos nos dela enquanto seu doce sorriso se transformava em uma carranca e ela saiu pelas portas da frente.

Minha mão pousou na borda do púlpito, meus olhos estudando o estriamento da madeira onde havia rachado sob meus dedos, e quando eu tinha certeza de que as únicas duas pessoas que restaram no prédio eram Eve e eu, soltei uma trêmula respiração.

—Eve — eu pedi com uma voz mal controlada. —Traga sua bunda aqui.

O som de embaralhar sussurrou debaixo do púlpito, um corpo nu sendo exposto com marcas vermelhas nos joelhos de onde ela se ajoelhou por mais de uma hora.

Lentamente, ela se aproximou de mim com as mãos e joelhos como qualquer boa garota deveria.

Quando ela chegou aos meus pés, ela sentou-se à espera, seu traseiro plantado em seus pés cruzados e suas mãos dobradas recatadamente em seu colo.

Droga, Jericho. Você treinou-a apenas para a direita.

Projetando meu queixo na direção da reitoria, eu disse: — Vá para o meu quarto e espere por mim.

Não sendo capaz de confiar em mim onde eu estava de pé, eu dei um passo para trás para impedir que nossos corpos escovassem juntos enquanto ela se levantava. Eu assisti a beleza de sua figura marchar em direção ao meu quarto, minha mente se afogando nas ideias do que eu faria com ela em seguida.



**EVE**

*Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e a morte pelo pecado, assim também a morte se espalhou a todos os homens, porque todos pecaram... Romanos 5:12*

**O Elijah que eu conhecia há onze anos - aquele que estava por perto pacientemente enquanto eu crescia, quem pregou para mim e me ensinou os males do mundo, aquele que prometeu me aliviar de todo o pecado que eu tinha dentro de mim - não era o mesmo homem que eu vi olhando para mim no santuário.**

Eu completei a última tarefa que ele me pediu. Eu mostrei a ele exatamente o quão destemida e dedicada eu era, mas seus olhos estavam estreitos em linhas irregulares, o azul prateado manchado com uma sombra que impedia a luz de bater diretamente. Fui cortada por esse olhar - assustada a menos de um centímetro da minha vida.

Ainda assim, eu tropecei em pernas trêmulas de volta para seu quarto. Eu me preocupei e tremi porque não conhecia o homem que estava voltando para mim.

Entrando no quarto, eu me esgueirei sobre os pés hesitantes para o centro, virando para que eu ficasse de frente para a porta quando ele entrasse. Minutos se passaram, a pressão aumentando até que eu pensei que seria esmagada pelo peso de não saber.

Uma porta se abriu ao longe, rangendo lentamente antes de se fechar.

Passos se seguiram, batidas pontuadas pesadas levando direto para onde eu estava esperando. Com cada um que se aproximava, eu tremi mais, minha boca ficou seca quando a cor sumiu do meu rosto.

Parecia que o mal estava vindo em minha direção, sua escuridão se estendendo para fazer cócegas em minha pele, uma escova macia em lugares sensíveis que me fizeram me contorcer no lugar. Só pelo medo, a respiração ficou presa em meus pulmões, meus seios estavam dolorosamente apertados e uma sensação notável entre minhas pernas me dizendo que, apesar do meu medo, meu corpo estava pronto.

O que havia de errado comigo que eu ansiava pelo toque do Diabo?

Como eu sabia que não era o mesmo homem andando em minha direção?

Eu não notei até que ele olhou para mim quando eu rastejei nas mãos e pés. Mas agora, para vê-lo marchando para frente, para observar a maneira como ele segurava seus ombros e a expressão sanguinária em seu rosto, eu sabia que este não era Elijah. Ele não tinha a luz de Deus; ele estava envolto em trevas.

Ele não era um portal para a salvação; Ele era a tentação que me arrastaria para dentro das entranhas de tudo que era profano.

E eu fiquei lá, congelada, meu corpo respondendo com antecipação esmagadora.

Que demônio tinha sido forte o suficiente para acabar com o meu Elijah? E por que eu não estava fugindo por medo de que o demônio me invadisse também?

Ele passou pela porta.

Eu me abaixei de joelhos.

Os olhos de Elijah não eram apenas frios, eles eram glaciais, a geada chicoteava para passar os dedos gelados pelo meu corpo, o terror congelado dentro de cada osso, cada tendão e cada célula.

—Você tem alguma ideia do que você fez? — Sua cabeça inclinou para o lado apenas um pouco, sua voz era um sussurro escuro. —Alguma ideia em tudo?

Não havia entonação em sua voz, nenhuma emoção ou calor, apenas uma pergunta que prometia o tormento sensual e o pecado hedonista. Quando eu não respondi imediatamente, os cantos de seus lábios se levantaram em um sorriso de conhecimento.

—Permita-me mostrar a você.

Ele não me deu a chance de responder.

Entre um segundo e o seguinte ele estava olhando para mim da porta e envolvendo a mão no meu pescoço. Fui levantada dos meus joelhos até as pontas dos pés, meus pés chutando de pânico quando ele me arrastou de volta para me segurar contra uma parede. Meus pulmões estavam lutando para puxar o ar, minhas mãos estavam chegando para agarrar a dele, mas ele era forte demais para eu me libertar.

Ele assistiu enquanto eu lutava, uma criança travessa descobrindo como era arrancar as asas das borboletas, e quando minha visão começou a encobrir, quando eu pensei que ele iria me estrangular com uma mão nua, ele me soltou o suficiente para que eu pudesse ficar em meus pés, mas ainda me manteve presa pelo pescoço na parede.

Eu abri minha boca para respirar, mas ele abaixou a cabeça mais rápido do que eu poderia encher meus pulmões para roubar o ar de volta quando sua boca cobriu a minha.

Não ficou claro se a euforia que me dominava era a falta de oxigênio ou o perigo por trás daquele beijo. De qualquer forma, eu estava flutuando no éter, meu corpo tremendo de medo insuportável enquanto ele explorava minha boca com uma língua vingativa e dentes que prenderam meu lábio inferior quando ele quebrou o beijo. Puxando apenas o suficiente para que ele pudesse me nivelar sob a intensidade de seu olhar, ele puxou meu lábio para fora, onde ainda estava preso entre os dentes.

Elijah mordeu com mais força e eu chorei de dor. Ele soltou e sorriu em resposta.

Abaixando a cabeça novamente, ele liberou mais pressão do meu pescoço, mas ainda não o suficiente para que eu pudesse me afastar dele. Lábios quentes encontraram a concha do meu ouvido, sua respiração como vapor contra a minha pele enquanto ele sussurrava, — Eu gosto desse som, Eve. Eu gosto tanto que eu quero ouvir isso de novo e de novo.

Sua mão livre segurou minha coxa acima das minhas partes inchadas e necessitadas, e eu gritei novamente quando seus dedos apertaram.

O riso sacudiu seus ombros, a cor de seus olhos se aprofundou até ficarem quase negros, e antes que eu pudesse me recuperar do modo como ele já me machucou, fui arrastada da parede e jogada como uma boneca quebrada na cama.

As molas rangeram embaixo de mim e tentei me arrastar de volta para escapar, mas meu corpo não estava cooperando. Elijah apenas ficou lá assistindo, seu peito batendo com a respiração, sua mão chegando até rasgar o colarinho branco de seu pescoço.

Jogando-o no chão, ele arrastou seu olhar para o meu corpo, suas mãos se enrolando em punhos antes de arrastá-lo de volta para encontrar meus olhos.

—Você não poderia simplesmente deixar isso em paz, poderia?

Ele deu um passo em minha direção, seus dedos trabalhando para abrir os botões de sua camisa.

—Você não podia ficar no meu quarto ou ficar longe de mim. Ao invés disso, você achou bonito ou engraçado provocar um homem faminto com a doçura que você poderia oferecer a ele em uma bandeja de prata.

Puxando a camisa de seu corpo, seus músculos flexionaram e contraíram, sombras cruzando as protuberâncias em seus braços, os largos planos de seu peito e um abdômen ondulado com pura força masculina.

—Eu estou acordado agora, linda. Estou prestando atenção e estou com tanta fome, pode não haver mais nada de você quando eu terminar.

Uma onda de calor tomou conta de mim, um fogo ardente como nada que eu tivesse experimentado antes. No momento em que ele estava puxando as calças, os músculos das coxas se apertando e tencionando, eu estava presa na indecisão se eu tentaria fugir ou me entregar completamente.

Ele chutou as calças e ficou olhando para mim com sua ereção pressionada tão incrivelmente apertada contra a cueca boxer que eu sabia que correr não iria me ajudar.

Eu era dele. Completamente e inegavelmente, e não havia uma força nesta terra ou nos céus forte o suficiente para me resgatar.

Com uma voz cheia de promessas de dor apaixonada e atormentador tormento, ele disse: — Você me tem agora, Eve. Tudo de mim. Espero que você possa lidar com o que pediu.

Como se atraído por sua voz, meu pecado subiu à superfície, esperando e pulsando com a necessidade de que ele a rasgasse, para livrar o fardo que temia, seria sempre um fio entremeado em meus ossos.

Até mesmo a pequena esperança de que ele pudesse expulsar qualquer mal que me infectasse não era suficiente para iluminar a sombra de medo que me consumia quando ele se aproximou.

Em poucos segundos, ele estava em cima de mim, ao meu redor, um peso pesado que me prendia ao colchão enquanto sua mão segurava o ápice das minhas coxas. Um grunhido profundo e

satisfeito foi uma vibração em seu peito para descobrir que eu estava praticamente pingando minha necessidade por ele. É como eu sabia que era malvada: apesar do terror inundar minhas veias, e apesar da certa ameaça de seu estado primitivo, eu ansiava pela violência que ele me daria, tanto que eu ficaria feliz em sangrar só por estar perto dele.

Dois dedos empurraram dentro de mim, a palma dele ainda me segurando, e com cada estocada de sua mão, eu estava avançando para cima da cama, meu peito arqueando e minha cabeça se afastando de onde ele tinha a mão em punho no meu cabelo. Se não fosse pelo seu peso me segurando, ele teria me empurrado para o lado com a pura quantidade de força que ele estava usando.

Eu abri minha boca para gritar de dor e prazer, mas seus lábios cobriram os meus, sua língua correndo para lambe a violência dos meus gritos. Somente quando era necessário respirar ele se afastou, sua boca escorrendo pelo meu rosto para descansar em meu ouvido, sua voz tão escura e profunda que perseguia arrepios na minha espinha.

—É isso que você queria minha putinha pecadora, sentisse meus dedos dentro de você de novo?

Deslocando sua perna, ele fechou a minha mais apertada que apenas fez meus músculos se juntarem ao redor de seus dedos, me enviou sobre uma borda que eu sempre temia cair enquanto o pecado empurrava mais e mais alto, uma tempestade ameaçando desencadear sua fúria total e desenfreada.

—Responda-me — ele rosnou, não se importando que eu não pudesse pensar naquele ponto, muito menos falar.

Abrindo minha boca, eu tentei — Deus, como eu tentei — dizer qualquer coisa que pudesse apaziguar ele, mas nada saiu mais do que os gemidos subindo pela minha garganta, seu riso suave tremendo contra o meu peito quando ele abaixou a cabeça novamente e trancou sua boca. Dentes acima do ponto do meu pescoço encontrou meu ombro.

A tempestade dentro de mim explodiu. Fragmentos de dor de limpeza e prazer tóxico fraturando sob a minha pele até que todos os músculos fossem cortados, cada tendão foi cortado e cada osso doía com a força do clímax.

Ele riu de novo, o som tão escuro e baixo que eu sabia que isso era apenas o começo de seu violento ataque contra mim.

Esfregando a ponta do nariz lentamente ao longo do meu queixo, sua voz era o cetim mais suave. —Você vai me responder agora?

Eu quase esqueci a pergunta.

—Sim — eu respirei. —Eu precisava que você me tocasse.

—E o que mais você precisa, Eve? Que outras ideias imundas você tem nessa cabeça? Diga-me todos os pensamentos sujos que você tem de mim.

Sua ereção era sólida contra o meu estômago, seus dedos subindo pelo meu peito para agarrar meu queixo. Virando meu rosto para o dele, ele me trancou em seu olhar. —Você quer que eu faça mais do que apenas foder com meus dedos?



Uma lágrima deslizou pelo meu rosto cheio de toda a agonia e promessa, medo e êxtase, alegria e angústia mais profunda. Estava tudo lá, girando em torno de um veneno intoxicante dentro de mim.

—Confesse — ele sussurrou, — minha linda e inocente Eve.

Ele perseguiu minhas lágrimas com a ponta da língua, sorrindo como se fosse a melhor ambrosia.

A respiração sacudiu dos meus pulmões, o medo diminuiu agora que algo tão familiar havia finalmente acontecido entre nós. Elijah sempre quis que eu confessasse, sempre quis conhecer meus segredos mais profundos para que ele pudesse tirar das partes escuras da minha alma e extingui-los em Sua luz brilhante.

Isto não era sobre Deus acima ou o Diabo abaixo; isso era sobre a salvação que me encarava agora, o homem que faria todos os sentimentos perversos desaparecerem. Porque toda vez que ele machucava meu corpo com a sua própria força, ele me deixava flutuando na segurança e no êxtase do meu próprio paraíso particular.

—Eu tenho pensamentos sobre você o tempo todo. Dia e noite. Hora a hora. Quer esteja acordada ou dormindo, você está comigo.

Sua testa pressionada contra a minha, nossas bocas a uma polegada de distância.

Minha voz estava sem fôlego. —Eu imagino suas mãos em mim, seus dentes, sua língua. Eu quero rastejar para você se é isso que você pede. Eu só existo para sentir a dor da sua mão. Eu vivo para te corromper, arruinar você e te tentar até que tudo em você saiba que sou eu, eu sou sua, no corpo, no coração e na alma.

Os olhos de Elijah se fecharam, lentamente se abrindo de novo para que os cílios negros como fuligem se separassem para revelar uma cor azul-prateada que trouxe mais lágrimas aos meus olhos. A raiva se foi, mas não a chama do desejo. Nunca aquela chama ardente.

—Isso é lamentável — ele cantou. —Eu poderia jurar que você era uma garota muito mais legal do que isso. — Uma pausa, um puxão no canto de seus lábios. —Eu acho que vou ter que te ensinar o que acontece com mulheres que pensam pensamentos depravados e repugnantes.

Rolando de cima de mim, ele se levantou do colchão. Eu me movi para segui-lo, mas ele pressionou as pontas dos dedos contra a minha testa para me direcionar para deitar na cama.

Eu olhei para ele em questão.

—Fique — ele disse.

Ele me comandou como um homem faria com um cachorro. E eu obedeci a essa ordem não porque eu era fraca, mas porque eu era forte.

Quando eu estava com ele, eu poderia conquistar qualquer mal que me consumisse. À sua luz, eu estava livre das sombras que nos cercavam a todos. Com sua orientação, eu me tornaria o que Deus havia predestinado para mim.

Juntos, construiremos o exército de Deus e estaremos unidos contra os demônios que infectaram este mundo.

**ELIJAH**

*Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos. – Nietzsche*

**A mão de Deus não tocou esta Terra em muito tempo.** Não deixe a Igreja mentir para você, nem os católicos nem os protestantes, e todos os domínios intermediários.

Cristo não foi enviado aqui para nos salvar, mas para nos chamar para a ação. Ele mesmo disse: Ele não veio aqui para trazer a paz, mas a espada.

A história não ouviu esse chamado, os fiéis não ouviram essa ligação, os políticos, mentirosos e ladrões não ligaram, mas eu falei.

De pé atrás do altar que preparei em seu nome, olho para um mar de rostos ansiosos, para homens e mulheres. Nas crianças que estão prontas para recomeçar. Todos foram treinados. Todos poderiam procurar abrigo aqui. Há segurança neste lugar.

Na minha voz, eles ouvem o poder das palavras de Deus falando para eles. E por trás de seus corpos pendem os portadores do mal, os demônios aguardam a erradicação.

O jogo está começando.

—Está na hora, meus filhos. A guerra está sobre nós. Os portões de Satanás se abriram e ficamos aqui, os únicos se aquecendo na luz de Deus.

Choro da parte de trás da grande sala, rangidos de metal sobre madeira.

—Você está pronto para o que lhe será pedido?

Murmúrios irrompem pela sala, meus filhos balançando a cabeça e erguendo as mãos em louvor pelo que aprenderam a fazer.

Os gemidos se transformam em sinais de dor e tristeza. Meus filhos viram a cabeça para encarar os condenados.

Eu levanto meus olhos como meus filhos para olhar os rostos das prostitutas de onde elas pendem de suas cruzes de madeira.

**JACOB**

*Você não resistiu ao ponto de derramar sangue em seu esforço contra o pecado. Hebreus 12: 4*

**Uma sensação de calma veio sobre mim que eu não sentia em nenhum momento da minha vida.** Foi a sensação de estar bem dentro de si mesmo. De ser inteiro. De não mais esconder a sombra que fica logo abaixo da superfície da luz.

Não importa o quão resolutamente eu tentasse, não havia como negar. Não para Deus. Não para mim mesmo.

Mas talvez, apenas talvez, é assim que deveria ter sido o tempo todo.

Durante toda a minha vida, aprendi a negar as partes de mim mesmo que não foram mantidas dentro dos vestígios da religião católica. Eu fui ensinado a lamentar minha existência, a pedir desculpas pela minha escuridão, a me curvar e pedir perdão, não de Deus, mas das pessoas que estão entre nós.

Às vezes, parecia que a Bíblia estava me dizendo uma coisa e a Igreja outra, e não havia como ligar os pontos. O poder não estava sentado no céu. Ele estava sentado em uma cidade onde São Pedro

estava sob o solo, onde o homem passava sobre os corpos do Santo para fazer seus poderosos decretos.

Você pensaria que, se a Fé estivesse ligada ao livro escrito sobre isso, as regras e leis empurradas em nossas gargantas não mudariam com tanta frequência. Mas eles fazem, e com essas mudanças vêm a dúvida ou a obediência cega, a culpa ou a submissão imortal.

Toda a minha vida, eu lutei com a Igreja na qual nasci. A mesma igreja para a qual eu corri depois de cometer um crime contra Deus. E quanto mais tempo eu passava com ela — quanto mais eu me arrastava para aprender os segredos escondidos por aqueles que a dirigiam —, mais eu me inclinava para o lado daquele precipício que me separaria de Deus.

Ou, pelo menos, é isso que eles queriam que eu acreditasse sobre esse lado em particular.

No entanto, neste momento, com esse senso de direito que pulsava através de mim, eu estava começando a acreditar que o lado que eles sempre me alertaram sobre, estava mais perto de Deus do que eles queriam admitir.

Somos todos criaturas de Deus, os santos e os pecadores, os salvos e os condenados. Nós fomos criados à sua imagem, nos foi dada vida através de sua visão, e se isso é verdade, então as partes de mim que me disseram que deveriam ser escondidas e ignoradas eram partes que Deus queria que existissem o tempo todo.

Talvez a intenção dele não fosse para nos afastarmos dessas partes, mas, ao invés disso, deveríamos tomá-las como o que elas eram e glorificá-lo através das diferenças que elas criaram em nós.

Porque se Deus é parte de tudo, então Deus pode ser encontrado tanto na sombra quanto na luz.

Eu não me sentiria culpado por procurá-lo nas armadilhas que a Igreja me afastou de toda a minha vida. Eu me sentiria justificado com a raiva que tem estado lentamente fervendo dentro de mim sobre uma organização poderosa e rica que fez vista grossa para as comunidades rurais que eles consideravam indignas de seu total apoio.

Enquanto minha congregação tentava descobrir que migalhas de comida podiam pagar, enquanto observavam suas fazendas tomadas pelos bancos, seus meios de subsistência destruídos por um mundo em mudança, os cardeais e os bispos sentam-se em suas belas mansões, glutões aos dízimos desprezíveis que esses pobres agricultores ainda davam todos os domingos.

Ao derramar minha resoluta obediência à Igreja que me disse como falar com meu criador, deixei passar a voz sussurrante que sempre esteve em minha mente me dizendo que sou exatamente como o Senhor queria que eu fosse.

Por que esconder o que foi criado em sua imagem? Talvez, ao fazê-lo, eu estivesse desonrando-o o tempo todo.

Um armário de suprimentos estava escondido atrás de uma porta triangular no fundo da sala da reitoria. Em ângulo de modo que permitisse a inclinação profunda do telhado, o armário devia estar

vazio ao mesmo tempo, uma sala que algum construtor inteligente decidiu guardar. E nesse armazenamento eu sabia que havia velhas cordas desgastadas, uma vez usadas para pendurar a estrela de Belém acima da cena da Natividade. Eu não dei muita importância à velha estrela em si, mas essas cordas poderiam sair para jogar.

Puxando-as de onde elas estavam empilhadas e inúteis, eu lhes dei uma nova vida, um novo propósito e uma função em oposição direta ao que elas tinham sido usadas antes.

Eu não me sinto culpado por isso também.

Não havia pressa no que eu estava fazendo. Sem pressa para a linha de chegada ou desespero para buscar o pico mais alto, quando metade da diversão era a subida.

Entrando no meu quarto, fui recebido com uma visão de tirar o fôlego.

Eve estava ainda sobre o colchão, seu cabelo escuro abanando sobre os lençóis brancos, sua expressão uma imagem de obediência serena.

—Eu sou sua. No corpo. No coração. E na alma.

Palavras ditas no presente que me arrastaram de volta ao passado.

—Eu sou sua, Jacob ...

A Eve tinha me fundamentado na frase simples que ela falou, me fazendo como o homem que um dia aprendeu a amar em lugar da besta que devorou o casto e bom quando eu era jovem.



Eu não a assustei com a violência dentro de mim, assim como eu nunca assustei Cassandra. Só porque Eve ousou me olhar nos olhos, ela me puxou de volta ao limiar, a ponto de poder pensar claramente e além do impulso primitivo que existia em todos nós.

Alguns eram melhores em resistir ao instinto de possuir — a maioria, se eu tivesse que ser preciso. Poucos cederam a ele, deleitaram-se nele, viviam unicamente porque existiam neles.

Eu era um desses poucos raros.

O medo rastejou de volta para dentro de mim, que eu machucaria esse delicado tesouro pela força da escuridão que eu carregava.

—Levante-se — eu disse, minha voz num tom calmo, a calma que sempre precedia a tempestade.

Ela fez como lhe foi dito.

Colocando as cordas na superfície da pequena mesa onde eu escrevi minhas cartas para Deus, eu me aproximei da mulher que acordou cada parte de mim.

Eve se esticou ao lado para olhar para cima e eu alcancei a cruz pendurada entre seus seios nus, meu polegar esfregando a grande joia que estava no centro. Eu queria rasgar a porra do pescoço dela.

Arrastando meus olhos até os dela, perguntei: — Você morreria por mim?

Eu nunca faria qualquer coisa propositalmente, pôr em perigo sua vida, nunca a machucaria ou causaria danos permanentes, mas

como eu aprendi no meu passado, houve erros que aconteceram, paixões tão profundas que você se perdeu para eles e esqueceu a sua própria força.

—Sim — ela respondeu sem hesitação.

Arqueando uma sobrancelha, eu arrastei uma respiração. — Pode acontecer. Eu posso ir longe demais. Eu posso tirar sua vida sem nem perceber o que estou fazendo.

Talvez tenha sido o medo que me impediu de correr neste momento, com medo de que o passado se esgueirasse para me lembrar por que eu tinha corrido para a Igreja em primeiro lugar.

Ela não respondeu ao que eu disse, apenas olhou para mim com pura adoração em seus olhos verdes.

Soltando o pendente, corri as pontas dos meus dedos até o centro do peito, ao longo da linha do pescoço para segurar o queixo.

Fazendo uma pergunta que era mais importante para mim do que temendo a destruição que eu poderia causar, eu pedi a única coisa dela que nem Cassandra poderia dar.

—Você vai viver para mim?

Os lábios de Eve se separaram em resposta, um arrepio percorreu sua pele que me fez querer perseguir a carne arrepiada com a minha língua.

—Eu sempre vivi para você, Elijah. Desde o dia em que nasci.

O som do nome falso do meu irmão causou uma onda de raiva na minha espinha. Pelo menos, ela não estava me chamando de

Jericho. Eu não tinha certeza se poderia ouvir o verdadeiro nome do meu irmão cair de seus lábios com tanta reverência e amor.

Minha mão soltou seu queixo para descer seu corpo, minha palma acariciando o peso de seu peito em um aperto possessivo. Era errado da minha parte me aproveitar, mas não é exatamente isso que ela fez enquanto eu estava conversando com minha congregação?

Eu entendi agora que nós dois éramos peões em qualquer jogo que Jericho estivesse jogando, e se era isso que ele queria, quem eu era para negar?

Ele só jogaria mais difícil se eu não desistisse.

Pelo menos, essa é a desculpa que eu disse a mim mesmo.

—De joelhos — eu pedi, minha voz rouca com a antecipação me trancando entre seus dedos ardentes.

Eve teve um sorriso hesitante e lentamente se abaixou.

Dentro do silêncio de uma sala onde eu tinha orado por mais noites do que eu poderia contar que eu iria aprender o que significava ser piedoso, eu deixei ir para o humano dentro de mim, para as sombras e a luz, para que Eve conhecesse o perigo que espreitava embaixo da minha pele.

—Você sabe o que fazer — eu suspirei.

Meus dedos se fecharam em punhos, minhas unhas cavando canais em forma de crescente em minha pele, e onde meu corpo tremeu com a contenção eu continuei a segurar a violência dentro de mim, um anjo olhou para cima com a crença firme de que eu não era o perigo que ela devia temer.

Estendendo a mão, ela enrolou os dedos sobre o cóis da minha boxer, puxando-as lentamente sobre meus quadris, as unhas arrastando sobre a pele. Eu não me incomodei em chutá-la quando elas caíram em minhas pernas para se acumularem em meus pés, não podia me permitir mover-me nem um centímetro sem medo de perder o controle.

Era esse o medo que meu irmão queria forçar através de mim? Ele de alguma forma sabia que eu tinha escolhido uma vida celibatária para evitar matar de novo?

Os olhos de Eve espiaram para mim, suas mãos levantando para explorar o comprimento do meu pau, sua língua esfregando sobre o lábio antes de se inclinar para frente para levar a cabeça em sua boca. No momento em que o calor úmido de sua língua passou para lambe, seus olhos se fecharam quando ela se abriu para me levar mais fundo.

Um arrepio percorreu minha pele, meus dedos se apertaram ainda mais até que perdi o pouco controle que me restava. Eu segurei as duas mãos no cabelo dela. Um grito assustado escapou de sua garganta, lágrimas brilhando na crista de seus cílios abanando em sua pele porque eu segurei sua cabeça no lugar enquanto meus quadris empurravam para frente.

Isso era o que eu queria fazer com ela quando ela estava nessa posição exata sob o púlpito. Esta foi a violência que ela atraiu para fora de mim com a boca que ela tinha enrolado em volta do meu pau. E embora eu quisesse fechar meus olhos e deleitar-me com a sensação dos lábios trabalhando sobre o eixo grosso, observei

maravilhado e fascinado enquanto ela tomava cada impulso dentro dela, enquanto aquelas lágrimas deslizavam por suas bochechas.

Eu não estava sendo gentil. Eu estava cedendo à fera e senti uma agitação em mim por algo muito mais sombrio.

Eve cuspiu quando a cabeça bateu em sua garganta, seus dentes arrastaram sobre a pele e ainda eu continuei fodendo-a como se eu não estivesse sufocando suas vias aéreas.

—Foda-se... — Eu rosnei, sabendo que meu clímax estava aumentando e não querendo vir tão rápido. Quando eu soube que outro impulso me mandaria para a borda do puro êxtase, eu a empurrei com tanta força, ela caiu de costas no chão, seus olhos brilhando abrindo para olhar para mim.

—Pegue na cama. Nos seus joelhos. Enfrente as colunas da cama.

Na cabeceira da cama havia dois postes de madeira esculpida. Eles eram o único toque ornamental dentro da sala, um lugar onde eu pendurava meu rosário à noite, para que eu fosse vigiado durante o sono. O rosário ainda estava pendurado agora, com contas negras de obsidiana e um crucifixo de prata e ouro.

Quando Eve subiu na cama, seu movimento sacudindo a estrutura abaixo, eu observei o rosário bater contra a madeira, eventualmente descendo de seu alto poleiro para cair no chão. Meus olhos seguiram seu rastro, meu pé contornando-o enquanto eu seguia Eve.

—Pegue os topos dos postes com as mãos. Fique aí até eu dizer o contrário.

Ela não respondeu, apenas levantou as mãos e envolveu os dedos delicados em torno dos postes. Seu corpo era uma obra de arte. Braços esticados, a linha de sua espinha recuada, as curvas de seu corpo tornando-se mais pronunciadas quando ela se sentou sobre seus pés.

Arredondando a cama, eu fiquei no final olhando para uma deusa. Sua pele era pálida e sem marcas, uma tela sobre a qual eu podia pintar cada pedaço da violência possessiva que eu sentia.

Eve tinha sido um presente entregue à minha porta como uma maneira de meu irmão me contrariar, me testar, me tentar e me torturar. Ele esperava que ela voltasse depois de cumprir qualquer objetivo que ele tivesse contra mim.

O que ele não sabia era que ele não a receberia de volta.

Eu era a metade mais escura dos gêmeos. Eu era a metade mais forte. Eu era a metade que ajudou a arrastá-lo para a loucura. A tragédia tinha sido um evento temporário que me forçou a entrar na luz. E enquanto eu mentia para mim mesmo enquanto eu fazia uma reverência e orava, meu irmão tinha perdido a cabeça.

Não ficou claro se eu acabaria perdendo a minha, mas queria pensar que tinha a capacidade de equilibrar a sombra e a luz.

Como todo sacerdote, eu honraria a Deus de joelhos, mas o honraria como um homem com dois lados, ao invés de um que negasse o lado humano dele.

Permanecendo no lugar pelo que pareceram horas, estudei cada centímetro da mulher diante de mim. Eu admirava a forma de seu corpo e sua perfeita obediência.

Só quando ela começou a tremer de segurar sua posição por tanto tempo eu finalmente caminhei até a mesa e puxei as cordas de sua superfície.

—Eu posso te machucar, Eve. Eu posso perder a cabeça e roubar sua capacidade de respirar.

A cabeça dela se inclinou mais para baixo, o tremor de seus braços alcançando seus ombros enquanto eles também se cansavam.

—Minhas marcas estarão em toda a sua pele. Eu não me importo se você chorar. Não haverá como me deter quando eu começar.

Seus dedos se apertaram em torno dos postes.

—Estou te jogando uma corda da vida, Eve. Uma chance de escapar de tudo que eu quero — e vou — fazer com você. — Fiz uma pausa e me recusei a dar mais um passo. —Você ainda tem a chance de dizer não.

O silêncio caiu pesado entre nós, o tempo se movendo devagar enquanto eu esperava que ela se salvasse - para me salvar.

A voz de uma sereia cantou para mim quando ela finalmente respondeu: — Eu sou totalmente sua. Meu corpo pertence a você.

Nós alcançamos o ponto sem retorno. Meus dedos apertaram as cordas e meu pau estava gritando implorando por uma liberação.

Em três longos passos, eu fechei a distância para a cama, meus joelhos pressionando com força no colchão enquanto eu me ajoelhava atrás do corpo trêmulo de Eve. Com cuidado para não tocar

em nenhuma parte dela, amarrei o pulso direito a um dos postes e a esquerda ao outro. Isso só lhe deu um pouco de alívio do esforço de segurar sua posição. Ela estremeceu sob o meu calor e a promessa de um pecado sedutor.

O cheiro do cabelo dela passou pelo meu nariz. O som de sua respiração irregular era música para os meus ouvidos. Sentei-me e admirava a tela em branco de seu corpo que eu pintava com prazer e dor antes de suavemente traçar a ponta do meu dedo pela sua espinha.

Minha respiração parou para senti-la tremendo ao meu toque, para reconhecer sua luta em permanecer exatamente como eu a instruíra a ficar.

Arrastando-se para baixo, minha mão direita se espalhou sobre a curva de sua bunda, minha esquerda subiu para a outra bochecha. Deslizando meu toque sobre a curva de seus quadris, eu apenas escovei minhas palmas para os lados de seu corpo para alcançar ao redor e tomar seus seios cheios em um aperto possessivo. Ela gritou quando meus dedos se apertaram, hematomas muito provavelmente formando sob a pele do quão duro eu apertei.

Eu sabia que o aperto a machucava, mas eu observei como isso também a excitou. Gemidos caíram de seus lábios macios e cheios, seus quadris se contorcendo no lugar, sua pele se tornando um adorável rosa em resposta ao tormento sensual.

Sem liberar a pressão, corri meus lábios pela linha do pescoço dela, dando um beijo suave em sua espinha no ponto em que se curvava em suas costas. Meu pau pulsou entre nossos corpos, mas



eu não me apressaria neste momento, não cederia à fera feroz dentro de mim.

Meus lábios se moveram contra sua pele. —Mostre-me como te perdoar, Eve, por todos os pensamentos pecaminosos que você tem sobre o meu corpo.

Seus quadris se levantaram de seus pés, um convite para minha tomada, seu corpo tremendo quando ela segurou a posição por tempo suficiente para eu escorregar para baixo.

Avançando para frente até que meu peito pressionou contra ela, movi minha cabeça para que meus lábios pudessem sussurrar contra seu ouvido. Meu pau estava posicionado em sua entrada molhada e inchada, minha mão soltando um dos seios para arrastar seu peito e envolver seu pescoço.

Minha voz estava ofegante quando sussurrei: — E eu espero que você encontre um jeito de me perdoar.

Apertando meus dedos ao redor de sua garganta, eu forcei seu corpo para baixo sobre o meu pau. Sua boca se abriu em um grito silencioso.

Foi a minha vez de sacudir enquanto eu segurava o meu último fio de restrição, mas uma vez que seus músculos se apertaram em torno de mim, uma vez que eu controlei seu pequeno corpo com o meu, não havia como segurar a besta por mais tempo. Dentro de sua boceta, eu quebrei meus votos, e uma vez que a coleira tivesse arrancado o colarinho clerical, eu estava livre para devorar cada centímetro dela.

Empurrando até meus joelhos, forcei seus quadris mais alto. Cabeça curvada e braços estendidos acima e atrás dela, Eve gritou quando eu puxei para a ponta, desviei meus olhos para o ponto onde nossos corpos se encontravam e me empurravam para dentro. Minhas bolas batiam contra ela, minha mão em volta do pescoço deixando o suficiente para ela respirar.

Eu odiava soltar o inchaço do seu seio, mas eu precisava bombear com mais força, mais rápido e mais violentamente do que eu precisava antes. Ela era o molde perfeito, um espaço apertado e úmido que se ajustava ao redor do meu pau como se tivesse sido projetado apenas para mim.

Arrastando meus dedos pelo corpo dela, eu os cruzei sobre a curva de seu quadril, me agarrei e me movi para dentro dela.

As cordas que prendiam seus pulsos rangeram acima de nós, seus dedos soltando os postes para segurá-los. Minha mão apertou sua garganta enquanto meus lábios arrastavam ao longo de seu ombro para morder a carne. Não forte o suficiente para rasgar a pele, mas forte o suficiente para machucar, eu marquei seu corpo com o meu beijo, movendo-me lentamente por seu ombro para fazer isso de novo e de novo.

Era difícil controlar meus próprios pensamentos, pelo menos o suficiente para lembrar o perigo em que eu a colocara, mas me lembrava de deixá-la respirar de vez em quando, o suficiente para que ela soubesse que era possuída, que flutuaria dentro da euforia do oxigênio privado, mas ainda conseguia atrair ar para o corpo desmaiando.

Saber que eu segurei sua vida em minhas mãos enquanto eu a fodia brutalmente, saber que ela suportaria as contusões e marcas, apenas alimentou o fogo que faiscava dentro de mim até que eu não era mais do que dentes e mãos, uma língua e a raiva do meu pau.

As cordas continuaram a ranger sobre a nossa cabeça, o colchão rangendo abaixo de nós, quando meus quadris encontraram os dela várias vezes, meu pau cada vez mais profundo.

Eu não era mais uma criatura cognoscente que sabia o que estava fazendo. Eu era aquela fera primata dentro de mim devorando a presa à sua frente. Seus gritos de dor me seduziram mais perto, seus gemidos de prazer impulsionando meu corpo mais e mais rápido. E quando os sons de carne se encontrando com carne me levaram ao ponto de insanidade, eu puxei para fora dela sem aviso, deliciando-me com seu grito de tormento por ter sido equilibrada no precipício de seu orgasmo.

Se eu ia quebrar meus votos para o próprio Deus - se eu ia me render à escuridão dentro de mim - eu queria assistir o rosto de um anjo caído, para prender os olhos com a mulher que existia por nenhuma outra razão além de me atormentar.

Movendo-me, levantei seus quadris para montar no meu colo. Eu enfiei meu dedo sob o queixo dela, levantei a cabeça para direcioná-la a olhar para mim.

—Mantenha os olhos abertos e não desvie o olhar de mim. Se você fizer por um segundo, eu vou gostar de punir você.

Os braços de Eve ainda estavam presos acima e atrás dela, o ângulo apenas um pouco aliviado quando movi seus quadris para

baixo para que eu pudesse me empurrar para dentro novamente. Seus lábios se separaram em um gemido e seus olhos se fecharam em resposta. Eu mordi o peito dela em aviso.

Ela gritou com a dor aguda, mas relaxou quando minha língua lambeu sobre ela.

Forçando seu rosto de volta ao meu, eu a lembrei: — Isso foi apenas uma advertência, menina bonita. Apenas uma amostra da minha violência. Abra seus olhos. Não se esconda de mim.

Seus olhos se abriram, seu corpo se movendo sobre o meu em círculos lânguidos, encontrando meu corpo para cada impulso, implorando por mais.

Colocando minha cabeça contra a parede, eu observei seus seios cheios saltarem, a cruz que eu desejei não estava lá se movendo entre eles. Determinada a manter os olhos fixos nos meus, ela estremeceu quando as cordas puxaram seus pulsos e mordeu o lábio contra a dor que eu sabia que elas causaram a ela. Ela carregaria as marcas dessas cordas por pelo menos um dia e eu não senti uma gota de culpa por isso.

Segurando as duas mãos sobre seus quadris, eu não conseguia ficar de pé sem me dirigir com mais força, o tapa de carne um som rítmico de som entre nós, meu clímax crescendo tão firmemente que perdi todo o senso de autocontrole.

Eu peguei o peito dela na minha boca, meu pau empurrando dentro e fora dela enquanto gritos de tormento e prazer irromperam de sua garganta. Minhas mãos estavam por toda parte, meus dentes

estavam por toda parte, e minha língua se arrastou sobre as marcas que deixei para sentir o sal de sua pele.

Eu sabia que ela estava apenas naquele pico de êxtase quando seus músculos se apertaram sobre o meu pau, quando ela moldou para mim como uma segunda pele, e eu escutei o som de seu orgasmo quando ele caiu em explosões de som doce e sedutor de seus lábios.

Sua pele estava marcada em vermelho, onde eu sabia que meus dedos tinham deixado as contusões fluorescentes, seus olhos se fecharam novamente quando seu orgasmo rugiu novamente, e sabendo que eu não iria durar muito mais tempo, eu agarrei suas coxas para forçá-las separadas e fixar meus olhos no meu pau empurrando em sua boceta apertada.

Meus polegares marcavam aquelas coxas exatamente quando marcavam suas costas, seus braços, seus lados, e assim como meus dentes tinham marcado seus seios perfeitos.

Eu me perdi naquele momento, naquele segundo em que minhas bolas se apertaram com a força da minha liberação, quando entrei sem pensar na gravidez ou nas consequências. Puxar para fora não era uma opção para mim uma vez que eu estava agarrado no calor úmido, e estremeci sob o poder de banquetear-se com seu maior pecado.

Meus quadris empurraram uma última vez quando eu alcancei para trás para envolver minhas mãos sobre os ombros e puxá-la para baixo e para cima. E quando a onda de poder passou por mim, como se filtrasse da minha pele e meus músculos pudessem relaxar com a

sua ausência, eu arrastei minhas unhas pelas suas costas e segurei sua bunda com as minhas mãos.

Olhando para ela, notei a exaustão em seus braços, o modo como seus olhos se fecharam seguindo a força de seu clímax, a maneira como seu corpo se pendurava para frente das cordas que prendiam seus pulsos acima da minha cabeça.

Eu era um homem devoto, um que caiu nas profundezas do inferno encarando alegremente a face do que tinha sido minha última tentação.

## ELIJAH

*A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições sem alma. É o ópio do povo - Karl Marx*

**—Vou pedir que as mulheres e crianças saiam da sala.** Seus corações e mentes são muito frágeis para testemunhar o exorcismo que devemos realizar esta noite.

Olhando para minha família, esperei enquanto as mulheres juntavam os pequenos feixes de esperança que pontilhavam a sala, o jovem nascido em nossos corações e lar para liderar a próxima geração — o próximo exército — quando os soldados atuais se tornam frágeis. Eles passaram por mim sussurrando obrigado pela feia tarefa que só eu poderia assumir e me disseram que iriam orar por mim até que essa tarefa terminasse.

Eu não precisava de orações. O que eu precisava era de sua fé inabalável.

Apenas os homens — os soldados — a partir dos quinze anos de idade permaneceram no lugar, concentrados no altar onde eu estava. Tão leais, eles permaneceram quietos enquanto aguardavam o próximo comando.

Firmes e fiéis ao único Deus verdadeiro que o mundo havia esquecido, eles recuaram, sempre ferozes e preparados para qualquer batalha que encontrássemos em nossa luta contra os poderes do mal.

Eu quase ri do absurdo disso.

Saindo de trás do altar, eu fixei meus olhos nas duas putas penduradas nas cruzes de madeira, meus passos macios enquanto eu vagava pelo corredor central, meus soldados se virando para me observar quando eu passava.

As duas prostitutas resmungaram por trás de suas mordanças, lágrimas saindo de seus olhos enquanto seus corpos tremiam de tristeza sob os punhos de metal que os mantinham no lugar. Com o silêncio caindo sobre nós, só meus passos e seus soluços podiam ser ouvidos na sala. Cada passo, uma batida que contava o tempo, aproximando-as de seu destino.

Enquanto uma se escondia atrás de uma roupa de preto, a outra usava branco, a diferença é que uma delas aceitou cegamente seu Mestre, fez seus votos a um falso profeta, enquanto a outra estava apenas começando sua jornada.

Parando a vários metros delas, eu olhei para seus rostos assustados, meus lábios puxando em um sorriso sarcástico para vê-las tremendo diante de mim agora.

—Eu te dei a chance de negar o seu Mestre. Eu te dei a oportunidade de denunciar o seu profeta em favor do único Deus verdadeiro. Você me recusou então. Essa ainda é sua decisão?



Seus pés chutavam por baixo deles, pingos de sangue escorrendo pelos braços de onde os punhos estavam cortando sua pele. A prostituta mais velha já tinha sangrado por nós, mas ela ainda se recusou a se curvar.

Dois dos meus homens subiram para arrancar as mordanças da boca das mulheres. Os gritos começaram quase instantaneamente.

Deixei-as lamentar e gemer por um minuto ou dois, minhas mãos juntas pelas costas, minha expressão tão serena quanto um dia ensolarado de verão.

Quando suas vozes se aquietaram, sorri. —Você já terminou? Ou você queria chorar mais um pouco?

Mais gritos irromperam. Suspirei e rolei meus ombros para trás. Eu não era nada se não fosse paciente.

A sala ficou quieta mais uma vez.

Deslizando meu olhar para a mulher em seu hábito negro, a prostituta para o profeta que leva o ignorante com mentiras, eu olhei para sua pele enrugada imaginando se seus joelhos estavam doendo pela quantidade de tempo que ela passou neles. —Traga-a para baixo.

Meus soldados correram para seguir o comando, soltando as algemas e não dando a mínima quando a mulher caiu no chão. Ela chorou com o impacto, seu corpo perdido dentro do hábito que ela usava, o estalar doentio de um osso sendo estalado sob a dor que emanava de sua boca.

Eu não me arrependi dos danos, ela foi inútil para mim. Mas ainda assim, eu era um homem gentil, um verdadeiro crente do Todo

Poderoso — nos olhos e mentes da minha família, pelo menos. Eu daria a ela a chance de se arrepender de seus pecados e implorar meu perdão.

Mesmo que fosse apenas para mostrar.

Agachando-me ao lado de seu corpo amassado, descansei meus antebraços nos joelhos e olhei para ela com pena.

—Você tem mentido, Irmã. Enganada e atraída pelo mentiroso com uma língua de prata. Você foi vendida como Cristo foi por Judas.

Minha voz suavizou apenas um toque quando seus olhos cinzentos claros olharam para mim. —Você não pode evitar seu pecado porque você é mulher, mas seu coração não está vazio desde que você colocou o seu véu?

Ela tentou se mover, um pequeno grito de dor saindo de seus pulmões quando descobriu que sua perna estava inútil.

Inclinando-me para frente, sussurrei: — Acho que você quebrou um osso. Provavelmente é melhor você ficar quieta.

Eu estava de pé um segundo depois, meus passos medidos lentamente andando na frente dela.

—Eu gostaria de oferecer-lhe a redenção, irmã. É apenas justo. Você não pode ajudar que você foi enganada. A questão agora é se você pode admitir que você foi desviada.

Os pés de galinha ao lado de seu rosto se aprofundaram, os sulcos cavando canais furiosos através de suas têmporas. Com os olhos estreitados em ódio e medo, ela me observou como um rato

faria um falcão, olhando para o círculo infinito do predador levando seu tempo para matar.

Eu não tenho certeza se ela era corajosa ou estúpida, mas isso realmente não importava. Sua decisão foi seu destino.

Agachando-me de novo, meus joelhos se quebraram para tomar a posição. Eu não me importei de me abaixar para encarar a face do caído porque abaixo de mim estava o único lugar onde eles poderiam existir.

—Você levará a salvação sendo oferecida?

Sua cabeça tremia apenas um pouco, seu medo era um veneno corrosivo dentro de suas veias. —Eu encontrei a minha salvação vinte e cinco anos atrás, quando fiz meus votos a Deus.

O canto dos meus lábios inclinou para cima, minha voz um sussurro nu. —Você só pensava que esses votos eram para Deus.

Um espírito resolutivo brilhou por trás do cinza claro de seus olhos, um espírito que eu teria admirado se não fosse pelo que ela disse em seguida.

—Você é um tirano sádico. Eu chamaria você de Diabo, mas acho que até ele é bom demais para você.

Eu golpееi minha língua contra o céu da boca, sacudindo a cabeça com a simpatia que sentia pelos mortos. —Isso é muito ruim. Eu vou chorar por sua alma quando chegar a hora.

Empurrando para a minha altura total, eu contornei a mulher quebrada e caminhei em direção a que ainda estava pendurada. Ela

ficou quieta enquanto eu falava com a outra, sua atenção extasiada, seu corpo ainda tremendo onde ela enforcou.

—Traga-a para baixo, gentilmente desta vez. — Meus olhos se encontraram com os dela e dentro deles, eu vi a luz brilhando, a aceitação e a possibilidade de que ela pudesse ser *salva*.

Meus homens asseguraram que ela permanecesse ileso enquanto eles a abaixavam até o chão, suas mãos apenas a tocando para equilibrá-la em seus pés. Através do toque, eles acreditavam que poderiam ser contaminados, pelo menos até que ela estivesse purificada embaixo de mim.

A jovem corajosa segurou meu olhar quando me aproximei dela. Mal capaz de ficar de pé, ela cambaleou no lugar, mas não gritou nem chorou, resmungou ou implorou. Sua resiliência foi inspiradora.

Parando a poucos centímetros dela, eu podia sentir o pulso de sua respiração aquecida no meu rosto. —Como é seu nome mesmo?

Seus lábios cheios se separaram várias vezes antes que ela pudesse encontrar alguma força em sua voz. Mesmo assim, mal dava para ouvir. —Irmã Eunice.

Eu a estudei por vários segundos antes de responder: — Está certo. Eu me lembro agora. Como você está se sentindo? Minha família te machucou desde que você foi levada para me ver?

Segurando seus pulsos, ela me mostrou as marcas deixadas pelos punhos.

Meus olhos se levantaram para os dela. —Isso é tudo?

O véu branco que ela usava se movia sobre os ombros enquanto ela assentia. Ela era uma coisinha linda.

—Quantos anos você tem, Eunice?

—Dezenove.

Meus lábios se franziram ao som da juventude inocente. Ela me lembrou muito de Eve. —Nós nos conhecemos antes, não foi?

—V-Você é o Padre Hayle.

—Não fale com ele, Eunice! Você está olhando para Satanás! Resista a ele...

Os avisos da bruxa mais velha foram interrompidos quando um dos meus familiares a atingiu. Eunice pulou no lugar em reação à violência, sua cabeça girando para olhar para a caída, mas estendi a mão para tocar sua bochecha e levar seus olhos de volta aos meus.

O medo genuíno brilhava atrás da cor azul.

Usando uma voz suave, eu disse: — Não se preocupe com isso, Eunice. Você só precisa se preocupar comigo.

Ela era tão doce, essa coisinha inocente e assustada. Assentindo com a cabeça, ela manteve o olhar treinado para mim, apesar dos gritos de dor que ecoavam pela sala. —Aí está você — eu murmurei quando sua respiração se estabilizou e o tremor de seus ombros já não parecia que ela iria quebrar em dois. —Está certo. Você pode se acalmar, Eunice. Você não foi ameaçada aqui. Ainda há uma chance para você.

Seus lábios se separaram, sua respiração ficando pesada de preocupação. A pobre garota se daria um ataque cardíaco se não parasse de se mexer entre a paz e o pânico.

Minha voz era enganosamente suave, um som reconfortante que poderia levar os aterrorizados à luz. —Eu não sou o Padre Hayle, linda garota. Meu nome é Elijah. E eu trouxe você aqui para fazer uma oferta.

Ela não respondeu, mas seu olhar ainda segurava o meu. Havia um fio de coragem nesta garota que eu tinha que admirar. —Você se lembra do que eu disse a você fora da paróquia há alguns dias?

Assentindo com a cabeça, ela afastou as lágrimas que brotaram em seus olhos.

—Sim.

—Bom — eu disse através de um sorriso. —Porque o que eu disse é muito importante. Minhas mãos estão livres, doce menina, elas são maculadas por mentiras e ganância, uma história de morte desnecessária e abate. Eu posso curar você com aquelas mãos se você me deixar. Você busca a salvação, Eunice?

—Não dê ouvidos a h...

Eunice se encolheu quando a puta caída foi chutada novamente. Um suspiro soprou nos meus lábios pela interrupção, minha cabeça esticando para a direita. —Faça-me um favor, Richard, e substitua a mordaça daquela mulher. Suas explosões são irritantes.

A mordaça não silenciaria seus gritos inteiramente, mas impediria que ela falasse. Isso é tudo que eu poderia perguntar.

Concentrando minha atenção em Eunice, estendi a mão para traçar a ponta do meu dedo ao longo de sua mandíbula. —Deus tem um plano para você. Um plano que a elevará mais alto do que você jamais imaginou poder ir. Você não terá que se esconder atrás das roupas dos ímpios, não terá que negar a si mesma a verdade do que isso significa ser humano. Há liberdade na luz, uma liberdade não corrompida pela ameaça da sombra. Você gostaria de conhecer essa liberdade?

Seu aceno de cabeça foi hesitante, mas foi um começo. Ela precisaria ser purificada por seu papel no meu destino, mas ainda havia tempo para isso.

—Bom — eu disse, — isso é muito bom, Eunice. Ainda há esperança para você. Eu lhe digo: parece que você teve dificuldades e eu quero mostrar a você que há segurança e conforto aqui para você. Eu quero que você vá com um dos meus familiares para que ele possa apresentá-la para as outras senhoras. Elas vão te alimentar. Elas cuidarão de suas feridas. E quando eu terminar aqui, nós conversaremos novamente. Soa melhor que a cruz?

Engolindo em seco, ela correu os olhos para onde a prostituta caída estava sentada, seu olhar se voltando para mim antes que ela assentisse novamente.

Eu sorri e estalei meus dedos no ar para um dos meus homens dar um passo à frente. Sem soltar o olhar dela, ordenei: — Mostre-a o dormitório feminino. Certifique-se de dizer-lhes para tratar Eunice com o mesmo amor e compaixão que elas dão uma as outras.

—Sim, senhor — ele respondeu de volta, sua mão tocando suavemente seu ombro para levá-la para fora do quarto. Ela pulou

em resposta, mas finalmente se virou na direção que ele queria que ela fosse. Eu esperei até que ela foi levada para um corredor e a grande porta de madeira bateu fechada.

A sala estava coberta de silêncio, pelo menos até eu voltar minha atenção para a prostituta encolhida no chão. Só quando olhei para ela que ela começou a chorar e cuspir novamente.

Ela era mais velha do que a maioria preferiria, mas só porque estava perdida para a fera por tanto tempo. Ainda assim, havia um uso para ela.

Pisando até que eu estava pairando acima dela, eu olhei para baixo com pena. —Última chance.

Eu não precisava ouvir o que ela disse por trás da piada para saber que ela estava rejeitando minha oferta.

—Richard, parece que esta se recusa a liberar o mal dentro dela.

—O que você quer que façamos, Elijah?

Um sorriso esticou meus lábios. —Use-a para treinar os meninos na sala. Eles não tiveram a chance de aprender o que é sentir o pecado do corpo de uma mulher. — Os jovens ao meu redor endireitaram suas posturas para ouvir o que lhes seria pedido. A emoção estava entrelaçada em suas expressões, seus corpos se tornando duros em antecipação.

Voltei a olhar para a mulher depois de olhar para todos os jovens que teriam a sua vez.



—E quando você terminar com isso, use o que sobrou para treinar os cães.

Richard fez uma pausa, uma pergunta franzindo a testa enquanto ele olhava entre a mulher e eu. —Ela não será capaz de fugir, Elijah. Sua perna está quebrada.

O riso sacudiu meus ombros. —Os cães já sabem correr, Richard. Não estou preocupado com isso. É o que eles fazem com a presa que capturaram que me preocupa.

A risada suave da família juntou-se à minha.

Estendendo a mão, toquei a bochecha da mulher, meus dedos ficando molhados de suas lágrimas. —Boa sorte para você, irmã. Eu sinceramente espero que possamos tirar o mal que você carrega antes de encarar seu criador.

**JACOB**

*Agora os atos da carne são evidentes, que são: imoralidade, impureza, sensualidade... Gálatas 5:19*

**Existe uma linha de popa que divide a sombra da luz, o bem do mal, ou o justo do condenado?**

Eu não tinha certeza, mas era a questão repetitiva passando pela minha cabeça na hora em que eu me sentei na beirada da minha cama encarando uma mulher que tinha minhas marcas. Minha cabeça era um caos de perguntas, de dúvidas e quebra-cabeças. O que você faz quando precisa escolher entre sua fé e seu coração? De um lado, tudo que eu acabei de fazer com essa mulher era maligno, manchado e impuro. E, por outro lado, eu fiz o que pude para ajudar a aliviar o fardo que ela acreditava que ela carregava.

É errado deitar-se com uma mulher que não é sua esposa e, no meu caso, é errado deitar-se. Eu tinha feito promessas que agora estavam quebradas, promessas que não foram cumpridas, mas eu tinha que me perguntar o quão errado tinha sido para eu fazer isso.

Você não pode ajudar como você se sente. E você não pode ajudar quem você é. Todos nascemos com defeitos, sejam eles físicos, mentais ou espirituais. Somos todos lançados em um mundo

cheio de bem e mal, com tristeza e felicidade, mas principalmente um mundo e uma vida sem direção.

Nós nascemos para sobreviver e eventualmente morrer, e nem sempre há um caminho *correto* para viajar.

As religiões nos dizem que conhecem o caminho, mas o que eu sempre achei engraçado foi como essas regras continuavam mudando. Não os fundamentos; sempre será errado matar, roubar e ferir outras pessoas. Mas essas não são as únicas regras. Não. Religião é muito complicado para isso.

Talvez a única maneira de unir as duas metades fosse através da fé, e não da religião — a fé de que, embora eu fosse um homem decaído, ainda podia ser redimido sem a necessidade de esconder quem realmente sou. Disfarçando-o, escondendo-o por trás de um voto destinado a ser um sacrifício pelos meus erros do passado, não foi apenas uma mentira para mim mesmo, mas uma mentira para Deus.

Ele sabia o que ele criou em mim, e talvez ele também soubesse que eu aprenderia a controlá-lo. Talvez tenha sido Sua intenção o tempo todo me colocar no caminho que eu agora vagueio apenas para poder encontrar Eve.

Minha escuridão é o que me levou a Cassandra, e foi o meu medo daquela escuridão que me forçou a entrar na Igreja. Se não existisse, eu não estaria aqui agora para encontrar e salvar uma mulher que fosse uma verdadeira inocente no mundo. Isso deve ser o que eles queriam dizer com a grandeza perfeita de Deus: até as sombras que ele cria no mundo tem um propósito.

Não havia razão para eu não poder explorar minha sombra com uma mulher enquanto também levava uma congregação para a luz. Celibatário ou não, eu ainda poderia ajudar as pessoas necessitadas, ainda lutar por recursos e financiamento quando a cidade estava sofrendo de perdas. Eu ainda posso usar o que está disponível na Igreja para beneficiar aqueles que mais precisam.

Eu ainda poderia ser bom.

Com esse pensamento em mente, eu tracei meu dedo por uma linha de marcas que deixei nas costas de Eve. Exceto pela queimadura em seu ombro, cada imperfeição de sua pele era a história de mim. Eu odiava aquela marca, um E murado pelas largas linhas de um quadrado, uma lembrança de quem criara a perfeição que estava diante de mim. Se eu não soubesse o quão horrível seria a dor de Eve, eu teria cortado a maldita coisa já.

Sua cabeça se mexeu sobre o travesseiro em resposta ao meu toque, seus olhos se movendo sob suas pálpebras fechadas enquanto seus cabelos deslizavam suavemente sobre o travesseiro.

Arrastando meu dedo para mais longe, eu tracei a linha de sua bunda, eventualmente, estabelecendo minha mão entre as pernas, com fome de outro sabor, outra mordida. A ponta descansou contra a abertura de seu corpo, seus quadris se moveram em resposta.

Mesmo dormindo, Eve estava pronta para qualquer coisa que eu me dignasse a oferecer.

O sol não tinha violado completamente o horizonte lá fora e eu tinha outra hora ou duas antes de vestir o colarinho clerical. Eu estava duro instantaneamente com o pensamento.

Inclinando-me sobre ela, deixei minha respiração se espalhar sobre a pele de uma bochecha, meu dedo pressionando em seu corpo enquanto meus dentes suavemente trancavam a pele macia de sua bunda. Ela pulou em resposta, um tremor percorreu seu núcleo que me fez sorrir. Foi errado eu não querer acordá-la antes de provar?

Que eu queria que ela abrisse aqueles lindos olhos e viesse à consciência com meu pau já dentro dela, empurrando-a para um alívio?

Rastejando cuidadosamente sobre a cama para evitar que o colchão mergulhasse e balançasse demais, eu deslizei minha calça de moletom até meus joelhos, minha ereção dura na minha frente. Eu abri as pernas dela e levantei seus quadris, tomando cuidado para não a acordar onde ela estava dormindo em sua barriga.

Eu não a marcaria, não apertaria muito com meus dedos ou morderia até machucar. Eu só queria estar dentro dela. Eu queria que ela acordasse, sabendo que eu era quem controlava seu pecado agora, aquele que detinha o poder de limpá-la com o fogo da dor.

Não havia dúvida em minha mente que o pecado que Eve acreditava que ela carregava não era pecado, era apenas um desejo que ela tinha por uma sensação que levava adrenalina e endorfinas através de seu corpo.

A dor é um fato feio da vida para a maioria das pessoas, mas, para alguns, é a única coisa que faz com que se sintam vivos.

Eve gemeu quando eu lentamente empurrei mais fundo, seus quadris se movendo em coordenação com os meus, mesmo que

seus olhos ainda estivessem fechados. Um sorriso puxou seus lábios, e eu sabia que ela estava comigo naquele momento, que ela tinha chegado à consciência com a sensação de estar ligada a mim da maneira mais íntima das maneiras. Eu cavaleguei tão alto por apenas um segundo antes da verdade me dar um tapa na cara: ela não estava conectada a mim, estava ligada ao homem cujo nome era uma oração em seus lábios.

—Elijah — ela respirou, a reverência em sua voz forçando meus olhos fechados. Foi o som de uma oração respondida, o alívio absoluto que uma pessoa sentiu quando testemunhou o divino pela primeira vez. *Seu* nome em *seus* lábios era o som de uma mulher que não precisava mais lutar simplesmente porque seu amante — a razão dela para viver — estava por perto.

O nome dele.

Não é meu.

A verdade disso me arrancou de dentro para fora.

E, no entanto, lá estava eu, transando com ela, aproveitando cada gota do nosso prazer combinado e devorando-o como se eu tivesse todo o direito a isso.

Eu me perguntava se chegaria o dia em que ela não só perceberia que eu não era meu irmão, mas também me perdoaria por aproveitar quando ela acreditasse que eu era outra pessoa.

Eu estava pegando o que não era dado livremente para *mim* e não dava a mínima para as consequências.

Deslizando minha mão para massagear seu clitóris, eu a acordei completamente. Seu corpo empurrou de volta contra mim

querendo mais — implorando por isso. Levantando-a um pouco mais alto, eu dei a ela o que ela pediu e observei enquanto seus dedos se curvavam sobre os lençóis debaixo dela, quando seus olhos se abriram e seus lábios se separaram em um sensual gemido que levou meus quadris ainda mais rápido.

Desespero me ultrapassou, a necessidade de saber o que ela estava sentindo e pensando. Possuir seu corpo nunca seria o suficiente. Eu queria cada parte dela — corpo, mente e alma. Qualquer coisa menor, nunca satisfaria a ganância que eu sentia por ela, nunca subjugaria o sádico em mim que não queria nada mais do que encurralar sua presa.

Inclinando-me sobre ela, eu envolvi meus dedos em volta do seu pescoço, com cuidado para não apertar os hematomas já florescendo sobre sua pele. Levantando a parte superior do corpo da cama, meu peito estava deitado de costas, minha boca pressionada provocativamente contra o ouvido dela. O corpo inteiro de Eve ficou imóvel, meu pau ainda se movendo dentro dela. Não importa o que eu quisesse fazer, ela nunca resistiria.

—O que você está pensando? — Eu sussurrei, meu tom plácido e tranquilo para seduzir os encantados.

Gemidos suaves arrastaram-se pela parte de trás de sua garganta. Eu puxei para fora dela até que apenas a cabeça permaneceu dentro, seus quadris empurrando para trás, sons de queixa fluindo docemente em seus lábios.

Um sorriso esticou minhas bochechas. —Não até que você me diga, Eve. — Minha voz baixou para um sussurro — Confesse.

Meus quadris se moveram um pouco, empurrando e puxando para fora. Ela choramingou por mais.

Meus dedos agarraram sua garganta apenas um toque mais apertado, meus dentes morderam o lóbulo de sua orelha. A respiração saiu de seus pulmões.

—Eu preciso de mais — ela sussurrou, — s-sempre preciso de mais. A dor limpa o pecado.

Meus olhos se fecharam em resposta às palavras ditas pela voz de um anjo.

Ela estava tão enroscada na cabeça — tão perfeitamente moldada e treinada. Eu não estava cego para esse fato. Eu simplesmente não respeitei. O que me fez ainda mais ferrado do que ela.

Empurrando meus quadris para frente, eu lentamente a enchi, meu dedo explorando seu clitóris.

—Curtiu isso?

Ela balançou a cabeça contra o travesseiro. —Mais.

Minhas sobrancelhas se uniram quando minha mão se moveu sobre seu quadril, meu dedo traçando a fenda de sua bunda antes de parar sobre o buraco.

—Lá — ela murmurou, pura antecipação em seu tom.

A respiração saiu dos meus pulmões. Eu vacilei por apenas um segundo, ponderei o prazer do ato versus o quão errado seria tomar cada parte dela quando ela não fosse tecnicamente *minha*.



O potencial de prazer ganhou o argumento.

Deslizando meu pau do calor úmido entre suas pernas eu segui em frente, encontrando e pressionando contra sua bunda. Ela gemeu, a antecipação filtrando através dela como um tremor de corpo inteiro. De alguma forma, apenas esse arrepio me fez impossivelmente mais duro do que eu já estive antes.

Eu empurrei a cabeça para dentro e seu corpo ficou rígido, seus dedos se enrolaram nos lençóis até que os ossos sob a pele de suas mãos eram linhas visíveis de tensão.

Usando a maciez entre as pernas como lubrificação, fiz o meu melhor para evitar a dor, mas ela se aproximou para pegar minha mão e afastá-la.

Minhas sobrancelhas se uniram em questão, sua cabeça girando apenas o suficiente para que seus olhos se fechassem com os meus com uma mensagem clara por trás deles: Ela queria que doesse.

Na verdade, eu também.

Meus quadris empurraram para frente, me empurrando em polegada por polegada quando sua boca se abriu, sua testa franzida e seus dedos pareciam que iria rasgar os lençóis presos entre eles.

Eu não me importava com o quão desconfortável isso era para ela, não quando me sentia tão bem do meu lado. Ela estava quase apertada — quase.

O grito de dor que voou de seus lábios era a música mais sedutora, a forma como seu corpo se apertava em torno de mim apenas para relaxar novamente era o combustível para o meu fogo.

Agarrando minhas mãos sobre seus quadris, minha cabeça caiu para frente até que meu queixo tocou meu peito, meus olhos se fechando quando eu empurrei meus quadris me enterrando completamente.

Eu aprendi uma das verdades da vida naquele exato momento: o céu não era um lugar acima de nossas cabeças além da Terra e do espaço, o céu estava localizado bem aqui dentro do corpo de Eve.

Estava ficando óbvio que eu não duraria muito. Minhas bolas apertaram com cada golpe dentro dela. Eu fui empurrado cada vez mais perto do clímax.

A ponta do meu dedo encontrou seu clitóris, e com mais dois golpes ela gozou, seu corpo se tornando dolorosamente apertado, tremendo quando a música mais doce caiu de seus lábios. Meu clímax seguiu segundos depois.

Esperando até ficar macia, fiquei parado lá dentro, com o fôlego pesado e a testa pressionada contra a parte superior das costas.

Vários minutos se passaram antes que eu pudesse pensar claramente novamente.

Finalmente levantando a cabeça, falei com uma voz rouca. — Nós dois precisamos de um banho e você precisa tomar café da manhã.

Puxando livre, eu bati de brincadeira em sua bunda para movê-la. Minhas sobrancelhas se levantaram para ver seus quadris se afastarem instintivamente, implorando por mais.

*Deus querido, que tipo de diabo você me enviou?*

Eu não tinha certeza se sobreviveria se desse a ela tudo o que ela queria.

A cama mudou quando me afastei. Eve resmungou em resposta a ser puxada do colchão.

Pegando-a, eu a levei para o chuveiro.

Não demorou muito para nos limpar e nos alimentar. No momento em que eu estava saindo do meu quarto e andando pelo corredor em direção à porta do santuário, eu tinha um sorriso sem culpa esticando meus lábios enquanto eu prendia meu colarinho clerical.

## ELIJAH

*Viver é sofrer. Sobreviver é encontrar algum significado no sofrimento. - Friedrich Nietzsche*

**Eunice não tinha removido o véu quando entrei no dormitório feminino.** Sentada em um banco, cercada por mulheres cuidando de seus ferimentos e oferecendo comida e água, ela usava um dos longos vestidos azul-marinho que as mulheres da família preferiam.

Assim que pisei no quarto, os olhos de Eunice se lançaram ao meu rosto, a tensão do medo pesando em seus ombros. Lutar ou fugir era o alarme por trás de seu olhar, seus instintos dizendo-lhe para correr o mais rápido possível, enquanto seu intelecto lhe dizia para ficar no lugar — para se submeter ao predador que era mais poderoso do que dela.

Sempre foi o olhar focalizado inicial — o terror e a indecisão que se encontram lá — que forçaram meu sangue a bombear com mais força.

Eu parei a poucos metros dela. —Você está pronta?

Foi uma luta para ela tirar o seu olhar do meu, mas ela finalmente arrancou seu foco de mim para olhar as mulheres sentadas a sua esquerda e direita.

Como se impugná-las por ajuda, sua expressão caiu quando todas se afastaram, sorrisos adornando seus rostos porque sabiam que o que eu ofereci a essa mulher era um presente. Todas elas ofereceram o mesmo presente para mim quando tiveram uma oportunidade, mas eu não estava interessado naquelas já intrigadas; eu queria as que eram mais difíceis de definir.

A última mulher a quem fora oferecida ainda estava cumprindo seu propósito, ainda demonstrando que não apenas vira o poder de Deus, mas queria uma parte para si mesma.

Sem ajuda oferecida, Eunice voltou seus olhos para os meus. Sua garganta trabalhou para engolir o medo que sentia. —Para? — Ela perguntou em uma respiração instável.

Meu sorriso não a acalmou. —Devemos dar um passeio e discutir sua nova vida aqui entre a família. Tenho certeza que você apreciará o que temos a oferecer, uma vez que você entenda que somos o povo de Deus.

Indecisão franziu a testa. —Um passeio onde?

Resistindo ao impulso de revirar os olhos, para arrastá-la de seu assento e parar de me questionar, em vez disso, rolei meus ombros para trás. Por que as pessoas sempre têm que fazer tantas perguntas? Por que eles não podem simplesmente confiar que Deus sabe o que é melhor?

—Venha, Eunice — eu disse, estendendo minha mão para agarrá-la e ajudá-la a sair de seu assento. —Chega de perguntas. É hora de provar sua fé.

Seu aperto de mão foi hesitante na melhor das hipóteses, um tremor percorreu seus ossos delicados enquanto eu a levava do dormitório para um grande corredor. Uma porta exterior ficava no final do corredor, um metal grosso uma vez pintado de preto, mas agora um cinza triste com arranhões e defeitos de anos de negligência e uso. Depois de aberto, o quintal espalhou-se diante de nós, uma cerca de arame à distância com um único portão alto e solitário.

Colocando minha mão em seu ombro, não senti falta de como ela pulou no lugar.

Os nervos da pobre garota estavam fritos, mas isso não importava. Quando ela aprendesse o caminho que Deus escolheu para ela nesta vida, seus nervos seriam aliviados por sua devoção.

—Além desse portão está a sua salvação — eu disse a ela, minha voz baixa e suave, minha mão forte onde ainda a segurava. — Você está pronta para isto?

O murchar de seus ombros, a sutil depressão nos cantos de seus lábios, o leve tremor de seus braços me disse que ela não estava pronta — nunca estaria pronta.

Mas isso não fez diferença para mim. Toda pessoa tinha um propósito. Cada pessoa teve um uso. E cada passo que eles me davam em direção ao que eu queria, em última análise, os tornava preciosos, enquanto o propósito deles ainda não tivesse sido cumprido.

Mesmo a jovem Eunice.

Os cães não poderiam ter tido um timing melhor. Seus rosnados furiosos e latidos ásperos ecoaram pelos terrenos da propriedade. Mas foi o grito estridente agonizante que emanou acima de suas vozes que chamou a atenção de Eunice.

A prostituta mais velha não durou muito tempo contra seus dentes afiados e estômagos famintos. Em poucos minutos puderam ser ouvidos soltos na propriedade, aproximando-se de onde estávamos a toda velocidade.

Um sorriso esticou meus lábios. Inclinando-me para ela, eu escovei meus lábios ao longo de sua mandíbula, deslizando meu calor tão lentamente ao longo de sua pele até que minha boca encontrou sua orelha.

—Eu correria se fosse você. Não posso ter certeza, mas os cães ainda parecem famintos.

Ela me prendeu em seu olhar arregalado, o som dos cães se aproximando cada vez mais enquanto ela tomava sua decisão. Ela iria encarar a floresta enquanto o sol se punha à distância? Ou ela enfrentaria a ameaça maior que se aproximava com raiva, rápido em quatro patas? Sua cabeça girou para olhar entre as duas ameaças, e a floresta ganhou. Era uma pena que ela não soubesse que os cães nunca teriam nos alcançado. Havia portões que permaneciam fechados que os impediriam de deixar sua parte do quintal.

Dando a ela alguns minutos de vantagem, eu fechei o portão atrás de mim enquanto eu entrava na sombra da floresta, meus lábios franzindo em um suave assobio enquanto eu deslizava através das

árvores em um passo casual, sabendo bem que eu pegaria minha presa, independentemente de quão rápido ela poderia correr.



*Porque o salário do pecado é a morte... Romanos 6:23*

**Passei algumas horas no meu escritório depois de deixar a reitoria.** Grato pela manhã tranquila que me levou a uma tarde tranquila, passei meu tempo conversando com a diocese sobre questões que afetavam minha cidade. Como de costume, sua oferta de assistência foi insignificante na melhor das hipóteses. Ninguém se importava com uma cidade que tinha pouco a oferecer em dízimos — uma cidade esquecida pelas grandes cidades que ficavam a centenas de quilômetros de suas fronteiras.

Orar nunca tinha feito muito bem. Embora eu não tivesse certeza se poderia culpar Deus por esse fato. Talvez não tenha sido culpa dele por não ouvir. Talvez fosse meu por nunca ter sido muito bom em orar alto o suficiente para ser ouvido.

Com esse pensamento, sentei a caneta que passei por meus dedos por mais de uma hora na superfície da escrivaninha, meu coração doía pelas pessoas que não tinham quase nada, mas ainda tinha a decência de comparecer ao serviço de Deus, vestido no seu melhor. Para os resilientes, mal ter o suficiente para sobreviver ainda era uma bênção para apreciar sem questionar.

Eu não pude evitar minha raiva em favor deles. Eles eram membros de uma Igreja que podiam se dar ao luxo de ajudar todos eles, mas preferiram não o fazer. Mesmo então, e apesar de estarem apenas raspando, as pessoas da cidade davam o que podiam à paróquia sempre que ouviam o chamado de Deus.

Com esse pensamento em mente, lancei um olhar para o relógio. As horas confessionais começaram em menos de três minutos e eu tinha uma hora reservada para a caixa sombria e ameaçadora e outra para a sala de reconciliação.

Muitas vezes, eu ficava sentado sozinho em ambos, deixado para a companhia dos meus pensamentos mais íntimos, mas eu ainda esperava se um paroquiano estivesse precisando. Saindo de trás da minha mesa, eu saí do meu escritório para o santuário, meus olhos se arregalando para encontrar Eve sentada em um banco da frente, seu olhar voltado para os vitrais projetados com imagens de uma cruz e uma pomba.

Tons de jóias banhavam seu rosto da luz que entrava pelas janelas, a dança de cor em sua pele quase tão bonita quanto as minhas marcas que ela usava.

Vestida com uma das minhas camisetas simples e um par de calças de moletom que estavam praticamente engolindo seu pequeno corpo, ela se sentou em reverência e profunda contemplação. Eu odiava perturbá-la, mas temia que alguém entrasse e a encontrasse.

Numa paróquia maior, a presença dela não teria sido questionada, mas todo mundo conhecia todos nessa cidade e um rosto estranho era uma esquisitice que não era facilmente ignorada.

Colocando minha mão em seu ombro, falei baixinho. —Eve, eu preciso que você retorne à reitoria.

Ela abriu os olhos, lágrimas brilhando dentro do verde suave. —Nós iremos para casa, Elijah?

A pergunta me pegou desprevenido — o nome que ela usava ainda provocava uma onda de raiva e ciúme nas partes mais sensíveis de mim. Eu deveria tê-la corrigido, deveria ter tido tempo para explicar um fato que sua mente maltratada acharia impossível de compreender, mas eu estava com muito medo de perder o que encontrei em uma mulher que me despertou de maneiras que eu não conhecia em mais de doze longos anos. —Estamos em casa — respondi, deslizando para o banco ao lado dela. —Esta é a sua nova casa.

Eu não tinha certeza de como iria continuar a escondê-la, mas não estava pensando claramente quando se tratava dela. Mesmo agora, enquanto banhada pela luz do sol brilhando através das grandes janelas, meu corpo respondeu a essa mulher de maneiras desnecessárias para um Padre.

Além disso, minha mente captou sua submissão à minha vontade, na maneira em que ela foi deformada e manipulada para ser a refeição perfeita para um homem com um apetite como o meu.

O silêncio caiu entre nós, um cobertor pesado recheado com todos os horrores dos últimos dias, pela questão do certo versus errado, e pela incerteza do propósito do meu irmão por tudo que ele havia feito e ainda planejava fazer.

—Você é como duas pessoas diferentes — ela sussurrou, suas palavras repentinas me pegando de surpresa por quão observadoras elas eram. Eu teria explorado mais, empurrado ela para explicar, mas a grande porta de entrada em nossas costas se abriu e roubou o tempo para questioná-la.

Olhando para trás, notei os longos cabelos ruivos caindo sobre os ombros de Annabelle, o olhar distraído em seu rosto enquanto ela lançava um olhar em minha direção antes de fazer seu caminho para o confessionário. Sabendo que eu não estava dentro, ela ainda abriu a porta e entrou, um apelo silencioso para confessar quaisquer males que ela acreditava que existia em sua cabeça.

—Eve — eu sussurrei, esperando com tudo que eu tinha que Annabelle não tivesse notado o rosto estranho da mulher sentada ao meu lado. — Eu preciso que você volte para a casa paroquial por algumas horas.

—Por favor — acrescentei quando ela não respondeu imediatamente.

Em vez de falar, ela simplesmente assentiu com a cabeça e lançou-me um olhar estranho antes de se levantar. Esperei até que ela estivesse no corredor que levava à porta da reitoria antes de voltar minha atenção para o confessionário.

Respirando fundo, percebi que não havia oxigênio suficiente no quarto para aliviar o pânico que sentia pelo que Annabelle diria. Mas eu era o Padre, independentemente das escolhas que fizera nos últimos dias, e eu tinha um chamado para ajudar todos os meus paroquianos, não importando o quão desconfortável fosse para mim.

Com passos pesados, fui até o confessionário, abri a porta e entrei na caixa escura que mais parecia um caixão hoje do que antes. Sentado no banco, descansei minha cabeça contra a parede às minhas costas e abri a pequena porta que fechava a tela entre os dois compartimentos.

Assim que foi aberta, ouvi sua voz baixa. —Perdoe-me, Padre, porque pequei. Já se passaram três dias desde a minha última confissão e me acusam dos seguintes pecados.

Eu queria pular a formalidade, queria ignorar ter que ouvir o que quer que ela tivesse a dizer, mas essa era a minha cruz para suportar tanto quanto a dela.

Embora eu não tivesse sido o único a usar o corpo dela e jogá-la de lado, em sua mente, eu estava. Eu pegaria o peso se isso ajudasse a aliviar o peso de seus ombros.

Foi pelo menos um minuto que escutei sua respiração. —O que você deseja confessar? — Eu finalmente perguntei.

Soluços suaves ecoaram do outro lado da tela, sua voz falhou quando ela listou suas transgressões.

—Eu fiz sexo com um homem que não era meu marido. Não era adultério, mas fornicção. Mesmo que eu saiba que é errado, eu tenho o desejo de fazer isso de novo.

Meus olhos se fecharam quando minhas mãos deslizaram sobre minhas coxas para agarrar. Nós dois sabíamos o que ela acreditava que ela fez comigo, e eu não podia continuar a formalidade por mais tempo. —Annabelle, o que aconteceu nunca pode acontecer novamente.

Outro soluço abafado foi sua resposta. Esperar que ela falasse era o meu próprio inferno, esperando ouvir como o coração dela tinha sido rasgado por um mal dentro do mundo que a usou para chegar até mim. Ela era inocente apesar da escolha que fizera — apesar das mentiras que acreditava.

—Eu sabia que estava errado, Padre Hayle — ela sussurrou apenas alto o suficiente para eu ouvir. —Eu sabia que deveria ter resistido. Mas eu tenho esses sentimentos por você há muito tempo. Eu arruinei você ... e eu ... e tudo o que eu quero, tudo que eu penso é fazer isso de novo.

Meus dentes cerraram com tanta força que a dor atravessou meu queixo.

Através do fungado, ela continuou falando, continuou me dizendo o que ela acreditava que eu tinha feito para ela. —Eu preciso descarregar isso, do começo ao fim e me desculpe se machuquei você. Eu sou o demônio. Eu usei minha feminilidade para atraí-lo à tentação. Eu nunca deveria ter dito a você como me senti.

*Aquele filho da puta.*

A suspeita se filtrou através de mim, o gelo frio encontrando uma chama ardente. Jericho, no pouco tempo que ele teve com ela, deve tê-la convencido de que ela era a única culpada.

Eu sabia que me mataria ouvir os detalhes, mas queria saber exatamente o que ele tinha feito. —Diga-me desde o começo, Annabelle. Fale tudo isso para que Deus possa ouvi-la e oferecer perdão.

Outro soluço. Outra fungada.

—Eu não posso viver comigo mesma. Não sabendo o que eu fiz e o que eu faria de novo se você me deixasse. Quando eu me virei e vi você me seguindo na rua, eu pensei que você tinha algo mais a dizer sobre minha confissão. Mas quando você me tocou, quando você me puxou para trás, para que nós não pudéssemos ser vistos, eu derreti por dentro para sentir sua boca na minha. Eu morri por dentro quando você moveu minha mão para sentir como seu corpo reagiu por estar perto de mim, eu sabia que estava errado, Padre, mas isso só me fez querer mais.

Ela fez uma pausa, um som agudo subindo pela garganta. — Oh, Deus, eu ainda quero isso. Eu me toco à noite pensando em você, lembrando o que senti quando você me tocou pela primeira vez.

O silêncio caiu, apenas quebrado pelo som dela chorando. — Estou me tocando agora — ela finalmente disse.

Abrindo meus olhos, eu me inclinei para o lado, minha pele quente contra a partição de madeira entre nós. —Você deve parar, Annabelle. Você não pode fazer isso na casa de Deus.

—Por que ele nos faz assim? — ela perguntou, sua voz crescendo em força. —Por que ele nos desenha para que pareça tão bom? Não inicialmente, não quando você ...

Sua voz cortada, só para voltar muito mais suave. —Não quando você o enfiou pela primeira vez, mas quando você tocou entre nós, quando você me mostrou o que meu corpo poderia fazer. Eu aprendi com você, e agora eu toquei naquele lugar secreto apenas para senti-lo de novo e de novo. Para lembrar, fingir como se fosse sua mão. Seu dedo. Sua língua.

Uma inalação aguda de ar soou pouco antes de ela dizer: — Meu dedo está dentro de mim agora, mas eu gostaria que fosse você.

—Annabelle, pare. Neste exato segundo — exige.

—Sinto muito — ela disse, implorando para eu entender. —Eu não posso evitar. Eu fui aberta, Padre Hayle. E agora é tudo que eu quero. O que há de errado comigo?

Não pude responder o que havia de errado com ela porque estava ocupado demais imaginando o que havia de errado comigo. Eu não tinha interesse nessa garota. Nenhum desejo de tocá-la nos modos que ela acreditava que eu tinha, mas ainda assim, meu corpo respondeu. O predador em mim abriu os olhos, implorando para devorar sua inocência, esperançoso de que a sua vontade seria mais forte que a minha.

—O que aconteceu — eu repeti, — nunca acontecerá novamente. Você deve resistir a esses pensamentos. Você deve parar de contaminar a casa de Deus tocando-se agora. Você deve lembrar o que Deus quer de seus filhos.

—Eu não posso — ela gritou, — o que você não entende sobre isso? Eu tentei, Padre, mas há algo dentro de mim que quer você, sempre vai querer você. Por favor, Padre Hayle. Me diga como parar de resistir a isso.

O gosto da bÍlis subiu pela minha garganta, o reconhecimento de que em cada pessoa havia um veneno em particular que eles achavam difícil resistir. Para alguns, era sexo. Para outros, era roubar. E para os poucos raros, era o desejo de ferir e matar.



Muitas vezes eu me perguntava se não era algum instinto básico que carregávamos de um tempo há muito tempo, uma parte de nossa natureza que não podia ser encurralada pela religião, pela moralidade ou pelas expectativas de uma sociedade controlada.

—Você deve parar, Annabelle. Você deve lembrar que você tem um bolsa de estudos, um futuro além deste...

—Por que você fez isso comigo? — ela gritou.

Meu coração estava rasgando em pedaços, minhas mãos apertando com força sobre as minhas coxas que eu sabia que haveria hematomas deixados para trás.

Os soluços vieram mais forte antes de ouvi-la se arrastar, os cotovelos e os joelhos batendo contra a madeira.

—Annabelle, por favor, fale comigo.

—Eu terminei de falar — ela sussurrou. —Sinto muito, Padre Hayle. Eu já sei que estou amaldiçoada.

Um estalo metálico chamou minha atenção, mas antes que eu pudesse reagir, antes que eu pudesse me levantar do meu assento, abrir minha porta para chegar à dela, uma explosão de arma atravessando o santuário, o som de um corpo caindo quando o peso da arma atingiu o chão do confessionário.

## ELIJAH

*Na realidade, a esperança é o pior de todos os males, porque prolonga o sofrimento do homem. - Friedrich Nietzsche*

***Corra, coelhinha, corra.***

Um riso suave sacudiu meus ombros enquanto eu caminhava pela floresta. O sol se pôs há uma hora e a pequena mulher assustada que eu estava perseguindo estava desorientada e cansada.

Como as outras, ela escolheu o caminho mais bem percorrido do que percorrer as áreas de vegetação rasteira e arbustos que impediam a passagem fácil. Infelizmente, se ela tivesse escolhido o caminho menos percorrido, poderia ter escapado do meu alcance, chegado às margens do bosque que se derramava sobre as estradas solitárias que a levariam de volta à cidade.

Eu balancei a cabeça com o humor disso. Com muito medo do que poderia estar rastejando naqueles arbustos, minha presa sempre correu na direção que eu queria que eles fossem, sempre caía na armadilha que eu tinha esvaziado e definido meses antes.

Ao longe, eu podia ouvir os animais da noite correndo, suas barrigas vazias e suas bocas babando pensando em que criatura

menor eles poderiam dominar para sua refeição. Eu conhecia a sensação, minha boca estava regada da mesma forma.

Eu encontrei Eunice agachada debaixo de uma árvore a uma curta distância da cabana que eu mantinha especialmente preparada para cerimônias como esta. Eu gostava de pensar nisso como uma transferência de poder dos fracos para os fortes, como uma transformação que impulsionou minha missão à medida que eu colocava cada armadilha individual.

Eu estava tão perto de terminar este jogo em particular, começando um novo, que a antecipação era um pulso febril logo abaixo da pele.

Um galho quebrou debaixo do meu sapato e Eunice olhou para cima, medo e exaustão lutando por superioridade atrás de seus olhos.

—Você acabou de correr?

Seu peito arfava com a respiração ofegante, o vestido sujo onde ela caíra várias vezes depois de tropeçar em uma raiz aleatória ou outro obstáculo. O alívio que ela sentia por não estar mais sozinha na floresta era palpável.

—V-você me seguiu?

De cócoras, eu sorri. —Você achou que eu te deixaria em paz? Eu só queria ver o quão forte sua fé era. Considerando o quão longe você correu, eu diria que é tão forte como sempre. A maioria das pessoas desiste muito antes deste ponto.

—Podemos voltar agora? — Ela perguntou, um tremor em suas palavras. —Eu não gosto daqui.

Eu corri a ponta do meu dedo até o queixo dela. —Eu tenho algo um pouco mais privado em mente. Está mais perto também. Eu sei que você deve estar cansada.

Ela assentiu com a cabeça e eu balancei a minha com ela, sorrindo para ver uma centelha de confiança cautelosa iluminar seu olhar. Ela não comia há dias e agora acabara de correr para o chão. Sua mente exausta era uma coisa linda.

Oferecendo-lhe uma mão, eu ajudei-a a ficar de pé enquanto eu ficava no meu auge.

Nós mal tínhamos percorrido alguns passos antes de eu colocar meu braço ao redor de sua cintura para ajudá-la sobre o terreno acidentado.

—Posso te perguntar uma coisa, Eunice?

Sua voz era tão quieta quanto um rato. —Sim.

—O que fez você decidir se tornar uma freira?

Ela se virou para olhar para mim, quase tropeçando em uma raiz no processo. Eu peguei seu peso facilmente antes que ela caísse.

—Eu não sei. Acho que porque eu queria que minha vida tivesse um propósito maior.

—Você sentiu um chamado?

—Sim, eu senti.

—E com base no chamado que você sentiu, você acabou aqui?  
— Fiz uma pausa, deixando esse pensamento penetrar. —Acho que o Senhor trabalha de maneiras misteriosas, não é?

A cabana entrou nas nossas visões, as velas no interior piscando através das janelas. Richard sempre era rápido quando eu o mandava à frente para preparar o interior.

—Aqui estamos. Um descanso da floresta escura.

—Eu não gosto deste lugar — ela insistiu. —Eu só quero ir para casa. Por favor — ela implorou, — por favor, deixe-me ir para casa.

Minha mão trancou sobre seu quadril, minha boca lacrimejando com o medo evidente em sua voz. —Sinto muito, Eunice. Mas você tem um propósito maior. Um que eu desfrutarei muito mais que você.

Com um movimento rápido, abri a porta para empurrá-la para dentro, batendo-a atrás de mim enquanto corria para o outro lado da cabine, numa tentativa de colocar distância entre nós.

A exaustão tomou conta dela pouco tempo depois.

—Nós podemos fazer isso fácil ou difícil, Eunice — meus lábios puxaram em um sorriso, — e desde que eu prefiro difícil para fácil, eu estou bem com qualquer escolha.

Eu me aproximei e ela recuou. A dança começou.

—Fique longe de mim — ela gritou, seus olhos passando entre os ornamentos religiosos espalhados por todo o quarto e eu. Não precisava ser um gênio para descobrir o que eu pretendia, mas ainda havia surpresa em seus olhos.

Cantando minha cabeça para o lado, eu ri baixinho. —Quem vai me parar? Quem é poderoso o suficiente para mantê-la segura agora que eu tenho você aqui?

Outro passo. —Seu Deus a ajudará, Eunice? Ele descerá de seu poderoso poleiro para resgatar uma mulher ligada a ele sozinha? — Meu riso ficou mais alto. — Vocês realmente precisam aprender que não há nada entre você e os predadores que se aproveitam de seus delírios.

—Eu pensei que você fosse um homem devoto. Eu pensei — o que você disse... — Seus pensamentos estavam se espalhando, sua língua incapaz de emitir uma sentença completa quando a verdade a atingiu em toda a sua luz gloriosa.

As costas de Eunice atingiram uma parede quando me aproximei, seu corpo deslizando até os joelhos quando cheguei ao alcance.

—Agora isso não é uma visão bonita? Você quer envolver aqueles lindos lábios ao redor do meu pau antes de eu forçar isso em seu corpo? — Um ligeiro encolher de ombros. —Novamente, estou bem de qualquer maneira.

Lágrimas escorregaram de seus olhos quando me agachei na frente dela. Eu diria que eu senti pena da pobre criatura, mas então eu apenas estaria mentindo. A merda da prostituta merecia o que ela iria conseguir. Todas elas fizeram.

—Você sabe — eu disse, conversando e sem preocupação com o que eu divulgava. — Eunice, aqui você não teria a capacidade de correr e contar. Espanta-me ver quão facilmente todos vocês se

apaixenam pelos contos de fadas e belas mentiras contadas por gerações. Você se nega os prazeres deste mundo porque você acredita, realmente *acredita*, que há algo esperando do outro lado.

Minha mão bateu, travando sua mandíbula em seu aperto. — Olhe para mim quando eu estou falando com você.

Seu olhar voltou para o meu.

—Obrigado. Você não sabe que é rude não prestar atenção?

—Por favor...

Revirando os olhos, soltei seu rosto. —Por favor, por favor, por favor — eu zombei com uma voz seca e sem remorso. —Pare de implorar. É patético.

—Deixe-me explicar isso de uma maneira que você possa entender, Irmã. Você é uma prostituta para o Deus Todo Poderoso, e minha querida criatura, nesta casa, eu sou esse Deus. Então, você fará o que lhe disser, ou então te ajudará, eu lhe mostrarei meu poder irrefutável.

—Por favor — ela lamentou.

—Você está me entediando. Vamos encontrar outra palavra para usar, vamos?

Sua boca abriu e fechou, seus olhos trabalhando rapidamente para afastar as lágrimas. Estendendo a mão, peguei uma lágrima no meu dedo e trouxe para a minha boca.

Sua expressão estava horrorizada.

—Tem um gosto doce — eu disse com uma risada. —Faça-me outra.

Ah, e como ela fez. Tantas lágrimas estavam derramando e tudo que eu podia fazer era esperar a tempestade, aproveitar o terror e antecipar o prazer que viria.

Eu bati minha palma contra sua bochecha quando ficou óbvio que esta mulher não a impediria de chorar. —Isso foi um toque de aviso — eu expliquei quando ela finalmente levantou os olhos vermelhos para mim. —O próximo pode arder um pouco.

Eunice congelou. Ela abriu a boca para implorar de novo, mas eu coloquei um dedo sobre os lábios e balancei a cabeça. —Seja muito cuidadosa com o que você diz em seguida. Se eu ouvir por favor, ou pare, ou qualquer uma dessas palavras ridículas que desperdiçam nosso tempo, eu vou me certificar de isso doer. A única coisa que eu quero saber é se isso vai ser difícil ou fácil. É uma palavra, Eunice. Então escolha um.

Lentamente, eu puxei a minha mão para trás, bloqueando seu olhar com o meu enquanto ela inventava aquela sua pequena e confusa mente.

—Escolha — eu lembrei a ela.

Seu lábio tremeu. Seus olhos piscaram mais algumas lágrimas. Seu corpo tremia onde se ajoelhava no chão. E finalmente — porra finalmente — ela abriu a boca para dizer: — Fácil.

Eu zombei, mas encolhi o desapontamento. —Se você insiste.



Levantando-me, ofereci minha mão porque não era nada senão um cavalheiro. Ela estava hesitante em aceitar, mas acabou entrando na fila.

Dando-lhe a distância, eu recuei e levantei meu queixo em sua direção. —Eu acho que você sabe o que fazer com esse vestido.

Mais lágrimas. Mais choramingsos. Mas finalmente, ela alcançou os botões que percorriam o comprimento do pescoço até a cintura. Um a um eles se abriram, cada um revelando mais da pele pálida por baixo, as ondas laterais de seus seios e o plano suave de seu abdômen. Como essa mulher decidiu dar esse corpo a Deus estava além de mim. Era succulento demais para se esconder sob a tenda de seu hábito.

Uma vez que os botões foram soltos, ela parou, sem saber o que fazer. Eu arqueei uma sobrancelha em questão. —Eu realmente não preciso explicar o que deve acontecer agora, não é?

Aqueles lindos olhos se estreitaram em ódio. Um assobio baixo saiu da minha boca. —Agora, isso é uma expressão do meu próprio coração. — Um sorriso esticou meus lábios.

—Por que você não me mostra alguns dentes também?

Sua expressão caiu.

—Estou esperando. — Eu sussurrei. —O suspense está me matando.

Se ela não tivesse cuidado, morreria de desidratação com a quantidade de lágrimas ainda derramando de seus olhos. Não foi tão ruim assim. Eu não estava batendo nela ou rasgando sua carne. Eu

nem estava gritando com ela ou qualquer coisa do tipo. Eu dei a ela uma escolha, não dei?

O vestido escorregou de seus ombros e eu sentei em silêncio elogiando o que Deus queria acreditar que existia.

—Você, minha adorável criatura, é divina.

Pele pálida esticada, tão pura e branca, ela parecia uma boneca de porcelana. Seus seios eram um punhado decente, não muito pequenos, não grandes. E mesmo para uma mulher que se vingava do sexo, ela mantinha o cabelo bem aparado e as pernas raspadas tão macias quanto longas.

—Na plataforma. Deite-se de costas e abra essas lindas pernas.

—Eu... por favor...

Segurando minha orelha com a mão, eu provoquei, — O que foi isso? Eu não posso ter certeza, mas parece que você acabou de usar uma palavra que eu já disse que você estava fora dos limites.

Minha cabeça se inclinou para a plataforma onde ficava em frente ao fogo. —Eu farei isto bem, Eunice. Eu posso prometer a você que eu tenho muita experiência.

—Você é um monstro!

—E você é uma criança mimada que não pensou em verificar debaixo da cama antes de dormir à noite, então faça o que diabos eu lhe disse para fazer antes que eu pare de acreditar que você realmente quer que isso seja fácil.

Eu tive que entregá-lo para ela, quando ela ficou brava, ela mostrou um nível de força que eu achava impossível para ela.

Eunice não apenas caminhou até a mesa, ela *marchou* para plataforma, suas mãos cerradas em seus lados e aquela bunda perfeitamente redonda se movendo de uma forma que me fez balançar onde eu estava. Pulando para cima da plataforma, ela me empolgou com mais um olhar zangado antes de se deitar, levantando os pés para a beira da plataforma e abrindo as pernas.

*Ale-fodida-luia.*

Curioso, eu caminhei e passei a ponta do meu dedo entre as pernas dela. Minha sobrancelha arqueou novamente, meus olhos estudando a expressão resoluta em seu rosto antes de eu perguntar: — O que há com a mudança, Eunice? Você decidiu que você quer isso afinal de contas?

—Meu Deus vai ver a sua destruição. Faça o seu pior demônio!

Um latido de riso escapou dos meus lábios. —Oh, querida, esta é apenas a parte divertida. O pior vem depois.

Eu caí antes que ela pudesse responder, meus dedos separando a carne rosa entre suas pernas antes da minha língua sair para um gosto. Suas pernas tremiam nas laterais da minha cabeça, mas ela não chutou ou chorou, não fez nada até eu chupar aquele doce ponto. O gemido que subiu pela sua garganta foi música para os meus ouvidos.

Arrastando minha língua para baixo, empurrei-a para dentro e mantive um ritmo lento até que o tremor em suas pernas se tornou mais pronunciado. Um almíscar molhado floresceu contra meus

lábios, a reação de seu corpo surpreendeu, considerando o pouco que eu realmente tinha feito. Eu sabia que isso não iria empurrá-la tão facilmente, e curioso se ela era realmente casta ou apenas fingia, eu puxei minha língua para deslizar um dedo para dentro. Meus olhos se fecharam para sentir a quão apertada ela estava.

—Oh, minha querida menina, você é a coisa real, não é? Verdadeiramente uma prostituta para o Todo Poderoso.

De pé a toda minha altura, continuei explorando aquele buraco apertado enquanto observava seu rosto, estudando a expressão que flertava através de seus traços quando ela fechou os olhos.

—Você pode não ter fodido um homem em sua vida, mas eu suspeito que você deixou algum menino brincar com você antes. Diga-me a verdade, Eunice. Eu vou manter seus segredos.

Seus quadris se contraíram quando minha mão se afastou, seus seios inchados e grandes; as pontas apertavam os picos apenas implorando para serem lambidos e mordidos, espremidos e mordiscados.

Inclinando-me sobre ela, eu escovei seus seios com o peito enquanto mal tocava meus lábios nos dela. Falando contra sua boca, eu sussurrei: — Aqui, menina, prove o quão doce você é. — Minha boca assumiu o controle dela, minhas sobrancelhas subiram pela minha testa quando ela mordeu minha língua em resposta.

Eu sempre gostei de uma mulher que joga duro.

Afastando-me, soltei a calça e pedi: — Desça da plataforma, vire a porra da bunda e se curve. Você acabou de me ligar.

Sua expressão ainda severa de rebelião, ela fez o que foi dito, sua boca se movendo para sussurrar uma prece silenciosa para um Deus que eu sabia que não iria ajudá-la.

Uma vez que meu pau estava livre, eu coloquei entre as pernas dela. Deslizando o comprimento ao longo da pele molhada enquanto eu chegava para brincar com seu clitóris. Outro gemido escapou de seus lábios, um som notável que me disse que ela era humana sob o verniz dos devotos. Todos eles foram uma vez que tiveram que enfrentar suas próprias funções corporais.

—Eu sei que você gosta, Eunice. Não há nada de errado com isso. Apenas deixe para lá, linda.

Sua oração ficou mais alta, sua rebelião me fez perder toda a dúvida de que ela era a pessoa perfeita para o propósito que eu tinha em mente para ela.

Incapaz de suportar as ânsias do meu próprio corpo, agarrei minhas mãos aos quadris dela, posicionei meu pênis em sua entrada e disse: — Reze com mais força, Eunice, vamos ver quanto tempo você pode formar palavras antes que eu faça seus pulmões gritarem.

Meu pau deslizou dentro dela, o espaço apertado era uma bênção, e depois de chorar desde a primeira vez que sentiu o toque de um homem por dentro, ela lutou para rezar novamente.

Eu ri, meus quadris parando enquanto eu absorvia o prazer do calor úmido, a maciez de dois corpos combinados no mais requintado dos pecados. A fornicção era a cereja colocada sobre o sundae criado pelo próprio Diabo.

Minha voz corajosa de luxúria, eu ri e disse: — Reze mais alto, Irmã. Porque eu posso prometer a você, seu Deus não está escutando.

Meus quadris se afastaram e empurraram de novo, minha cabeça caindo para trás quando sua voz quebrou sobre as palavras que ela falou ao seu Senhor.

Eu mesmo estava falando com ele enquanto agradecia ao Todo Poderoso pelo tesouro que ele me concedeu.

**JACOB**

*Em sua raiva não peca. Não deixe o sol se pôr enquanto você ainda estiver zangado, e não dê ao diabo uma posição segura.*  
*Efésios 4: 26-27*

**Dez horas se passaram depois que Annabelle se matou.** Dez horas da polícia vasculhando o santuário tirando fotos, desenhando seus esboços e limpando a cena assim que o médico legista declarou a menina morta.

Não foi necessário um médico legista para fazer essa declaração oficial. A evidência foi suficiente com seu cérebro espalhado dentro do confessionário e seu sangue em uma grande poça sobre o chão do santuário.

Tiraram a arma do chão onde ela havia caído, retiraram o corpo de Annabelle assim que este foi fotografado a seu gosto, levaram tudo que lhes permitia declarar que Annabelle devia estar mentalmente doente.

Eu sabia que ela não estava, sabia a verdade do que a levou ao momento de não retorno, mas eu menti para eles de qualquer maneira e aleguei que ela não tinha confessado uma única palavra antes de levantar a arma para a cabeça e puxar o gatilho.

A polícia me agradeceu pela minha cooperação e me deixou em pé no santuário com nada mais a dizer.

Encostado a um banco, fiquei de frente para as portas da frente agora fechadas e trancadas até que uma equipe de limpeza pudesse lidar com o confessionário. Meu coração poderia ter parado de bater e não teria doído tanto quanto agora. Aquela pobre menina tinha cometido o pecado imperdoável de tirar a própria vida, e comecei a duvidar de uma fé que pudesse manter sua fraqueza contra ela.

Rasgando o colarinho clerical do meu pescoço, segurei-o em minhas mãos olhando para uma faixa branca de pano que parecia uma mentira.

Eu não era um homem melhor hoje do que antes de fazer meus votos — não mais forte, nem mais santo, nem mais inteligente do que sempre fui. A única verdade sobre mim que eu poderia facilmente apontar era que eu era mais pecador agora que eu era um Padre do que eu tinha sido como homem secular.

Eu menti.

Eu fodi.

E eu menti mais um pouco.

E até agora, até assistir uma garota ter sido tomada por uma decisão que a destruiu, eu não me sentia culpado por nada disso.

—Porra ... — eu murmurei sob minha respiração. Permanecendo no lugar com o meu rosto pressionado em minhas mãos, eu estava tão perdido hoje quanto eu já estive, talvez até mais.

—É seguro sair agora?

Rasgando as palmas das mãos do meu rosto, virei-me para encontrar Eve em pé no final do corredor que levava ao santuário.



Ela lançou um olhar para as portas da frente e disse: — Eu vi todo mundo sair.

A culpa me inundou novamente para olhar para ela. Em vez de ligar imediatamente para a polícia depois do suicídio de Annabelle, corri para esconder a evidência dos meus outros crimes. Corri para garantir que meu nome não poderia ser arrastado para a investigação sobre a morte de uma garota inocente.

Foi então que me lembrei das fotos.

Aparafusando do santuário, deixei Eve à distância enquanto corria os corredores em direção ao meu escritório. Eu não me lembrava de ter visto um policial andando por ali, mas não tinha certeza. Minha porta bateu contra a parede enquanto eu a abria, minhas mãos tremiam na hora em que abri a gaveta para encontrar as fotos ainda dentro de seu envelope branco que eu coloquei. Alívio varreu sobre mim quando eu caí na minha cadeira, minha cabeça inclinando para trás enquanto meus olhos se fechavam.

Eu precisava queimar essas malditas fotos antes que alguém as encontrasse. Elas eram polaroids, então eu duvidei que houvesse duplicatas, mas isso não significava que Elijah não tinha tomado mais que ele manteve nele.

O estresse que senti ia me comer vivo. E apesar do quão errado eu sabia, fui empurrando da minha cadeira em busca de uma saída.

Quando Eve apareceu, ainda de pé no final do corredor que levava à reitoria, eu amassei o envelope e as fotos em meu aperto e marchei em sua direção.

— Elijah? — Ela perguntou, os olhos arregalados de preocupação.

Eu estava nela antes que ela soubesse o que estava por vir. Meus dedos se fecharam em seus cabelos, meus lábios esfregando ao longo da linha de sua mandíbula, e antes que ela pudesse chorar pela dor do meu toque, eu rosnei, —Eu preciso de você no meu quarto, na minha cama, sem um pinga de roupa.

## ELIJAH

*O medo é a dor que surge da antecipação do mal – Aristóteles*

**Apertando minhas calças, eu usei um largo sorriso quando saí da cabana.** Eunice ainda estava amarrada na plataforma, cansada e saciada depois que eu me diverti. Ela não iria admitir isso, mas os sons saindo de seus lábios me disseram o quanto ela tinha gostado. Várias vezes durante nossos encontros, o véu branco que ela usava havia escorregado de sua cabeça. Obriguei-a a colocá-lo de volta no lugar porque descobri que gostava.

Assim que eu pisei fora, Richard se moveu para a luz atrás de uma árvore. Um riso suave sacudiu meus ombros. — Ansioso por um pedaço deste depois de deixar os garotos irem para o mais velho?

Seus olhos foram para a cabana antes de voltar para mim. — Eu vim para contar sobre o que aconteceu na igreja.

Minha atenção se aguçou. — Não me diga que meu irmão já matou Eve. Ele sempre tocou muito duro.

— Ele não matou Eve.

Interesse arqueou minha testa. — O que aconteceu?

— A garota que você fodeu, a jovem virgem de quem temos fotos, ela se matou no confessionário.

Minhas sobrancelhas subiram mais alto. — Diga-me que você está brincando.

— Não, senhor. Ela atirou na cabeça bem ali no confessionário. Eu corri para cá para te encontrar depois que um dos familiares voltou a ficar de olho. Ele disse que os policiais estavam por toda a paróquia, mas eles deixaram dentro de horas.

Ele fez uma pausa, seus olhos desviados para o chão enquanto sua bota chutava um galho.

Levantando o olhar para o meu, ele perguntou: — Será um problema?

Passei a mão pelo meu cabelo antes de inclinar o rosto para o céu. Um respingo de estrelas cintilou no alto, a poeira que se espalhou para fora da lua onde ela estava cheia. — Não, não vai. De fato, isso pode nos ajudar mais do que imaginamos. — Endireitando meu pescoço, sorri. — Deus é um ser gracioso.

— Sim, ele é — riu Richard. Ele era o único homem que sabia qual meu plano. E ele não era como o resto da família. Um não-crente como eu, ele foi fundamental para acumular e aclimatar a família para a minha causa.

A notável fé da família no Todo Poderoso foi uma das principais razões pelas quais eles foram tão facilmente manipulados.

A família era um bando de bagunceiros, cheio de espírito, mas cansados da maneira como o mundo estava indo. Eles realmente acreditavam que os pecadores haviam trazido o inferno sobre nós e que através da minha liderança eles tomariam de volta o que eles acreditavam que deveria ter sido deles o tempo todo. Eles também

não acreditavam que o amor seria a salvação que os levou até os portões do céu - eles acreditavam que isso só poderia ser alcançado através da guerra.

Nada disso me importava muito. Eu tinha um propósito, uma única tarefa solitária e não pararia até que a tarefa estivesse concluída.

—Dizer o que, Richard. Eunice vai ficar entediada na cabana sozinha. Sinta-se livre para aliviar seu sofrimento da maneira que quiser. Apenas me faça um favor e garanta que ela permaneça viva. Vamos precisar dela para completar seu propósito em breve.

Ele lançou um olhar questionador. — Mas eu pensei...

— Eu sei o que você pensou. Mas você não acha que será mais fácil para nós se ela for capaz de andar? Isso vai nos poupar da carga pesada.

Assentindo, ele caminhou em direção à cabana, parando antes de chegar à porta.

—Ela era pura como ela alegou?

—Ela era — respondi, — o que tornou tudo mais doce. É difícil encontrar uma verdadeira virgem nos dias de hoje. Você sabe como as mulheres são.

O riso sacudiu seus largos ombros. — Vadias, todas elas.

—Todas menos a família— eu respondi e pisquei.

Dei um passo para voltar ao prédio principal, mas parei a tempo suficiente para gritar por cima do meu ombro. —Ei, Richard, não se

esqueça de dizer a ela o que está por vir. É mais divertido quando você pega os demônios desprevenidos.

Richard riu novamente e entrou na cabana. Mesmo a distância que eu andei no momento em que ele pegou a peça, eu ainda podia ouvir a cadela gritando.

*O que sai de uma pessoa os contamina. Pois é de dentro, do coração de uma pessoa, que vêm os maus pensamentos.*

*Marcos 7: 20-21*

**A luz sempre desaparece em parte quando a rajada de seu raio me toca.** A dor conforta e limpa. O prazer me enche até que tudo que sou é o que ele faz de mim.

Enquanto separados, eu tinha lutado com o pensamento de que havia perdido algo nos últimos dias que deveria ter notado. Mas então ele voltou, seu corpo duro, suas palavras exigentes, suas mãos e língua me levando ao pecado que eu amo odiar.

Amarrada a uma cabeceira da cama, meus braços estavam trancados acima da minha cabeça, meu corpo inclinado para frente, meus joelhos firmes contra o chão ao lado de sua cama. Minha vontade de negá-lo foi rasgada pela promessa de sua respiração em minha pele, suas palavras sussurrando a verdade da minha tentação, suas mãos expulsando a necessidade pulsante que era o caos que confundia meus pensamentos toda vez que ele se aproximava.

Meu vício por ele é o mais doce dos sabores.

Talvez tenha sido a confusão que me fez descarada, ou tristeza que me fez esquecer, mas eu o questionei quando ele me forçou a ir ao seu quarto, eu tive um momento de fraqueza quando tentei recusar suas exigências.

Demônios são criaturas sorrateiras. Eles rastejam dentro de você quando você não está prestando atenção e planta o mal dentro da sua cabeça. Eles te esfolam e arrancam seu coração, enchendo os espaços vazios com perguntas e dúvidas, pânico desnecessário e sussurros incômodos.

Mesmo quando suas mãos agarraram meus quadris me levantando para que ele pudesse expulsar a maldade dentro de mim, eu lutei uma batalha contra os pensamentos intermináveis que eu tinha sido enganada por um homem que prometeu me guiar.

Meus ombros queimavam onde eles estavam esticados por minhas amarras, a dor uma suave carícia de fogo pelas laterais do meu corpo. Sua língua era gelo contra a chama, sua respiração o vapor que entrou em erupção quando eu o levei ao ponto de intoxicação.

Preenchida por ele, eu gemi para aliviar a pressão de sua intrusão, a espiral familiar de luxúria crescendo dentro de mim até que eu soubesse que eu estouraria tudo de novo. Ele sempre foi sensual e insultuoso, cruel e sedutor, um homem de dois rostos que brinca comigo como um brinquedo esquecido redescoberto.

Meu corpo se moveu com seus impulsos. Meus músculos apertaram em torno dele até que tudo que eu sabia era ele. Eu carregava as marcas e contusões que falavam apenas o nome dele, e eu as usava nesta vida e na vida além. Um dia, eu sabia que ele



iria me destruir, e eu felizmente deixaria ir para a tempestade tempestuosa — para a salvação que só ele poderia entregar.

Não importa o quanto ele me machucasse, eu continuaria implorando por mais.

—O que você fez comigo, Eve? O que tem sobre você que torna impossível para eu parar?

Suas palavras sussurradas contra o meu ouvido me seduziram, o cheiro de sua pele contra a minha, um perfume tentador que me levou à beira da insanidade. Eu era um glutão, um drogado, uma prostituta ... Eu era uma mulher que se perdera com a dor da mão dele, a mordida aguda dos dentes dele e a queimadura sensual do jeito que ele me enchia.

Novamente. E de novo. E de novo.

Eu ainda *precisava* de mais.

Prazer explodiu dentro de mim. Um momentâneo ímpeto de alívio que me deixou flutuando com a leveza da euforia. Estrelas explodiram atrás dos meus olhos, a promessa de Deus brilhando sobre mim com a serenidade de ser oca, com a incessante esperança de que o pecado não voltasse correndo para preencher os espaços vazios.

Quase assim que ele se afastou, eu o queria mais, e sabia que tinha perdido minha batalha contra os demônios que me atormentavam, pelo menos até ele me preencher de novo.

**JACOB**

*O espírito diz claramente que em tempos posteriores alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e coisas ensinadas por demônios. Timóteo 4: 1*

**Três dias se passaram desde que Annabelle morreu.** O confessionário havia sido retirado da paróquia, uma nova caixa escura substituindo a que foi doada de uma cidade maior. Eu olhei para as estrias na madeira manchada de cereja por mais de vinte minutos, minha cabeça recostou-se contra a parede, minhas mãos cruzadas no meu colo enquanto esperei que qualquer pessoa sentisse necessidade de confessar. Eu gostaria de ter prazer na solidão momentânea, mas cada vez mais aquele espaço apertado parecia um caixão, o colarinho clerical eu usava um laço que ameaçava sufocar-me com minhas próprias mentiras.

Durante o dia, eu ainda usava o sorriso do pároco, eu ainda vagava pelo santuário esperando o momento em que um paroquiano precisasse de mim. Eu não tinha preparado a homilia para a missa de domingo, e não consegui enxergar além da escuridão que continuava me enchendo.

Mesmo enquanto eu esperava, Eve estava fresca em minha mente. Eu a deixei amarrada na minha cama, seu corpo exposto, sua

boca amordaçada e suas pernas abertas. Minha última exigência era que ela permanecesse no lugar, esperando até que eu encontrasse tempo para brincar com ela novamente.

O homem que eu era antes de ela entrar na minha vida se foi substituído por uma sombra de quem eu gostaria de ter sido. Não havia esperança dentro de mim, sem culpa, sem emoção, sem tristeza. Havia apenas a necessidade de levar, provocar, encontrar alegria na dor que eu entregava.

Naquela época, Jericho havia vencido. Com muito pouco esforço, ele me despojou da humanidade que eu abraçava e acreditava que poderia ser tudo de novo. Ele tirou a capa que eu usava uma vez para revelar a escuridão que sempre foi um sussurro sob a superfície das minhas mentiras.

Deixada para a minha imaginação dentro de uma caixa que deixava entrar pouca luz, eu pensei em como Eve estava exposta sobre minha cama, meu pau crescendo duro com antecipação, minha mão trabalhando para libertar o botão da minha calça porque não havia vergonha mais para me avisar que minhas ações estavam erradas.

Eu tinha meia vontade de arrastar Eve para dentro da caixa, para jogá-la no meu colo ao invés de enrolar minha palma sobre a carne turgente de um pau que só queria ser chupado e fodido, lambido e acariciado, provado enquanto trabalhava para atormentar todas as boas meninas.

Eu era um monstro, e enquanto minha mão acariciava da base até a ponta, quando meus dedos apertaram e minha boca se abriu

em um gemido prazeroso, eu permiti que meus olhos se fechassem e testemunhasse a verdade do que eu me tornei.

Tão perto do momento que minhas bolas se apertavam e meu clímax cobriria minha mão, eu cerrei meus dentes e acariciei mais forte apenas para ouvir a porta abrir na outra metade do confessionário onde eu estava sentado. Não foi o suficiente saber que alguém estava sentado do outro lado da divisória fina, não até que uma voz baixa soou com acusação em seu tom.

—Eu vim falar com você, Padre. Pare de ser um covarde e abra a maldita tela.

Minha mão parou, meu clímax se equilibrando naquela borda, mas não proporcionando o alívio que eu procurava.

—Sr. Prete — eu respondi, a dica de sexo na minha voz.

—Abra a tela, Padre. Precisamos conversar.

O pensamento passou pela minha cabeça para ser honesto e dizer a ele que estava me masturbando. Pedir-lhe para fazer uma caminhada para que eu pudesse terminar. *Desculpe, senhor. Mas eu não posso ajudar sua filha. Eu sou um monstro para salvar qualquer alma.*

Empurrando meu pau de volta em minhas calças, eu estendi a mão para bater a pequena porta aberta. —Como posso ajudá-lo?

—Diga-me o que minha filha disse para você antes de morrer.

Eu me virei para traçar a sombra do perfil dele com meus olhos.  
—Ela disse que estava condenada.

Tecnicamente eu não deveria ter dito isso. Eu me recusei a contar à polícia porque eu estava preso pelo selo da confissão.

—Eu sei que ela estava transando com alguém, Padre. Eu encontrei seu diário, mas ela não listou um maldito nome. Eu preciso de um nome.

—Um nome não vai trazê-la de volta — eu ofereci, meu tom sem qualquer sinal de conforto ou emoção.

Algo bateu no divisor de madeira entre nós. Eu assumi que era o punho dele. —Diga-me o que minha filha disse.

Aborrecimento filtrou através de mim, afiado e mordaz, era um fogo que alimentava o monstro, a fumaça sufocando o homem que eu tinha estado antes de Jericho retornar à minha vida. Como um filme que eu não consegui lavar, ele me infectou e me abriu, chegando a infectar todos os órgãos, todas as células, todos os tendões até que eu fosse consumido por sua boca rançosa. O que cuspiu foi uma toxina cheia de tumulto e dor.

—Você tem certeza que quer saber? — Embora minhas palavras tivessem sido uma pergunta, o tom da minha voz estava contido em advertência. Eu perdi o controle, perdi todo o senso de moralidade, perdi tudo a cada dia que passava. A verdade que eu era incapaz de salvar outro, que por definição, eu era um homem que viveu para entregar a dor, me deixou aberto e exposto à tentação de me entregar e ministrasse do meu mal.

Considerando que Eve era uma alma pura vestida na concha de sua escuridão, eu era o lobo em pele de cordeiro, a ameaça que você não via até que fosse tarde demais.

—Eu tenho certeza. Apenas me diga antes de eu te tirar daí e forçar as palavras de você.

Pedra impressionante contra pedra, sua demanda tinha sido a faísca que acendeu o bastardo dentro de mim.

Limpando minha garganta, arranquei o colarinho clerical da minha garganta, deixando-o cair no chão enquanto lhe contava o que ele insistia em saber sobre sua preciosa filha.

—Ela estava transando com alguém, Sr. Prete. Annabelle me disse que gostava da sensação da língua de um homem em sua boceta. Que ela queria um pau empurrado tão longe dentro dela que ela podia sentir cada centímetro dele pulsando com a necessidade de gozar. Ela queria que quem quer que fosse deixasse marcas de mordida em seus seios, queria que seus dedos a levassem ao orgasmo, teria sugado o próprio Satanás, desde que ela tivesse a oportunidade de sair. Sua filha era uma prostituta, Sr. Prete. Apalpou-se enquanto dava sua confissão, sua pequena voz rouca quebrada com o quão bom se sentia ao tocar-se. E então, depois que ela gozou, gritando de prazer quando ela saltou sobre sua mão, ela tirou uma arma - uma que eu presumo da sua coleção desbloqueada - e explodiu seu cérebro com os dedos em seu corpo e ela veio escorrendo por sua perna.

—Se você quer um nome, eu não posso te dar um, mas eu vou deixar você com a imagem mental que você acabou de me dizer que eu era muito covarde para dar. Espero que seja suficiente para aliviar o peso dos seus ombros. Talvez seja o suficiente para tirar você hoje à noite enquanto você monta sua esposa com pensamentos sobre Annabelle em sua cabeça.

—Seu filho da puta! — Ele gritou através da madeira fina. Eu podia ouvir a porta do seu lado se abrir, observei a porta do meu lado tremer quando seu punho bateu contra ela uma e outra vez. O vermelho nadou na minha visão, uma cor que eu não via há muitos anos, mas exigia que a violência fosse liberada contra o homem do outro lado.

—Saia daqui e diga isso na minha cara, seu pedaço de merda! Como você se atreve a dizer essas coisas sobre a minha filha?

O riso sacudiu meus ombros, o som se filtrando de modo que eu soubesse que ele podia ouvir sobre o volume de sua voz. —Você perguntou. Eu respondi. Agora dê o fora da minha paróquia antes de eu te jogar para fora.

Ele soluçou do outro lado da porta, seus punhos nervosos não mais uma força brutal contra a madeira. Um homem melhor teria oferecido palavras reconfortantes, mas como eu aprendi, como tinha sido ilustrado para mim tão claramente, eu não era um homem melhor.

Cansado da farsa, abri a porta e passei pelo pai chorando agora encolhido no chão do santuário. Eu acabei com esse trabalho, feito com a paróquia, feito com tudo, exceto pela mulher amarrada na minha cama, a que esperou pacientemente por dias enquanto me lembrava de quem eu era, lembrava da escuridão dentro de mim que complementava perfeitamente sua luz, lembrava o monstro abaixo da superfície que poderia entregar a dor que ela foi ensinada seria sua salvação.

## ELIJAH

*Se não somos o guarda do nosso irmão, pelo menos não seja seu carrasco - Marlon Brando*

**Era hora de colocar em movimento os planos cuidadosamente planejados.** Meus espiões observavam a paróquia noite e dia, procurando os sinais de que era hora de transformar aquela pequena paróquia rural em um lar para a família. Não, não poderíamos morar lá, mas poderíamos brincar. Eles iriam construir seu exército para o seu Deus e eu usaria todas as armas que eu tivesse à disposição para atizar as chamas do caos.

Meu propósito era um chamado superior, uma mensagem escrita em sangue, uma verdade revelada de que o fantasma de algum Cristo morto há muito tempo não estava sentado acima esperando pelo dia em que ele retomaria o mundo.

Ele estava morto como qualquer outra pessoa que viveu e respirou neste planeta. Ele era uma memória que separou o mundo com a promessa de algo melhor do que o Inferno em que nascemos, um por um.

Minha mensagem não era uma que pudesse ser ignorada. Foi uma lição, um chamado, uma mão que arrancou o véu de mentiras



dos rostos dos supostamente *justos* e revelou a todos eles quem eles realmente são.

Jacob sempre me perguntou por que, quando ele me confrontou vários dias antes, e a resposta que eu recusei a ele foi *porque não?*

Será que realmente precisa haver uma razão para o acúmulo de poder? Alguma vez houve realmente uma boa explicação para o caos que devorou os civilizados?

Por que as pessoas não entendiam que às vezes o *mal* ocorre dentro dos confins de um mundo lotado só porque um sádico como eu ficou entediado?

Caminhando para a barriga da grande sala que ficava na frente e no centro do prédio antigo que eu chamava de lar, avistei a equipe que eu havia montado para a tarefa.

Richard ficou de prontidão, os ombros largos puxados para trás e os dedos grossos envolvendo o fino bíceps de Eunice. Pobre garota parecia que ela tinha sido montada com força e deixada molhada, mas isso era de se esperar. Richard nunca foi gentil com seus brinquedos.

—Olá, Eunice — eu arrulhei, minha ponta do dedo correndo ao longo de sua mandíbula antes de pressionar meus lábios em seu ouvido e sussurrar: —Você gostaria de ir para casa agora?

Aqueles belos olhos arregalados de surpresa, um ligeiro tremor de seu corpo desmentindo o alívio que ela não tinha certeza se podia confiar. —Casa? — ela suspirou.

—Você está me levando para casa?

Um sorriso esticou meus lábios. —Claro. A menos que você prefira ficar aqui? Já me disseram que as acomodações estavam ao seu gosto depois de um tempo.

Seus olhos se estreitaram com ódio.

Risos borbulharam dos meus pulmões. —Infelizmente, não estaremos usando um veículo, então espero que você esteja pronta para uma longa caminhada.

Os três homens que nos escoltavam na viagem riram. Eles estavam familiarizados com as rotas que tomamos através dos bosques que cortavam nossa cidade até a paróquia. Nos últimos meses, ficamos muito felizes ao descobrir que esse grande trecho de floresta nos levou até a porta do meu irmão e usamos a cobertura de árvores para vigiar a paróquia.

Vários membros da família puderam entrar no santuário ocasionalmente para ouvir a missa dominical, para ouvir os rumores misturados na conversa de uma cidade que estava morrendo lentamente nos Apalaches rurais devido a mudanças na indústria e à falta de preocupação de suas vidas pelas cidades maiores que tinham esquecido que existiam.

Dentro de três horas de caminhada, estávamos nos aproximando da cidade. Pobre Eunice parecia que ela entraria em colapso com o exercício. Seu corpo foi quebrado pela falta de comida combinada com as exigências rigorosas dos gostos sensuais de Richard. Era uma pena que eu só a tivesse experimentado uma vez, mas eu tinha assuntos mais importantes a serem atendidos nos últimos dias.

Pelo que vi durante as várias viagens que fiz à paróquia, Jacob sucumbiu ao que eu sabia que existia dentro dele. Ele ainda fazia o papel de um Padre rural dedicado à sua paróquia, mas seus esforços eram, na melhor das hipóteses, imagináveis.

Ninguém lhe procurava conforto, e até mesmo as freiras deixadas no pequeno convento da rua da freguesia evitavam-no o máximo possível. Levaria tempo para reconstruir a reputação que ele estava destruindo lentamente, mas isso não era problema meu.

Através das janelas, eu avistei a minha maior criação. Nascida em uma vida de beleza e tentação, Eve não tinha perdido a fome de dor que eu incuti nela. Ela não tinha despertado para a verdade que o homem que devastou seu corpo não era o *marido* que ela acreditava que ela tinha. Eu seria um mentiroso em afirmar que as marcas em sua pele não me aborreceram.

Apesar de como eu a usava, apesar de como eu planejava desistir dela por um curto período de tempo, eu ainda ansiava pela masoquista pura dentro dela que eu nunca encontrei em outra mulher. Uma vez que ela era minha novamente, pretendia mergulhar no abismo, prometi a mim mesmo que o próximo conjunto de hematomas viria de mim.

Sobre uma colina e através de um espesso bosque de árvores, a paróquia apareceu. As nuvens obscureciam a luz solar brilhante que deveria ter banhado os grandes campos que cercavam o edifício. Relâmpago rachou à distância e o trovão de resposta rolou acima de nossas cabeças como um trem de entrada.

Alcançando o perímetro da floresta, me virei para Richard. Sua mão ainda estava enrolada no braço de Eunice, mas seus olhos

percorriam o corpo dela como um falcão olhando para um rato apressado. Eu teria que encontrar um novo brinquedo para mantê-lo ocupado uma vez que Eunice estivesse fora.

—Eu vou em frente e checar o Padre e Eve. Eu diria que é hora de pegar de volta nosso membro da família desobediente. Você não?

Richard riu, seus olhos ainda presos ao local onde o hábito de Eunice dava apenas uma sugestão das curvas abaixo. Eu sabia que ele queria provar seu tesouro uma última vez, mas ele tinha um papel a desempenhar na frente dos outros dois homens. O devoto não iria foder uma mulher que não era sua esposa, e a esposa de Richard estava de volta ao complexo ansiosamente aguardando seu retorno.

—Nós vamos ficar aqui e fora de vista.

Permanecendo dentro da sombra, contornei a borda da floresta onde ela contornava os campos. Vários grandes carvalhos ficavam nos fundos da paróquia, perto da casa paroquial, proporcionando uma ampla cobertura para eu ficar fora de vista. Vestido com todas as roupas pretas que eu roubei do quarto de Jacob há não muito tempo atrás — eu espanquei a sujeira da nossa caminhada e fiz meu caminho para os edifícios.

Não havia uma alma por aí. Nenhuma pessoa que pudesse confirmar que Jacob tinha um irmão gêmeo. Rastejando para a janela, eu inclinei meu corpo o suficiente para espiar dentro, enquanto permanecia fora de vista. Meu coração disparou com a visão familiar.

O corpo de Eve estava em uma posição particularmente bonita sobre a cama, Jacob balançando seus quadris atrás dela. *Balanço*

pode ter sido uma má escolha em palavras — o que ele estava fazendo era muito mais violento, muito mais enlouquecido quando a cama inteira tremia com seus impulsos.

Os braços de Eve estavam atrás dela, empurrados para frente em direção à cabeça dela e mantidos no lugar pela mão direita de Jacob. Isso forçou sua cabeça a se dobrar debaixo dela, suas costas se arquearem e seus quadris subirem até a altura perfeita para o corpo de Jacob. Nessa posição, ela teria sido capaz de ver como ele a violou como um homem que era louco. A dor em seus ombros tinha que ser insuportável, mas eu sabia que minha preciosa garota estava implorando por isso. Ela *sempre* implorou.

Meu pau se contorceu ao pensar nisso.

As pernas de Jacob estavam entre as dela, espalhando-as até que ele tivesse acesso total à bunda dela e à boceta. Sua mão livre era possessiva sobre um de seus seios, sua boca pressionada contra as costas, onde se arqueava, provavelmente criando mais daquelas contusões e marcas fluorescentes. Uma vez que ele soube da besta dentro dele, ele sempre amou marcar o que era dele.

Eu esperava por uma distração, algo que o tiraria da minha namorada apenas o tempo suficiente.

Ficando confortável, eu esperei e assisti o show dentro de seu quarto.

Depois de um tempo, Jacob terminou com os dois. Ele arrastou-a para o banheiro para tomar um banho, sua expressão saciada e esgotada. Levando-a de volta para a cama, ele amarrou seus pulsos

no topo da cabeceira da cama, forçando-a a ficar de joelhos de frente para a parede.

Jacob vestiu-se rapidamente, vestindo o traje de um Padre devoto. Ele saiu da sala depois de olhar para Eve.

Andando ao redor do lado, eu olhei para a frente da paróquia, sabendo muito bem que Jacob tinha horas confessionais hoje. Felizmente para mim, um paroquiano entrou.

Idosa e obviamente frágil, a mulher usava uma bengala para se locomover, seus ombros estavam esticados para a frente, o cabelo de um nó prateado no topo da cabeça, e ela carregava uma grande Bíblia encadernada em couro sob um dos braços. Eu só precisava de dez minutos para realizar o que tinha que ser feito, e presumi que a mulherzinha pudesse falar por muito mais tempo.

Dei-lhe tempo suficiente para percorrer a distância até o confessionário e começar o que quer que precisasse perdoar antes de dar a volta na parte de trás da casa paroquial e entrar por uma velha porta de serviço público.

Atravessando o corredor sem se preocupar em ser pego, virei a esquina para o quarto de Jacob e minha respiração ficou presa na vista.

Recentemente lavada, a pele de Eve brilhou um leve rosa sobre o alabastro. Pontilhada de marcas, frescas e antigas, ela respirava suavemente enquanto permanecia no lugar, a bochecha pressionada contra o poste e os olhos fechados. Exaustão envolveu seus braços e ela obrigou-se a dormir com os braços pendendo frouxos acima da cabeça.

Atravessando o quarto, sentei-me na cama ao lado dela, o colchão mergulhando com o meu peso.

—Jacob — ela respirou. Ela não estava dormindo, afinal.

—Estamos de volta a isso de novo? — Eu perguntei.

Sua respiração ficou presa, segundos passando antes que ela finalmente sussurrou: — Você me disse para chamá-lo assim.

Meus dedos traçaram sua espinha, meus olhos observando seus mamilos encolherem em botões apertados. —Chame-me do que quiser por agora.

Eu acabaria por corrigir Eve quando eu a tivesse de volta, mas por enquanto, Jacob se sairia bem. Ele não precisava saber que eu estava de volta aqui, não precisava saber que estava assistindo.

Dedos roçando os lados de seu corpo eu envolvi as palmas das mãos possessivamente sobre os globos de seus seios. Ela gemeu, tão pronta mesmo depois do que meu irmão gêmeo já havia feito a ela esta manhã.

—Você está gostando da minha atenção? Apreciando as maneiras que eu abençoei seu corpo com o meu próprio?

Os lábios se separaram, ela puxou suas amarras, seus músculos se esticaram. Eu sabia que se eu deslizasse meus dedos entre suas pernas, descobriria que ela estava molhada. Verdadeiramente, ela era uma mulher nascida para o sexo, para o pecado, para todos os desejos sombrios que muitas pessoas temiam se as tivessem. Você tem que viver na sombra para entender isso, teve que nascer e existir na luz minguante para apreciar a beleza dos pesadelos e da dor.

Embora Eve acreditasse que ela era filha da luz, era algo muito mais sombrio, uma criatura em sintonia com o mistério da rendição, com a euforia de um beijo perverso. Ela era presa dos caídos, uma amante do cruel, uma rainha dentro do reino sempre em ruínas que sussurrava de tristeza e dor.

Ela era tudo que eu precisava que ela fosse. Em sua luta entre o escuro e a luz, Eve foi minha maior criação.

Minha boca estava a uma polegada de distância de sua orelha, minhas mãos uma promessa tentadora da agonia que eu sabia que ela ansiava. —O que você quer de mim agora?

—Seu toque.

Um riso suave sacudiu meus ombros. —O que eu já te dei será o suficiente?

Sua cabeça tremia, seu corpo tremia quando meus polegares roçaram os picos sensíveis de seus seios. —Nunca.

Respiração pesada empurrou-a contra as minhas mãos, o peso de seus seios macios contra as minhas palmas. Sua boca se abriu para aliviar um pouco da antecipação que crescia dentro dela. —Eu preciso de mais — ela respirou. —Por favor.

Meus olhos se fecharam com o desespero em seu tom.

Inclinando-me, pressionei minha boca em seu ouvido, minha voz um sussurro suave quando minha mão soltou seu seio para descer por seu abdômen e entre suas pernas. —Eu poderia te foder.

Um silvo de ar explodiu de seus lábios.



—Eu poderia te machucar de maneiras que você nunca imaginou. Eu poderia roubar a respiração de seus pulmões e substituí-la com a minha. Eu poderia fazer você sangrar antes de terminar.

—Por favor. — Foi uma oração reverente.

A cruz que eu lhe dera oscilava entre os seios, a pedra ainda no lugar acima do compartimento secreto. —Eu preciso que você faça algo por mim, meu amor. Uma última tarefa antes que eu possa levá-la para casa, para a família.

Um ritmo lento, eu bombeei meus dedos entre suas pernas. — Você fará alguma coisa por mim? Qualquer coisa?

Uma lágrima escorreu pela bochecha dela. —Qualquer coisa.

—Abra seus olhos. Eu preciso te mostrar uma coisa.

Suas pálpebras se abriram para revelar o verde por baixo, a cor cintilando com lágrimas não derramadas. Eu segurei a cruz para ganhar sua atenção. —Você sabia que isso tem um segredo?

Uma pequena sacudida de cabeça.

Girando a cruz para que ela pudesse ver a pequena aba que abria a pedra, puxei-a para revelar o conteúdo dentro dela.

Seus olhos ficaram paralisados. —O que é isso?

—É uma erva — eu expliquei, — uma que vai limpá-la completamente. Eu preciso de você para levá-la, Eve, preciso que você engula na próxima vez que fizermos amor. Mas, eu não posso saber que você está fazendo, eu não quero saber por que o que isso vai fazer com o seu corpo será uma bênção para mim, eu verei Deus

dentro de você quando isso entrar em efeito. Eu verei a luz que sempre esteve brilhando atrás de você. É um prazer ser compartilhado entre você e eu, mas eu preciso que você fique quieta e faça uma surpresa.

Parando para dar-lhe tempo para absorver minhas instruções, eu perguntei: — Você pode fazer isso? — Eu chupei o lóbulo de sua orelha em minha boca, mordisquei a carne macia enquanto minha mão continuava atormentando seu buraco escorregadio. Seus músculos ondularam e ficaram tensos e eu sabia que ela estava tão perto.

—Sim — ela respondeu. Um gemido escapou, seus olhos se fecharam novamente. Uma vez ela me disse que a luz das estrelas explodiu atrás das pálpebras quando seu pecado foi expulso — que era a visão mais linda que já vira.

—Essa é uma boa menina.

Minha mão se afastou de seu corpo e ela gritou em reclamação.

Shushing<sup>6</sup> ela, eu sacudi minha língua ao longo da pele que eu tinha acabado de morder.

—Eu vou deixar você sem o lançamento desta vez, só para fazer a próxima vez que eu te levar muito mais doce. Espere por mim, Eve. Eu voltarei para você em breve.

---

<sup>6</sup> \* Shushing: Ao receber um boquete, o cara espera até que ele está prestes a atingir o orgasmo, ponto em que ele empurra seu pênis o mais longe possível na garganta das meninas e violentamente ejacula, fazendo com que a menina vomite incontrolavelmente.

## JACOB

*A alma que concebeu uma maldade não pode nutrir nada depois disso – Sófocles*

**Se eu ficasse no confessionário por muito mais tempo, meus olhos estariam saindo da minha cabeça.** McCormick podia falar como nenhuma outra pessoa que eu conhecesse. Ela confessou cada pequena violação que, de alguma forma, ofendera a Deus: cobiçava o jardim de flores de seu vizinho, fantasiava com homens mais jovens, mentia para um amigo que estava sem açúcar, enquanto na verdade acumulava até o próximo cheque do Seguro Social.

Eu não tinha certeza do porque me incomodava.

—O que devo fazer para penitência, Padre? Eu sei que fui uma pecadora no mês passado.

Apertando a ponte do meu nariz, cerrei os olhos e me abstive de dizer a ela que sua vida era chata pra caralho.

—Uh, três Ave-Marias para o jardim. Duas para os jovens. Mas não tenho certeza se Deus pode perdoá-la pelo açúcar.

—O que? — Sua voz estava pesarosa.

Outra semana e eu poderia deixar este lugar para trás. Eu contatei um velho amigo — um cara que eu conhecia na faculdade

que tinha fetiches como eu. Ele me disse que eu era bem-vindo para ficar com ele por um tempo, pelo menos até que eu pudesse ficar de pé.

Sabendo que eu tomaria Eve e fugiria deste lugar assim que resolvesse as últimas preocupações financeiras, era a única coisa que me impedia de perder totalmente a cabeça.

—Sim, me desculpe. O jardim não é um grande problema porque você não agiu, e as fantasias também estavam apenas na sua mente. Mas o açúcar? Você realmente rejeitou um amigo em necessidade. Isso é verdade, levando as coisas um passo adiante. Tenho certeza de que Deus não aceitará isso gentilmente.

Ela respirou fundo e eu ri suavemente. Só porque eu estava preso neste inferno por mais alguns dias não significava que eu não poderia me divertir.

—Você pode perder suas preciosas Mittens<sup>7</sup> — eu disse. —Eu ficaria de olho nela pelos próximos dias apenas para garantir que Deus não a leve em sacrifício.

—O quê? Eu nunca ouvi falar de algo assim. O que eu posso fazer? Eu preciso fazer as pazes.

—Sim — respondi com naturalidade, — é uma nova regra que eles acabaram de descobrir. O pecado é complicado assim. Eu sugiro que você encontre outro sacrifício antes que seu gatinho fique

---

<sup>7</sup> \*Mittens: luvas. Gatinhos Minion. Quando um ser ou entidade maligna reúne as forças das trevas para fazer o seu mal, e tudo o que eles conseguem são gatinhos, eles têm luvas. Além disso, Gatos que seguem sua pessoa por toda parte, como se pretendessem ser úteis, mas realmente querem apenas dormir perto deles.

derrubado. Talvez desistir da liderança do seu círculo de tricô, ou dar a Sra. Banks a receita para a sua torta de maçã premiada.

—Humph — ela resmungou. — Eu prefiro desistir de Mittens do que da torta.

—Bem — eu disse, segurando meu riso. —É por isso que eles chamam isso de sacrifício.

—Não tenho certeza se posso fazer isso. Desculpe minha linguagem, mas Allison Banks é uma vadia. Ela não merece a receita.

—A receita da torta é sua única esperança, Sra. McCormick.

—Eu não posso — ela chorou.

—Bem, então você vai para o inferno — eu respondi, lutando para segurar o riso. —Eu não sei o que te dizer. Desista da receita da torta ou enfrente a condenação eterna. É a sua escolha.

—Tudo bem, Padre. Se você diz isso.

Eu sorri abertamente. —Vá em paz.

Sua porta se abriu e fechou, seus passos foram lentos e se esforçaram enquanto ela saía do santuário. Dentro do silêncio eu podia ouvir o baque de sua bengala contra o chão seguido pelo arrastar de seus pés.

*Baque. Arrastão. Arrastão. Baque.*

Eu respirei aliviado quando estava quieto novamente.

Saindo do confessionário, fui até a frente da paróquia e espiei para fora. Nenhum outro paroquiano estava precisando do perdão de

Deus, então fiz meu caminho até a casa paroquial. Eve, como de costume, estava exatamente onde eu a deixei.

—Você precisa ir ao banheiro de novo?

Ela pulou ao som da minha voz.

—Sim — ela finalmente respondeu, exaustão implícita em seu tom.

—Você precisa dormir — sugeri quando puxei os laços que prendiam suas mãos sobre o poste.

—Não, por favor. — Seus olhos se arrastaram até os meus. — Eu preciso que você termine comigo.

Segurando seu queixo, inclinei seu rosto totalmente para o meu. —Você é insaciável. Você sabe disso?

—Eu nunca vou conseguir o suficiente.

Eu tive que entregá-lo para Jericho, o homem poderia deformar um cérebro. Minha preocupação de que era errado tirar proveito do galinheiro havia passado há vários dias. Não me preocupei nem me questionei, não me deixei levar pela questão da moralidade. A única coisa que me importava era que ela não estava me chamando de Elijah mais.

Batendo na bunda dela, inclinei a cabeça em direção ao banheiro. —Vá fazer o que você precisa.

Ela se arrastou para fora da cama e desapareceu no pequeno quarto. Fechando a porta atrás dela, ela se virou na pia. Não demorou muito para ela sair.

Um sorriso inclinou o canto do meu lábio. —Venha aqui.

Lentamente, ela fechou a distância até a cama, sua pele corada, suas pálpebras pesadas com antecipação. Eu me perguntava o que sua personalidade tinha sido antes de ela ser transformada em uma boneca viva que só vivia pelo toque cruel de um homem.

—Deite-se sobre a cama, com a face para baixo, bunda para fora e abra os pés na largura dos ombros no chão.

Ela sorriu.

Minha voz estava perigosamente baixa quando acrescentei: — Ou, se você quiser, eu vou deixar você me chupar até que eu esteja duro e pegue sua bunda como eu sei que você ama tanto.

O sorriso aumentou quando ela caiu de joelhos. Dobrando as mãos atrás das costas, ela empurrou os seios, os olhos fechados e a cabeça inclinada para cima enquanto esperava.

Ajoelhando-se ao lado dela, eu sussurrei em seu ouvido: — Desdobre suas mãos enquanto você envolve esses lábios ao meu redor. Eu quero que você brinque com sua bunda enquanto você me faz duro. Você precisa preparar os dois, amor.

O arrepio que percorreu seu corpo fez meu pau pressionar minhas calças.

O rubor que coloria sua pele tinha meus dedos cerrados em punhos. Não havia nada que ela não me deixasse fazer.

Ao subir, soltei o cinto, desabotoei minhas calças e chutei-as dos meus tornozelos. A fivela do cinto bateu pesado contra o chão.

Os olhos de Eve abriram, seus lábios se abriram depois que eu deslizei a cabeça do meu pau contra a dobra.

Ainda não totalmente duro, eu empurrei para dentro do calor de sua boca, minha própria mão trabalhando para acariciar a base enquanto seus quadris se moviam sob ela, aqueles dedos delicados encontrando e explorando sua bunda. Do meu ponto de vista, eu não conseguia ver o jeito que ela se preparava, mas apenas saber o que ela estava fazendo me endurecia com o comprimento total como seus lábios deslizaram sobre a superfície da pele.

Seu gemido era uma vibração contra o meu pau, sua submissão era um bálsamo que acalmava o monstro dentro de mim. Eu não sabia o que eu faria com ela se ela se rebelasse, mas eu esperava que um dia eu chegasse a descobrir.

Castigá-la seria um jogo, um método de quebrá-la novamente até que ela trocasse de bom grado sua vida por apenas mais uma foda.

—Pare — eu rosnei, meu corpo vindo para a vida tão de repente, eu temia que eu gozasse em sua boca antes de cumprir a promessa que fiz para ela. Sem fôlego, meu peito tenso com o coração acelerado e os pulmões cansados exigi: — Deite-se na cama como eu lhe disse antes. Espere por mim com as mãos enfiadas nas costas.

A Eve empurrou a seus pés, sua marcha fora de centro e tropeçando quando ela fez seu caminho para a cama. A boa menina queria que fosse difícil e ela perdeu o equilíbrio apenas sabendo que estava chegando.



Deitada, ela tomou a posição que eu exigi, seu corpo pacientemente esperando, suas costas se movendo com a respiração pesada. Ela ainda estava apertada por tão poucas vezes quanto eu tinha levado sua bunda. Eu só me entregava a ela de vez em quando, tornava o doce deserto para todas as refeições completas que eu fiz dela.

Movendo-me para trás, deslizei lentamente até meus joelhos, minhas mãos roçando as costas de suas coxas até que sua boceta ficou brilhando e molhada na frente dos meus olhos. Ela tremeu sob minhas mãos, mas não se moveu ou emitiu um som.

Abrindo minha boca, eu soprei contra a pele escorregadia, meus dedos apertando a parte de trás de suas coxas quando seus quadris se moveram apenas um toque. O gemido que emanava de sua garganta quando eu corri apenas a ponta da minha língua sobre a abertura dela estava dificultando continuar devagar.

Empurrando minha língua dentro de seu corpo, eu provei a necessidade que sempre derramava dela. Meu dedo ainda estava circulando seu clitóris enquanto eu estava em toda a minha altura. Arrastando minha mão para cima, usei a maciez de seu corpo para preparar o buraco apertado de sua bunda.

—Me diga como se sente quando eu te fodo. Eu quero saber cada pequeno detalhe. Confesse para o seu mestre.

Com suas bochechas pressionadas contra o colchão, ela fechou os olhos quando minha cabeça entrou. —Dói, mas é bom. Não aguento mais. Preciso de mais. Sou tão impura. Tão indigna.

Puxando apenas um toque, eu empurrei para dentro mais fundo com o meu próximo impulso. Suas palavras estavam confusas, seus pensamentos confusos. Eve soou como se estivesse drogada, completamente absorvida pelo poder da sedução.

—Todo o caminho. Eu quero todo o caminho. Pare de brincar comigo.

Meus lábios chutaram em um sorriso. Inclinando-me com apenas metade do meu pau enterrado no interior, perguntei: — Você quer voar livre?

Sua cabeça assentiu, com o cabelo escuro espalhado sobre os lençóis brancos da cama. Entreguei meu adorável animal de estimação e envolvi uma mão ao redor de sua garganta, apertando até que seus pulmões se cortaram, até que sua boca se abriu para arrastar no ar, mas não conseguiu.

Eu me empurrei para dentro e seu corpo ficou tenso de repente, minha mão apertando ainda mais quando comecei a empurrar.

Homens como eu, ansiamos por controle total. Não é suficiente fingir que uma mulher vai se curvar a cada exigência nossa, não é o suficiente para acreditar que só porque ela caiu de joelhos, ela é sua para fazer o que quiser. Precisamos saber que até mesmo a ameaça da morte não a impediria de se render aos nossos desejos perigosos.

De vez em quando eu a deixo respirar. Os erros do meu passado ainda estavam frescos em minha mente. Mas essa é a coisa com esse tipo de escuridão, que se arrasta e invade, desliza sobre você como um véu cáustico até que você não saiba nada além do

prazer de seu corpo, o prazer de sua submissão à medida que você está cavalgando em sua carne.

Meu clímax foi uma explosão de obsessão, uma necessidade motriz de dominar e controlar, um momento de insanidade temporária que tinha meus dentes cerrados, meus dedos apertados contra sua pele e meus quadris se movendo a uma velocidade elevada até que ela me ordenava de todo meu pecado.

Eu não percebi quando o corpo dela ficou tenso, mas prestei atenção quando caiu em minha cama. Balançando os ombros, eu ri a princípio pensando que ela estava simplesmente saciada do orgasmo que havia devastado seu corpo.

—Eve? Acorde. Eu não terminei com você ainda.

Um sussurro de memória filtrou através de mim, uma noite atrás que me perseguiu na Igreja, que me deixou sem nenhuma escolha a ponto de me banir do sexo para sempre.

—Eve? — Eu bati na sua bunda. Ela não reagiu de todo. — Eve!

Rolando ela, eu bati em suas bochechas antes de pressionar meus dedos contra seu pulso. Não havia nada. Nenhuma batida. Nenhum fio de vida. Nada.

—Eve! — Eu gritei, o mundo ficando negro nas bordas da minha visão, o pânico se instalando até que eu a levantei totalmente da cama. Sua cabeça caiu para trás, sua boca aberta e seus olhos tão vazios quanto eles estavam sem ver.

Eu a deixei cair e recuei, meu próprio pulso batendo uma onda de trovão na minha cabeça.

—Não — eu respirei. —Eu não fiz. Eu não fiz isso de novo.

Descrença me encheu, dor como se eu estivesse sendo esfaqueado no coração mais e mais até que não houvesse mais nada além de mingau. Eu não conseguia respirar decentemente, não conseguia tirar os olhos da mulher morta deitada na minha cama.

Batendo minha mão em seu peito, eu bati nela com tanta força que seu corpo saltou sobre o colchão.

—Cuidado agora, irmão. Eu sabia que você era um monstro, mas eu nunca imaginei você era alguém que bate nos mortos.

Meus olhos se levantaram. Jericho inclinou-se casualmente contra a porta, um sorriso no rosto, as mãos enfiadas casualmente nos bolsos. Fixando-me em seu olhar, ele balançou a cabeça. — Acho que eu deveria ter vindo mais cedo para pegar minha propriedade. Deus sabe que você não pode ser confiável.

Pulando para frente, eu tinha toda a intenção de arrancar sua cabeça dos seus malditos ombros, mas parei quando ele se moveu para dentro da sala, seguido por dois homens armados.

—Eu não faria — ele riu. —A menos que você queira se juntar ao seu brinquedo.

Meu peito arfava enquanto eu estava nu, não dando a mínima para que tudo sobre mim fosse fácil de ver para os homens com suas armas apontadas para o meu peito.

—Você fez isso? — Eu rosnei. — Que porra você está fazendo aqui?

Jericho riu. —Eu não posso levar a culpa, Jacob. Eu não era o único que estava fodendo-a no rabo, mas eu acho que o demônio dentro de você não parou com sua matança.

Ele fez uma pausa, seus olhos brilhando com humor. — Então, novamente, você sempre jogou muito duro.

Recuando, eu peguei minhas calças do chão, puxando-as rapidamente enquanto lançava meu olhar entre Jericho e as duas armas apontadas na minha direção.

—O que você vai fazer agora, irmão? Você não pode se chamar exatamente de homem de Deus enquanto explica à polícia por que há uma garota morta, horivelmente abusada em sua cama. — Ele sorriu. —O que a cidade vai dizer? Especialmente com a sua história.

Puxando uma camiseta que eu deixei pendurada no poste da minha cama, fiquei sem fala. O que eu faria? Como eu explicaria isso?

Meu coração partido pela vida que eu tinha tirado, e independentemente de Jericho ter participado do que aconteceu com Eve, ainda era meu quarto onde seu corpo seria encontrado. Eu não sabia no que a polícia acreditaria. Eu não poderia afirmar que eu era inocente de assassinato quando eu não tinha certeza se minha mão ao redor de sua garganta não tinha sido o que a matou.

Eu não iria para a cadeia por isso. Eu não podia.

A morte era uma opção melhor. Correr tornou-se a única opção.

—É isso que você queria, seu porra doente? Era isso que você está me levando o tempo todo? — Minha voz ficou mais alta com

cada pergunta. —É isso que você estava esperando quando você levou esta cadela à minha porta?

Ele riu, sua cabeça caindo para trás antes de endireitar o olhar em mim mais uma vez. —Ah, Jacob. Eu não poderia deixar você fingir mais que você é um homem decente. Eu sou seu irmão gêmeo, lembre-se. Eu posso sentir isso quando você está morrendo lentamente por dentro.

—Como você conseguiu entrar aqui? Como você sabia?

Revirando os olhos, ele se encostou na parede. —Mais uma vez com as intermináveis perguntas. Vou perguntar a minha: Você não descobriu agora que eu estive observando você esse tempo todo.

Aproximando-se, ele cruzou as mãos atrás das costas. —Primeiro aquela pobre menina no confessionário, e agora isso? Você tem Satanás vivendo dentro de sua paróquia, parece. A morte simplesmente não para de vir.

Minha visão ficou embaçada, o vermelho me levando para frente com mãos violentas, mas o clique de armas me parou antes que eu pudesse alcançar meu irmão.

Ele sorriu quando eu olhei para ele novamente. —Eu pensei que nós já conversamos que me ameaçar era uma má ideia. Realmente, Jacob. Você deveria continuar.

Não havia nenhum lugar onde eu pudesse me virar naquele momento. Nada que eu pudesse fazer, exceto escapar da bagunça que ele fez da minha vida — a bagunça que eu o ajudei a construir cuidadosamente.

Trancado no lugar pela raiva, traição, descrença e tristeza, eu tremi com a raiva dentro de mim que não tinha saída.

—Eu te digo, Jacob. Por que você não corre junto? Fuja dessa cidade antes que as pessoas descubram sobre seus gostos e eu cuido do meu membro da família que você matou. Ela terá um bom enterro, e se você se mover rápido o suficiente você não será abaixado no chão ao lado dela. Deus matando meu irmão gêmeo. Até a Bíblia diz como se sente sobre a violência entre irmãos.

Se aproximando o suficiente para que eu pudesse sentir o calor de sua respiração contra o meu rosto, ele disse: — Só desta vez, no entanto. Se eu vir seu rosto por aqui novamente, não posso fazer promessas sobre o que minha família fará com você.

Sua voz baixou de forma que só eu pudesse ouvi-lo. —Eu quero que você viva, irmão. Uma vida longa e miserável, sabendo que as pessoas que você fode têm uma tendência a aparecer morta. Que tipo de monstro isso faz de você?

Com isso ele se afastou e seus dois homens ficaram na porta enquanto mantinham suas armas apontadas para minha cabeça.

Eu olhei para Eve uma última vez antes de fazer a única coisa que eu podia com tão poucas opções. Meus dedos cerraram em punhos, minhas unhas cortando círculos de meia lua em minha pele. E depois de olhar para a evidência do puro mal dentro de mim, peguei as chaves do meu caminhão para correr.

## ELIJAH

*Existe um certo direito pelo qual muitos privam o homem da vida, mas nenhum pelo qual o privamos da morte; isso é mera crueldade - Friedrich Nietzsche*

**Assistindo a poeira chutar dos pneus do caminhão do meu irmão, eu ri.** Ombros ainda tremendo com a minha alegria, eu atravessei o quarto para sentar na cama ao lado de Eve.

Se Jacob não tivesse entrado em pânico, teria notado que o pulso dela ainda era leve, com o nariz puxando ar suficiente para acrescentar oxigênio às veias. Eu não tinha certeza se daria certo, não tinha certeza se ele não veria além da farsa que a linda mulher havia morrido, e por isso eu tive que interromper tão rapidamente para recuperar o tempo de se acalmar.

—É ela...

O irmão de Eve estava atrás de mim, preocupando-se com uma ruga na testa. —Ela está bem — eu respondi. —Um pouco surrada. Um pouco pior para o desgaste, mas ela está viva. Deus fez com que nós a alcançássemos a tempo e ela será recompensada pelo papel que desempenhou ajudando nosso exército.



Os olhos de Joshua se iluminaram de orgulho. —Minha irmã sempre foi forte.

Virando-se para ele, inclinei meu queixo em direção ao armário. —Veja o que você pode encontrar para ela usar. Precisamos proteger sua modéstia enquanto a levamos para casa. Ela deve acordar dentro de algumas horas. Vamos escondê-la na floresta até esse momento.

Enquanto cumpria o pedido, Clemson abaixou a arma, a mão segurando o calço com a coronha do rifle equilibrado no chão. Ele estendeu a mão para afastar o cabelo loiro do rosto, seus olhos castanhos presos aos meus. —O que vem depois, Elijah? O que você precisa que eu faça?

—Eu quero que você ajude Joshua a levar sua irmã o mais longe possível. A polícia estará fervilhando em breve e não podemos deixá-los encontrá-la. Uma vez que ela possa andar de novo, vocês dois voltam para o complexo. Richard e eu vamos ficar aqui para negociar com Eunice e garantir a paróquia.

Ele assentiu quando Joshua me trouxe roupas para usar em Eve. Depois de vestir seu corpo mole, eu plantei um beijo terno em sua bochecha gelada. Era notável como a mistura de ervas havia funcionado. Para qualquer pessoa que não estivesse em sua mente, ela parecia morta.

—Cuide dela — eu lembrei a seu irmão. —Ela é minha esposa, afinal de contas.

—Claro.

Levantando-a em seus braços, ele a levou para fora com Clemson se arrastando atrás deles.

Dei aos homens meia hora para entrarem fundo na floresta antes de me levantar da cama. Atravessando a sala, abri uma gaveta para encontrar um colarinho clerical. Levantando-o dos limites da cômoda, eu o encaixei no lugar, minha cabeça tremendo levemente com a facilidade que o truque tinha sido.

Havia apenas uma tarefa a ser realizada.

Enquanto Joshua e Clemson se dirigiram para a esquerda para voltar para a floresta, virei à direita para onde eu sabia que Richard e Eunice estavam esperando. Meu passeio pelas sombras do pátio não demorou muito, mas parei quando me aproximei do local onde sabia que os encontraria.

Eles não estavam à vista fácil, e os ruídos filtrados pelo vento sob o estrondo do trovão me disseram que Richard tinha tomado aquele último sabor enquanto ninguém estava olhando. Eu ri de como o homem não era melhor que um cachorro raivoso.

Primeiro, tive que esperar que Jacob terminasse com Eve, e agora esperei que Richard terminasse com Eunice. Eu estava começando a me sentir como um maldito cafetão sem a bengala de prata e a chamativa jaqueta roxa de veludo.

A respiração de Richard estava áspera e constantemente crescendo em velocidade. Não ouvi nenhum som de Eunice, mas percebi que ele era inteligente o suficiente para cobrir a boca ou enfiar o rosto na terra. Depois que um grunhido se filtrou pela

tempestade que se aproximava, percebi que ele estava pronto, mas esperei um minuto ou dois para que ele se tornasse decente.

Apoiando minhas costas contra uma árvore, eu gritei: — É seguro se aproximar?

Riso sangrava na minha voz.

Sua cabeça cutucou ao redor de uma árvore e ele sorriu. —O que há de errado? Você está ficando com escrúpulos?

—Não. Só não estava com vontade de ver sua bunda pulando. Traga ela aqui embaixo, sim?

Piscando-me um rápido sorriso, ele puxou Eunice da árvore. Sua expressão era plana, sua vontade de viver se foi. Eu acho que não demorou muito para ela perceber que Deus havia parado de ouvir.

—Você está pronta para ir para casa, menina bonita? Porque o seu criador está chamando.

Lágrimas brotaram de seus olhos. —Por favor — ela implorou.

Eu ri. —Lá vai você com essa palavra novamente. Você não aprendeu até agora isso não faz de você uma garota boa? Venha, querida. Você tem que ser mais inteligente que isso.

Ela finalmente olhou para mim, seus olhos se arregalando de surpresa. —Padre Hayle? — Havia uma nota de esperança em sua voz que eu tive prazer em destruir.

—Isso é o que todo mundo vai acreditar em algumas horas. É uma pena que você não esteja por perto para assistir.

Empurrando minha cabeça para a paróquia, eu gritei: — Vamos, Richard, vamos acabar com essa tarefa.

Ficar nas sombras não era difícil, e tivemos a sorte de a tempestade soprar para dentro. Ela manteve os habitantes da cidade dentro da segurança de suas casas, longe da freguesia onde esta última tarefa aconteceria.

Respirando o ar denso com a umidade e o zumbido elétrico de um raio, eu sorri como um lunático. Depois de hoje, meus planos estariam no lugar, o começo do fim teria começado. Dentro de um mês, o Inferno na Terra existiria dentro de uma pequena cidade montanhosa que o resto do mundo havia esquecido.

Fizemos isso dentro do prédio pouco antes de o céu abrir com chuva torrencial. Relâmpagos brilhavam à distância, seu brilho ecoando pelos grandes vitrais atrás do púlpito.

—Onde você a quer? — Richard perguntou, ignorando o jeito que Eunice chorou.

—Não importa muito para mim — eu olhei para trás e pisquei. —Eu estive na reitoria o dia todo, lembra?

Richard sorriu. —Este banco vai servir.

Empurrando uma mão grande no ombro da pequena mulher, ele a forçou a sentar. Não um para perder tempo, ele chegou por trás de seu corpo para puxar uma faca de caça da bainha enfiada no cós da calça.

Eunice encontrou a luta que permaneceu dentro dela quando a luz brilhou no brilho da lâmina grande. Tomando um lugar na frente dela, mas longe o suficiente para que o jorro de spray arterial não

tocasse minhas roupas, eu tranquei meus olhos em seu rosto. Era uma pena que briga não havia sido suficiente para fugir de Richard.

— Últimas palavras?

Seus olhos vermelhos me encararam, implorando para eu entrar e fazer alguma coisa.

Meu lábio tremeu de humor. — Você precisa de mim para lhe dar Last Rites<sup>8</sup>?

—Você não é um Padre, seu desgraçado!

Meu sorriso se inclinou mais alto. —Isso é muito ruim, minha querida, porque você não está mais viva. — A faca deslizou facilmente através de sua garganta, o sangue jorrando da artéria enquanto o ar gorgolejava por sua traqueia. Richard recuou para evitar a poça se formando no assento do banco e no chão. O filho da puta forte tinha maldosamente perto de decapitar ela.

Sua cabeça caiu para trás e pude ver os ossos de sua espinha se afastando, o músculo abaixo como carne desfiada no osso. Era uma pena que ela tivesse que morrer, Richard tinha gostado dela.

Uma vez que ela estava bem e morta e seu corpo não se contraiu mais contra o assento, levantei meus olhos para o homem que estava acima dela.

—Você deve se tornar escasso, Richard. A polícia estará aqui em uma hora a partir de quando eu os chamar. Volte pela floresta

---

<sup>8</sup> \*Last Rites: Cuspindo em uma pessoa antes do derrube final. Mais conhecido como " sacudir o punho ", "olhar sujo" ou " dedo do meio " antes de um ataque físico.

para o complexo e fique de olho em Eve. Deixe a família saber que eu vou ficar aqui por um tempo.

Ele balançou a cabeça antes de lentamente sair do santuário. Eu escutei quando a grande porta se abriu e fechou, o vento batendo forte contra a moldura de madeira.

Passando o tempo, fiz um tour pelo meu reino, a paróquia que seria o centro da nossa guerra santa. Depois de uma hora, eu andei pelos corredores do pequeno prédio. Uma vez no *antigo* escritório de Jacob, sentei-me na cadeira, chutei os pés na superfície da mesa e levantei o fone do gancho.

Minha voz parecia apavorada apesar do fato de que eu não me importava.

—Olá, sim, aqui é o Padre Hayle em Nossa Senhora da Serenidade. Você precisa descer aqui rápido. Eu encontrei um corpo no santuário.

Levou apenas meia hora para ouvir as sirenes iluminando a estrada.

## ELIJAH

*Duas semanas depois...*

*Os homens nunca fazem o mal tão completo e alegremente como quando o fazem da convicção religiosa. - Blaise Pascal*

**A procissão para a missa dominical foi um assunto de coração pesado.** Os paroquianos foram sobrecarregados pelos crimes cometidos em sua cidade, com os rostos apontando para os novos membros que compareceram à missa pela primeira vez hoje.

Um ar de desconfiança permaneceu como uma nuvem espessa quando a pompa e as circunstâncias foram realizadas, como os hinos foram cantados e como os versos das escrituras eram lidos. Eu observei do púlpito, notei como as pessoas escolheram lugares para evitar estar perto do confessionário onde Annabelle se matara, ou o banco central onde o corpo da Irmã Eunice havia sido encontrado.

Mantendo a minha expressão neutra, eu lancei um olhar para Eve, onde ela sentou em silêncio ao lado da igreja, seus olhos olhando para os vitrais atrás de mim. Em vez dos vestidos azuis-marinhos que as mulheres normalmente usavam, vestiam roupas comuns para se misturar com os habitantes da cidade.

A última escritura foi lida e chegou a hora da homilia. Eu tinha o peso de suas cargas presas com segurança aos meus ombros. Era minha intenção aliviar suas frustrações, acalmar os murmúrios de que Deus os havia esquecido.

—A homilia de hoje não será a minha mensagem padrão. Não com a dor que sofremos recentemente. Não com as perdas que chocaram nossa pequena cidade.

Levantando o olhar para a congregação, tirei um momento para fazer contato visual com as poucas pessoas que olhavam à frente. A maioria tinha suas cabeças inclinadas em contemplação.

—Como todos sabem, nós sofremos perdas. Crimes foram cometidos que vão contra a vontade de Deus. Nós fomos infectados pelo mal, e tenho certeza que seus corações estão tão machucados quanto o meu.

Murmúrios irromperam pelo santuário. Muitos acenaram com a cabeça em concordância, mas alguns homens ergueram os olhos que se estreitaram de raiva. Eles se orgulhavam de sua cidade, de suas casas e da vida que construíram ali. Eles se preocupavam em como protegeriam suas famílias das tragédias que haviam acontecido na paróquia.

Eles estavam maduros para a colheita.

—Eu lhe ofereceria trivialidades se sentisse que isso facilitaria suas lutas, mas como todos nós vimos, a tragédia piora apesar de nossas orações. O mal infectou nosso mundo, e independentemente das vidas devotas que levamos, independentemente de nossa fé inabalável no poder do Todo Poderoso, esse mesmo mal veio sobre



nós para levar nossos jovens, para destruir nossas Irmãs, para nos atormentar enquanto os demônios riem e continuam.

Eu parei e limpei minha garganta antes de levantar o volume da minha voz mais alto. Ele ecoou contra o teto e as paredes com o espírito da minha mensagem.

—Seria um prazer meu coração cansado se, em vez de oferecer uma mensagem vazia e uma oração sem resposta, você me permitia fazer uma sugestão.

Isso chamou a atenção deles. Não tanto as mulheres, mas os homens. Eles estavam desesperados por qualquer ideia que os ajudasse a manter suas famílias seguras e tornassem possível suprir as necessidades de suas esposas e filhos.

Um sorriso inclinou meus lábios quando eu saí de trás do púlpito e contornei a madeira escura para me inclinar contra a frente. O silêncio deles era um cobertor pesado cheio de antecipação. Eu deixei que o silêncio pontuasse minha próxima declaração.

Falando claramente, minha voz baixa e sem pressa, levantei meu olhar para a congregação e disse: — Precisamos tomar nossa cidade de volta.

Os homens fizeram sons de aprovação, seus ombros rolando para trás enquanto seus peitos estufavam orgulhosamente. Vi a esperança que iluminava seus olhos e a glória que sentiam ao ouvir uma solução que, até agora, lhes fora negada.

—Eu quero apresentar a todos vocês para as novas pessoas que trouxemos para a paróquia. —Fazendo um gesto com as mãos,

dirigi a atenção da congregação para os membros da minha família que se alinhavam nas paredes laterais.

Na sugestão, eles se aproximaram, permitindo que as pessoas da cidade os vissem completamente, para testemunhar a determinação brilhando em seus olhos.

—Como você, essas pessoas sofreram. Elas viram suas filhas arrastadas para o pecado, seus filhos perdidos no crime, suas famílias destruídas pelos demônios que atormentam a todos. E eles acabam sentados à toa esperando pela salvação que Cristo nos prometeu.

Mais murmúrios irromperam, as mulheres agora levantando os olhos para olhar para os outros que eram imagens espelhadas deles.

—A Bíblia diz claramente que as pessoas devem esperar o final dos tempos. Dizia-se que os últimos dias seriam tempos difíceis. Que as pessoas só amariam a si mesmas e ao seu dinheiro. Que eles seriam arrogantes e orgulhosos. Eles zombariam de Deus e os filhos desobedeceriam a seus pais como nossa querida Annabelle.

Uma mulher fungou da fila do meio, um homem que só olhara para mim com raiva por trás dos olhos, aliviando a raiva enquanto colocava um braço em volta dos ombros da esposa. Sem dúvida, eles eram os pais de Annabelle.

—Dizia-se que as pessoas rejeitariam a Deus pelo amor ao prazer. Que elas seriam inchadas e agiriam como se fossem religiosas, mas na verdade rejeitariam o poder que as tornaria piedosas.

Um latido de riso sem humor voou dos meus lábios. —Bem, você sabe o que eu penso sobre isso? Acho que é hora de aceitar esse poder. Acho que é hora de lembrarmos que somos o povo de Deus. E acho que é hora de nos reunirmos para erradicar os pecadores deste mundo, e nós tomamos de volta tudo o que tem sido roubado de nós.

Empurrando do púlpito, eu andei para ficar atrás do altar.

Minha voz inchou com força, o volume aumentando até que eu estava praticamente gritando. —Eu digo que enquanto tomamos o sangue e corpo de Cristo dentro de nossos corpos, que nos lembramos de quem habita dentro de nós e usamos essa força para reunir o exército de Deus. Eu digo que procuramos os demônios imundos que atormentam este mundo, e que nós vamos arrastá-los de volta aqui para responder por seus crimes! Nosso Deus não é um pushover<sup>9</sup>. Ele não é um ser que se senta e deixa o mal infectar seu mundo. Ele precisa de um exército daqueles que acreditam nele para lutar contra todos os demônios enviados por Satanás!

Acalmando-me, eu respirei pesadamente, lutando contra o sorriso que puxou meus lábios.

Minha voz era muito mais sombria quando falei minhas últimas falas. —Se o sangue precisa ser derramado, assim seja. Porque nós, como o Deus que nos criou, o Deus que nos criou em sua imagem, não deixaremos nossas vidas cair nas mãos dos ímpios!

---

<sup>9</sup> \*Pushover: alguém que é facilmente controlado, oferece muito pouca resistência ao que alguém quer fazer e recua facilmente.

Os homens se levantaram e as mulheres finalmente ficaram ao lado deles.

Eles gritaram e eles assobiaram, eles gritaram e berraram sobre como era a hora. E, por mais fácil que tenha sido criar o caos em uma cidade rural dos Apalaches, eu apenas convenci o povo de que a violência era a única resposta.

—Este é apenas o começo, pessoal. E, no final, os demônios terão saído completamente da nossa cidade.

Mais gritos de aprovação, suas mãos se juntando em aplausos de uma resposta que eles não sabiam que estavam procurando.

Um sorriso esticou meus lábios para ver os frutos do meu trabalho finalmente se concretizando.

—Fecharei a homilia. Vamos levar a Eucaristia para dentro de nossos corpos e amanhã nos reuniremos novamente para planejar nossa guerra santa.

Mais aplausos explodiram quando abençoei a oferta. E quando eles se alinharam para aceitar o corpo e o sangue de Cristo, olhei em seus olhares para ver a insanidade se estabelecendo.

Através de suas mãos e números eu começaria o caos e o massacre.

Dentro de uma hora, essas pessoas voltaram para suas casas, o orgulho recém-descoberto, a força em seus ombros. A família deixou a paróquia para retornar ao complexo, exceto por um.

Parei no púlpito e fiquei olhando para uma mulher que permaneceu em pé no meio da igreja, aguardando pacientemente minhas instruções.

Agora que estávamos sozinhos, forcei minha voz a um tom suave para falar com ela.

—Você sentiu minha falta, meu amor?

O olhar de Eve viajou para trancar com o meu, lágrimas de felicidade escorrendo pelas suas bochechas. —Sim. Eu senti sua falta ... e de seus sermões.

—Eu senti sua falta também. Eu tenho mais um assunto para resolver antes que eu possa aliviar você do pecado que eu conheço ter construído dentro de você. Eu quero que você corra para o meu quarto e espere por mim na cama.

Sem dúvida, ela se virou e desapareceu pelo longo corredor que levava à porta da reitoria.

Tomando o meu tempo, eu olhei para a paróquia que seria o palco para o meu massacre. Eu levei em cada banco, cada esquina, cada relíquia e item religioso.

A satisfação foi a brasa que provocou as chamas do meu fogo escaldante.

Levaria tempo para aclimatar as pessoas da cidade à violência, mas foi uma sorte que tudo que eu tive foi o tempo.

Virando, eu levantei meu olhar para o crucifixo que pairava sobre os vitrais e levantei meus braços para os lados como o vencedor que eu era.

Risos explodiram do meu peito e o poder fluiu através de mim para saber que eu tinha conseguido. E com meus olhos treinados para a cruz que, na verdade, não tinha significado, levantei minha voz uma última vez.

Humor era a ponta do meu tom. Minha alegria uma vibração através de cada palavra que eu falei. Com um sorriso inclinando meus lábios, levantei meus braços ainda mais alto.

—Foda-se, Deus. Esta é a minha igreja agora.